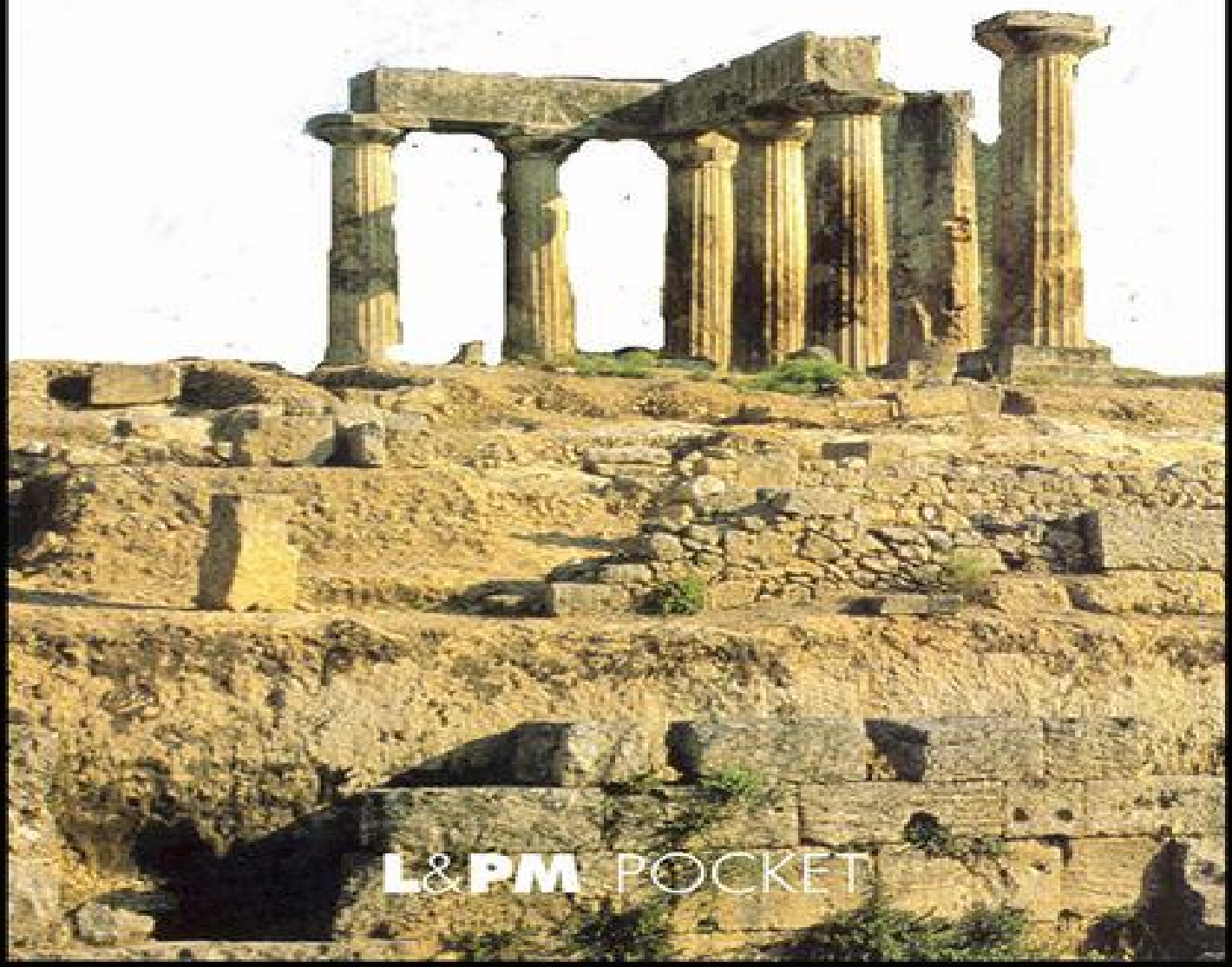
HENRY MILLER

O Colosso de Maroussia



L&PM POCKET

HENRY MILLER

O Colosso de Marússia

Tradução de CORA RÓNAI

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

O DIÁLOGO DE UM HOMEM SÓ

O Colosso de Marússia é um dos últimos representantes de uma espécie em extinção – a dos livros de viagem, simpático e poético meio de se conhecer o mundo sem sair de casa. Isso, evidentemente, quando ainda havia um mundo a se conhecer além dos *shopping centers* hoje postos ao alcance de todos pelas companhias de turismo; um mundo cheio de contrastes, em que a abominável expressão *aldeia global* não significava rigorosamente nada.

Este mundo já estava agonizante quando Henry Miller viajou para a Grécia, no começo da Segunda Guerra Mundial. *O Colosso de Marússia* é um registro dessa viagem; mas, principalmente, é o relato de uma outra viagem, ainda mais importante, a que o Autor empreendeu aos confins de si mesmo, descobrindo suas aflições em relação ao passado e os seus temores individuais pelo futuro coletivo da raça.

Ao descrever, maravilhado, os monólogos do poeta Katsimbalis, Miller transforma seu próprio livro num grande monólogo – ou, mais corretamente, num diálogo em que uma das partes, o leitor, permanece silenciosa. Seu tema dominante é a trajetória do homem, uma trajetória que ele vê marcada a ferro e fogo, escrita em sangue no correr dos séculos. Para ele, não há perspectivas muito melhores para o futuro, a menos que o homem passe por mudanças radicais; mas suas considerações se encarregam de demonstrar, ao longo do livro, a improbabilidade dessas mudanças.

Como mudar é impossível, pelo menos a curto prazo, Miller diverte-se com a contemplação de seus semelhantes – dando ao leitor a possibilidade de, por sua vez, divertir-se contemplando ele, Miller, um americano mais ou menos atípico, mas nem por isso menos americano, às voltas com homens e problemas que jamais chegará a entender.

Perplexo com a constante preocupação pecuniária dos gregos, por exemplo, não consegue imaginar para que é que alguém que vive num país tão cheio de luz e de mitologia precisa de dinheiro. Considera-se um homem pobre – e pela sua cabeça não passa, uma vez sequer, que qualquer pessoa que possa se dar ao luxo de ficar um ano inteiro sem trabalhar, viajando pelo mundo, está muito, muito longe dos conceitos de pobreza do Terceiro Mundo. Assim, ao condenar o *american way of life,* ele oferece, paradoxalmente, um ótimo retrato do relacionamento entre o americano, seus dólares e o resto do mundo – a partir de si mesmo.

Ao traduzir *O Colosso de Marússia*, evitei, ao máximo, as notas de pé de página. Não teria sido difícil, aqui, apresentar uma tradução das mais sofisticadas, cheia de comentários sobre a mitologia e a história gregas. Entretanto, a meu ver, a principal função do tradutor é conservar o espírito que o autor deu à obra – e Henry Miller não me parece ter tido a menor intenção de fazer do *Colosso...* uma obra de erudição. Travesti-lo em tratado didático seria, portanto, mais do que um erro, a total incompreensão das ideias e, por que não, do credo de seu autor.

Cora Rónai

PRIMEIRA PARTE

Eu nunca teria ido à Grécia, se não fosse por uma moça chamada Betty Ryan, que morava na mesma casa que eu em Paris. Uma noite, enquanto bebíamos um vinho branco, ela começou a falar de suas experiências pelo mundo afora. Eu sempre a ouvia com atenção, não só porque suas aventuras eram muito estranhas, mas porque, quando ela contava, parecia estar pintando: tudo o que descrevia ficava na minha imaginação como as pinturas dos mestres. Foi uma conversa especial, a daquela noite: começamos falando da China e do chinês, que ela começara a estudar, e logo estávamos na África, no meio do deserto, entre povos de que eu nunca ouvira falar antes. E, de repente, ela estava sozinha, andando ao longo de um rio, sob uma luz muito intensa. Eu a seguia da melhor forma possível, ao sol abrasador, mas ela se perdeu e eu me vi perambulando por uma terra estranha, ouvindo os sons de uma língua que não conhecia. Essa moça não é exatamente uma contadora de histórias, mas é uma espécie de artista qualquer, porque nunca ninguém conseguiu me transmitir as sensações e o clima de um lugar tão bem como ela fez com a Grécia. Tempos depois, eu descobri que fora perto de Olympia que ela se perdera; mas naquela época era só Grécia, para mim, um mundo de luz como eu jamais sonhara e que nunca teria esperado ver de perto.

Já há alguns meses antes dessa conversa, eu vinha recebendo cartas da Grécia de meu amigo Lawrence Durrell, que estava praticamente morando em Corfu. Suas cartas eram maravilhosas também, mas, apesar disso, pareciam um pouco irreais. Durrell é um poeta e suas cartas eram poéticas: causavam uma certa confusão em mim pelo fato de misturarem tão astuciosamente o sonho e a realidade, a história e a mitologia. Eu viria a descobrir por mim mesmo que essa confusão é real, e não se deve unicamente

aos dons poéticos. Mas, na época, achei que ele estava me tentando, que essa era a maneira que encontrara para me levar a aceitar seus reiterados convites para uma estada em sua casa.

Alguns meses antes de a guerra estourar, decidi tirar umas férias bem compridas. Eu andava com vontade de visitar o vale do Dordonha há tempos e, assim, fiz as malas e peguei o trem para Rocamadour, onde cheguei um dia bem cedinho, quando o sol mal saíra e a lua ainda brilhava ligeiramente. Fazer o percurso do Dordonha antes de mergulhar no mundo reluzente e venerável da Grécia foi uma jogada genial. A simples visão do rio negro e misterioso, em Dômme, de cima de um penhasco que fica nos confins da cidade, é algo para se ficar eternamente grato. Para mim, esse rio e essa região pertencem ao poeta Rainer Maria Rilke. Não são franceses, nem austríacos, muito menos europeus, de um modo geral; pertencem, isso sim, a uma região encantada que os poetas descobriram e à qual só eles têm direito. É o que há de mais próximo ao Paraíso do lado de cá da Grécia. Por uma concessão especial, podemos chamá-lo o Paraíso Francês. Na verdade, deve ser paraíso já há muitos milhares de anos. Imagino que tenha sido paraíso para o homem de Cro-Magnon, apesar das provas fossilizadas das grandes cavernas que, ao contrário, apontam condições de vida surpreendentes e aterradoras. Mas eu acredito que o homem do Cro-Magnon tenha se instalado aqui por ser exatamente inteligente, e por ter um senso estético altamente desenvolvido. Acredito que já devia possuir um sentimento de religiosidade bastante intenso, que crescia aqui, mesmo que ele vivesse no fundo de cavernas, como um animal. Acredito que essa grande e pacífica região da França será sempre um lugar sagrado para o homem e que, quando as cidades houverem dado cabo dos poetas, aqui será o berço e refúgio de futuros poetas. Volto a repetir: para mim, foi importantíssimo ter visto o Dordonha. Essa viagem me deu esperanças quanto ao futuro da raça, quanto ao futuro da própria Terra. Pode ser que um dia a França nem exista mais, mas o Dordonha vai continuar vivendo, exatamente como os sonhos, que sobrevivem e alimentam a alma dos homens.

Tomei o navio para o Pireu em Marselha. Meu amigo Durrell estaria me esperando em Atenas, para me levar para Corfu. Havia muitas pessoas do Oriente no navio, me aproximei delas imediatamente, preferindo-as aos americanos, franceses e ingleses. Tinha muita vontade de conversar com árabes, turcos, sírios e outros que tais; queria conhecer a sua visão do mundo.

A viagem durou quatro ou cinco dias, me dando tempo de sobra para travar contato com as pessoas que queria conhecer melhor. Por puro acaso, o primeiro amigo que fiz foi um estudante de medicina grego, que voltava para casa de Paris, falávamos um com o outro em francês. Na primeira noite, conversamos até três ou quatro da manhã sobre Knut Hamsun, que descobri ser uma das paixões dos gregos. A princípio, me pareceu muito estranho conversar sobre este gênio nórdico enquanto navegávamos rumo a mares quentes. Mas essa conversa me ensinou, de cara, que os gregos são um povo cheio de entusiasmo, um povo curioso e passional. *Paixão* – taí uma coisa de que senti muita falta na França. Não só paixão, aliás, mas contradição, confusão, caos. Vim a redescobrir e a adorar novamente essas sólidas características humanas na pessoa de meu novo amigo. E *generosidade*, que eu já imaginava desaparecida da face da Terra. Lá estávamos nós, um grego e um americano, com tanto em comum apesar de sermos dois seres tão completamente diferentes. Foi uma apresentação esplêndida ao mundo que estava por se abrir para mim. Antes mesmo de vislumbrar o país, eu já estava apaixonado pela Grécia e pelos gregos. Podia adivinhar, por antecipação, que era um povo amistoso e hospitaleiro, fácil de compreender, fácil de conviver.

No dia seguinte, comecei a conversar com os outros – um turco, um sírio, alguns estudantes do Líbano, um argentino de origem italiana. O turco despertou a minha antipatia imediata. Tinha uma mania de lógica que me exasperava. E, além de tudo, uma lógica inteiramente errada. Como os outros, de quem discordei o tempo todo, nele também encontrei uma expressão do espírito americano, no que tem de pior. Estavam todos obcecados com o progresso. Sua conversa girava em torno de mais máquinas, maior eficiência, mais capital, maiores comodidades. Perguntei-lhes se já tinham ouvido falar nos milhões de desempregados da América; ignoraram a pergunta. Perguntei se eles se davam conta de como o povo americano estava vazio, inquieto e infeliz com todos os seus prazeres industrializados e as suas comodidades produzidas em série. Permaneceram impermeáveis ao meu sarcasmo. Queriam sucesso – dinheiro, poder, um lugar ao sol. Nenhum deles queria voltar ao seu país; por alguma razão, todos estavam voltando a contragosto. Disseram que não havia vida para eles em seus próprios países. *Quando começaria essa vida*?, perguntei. Quando tivessem todas as coisas que a América tinha, ou a França, ou a Alemanha. A vida era feita de coisas, especialmente de máquinas, ao que pude perceber. A vida sem dinheiro era

uma impossibilidade: a gente tem que ter roupas, e uma boa casa, e um rádio, uma raquete de tênis e assim por diante. Eu lhes disse que não tinha nenhuma dessas coisas e que estava muito feliz sem elas, que deixara a América para trás exatamente porque nada significavam para mim. Disseram que eu era o americano mais esquisito que já tinham visto. Mas gostaram de mim. Colaram-se em mim durante toda a viagem, bombardeando-me com todo o tipo de perguntas a que eu respondia em vão. Às noites, eu me encontrava com o grego. Nós nos entendíamos melhor, muito melhor, apesar da sua adoração pela Alemanha e pelo regime alemão. Ele também, é claro, tinha vontade de ir a América um dia. Todo grego sonha em ir para a América e fazer um pé de meia. Não tentei demovê-lo da ideia, apenas lhe mostrei a América que eu conhecia, como eu a tinha visto e sentido. Isso pareceu assustá-lo um pouco; admitiu nunca ter ouvido semelhantes referências ao país. "Vá," disse eu, "e veja por você mesmo. Posso estar enganado. Só estou contando a você o que conheço por experiência própria. E lembre-se", acrescentei, "Knut Hamsun não se divertiu tanto assim por lá, menos ainda o seu amado Edgar Allan Poe".

Havia um arqueólogo francês que voltava para a Grécia e se sentava na minha frente durante as refeições; poderia ter me contado muitas coisas sobre a Grécia, mas nunca lhe dei oportunidade para isso – antipatizei com ele desde o primeiro instante. De quem mais gostei mesmo, durante a viagem, foi o tal italiano da Argentina. Ele era, ao mesmo tempo, um dos sujeitos mais ignorantes e mais charmosos que conheci. Em Nápoles, descemos a terra juntos para um bom almoço e para visitar Pompeia, de que ele sequer ouvira falar. Apesar do calor sufocante, gostei da viagem a Pompeia; se eu tivesse ido com um arqueólogo, teria me chateado à morte. No Pireu, ele veio comigo visitar a Acrópole. O calor era ainda maior do que em Pompeia, o que foi péssimo. Às nove da manhã, devia fazer uns quarenta graus ao sol. Mal havíamos cruzado o portão das docas, caímos nas mãos de um guia grego muito matreiro que falava um pouco de francês e de inglês e que prometeu nos mostrar tudo de interessante por uma quantia modesta. Tentamos extrair dele a informação de quanto queria pelos seus serviços, em vão. Estava muito quente para discutir preços. Mergulhamos num táxi e eu mandei tocar direto para a Acrópole. No navio havia trocado meus francos por dracmas; o bolo que faziam no meu bolso era enorme e me parecia que eram suficientes para pagar qualquer conta, por exorbitante que fosse. Eu

sabia que seríamos tapeados e me deleitava com a perspectiva. A única coisa fixa na minha mente a respeito dos gregos era que não se podia confiar neles; teria ficado muito desapontado se nosso guia tivesse se mostrado magnânimo ou cavalheiresco. Meu companheiro, por outro lado, estava um pouco preocupado com a situação. Ele tinha que chegar a Beirute, e praticamente podia ouvi-lo fazendo cálculos mentais enquanto prosseguíamos em meio à poeira e ao calor sufocantes.

O percurso entre o Pireu e Atenas é uma boa introdução ao país. Não tem nada de convidativo; na verdade, faz com que a gente fique imaginando por que resolveu vir à Grécia. Há algo não só árido e desolador no cenário, mas também algo assustador. Você se sente despido e depenado, quase aniquilado. O motorista parecia um animal a quem miraculosamente haviam ensinado como operar uma máquina maluca; nosso guia lhe dizia o tempo todo para virar à esquerda ou à direita, como se nunca tivessem feito a viagem antes. Senti uma enorme simpatia pelo motorista, que também sabia que ia ser enganado. Tinha a impressão de que ele não conseguia contar além de cem; e tinha a impressão, também, de que se alguém o mandasse guiar precipício abaixo, ele o faria. Quando chegamos à Acrópole foi uma ideia insana ir diretamente para lá – havia centenas de pessoas na nossa frente se amontoando no portão. A essa altura, o calor estava tão terrível que tudo o que eu queria era encontrar uma sombra para descansar. Consegui achar um lugar razoavelmente fresco e fiquei esperando, enquanto o argentino arrancava de um guia tudo a que tinha direito pelo seu dinheiro. Nosso guia ficara na entrada, com o motorista, depois de nos entregar a um dos guias oficiais. Ele nos levaria ao Templo de Júpiter e a outros lugares, assim que ficássemos saciados da Acrópole. Nunca chegamos a esses lugares, é claro. Nós mandamos que ele nos levasse até a cidade, nos arranjasse um canto fresco e encomendasse uns sorvetes. Eram umas dez e meia quando nos instalamos no terraço de um bar. Todo mundo estava murcho por causa do calor, até mesmo os gregos. Comemos o sorvete, bebemos água gelada, depois mais sorvete e mais água gelada. Depois disso, pedi um chá quente, porque, de repente, me lembrei de que, uma vez, alguém me dissera que chá quente é bom para esfriar a gente.

O táxi estava encostado no meio-fio, com o motor funcionando. Nosso guia parecia ser o único a não se importar com o calor. Acho que pensava que nós iríamos nos refrescar um pouco e depois sair correndo novamente, no sol,

olhando para ruínas e monumentos. Finalmente, dissemos que queríamos dispensar os seus serviços. Ele respondeu que não havia pressa, que não tinha nada de especial para fazer e que estava satisfeito em ficar na nossa companhia. Nós dissemos que já tínhamos nos distraído bastante por um dia e que gostaríamos de acertar as contas. Ele chamou o garçom e pagou a conta de seu próprio bolso. Insistimos em saber quanto queria cobrar; estava escorregadio como o diabo. Queria saber quanto nós achávamos que valiam os seus préstimos. Dissemos que não sabíamos, deixaríamos a decisão por sua conta. Dado o que, depois de uma longa pausa, depois de nos ter olhado dos pés à cabeça, depois de ter franzido as sobrancelhas e assim por diante, anunciou que achava que duas mil e quinhentas dracmas seriam suficientes para cobrir as despesas. Olhei para o meu companheiro e autorizei-o a contra-atacar. É claro que o grego estava inteiramente preparado para nossa reação. E tenho que confessar que é isso que gosto nos gregos, quando são espertos e interesseiros. Ele respondeu no ato, “está bem, se vocês acham que o meu preço não é justo, estabeleçam o seu”. O que nós fizemos sem demora, apresentando uma contraproposta tão ridiculamente baixa quanto sua proposta inicial havia sido alta. Ele pareceu se sentir bem com essa barganha grosseira. Na verdade, todos nós estávamos nos sentindo bem com ela. Tornávamos os seus serviços tão reais e palpáveis como qualquer bem de consumo. Nós os pesávamos e avaliávamos, nós os apalpávamos como a um tomate maduro ou uma espiga de milho. E finalmente concordamos, não num preço justo, porque isso teria sido um insulto à habilidade do nosso guia, mas em que, nessa ocasião especial, por causa do calor e porque não havíamos visto tudo, e por causa disso e daquilo, lhe pagaríamos uma determinada quantia e continuaríamos bons amigos. Uma das coisinhas a respeito das quais discutimos mais tempo foi o total pago pelo nosso guia ao guia oficial na Acrópole. Ele jurava que havia dado ao homem cento e cinquenta dracmas. Ora, eu havia presenciado a transação com meus próprios olhos e sabia que havia dado apenas cinquenta dracmas. Ele teimava que eu não havia visto direito. Acertamos a situação fazendo de conta que ele havia se distraído e dado ao homem cem dracmas a menos do que tencionava, realmente – um exemplo de casuística tão pouco grego que, se ele tivesse decidido roubar ali todos os nossos pertences, estaria plenamente justificado, e todos os tribunais da Grécia o teriam absolvido.

Uma hora depois, disse até logo ao meu companheiro, encontrei um

pequeno quarto num hotel pelo dobro do preço que custaria normalmente, me despi e fiquei deitado na cama nu, numa poça de suor, até as nove da noite. Procurei um restaurante, tentei comer, mas depois de algumas garfadas acabei desistindo. Nunca sentira tanto calor em toda a vida. Sentar perto de uma lâmpada era uma tortura. Depois de algumas bebidas geladas deixei o terraço onde estava sentado e me encaminhei para a praça. Deviam ser umas onze horas. Pessoas vinham de todas as direções para o parque; lembrei-me de Nova York numa noite sufocante de agosto. Era a multidão novamente, algo que eu não chegara a sentir em Paris, exceto durante a revolução abortada. Caminhei devagar pelo parque rumo ao Templo de Júpiter. Havia mesinhas ao longo das trilhas poeirentas, dispostas de forma desalinhada; casais estavam sentados tranquilos no escuro, falando em voz baixa, ao lado de copos d'água. *O copo d'água*... em todo lugar eu via o copo d'água. Tornou-se uma obsessão. Comecei a pensar na água como uma coisa nova, um elemento indispensável à vida. Terra, ar, fogo, água. Neste exato momento, a água era o elemento fundamental. Ver namorados sentados ali no escuro bebendo água, sentados ali em paz e em calma e falando em voz baixa, me deu um sentimento maravilhoso a respeito do caráter grego. A poeira, o calor, a pobreza, a desolação; a contenção das pessoas e a água em toda a parte, dentro de copinhos entre os casais quietos e pacíficos, tudo isso me deu a sensação de que havia algo de sagrado em relação ao lugar, algo nutritivo e substancioso. Andei como que enfeitiçado nessa primeira noite no Zapion. Ele está gravado na minha lembrança como nenhum outro parque. É a quintessência do jardim, o que se sente às vezes olhando para uma pintura ou sonhando com um lugar em que se gostaria de estar. É lindo pela manhã também, como viria a descobrir. Mas à noite, chegando de lugar nenhum, sentindo a terra batida sob os pés e ouvindo o zumbido de uma língua totalmente estranha, é mágico e para mim talvez seja mais mágico ainda, quando penso nele repleto das pessoas mais pobres e gentis do mundo. Fico feliz em ter chegado a Atenas durante aquela incrível onda de calor, feliz de tê-la visto nas piores condições possíveis. Senti a força bruta do povo, a sua pureza, sua nobreza e resignação. Vi as crianças, uma visão que me enterneceu, porque, chegando da França, era como se não houvesse mais crianças no mundo, era como se elas não nascessem mais. Vi gente vestida em farrapos, e isso também foi revigorante. O grego sabe conviver com seus andrajos; eles não o degradam ou envergonham como em outros países que

visitei.

No dia seguinte, decidi tomar o navio para Corfu, onde meu amigo Durrell me esperava. Partimos do Pireu por volta das cinco da tarde, o sol ainda queimando como uma fornalha. Cometi o erro de comprar uma passagem de segunda classe. Quando vi os animais embarcando, as roupas de cama e toda a parafernália maluca que os gregos arrastam consigo quando viajam, mudei imediatamente para a primeira classe, que era apenas um pouco mais cara do que a segunda. Nunca viajara em primeira classe em nada antes, a não ser no metrô de Paris, e isso me parecia o maior dos luxos. O garçom circulava continuamente com uma bandeja cheia de copos d'água. Foi a primeira palavra grega que aprendi: *nero*, água – e é uma bela palavra. A noite se aproximava e as ilhas brilhavam lá longe, sempre flutuando sobre a água, nunca pousadas nela. As estrelas apareceram como um brilho radioso e o vento era suave e refrescante. Comecei a perceber o que a Grécia era, o que havia sido, o que sempre será, mesmo que tenha a desgraça de ser invadida por turistas americanos.

Quando o comissário veio me perguntar o que eu gostaria de jantar, quando descobri o que teríamos para jantar, quase rompi em lágrimas. As refeições num navio grego são estonteantes. Prefiro uma boa refeição grega a uma boa refeição francesa, embora seja uma heresia admiti-lo. Havia muita coisa para comer, muita coisa para beber; havia o ar do lado de fora e o céu estrelado. Eu havia me prometido, ao deixar Paris, que passaria um ano inteiro sem trabalhar. Eram as minhas primeiras férias em vinte anos e eu estava com vontade de aproveitá-las ao máximo. Tudo me parecia perfeito. O tempo havia deixado de existir, eu estava à deriva pronto para conhecer quem quer que aparecesse e aceitar o que quer que ocorresse. As ilhas saltavam do mar como se Homero em pessoa houvesse preparado o espetáculo para mim – solitárias, desertas e misteriosas na luz crepuscular. Não poderia querer mais, nem queria mais. Tinha tudo o que um homem pode desejar e sabia disso. Sabia também que não poderia jamais voltar a ter tudo aquilo novamente. Sentia a guerra se aproximando – estava mais perto a cada dia. Mas por algum tempo ainda haveria paz e os homens poderiam se portar como seres humanos.

Não passamos pelo canal de Corinto por causa de um desabamento; praticamente circunavegamos o Peloponeso. Na segunda noite atracamos em

Partas, em frente a Missolonghi. Entrei neste porto várias vezes depois disso, sempre à mesma hora, e sempre sentindo o mesmo fascínio. Entra-se direto por um grande promontório, como uma flecha que se crava no lado de uma montanha. As luzes alinhadas no cais criam um efeito japonês; há algo de extravagante em relação à iluminação dos portos gregos, algo que dá a impressão de um festival prestes a começar. Assim que se entra no porto, pequenos barcos aparecem para encontrar o navio; vêm carregados de passageiros e bagagem e gado e roupa de cama e móveis. Os homens remam de pé, empurrando a água em vez de puxá-la. Parecem ser absolutamente incansáveis, movimentando suas cargas pesadas à vontade, para onde querem, com movimentos ágeis e quase imperceptíveis do pulso. À medida que começam a encostar no navio, instaura-se o maior pandemônio. Todos vão na direção errada, tudo fica confuso, caótico, desordenado. Mas ninguém jamais se perde ou se machuca, nada é roubado, nem se trocam sopapos. É um tipo de agitação causada pelo fato de que, para um grego, qualquer acontecimento, por desinteressante que possa ser, é invariavelmente único. Ele está sempre fazendo a mesma coisa pela primeira vez: é curioso, avidamente curioso, e gosta de experiências. Experimenta pelo prazer da experiência, não para descobrir um meio mais rápido ou eficiente de fazer as coisas. Gosta de fazer coisas com as mãos, com seu corpo inteiro, eu poderia até dizer com a alma. E assim Homero sobrevive. Embora eu jamais tenha lido uma linha sequer de Homero, acredito que o grego de hoje é substancialmente o mesmo. Se houve alguma mudança, foi no sentido de que se tornasse ainda mais grego. E aqui devo fazer um parêntese para falar de meu amigo Mayo, o pintor, que conheci em Paris. Seu nome verdadeiro era Malliarakis, e acho que era originário de Creta. De qualquer forma, ao chegar a Patras, comecei a me lembrar dele intensamente. Lembrei de ter lhe pedido em Paris que me falasse um pouco da Grécia e, de repente, quando entrávamos no porto de Patras, entendi tudo o que tentara me contar naquela noite e fiquei com pena de que não estivesse ao meu lado para compartilhar a minha alegria. Lembrei de como dissera, com uma convicção calma e inabalável, depois de descrever o país da melhor forma que podia: “Miller, você vai gostar da Grécia, tenho certeza”. Não sei por que essas palavras me impressionaram mais do que qualquer coisa que ele houvesse dito a respeito do país. *Você vai gostar*... isso ficou na minha cabeça. “Eu gosto sim, eu gosto”, fiquei repetindo de mim para mim de pé na amurada, observando o

movimento. Inclinei-me para trás e olhei para o céu. Nunca havia visto um céu como este antes. Era magnífico. Eu me senti completamente desligado da Europa. Havia entrado numa nova região como um homem livre – tudo contribuíra para tornar a experiência única e gratificante. Deus, eu estava feliz. Mas pela primeira vez na vida estava feliz com a plena consciência de estar feliz. É bom estar satisfeito; é um pouco melhor estar feliz, e saber disso; mas compreender que você está feliz e saber por que e como, de que jeito, por que concatenação de acontecimentos ou circunstâncias, e ainda assim estar feliz, instintivamente e racionalmente, bem – isso é muito mais do que a felicidade em si mesma, é o delírio, e se você tem um pingo de bom-senso, deve se matar ali, no ato, e acabar com tudo. Era assim que eu estava, só que não tive a força ou a coragem de me matar ali e então. Aliás, foi até bom que não tivesse me matado, porque ainda havia momentos melhores pela frente, algo que estava mesmo além do delírio, algo que, se alguém tivesse tentado me descrever, eu não poderia acreditar. Eu não sabia, então, que um dia estaria em Micenas, ou em Phaestos, ou que acordaria um dia e, olhando pela janela, veria com meus próprios olhos o lugar a respeito do qual escrevera num de meus livros, mas que nunca soubera que existia, muito menos que tinha o mesmíssimo nome que eu lhe dera na minha imaginação. Acontecem coisas maravilhosas com a gente na Grécia, belas coisas maravilhosas que não poderiam acontecer em nenhuma outra parte do mundo. De alguma forma, como se Ele estivesse concordando, a Grécia permanece ainda sob a proteção do Criador. Os homens podem continuar na sua mesquinharia improdutiva, mesmo na Grécia, mas a mágica de Deus está presente e, não importa o que a raça humana possa fazer ou tentar fazer, a Grécia é, ainda, um lugar sagrado – e eu acredito que continuará sendo até o fim dos tempos.

Era quase meio-dia quando o navio atracou em Corfu. Durrell me esperava no cais com Spiro Amaricanus, o seu *factotum.* A viagem até Kalami durou uma hora; era nessa cidadezinha no extremo norte da ilha que ele morava. Antes de nos sentarmos para almoçar, nadamos um pouco em frente à casa. Fazia uns vinte anos que eu não entrava n’água. Durrell e Nancy, sua mulher, pareciam um casal de golfinhos; praticamente viviam dentro d’água. Dormimos a sesta depois do almoço e, em seguida, remamos para outro cantinho, a cerca de um quilômetro e meio, onde havia uma

capelinha branca. Aí nos batizamos novamente. À noite, fui apresentado a Kyros Karamenaios, o delegado local, e a Nicola, o professor da aldeia. Imediatamente nos tornamos amigos íntimos. Com Nicola, eu falava num francês estropiado; com Karamenaios, uma estranha língua cheia de ruídos, composta, principalmente, de boa vontade e de um grande desejo de nos compreendermos um ao outro.

Mais ou menos uma vez por semana íamos à cidade de bote. Nunca cheguei a gostar da cidade de Corfu. Tem uma atmosfera inconstante que, à noitinha, transforma-se numa espécie de demência. Você fica a maior parte do tempo sentado bebendo algo que não quer beber, ou, então, andando sem rumo, sentindo-se, terrivelmente, como um prisioneiro. Em geral, eu tratava de fazer a barba e cortar o cabelo a cada vez que ia a Corfu, primeiro para passar o tempo, e depois porque era ridiculamente barato. Fui informado de que o barbeiro que me atendia era o barbeiro do rei, e o serviço completo, gorjeta incluída, não saía por mais de três centavos e meio.

Corfu é um típico local de exílio. O Kaiser costumava veranear aqui antes de perder a coroa. Visitei o palácio certa vez para ver como era. Todos os palácios me parecem lúgubres e sinistros, mas o hospício do Kaiser é o pior monstrengo que já vi. Daria um excelente museu de arte surrealista. Numa das pontas da ilha, entretanto, de frente para esse palácio abandonado, há um lugarzinho chamado Kanoni que tem uma vista simplesmente mágica. À tarde, Spiro senta-se lá, sonhando com a sua vida em Rhode Island nos tempos em que o contrabando de bebidas florescia com todo o viço. É um lugar que, muito apropriadamente, pertence ao meu amigo Heins Reichel, o aquarelista. As associações são homéricas, eu sei, mas para mim tem mais de Stuttgart do que de Grécia antiga. Quando a lua está brilhando e não há outro som além da respiração da terra, torna-se exatamente o que Reichel cria quando se senta num sonho petrificado e se torna pássaro e caracol, lua esfumaçada e pedra molhada, ou a música cheia de amargura que canta em seu coração, mesmo quando se comporta como um canguru enlouquecido que sai quebrando e esmagando com a cauda tudo que esteja à vista. Se ele chegar a ler essas linhas e souber que pensei nele enquanto olhava a vista, saber que nunca fui o inimigo que pensou que eu fosse, ficarei muito feliz. Talvez tenha sido das noites em que eu estava sentado em Kanoni com Spiro, olhando para este lugar encantado, que Reichel, que só tinha amor pelos franceses, foi arrancado de sua toca em Rouet e levado para um sórdido campo de

concentração.

Um dia Theodore apareceu. Dr. Theodore Stephanides. Sabia tudo a respeito de plantas, flores, árvores, pedras, minerais, formas de vida animal inferiores, micróbios, doenças, estrelas, planetas, cometas e assim por diante. Theodore é o homem mais culto que já encontrei, um santo dos pés à cabeça. Theodore também traduziu uma série de poemas gregos para o inglês. Foi assim que ouvi, pela primeira vez, o nome Seferis, pseudônimo de George Seferiades. E aí, com um misto de amor, admiração e um certo humor, ele pronunciou para mim o nome Katsimbalis, que, por alguma razão estranha, imediatamente me causou muita impressão. Naquela noite, Theodore nos fez alucinantes descrições da vida nas trincheiras do *front* dos Balcãs, durante a Guerra Mundial, ao lado de Katsimbalis. No dia seguinte, Durrell e eu escrevemos uma carta entusiástica para Katsimbalis, que estava em Atenas, manifestando a nossa esperança de nos encontrarmos em breve. *Katsimbalis*... usávamos seu nome com familiaridade, como se o tivéssemos conhecido toda a vida. Pouco depois, chegou a Condessa X, com Niki e uma família de jovens acrobatas. Eles chegaram de surpresa, num barquinho carregado de comidas maravilhosas e garrafas de vinho raro das terras da Condessa. Com essa *troupe de* linguistas, prestidigitadores, acrobatas e ninfas aquáticas, as coisas foram bem desde o começo. Niki tinha olhos de um verde da cor do Nilo, e seus cabelos pareciam trançados com cobras. Entre a primeira e a segunda visita deste grupo extraordinário, que sempre aparecia num barco carregado de coisas boas, os Durrells e eu fomos acampar numa praia arenosa em frente ao mar. Aqui o tempo se apagava por completo. De manha, éramos acordados por um pastor maluco que insistia em passar com seu rebanho sobre os nossos corpos adormecidos. Num penhasco exatamente atrás de nós, uma bruxa demente aparecia para amaldiçoá-lo e expulsá-lo de seu território. Cada manhã era uma surpresa: acordávamos com gemidos e maldições, seguidos de gargalhadas sonoras. Depois, um mergulho rápido na água, de onde observávamos as cabras escalando as encostas do penhasco. A cena era quase que uma réplica exata das pinturas rupestres da Rodésia que podem ser vistas no Musée de L'Homme, em Paris. Às vezes, muito bem-dispostos, nós subíamos atrás das cabras, só para descer cobertos de cortes e arranhões. Uma semana inteira se passou sem que víssemos viv'alma, a não ser o prefeito de uma aldeia nas montanhas a alguns quilômetros de distância, que veio nos espiar. Ele veio num dia em que eu estava sozinho, tirando uma

soneca à sombra de uma pedra enorme. Eu sabia umas dez palavras de grego, ele sabia umas três de inglês. Tivemos uma conversa assombrosa, dadas as limitações do diálogo. Vendo que não era inteiramente bom da bola, fiquei à vontade e, já que os Durrells não estavam lá para me impedir extravagâncias, também desempenhei direitinho o meu papel, imitando astros e estrelas do cinema, um mandarim chinês, um imbecil, um paraquedista e coisas assim. Ele pareceu muito contente e, por algum motivo, demonstrou particular interesse na minha *performance* chinesa. Comecei a falar chinês com ele, sem saber uma palavra, ao que, para meu assombro, ele me respondeu em chinês, que era tão bom quanto o meu. No dia seguinte, trouxe um intérprete, com o único propósito de me contar a mais cabeluda das mentiras, isto é, que há alguns anos uma barcaça chinesa encalhara nesta mesma praia, e que uns quatrocentos chineses coalharam a praia até que a embarcação fosse consertada. Disse que gostava muito dos chineses, que eram um ótimo povo e que sua língua era muito musical, muito inteligente. Perguntei se era *inteligível* que ele queria dizer, mas não, era inteligente mesmo. A língua grega era inteligente também. E a língua alemã. Aí que lhe contei que havia estado na China, o que era outra mentira, e depois de descrever aquele país, fui até a África e lhe contei dos pigmeus com os quais eu vivera uns tempos. Ele disse que havia uns pigmeus numa das aldeias vizinhas. E foi assim, de mentira em mentira, que ficamos conversando durante horas, bebendo vinho e comendo azeitonas. Aí alguém apareceu com uma flauta e nós começamos a dançar, verdadeira dança de São Vito, que se estendeu interminavelmente para acabar no mar, onde nos mordemos como caranguejos e gritamos e berramos em todas as línguas da Terra.

Levantamos acampamento numa manhã, bem cedo, para regressar a Kalami. Era um dia estranho e sombrio e tínhamos uma escalada de duas horas pela frente até chegar à aldeia onde Spiro nos aguardava com o carro. Havia primeiro uma faixa de areia que tinha que ser atravessada às carreiras, porque, mesmo com as sandálias, a areia queimava os pés. Depois veio uma longa picada através do leito ressecado de um rio que, por causa dos seixos, era um teste difícil até para os tornozelos mais resistentes. Finalmente chegamos à trilha que subia pelo lado da montanha, que era mais uma fossa do que um caminho propriamente dito, e que desafiou até os cavalinhos montanheses que carregavam as nossas coisas. À medida que subíamos, uma melodia estranha nos saudava de cima. Como a brisa que se eleva do mar, ela

nos envolveu em suas dobras nostálgicas e, tão de repente como havia aparecido, desapareceu. Quando conseguimos subir mais algumas dezenas de metros, nos deparamos com uma clareira, no meio da qual havia um imenso barril cheio de veneno, um líquido inseticida para as oliveiras, que as moças mexiam enquanto cantavam. Era uma canção de morte que se misturava singularmente com a paisagem coberta de névoa. Aqui e acolá, onde as nuvens vaporosas haviam se afastado para revelar um pedaço de bosque, ou uma superfície de pedra nua, as reverberações de sua melodia fantasmagórica ressoavam como os metais de uma orquestra. De vez em quando, uma grande área azul de mar se elevava da neblina, não ao nível do chão, mas em algum território intermediário entre o céu e a terra, como depois de um furacão. As casas também pareciam suspensas no espaço, quando suas estruturas sólidas furavam a bruma. Toda a atmosfera estava carregada de um esplendor bíblico assustador, pontuado pelo som dos guizos dos cavalinhos, as reverberações da música do veneno, o leve rugir das ondas lá embaixo e um murmúrio indefinível das montanhas que, provavelmente, era apenas o latejar das têmporas causado pela cerração alta e abafada de uma manhã iônica. Ficamos com vontade de descansar na beirada do precipício, fascinados demais com o espetáculo para continuar a caminhada através da ravina até o mundo transparente e cotidiano da aldeiazinha mais além. Naquela região mágica, onde o Tao Teh King e os antigos Vedas se fundiam dramaticamente numa confusão cheia de contrapontos, o gosto do cigarro grego tão suave se parecia ainda mais com palha. Aqui, o próprio paladar se tornava metafisicamente afinado: a essência do drama estava no ar, nos níveis superiores, no eterno conflito entre o corpo e o espírito.

Depois o desfiladeiro, do qual sempre me lembrarei como cenário de carnificinas, sem o menor sentido. Aqui, massacres terríveis e vingativos devem ter sido perpetrados, ao longo do sangrento passado da humanidade. É uma armadilha criada pela natureza para a ruína do homem. A Grécia está cheia dessas armadilhas mortais. É como se fossem uma nota cósmica que dá o diapasão ao mundo leve e embriagador, em que as figuras heroicas e mitológicas do passado resplandecente ameaçam dominar, constantemente, a consciência do presente. O grego da antiguidade era um assassino; vivia em meio a um esplendor brutal que atormentava e enlouquecia o espírito. Estava em guerra com todo mundo, inclusive ele mesmo. Dessa anarquia feroz é que nasceram as saudáveis e lúcidas elocubrações metafísicas que até hoje

encantam o mundo. Atravessando a ravina, numa espécie de manobra em forma de suástica necessária para fugir da clareira, tive a impressão de nadar em oceanos de um sangue fantasmagórico; a terra não estava ressequida e fragmentada da forma usual, mas torta e manchada como devem ter ficado os membros mutilados dos mortos que eram deixados expostos para apodrecer ao sol causticante, dando seu sangue para alimentar as raízes das oliveiras selvagens que se seguram nas encostas da montanha com garras de abutre. Nessa trilha montanhesa também deve ter havido momentos bons, quando homens de raças distantes se deram as mãos e olharam uns nos olhos dos outros com simpatia e compreensão. Aqui também homens da estirpe pitagórica devem ter parado para meditar em silêncio e solidão, ganhando uma nova claridade mental e uma visão fresca, advinda do empoeirado local da carnificina. A Grécia inteira está coroada de locais contraditórios como esse; e talvez seja essa a explicação para que tenha se emancipado como país, nação e povo, para continuar como encruzilhada luminosa de uma humanidade em constante mutação.

Em Kalami, os dias passaram rápidos como o vento. De vez em quando, eu escrevia uma carta ou tentava pintar uma aquarela. Havia bastante coisa para ler na casa, mas não tinha a menor vontade de pegar um livro. Durrell tentou me forçar a ler os *Sonetos*, de Shakespeare, e, depois de ter sido assediado por ele uma semana, consegui de fato ler um deles – talvez o soneto mais misterioso que Shakespeare jamais tenha escrito. (Acho que foi *A Fênix e a Tartaruga.)* Pouco depois recebi pelo correio um exemplar de *Doutrina Secreta*, que devorei com avidez. Também reli o diário de Nijinsky. Sei que esse é um livro que vou ler e reler ainda muitas vezes. Há poucos livros que eu consigo ler e reler – um é *Mistérios*, o outro é *O Eterno Marido.* Talvez eu deva acrescentar ainda *Alice no País das Maravilhas.* De qualquer forma, era melhor passar a tarde conversando e cantando ou de pé nos rochedos à beira-mar, telescópio na mão estudando as estrelas.

Quando a Condessa reapareceu, persuadiu-nos a passar alguns dias em sua propriedade, na outra parte da ilha. Passamos três dias maravilhosos juntos e aí, no meio da noite, o exército grego foi convocado. A guerra ainda não havia sido declarada, mas a volta intempestiva do Rei a Atenas fora interpretada por todos como um mau sinal. Todo mundo que tinha recursos parecia estar determinado a seguir o exemplo do monarca. A cidade de Corfu entrou em verdadeiro pânico. Durrell quis se alistar no exército para lutar na

frente da Albânia; Spiro, que já passara da idade de alistamento, também quis oferecer seus serviços. Alguns dias se passaram nessa agitação histérica e, em seguida, como se tudo tivesse sido feito por um empresário, um dia nos descobrimos esperando quietinhos pelo navio que nos levaria a Atenas. O navio devia chegar às nove da manhã; só subimos a bordo às quatro da manhã do dia seguinte. A essa altura, o cais estava atulhado com uma indescritível quantidade de bagagem sobre a qual os donos aflitos se sentavam ou deitavam, tentando parecer despreocupados mas, na verdade, mortos de medo. A cena mais degradante ocorreu quando as passarelas foram finalmente baixadas a terra. Como de hábito, os ricos insistiram em embarcar primeiro. Dono de uma passagem de primeira classe, eu estava entre os ricos. Estava totalmente enojado e meio decidido a não embarcar em navio algum, mas a voltar de mansinho para a casa de Durrell e deixar que as coisas acontecessem por conta própria. Aí, por algum tipo de milagre, descobri que não embarcaríamos primeiro, mas sim por último. Toda a bagagem estava sendo retirada do convés e recolocada no cais. Bravo! Meu coração deu pulinhos de satisfação. A Condessa, que tinha mais bagagem do que qualquer um, foi a última a subir a bordo. Mais tarde, eu soube, para minha completa surpresa, que fora ela a autora do *milagre.* Aparentemente, ela não tinha o menor medo dos italianos – o que a irritou foi a desorganização, a bagunça vergonhosa. Eram quatro da manhã, como eu disse, com uma lua brilhante refletida num mar agitado e enraivecido, quando fomos puxados do cais por pequenos rebocadores. Jamais teria esperado deixar Corfu nessas circunstâncias. Estava zangado comigo mesmo por me ter deixado convencer a voltar para Atenas. Estava mais preocupado com a interrupção das minhas férias paradisíacas do que com a guerra iminente. Ainda estávamos no verão, e eu não tinha tido nem parte de todo o sol e mar que tinha planejado. Pensei nas camponesas e nas crianças em farrapos que em breve não teriam o que comer e no seu olhar enquanto nos acenavam do cais. Parecia muito covarde fugir assim, deixando os fracos e inocentes entregues à própria sorte. De novo o dinheiro. Aqueles que têm escapam; aqueles que não têm são massacrados. Comecei a torcer para que os italianos nos interceptassem, para que nós não conseguíssemos escapulir dessa maneira indecente.

Quando acordei e subi ao convés, o navio atravessava um canal estreito. De cada lado havia pequenos montes, elevaçõezinhas de terra macia, salpicadas de violetas, de proporções tão humanas e íntimas que dava

vontade de chorar de alegria. O sol estava quase a pino, e o brilho era intenso. Estava exatamente naquele mundinho grego cujas fronteiras descrevera em meu livro alguns meses antes de deixar Paris. Era como acordar para me encontrar vivo num sonho. Havia algo fenomenal em relação à proximidade dessas duas margens arroxeadas. Deslizávamos sobre a água da maneira exata que o *douanier* Rousseau descrevera em seus quadros. Era mais do que uma atmosfera grega – era poético e de um tempo e um espaço desconhecidos do homem. O navio era a única ponte com a realidade: estava entupido de almas perdidas, desesperadamente agarradas às suas parcas possessões terrestres. Mulheres em farrapos, com o peito de fora, tentavam em vão acalmar seus pirralhos que uivavam; estavam sentadas no chão, numa confusão de vômito e sangue, e o sonho pelo qual passávamos não as fazia sequer pestanejar. Se tivéssemos sido torpedeados ali, naquele instante, teríamos ido assim, entre vômito e sangue, para as profundezas desconhecidas. Naquele momento, eu me alegrei em ser livre, livre de bens materiais, de qualquer vínculo, livre de inveja, de medo e malícia. Poderia ter passado tranquilamente de um sonho a outro, devendo nada, lamentando nada, desejando nada. Nunca estive mais certo de que a vida e a morte são uma só e que nenhuma delas pode ser apreciada ou alcançada se a outra não estiver presente.

Em Patras, decidimos desembarcar e pegar o trem para Atenas. O Hotel Cecil, onde nos hospedamos, é o melhor hotel em que já estive, e eu já estive em um bocado de hotéis. Custava vinte e três centavos por dia, com um quarto que não se conseguiria na América por menos de cinco dólares. Espero que todo mundo que passe pela Grécia pare no Hotel Cecil e verifique por si próprio. É um verdadeiro acontecimento...

Tomamos café por volta do meio-dia no terraço, olhando o mar. Uma enorme discussão armou-se entre Durrell e sua mulher; eu me senti completamente impotente, não sendo capaz de fazer nada além de ficar com muita pena dos dois, do fundo do coração. Tratava-se, na verdade, de uma briga íntima, em que a guerra estava sendo usada como camuflagem. A ideia da guerra deixa as pessoas histéricas, inteiramente malucas, mesmo quando são pessoas inteligentes como Durrell e Nancy. A guerra tem ainda um outro efeito nocivo: faz com que os jovens se sintam cheios de culpa. Em Corfu, estive prestando atenção no comportamento de um jovem inglês

superlativamente saudável, que tinha tido a intenção de se tornar um especialista em grego. Estava correndo para cima e para baixo como uma galinha decapitada, implorando que alguém o enviasse para o *front*, onde daria um jeito de virar picadinho. Agora, Durrell estava falando da mesma maneira, com a única diferença que tinha mais vontade de estar com as forças gregas na Albânia do que de virar picadinho – isso porque sua opinião a respeito dos gregos era muito mais elevada do que a sua opinião a respeito de seus próprios compatriotas. Eu disse apenas o mínimo indispensável, porque se tivesse tentado demovê-lo, só teria feito aumentar seu impulso suicida. Eu não queria vê-lo morto; a mim, me parecia que a guerra podia muito bem ser feita até seu fim sem objetivo, sem o sacrifício de alguém destinado a dar tanto ao mundo. Ele sabia o que eu pensava sobre a guerra e acho que, lá no fundo, concorda comigo; mas sendo jovem, estando disponível e sendo inglês, mesmo a contragosto estava num dilema. Era um mau lugar para discutir um assunto assim. A atmosfera estava carregada de lembranças de Byron. Sentado lá, com Missolonghi tão perto, era quase impossível pensar na guerra de uma forma racional. O Cônsul britânico em Patras estava com a cabeça muito mais assentada. Depois de uma conversa rápida com ele, senti um respeito renovado pelo Império Britânico. Ao mesmo tempo, lembrei-me de que a guerra, afinal, ainda não havia sido declarada. Esse não era o primeiro alarme – pode ser que nem viesse a acontecer.

Comemos uma boa refeição na praça e, pelo final da tarde, pegamos um ônibus para Atenas. Durante a conversa com companheiros de viagem, um grego, que acabava de voltar dos Estados Unidos, me saudou efusivamente, como um irmão americano, e começou um monólogo comprido e irritantemente estúpido a respeito das glórias de Chicago, onde duvido que tenha vivido mais de um mês. O resumo de tudo é que ele estava ansioso para voltar para casa – querendo dizer para a América; achava seus conterrâneos ignorantes, sujos, atrasados, incompetentes e assim por diante. Durrell interrompeu uma vez para perguntar em que língua o homem estava falando. Nunca ouvira um grego falar aquela espécie de inglês. Os homens com quem eu estivera conversando estavam loucos para saber a respeito do que esse conterrâneo tão esquisito estava falando. Nós estivéramos falando francês, até a aparição desse cretino. Eu lhes disse em francês que o homem era um débil mental. Nisso, o grego me perguntou em que língua eu estava falando, e quando eu disse francês, ele respondeu. “Eu não conheço essas línguas; o

americano é suficiente para mim... Eu sou de Chicago.” Embora eu tenha demonstrado muito claramente que não estava interessado nas suas histórias, ele insistia em me contar tudo a respeito de si mesmo. Contou que estava agora a caminho de uma pequena aldeia nas montanhas onde vivia sua mãe; queria se despedir dela antes de partir. “Quer ver como esse pessoal é ignorante?”, disse. “Eu trouxe uma banheira para minha mãe, lá de Chicago; até a instalei com minhas próprias mãos. Pois acha que apreciaram? Riram de mim, disseram que eu estava maluco. Não querem se manter limpos. Mas em Chicago...” Pedi desculpas aos meus companheiros de viagem pela presença deste idiota. Expliquei a eles que isso é o que a América faz aos seus filhos adotivos. Quando acabei, todos caíram na gargalhada, inclusive o bendito grego ao meu lado, que não havia entendido uma única palavra, já que eu havia falado em francês. Para completar, o asno me perguntou onde é que eu aprendera inglês. Quando lhe disse que eu havia nascido na América, ele retrucou que jamais ouvira ninguém falar inglês como eu; e disse isso de forma a se entender que o único inglês decente, e digno de se falar, era o seu dialeto do cais do porto.

Em Atenas fazia frio suficiente para vestirmos casacos. Como Nova York, Atenas tem um clima temperamental. Também tem uma boa quantidade de pó, se você decidir andar até os confins da cidade. Mesmo no centro, onde se veem os edifícios mais modernos e luxuosos, as ruas às vezes não passam de estradinhas empoeiradas. A gente não pode chegar aos limites da cidade em menos de meia hora. É de fato uma cidade enorme, contendo quase um milhão de habitantes; cresceu um milhão de vezes desde o tempo de Byron. As cores predominantes são azul e branco, como no resto da Grécia. Até os jornais usam tinta azul, um azul-céu brilhante, que faz com que eles pareçam inocentes e joviais. Os atenienses praticamente devoram o jornal. Têm uma sede permanente de notícias. Do balcão do meu quarto no Grand Hotel eu avistava a Praça da Constituição, que à tarde fica escura de gente, milhares de pessoas sentadas em mesinhas carregadas de sorvetes e bebidas, os garçons voando com suas bandejas de um lado para outro, abastecendo-se nos cafés vizinhos à praça.

Foi aqui que uma noite encontrei Katsimbalis, que ia para Amaroussion. Foi um encontro e tanto. De encontros com homens, só me lembro de dois outros semelhantes na minha vida – quando conheci Blaise Cendrars e

quando conheci Lawrence Durrell. Naquela noite, não tive muito a dizer. Ouvi fascinado, maravilhado, a cada frase que ele dizia. Vi que era um homem feito para o monólogo, como Cendrars, como Moricand, o astrólogo. Gosto muito mais do monólogo do que do diálogo, quando ele é bom. É como ver um homem escrever um livro expressamente para você: ele escreve, lê em voz alta, representa alguns pedaços, revê o que escreveu, saboreia o que fez, fica feliz consigo mesmo e feliz em ver que você está feliz também, e em seguida rasga tudo e joga os pedacinhos no vento. É uma *performance* sublime, porque enquanto está ligado, você é Deus para ele – a menos que você seja um imbecil insensível e impaciente. Mas no tipo de monólogo ao qual me refiro, isso nunca acontece.

Naquela primeira vez, Katsimbalis foi um monte de coisas diferentes para mim; tinha o físico de um touro, a tenacidade de um abutre, a agilidade de um leopardo, a ternura de um carneiro e a timidez de um pombo. Tinha uma cabeça curiosamente grande, que me fascinou e que eu, por alguma razão, achei singularmente ateniense. Suas mãos eram relativamente pequenas em relação ao corpo e incrivelmente delicadas. Era um homem poderoso, cheio de vitalidade, capaz de gestos brutos e palavras duras, mas que, de alguma forma, transmitia um sentimento de calor que era macio e feminino. Havia muito de trágico nele também, que a sua mímica hábil apenas realçava. Era extremamente simpático e, ao mesmo tempo, duro como um campônio. Parecia falar de si mesmo o tempo todo, mas nunca de uma forma egoísta. Falava a respeito de si mesmo porque era a pessoa mais interessante que conhecia. Gostei muito dessa característica – eu próprio tenho um pouco dela.

Encontramo-nos alguns dias depois para jantar juntos – ele, sua mulher Aspasia e os Durrells. Depois do jantar, encontraríamos alguns amigos dele. Estava com toda a corda. Aliás, sempre estava assim, mesmo nos dias ruins, em que se queixava de dor de cabeça, ou tonteira, ou qualquer das mil e uma mazelas que o atormentavam. Estava nos levando para uma taberna no Pireu, explicou, porque queria que apreciássemos a cozinha grega à maneira grega. Era um de seus lugares favoritos – nos velhos tempos. “Eu cometi um erro enorme ao me casar” – disse, a mulher escutando e sorrindo com complacência. “Não fui feito para o casamento, está acabando comigo. Não posso dormir, não posso fumar, não posso mais beber... Estou acabado.” Sempre falava de si mesmo como de alguém acabado: era uma introdução

que o levava ao monólogo, uma espécie de aquecimento. Coisas acontecidas ainda ontem caíam nesse mesmo passado nostálgico de coisas *acabadas.* Às vezes, quando falava assim, me dava a impressão de ser uma enorme tartaruga que havia saído de sua carapaça, uma criatura que estava se consumindo numa luta desesperada para voltar à casca, já pequena. Nessa luta, sempre se fazia ridículo e grotesco – de propósito. Ria de si mesmo, à maneira trágica dos palhaços. Todos ríamos, sua mulher também. Por mais triste, ou mórbida, ou patética que fosse a história, conseguia nos fazer rir o tempo todo. Ele via o lado engraçado de tudo, o que é verdadeiro teste da veia trágica.

A comida... era apaixonado por comida. Ele apreciava boa comida desde criança, e tenho a impressão de que vai continuar apreciando até morrer. Seu pai fora um grande *gourmet,* e Katsimbalis, embora não tivesse, talvez, parte do seu refinamento sensual, estava dando continuidade à tradição familiar. Entre grandes garfadas carnívoras, batia no peito como um gorila, depois bebia um gole monumental de *retsina.* Bebera muita *retsina* no seu tempo; dizia que fazia bem. Bem para os rins, para o fígado, para os pulmões, para os intestinos e para a mente, era bom para tudo. Tudo o que ingeria era bom, fosse veneno ou ambrosia. Não acreditava em moderação ou bom-senso ou qualquer coisa inibitória. Acreditava em ir até o fim da linha e, eventualmente, aceitar a punição por isso. Havia um monte de coisas que não podia fazer mais – a guerra o deixara meio avariado. Mas tirando o braço ruim, o joelho deslocado, o olho inutilizado, o fígado atrapalhado, as crises de reumatismo, os problemas da artrite, a enxaqueca, a tonteira e Deus sabe o que, o que escapara à catástrofe estava muito bem, obrigado. Ele podia chamar a atenção dos mortos com a sua conversa. Tratava-se de uma espécie de processo alimentar: quando descrevia um lugar, o devorava, como uma cabra atacando um tapete. Se descrevia uma pessoa, a engolia da cabeça aos pés. Se por acaso estivesse falando de algum acontecimento, consumia-o nos mínimos detalhes, como um batalhão de formigas lutando com uma floresta. Estava em todos os lugares ao mesmo tempo enquanto falava: atacava por cima e por baixo, pela frente, por trás e pelos flancos. Se não podia liquidar logo com alguma coisa, jogava-a para escanteio, temporariamente, para voltar a ela mais tarde e transformá-la em picadinho. Ou, como um prestigitador, atirava-a ao ar e, quando você já estivesse achando que a esquecera, que ela

iria cair e se espatifar, ele punha um braço por trás das costas para pegá-la, sem piscar um olho. Ele não manobrava só a conversa, mas a linguagem – linguagem de cama e mesa, para usar e abusar. Falava sempre da paisagem, como o protagonista de um mundo perdido. A paisagem da Ática era a que melhor servia aos seus propósitos: continha os elementos necessários ao monólogo dramático. Basta ver seus teatros ao ar livre enterrados nas encostas, para se dar conta da importância deste cenário. Mesmo que a conversa o levasse a Paris, por exemplo, para um lugar como o Faubourg Montmartre, ele o temperava e lhe dava o sabor de seus ingredientes áticos, com sálvia, tomilho, mel, barro, telhados azuis, ciprestes, luz violácea, pedras quentes, ventos secos, poeira, *retsina,* artrite e as descargas elétricas que brincam pelos montes como rápidas serpentes de espinha partida. Ele todo era uma imensa e estranha contradição, mesmo no que dizia. Com a sua língua viperina, ligeira como o raio, seus dedos movendo-se rápidos, como se passeassem sobre uma espineta imaginária, com gestos vibrantes e brutais que, de certa forma nunca esmagavam nada, com toda a fúria da rebentação, cheio de lusco-fuscos e pisca-piscas, mas se de repente você observasse atentamente, teria a impressão de que estava sentado na maior imobilidade possível, de que apenas os seus olhos de falcão se mexiam, de que era um pássaro hipnotizado ou, melhor, um pássaro que se hipnotizara a si mesmo, e que suas garras estavam presas ao pulso de um gigante invisível, um gigante como a Terra. Todo este estrépito esvoaçante, toda a sua prestidigitação caleidoscópica não passavam de uma mágica que usava para ocultar o fato de que era um prisioneiro. Foi essa a impressão que me deu quando o observei de forma mais cuidadosa, quando consegui quebrar por um instante o encantamento e prestar atenção. Mas quebrar o encanto exigia uma força e uma mágica quase iguais às dele e trazia em si a sensação de impotência e inutilidade que sempre sentimos quando conseguimos destruir a força da ilusão. Nunca se destrói a mágica – o máximo que conseguimos fazer é nos cortar dela, amputar as misteriosas antenas que nos ligam a forças que estão além da nossa compreensão. Muitas vezes, enquanto Katsimbalis falava, eu olhava para o rosto de algum dos ouvintes e percebia que fios invisíveis haviam sido ligados, que algo estava sendo comunicado além da linguagem, além da personalidade, algo mágico que reconhecemos nos sonhos e que faz com que as feições de quem sonha relaxem e desabrochem de uma forma que raramente vemos nas pessoas acordadas. Ao meditar sobre essa sua

qualidade, lembrei-me das alusões que fez ao mel incomparável que é estocado pelas abelhas nas encostas dos seus amados Hymettos. Volta e meia, tentava explicar as razões pelas quais este mel do Monte Hymettos seria único. Mas ninguém consegue explicá-lo de forma satisfatória. Ninguém pode explicar o que é único. A gente pode descrever, louvar e adorar. E isso é tudo o que eu posso fazer em relação às palavras de Katsimbalis.

Passei a apreciar o monólogo katsimbalístico ainda mais depois que voltei para Corfu, e que tive uma boa dose de solidão. Deitado nu, ao sol, numa rocha à beira-mar, fechava os olhos e tentava tecer novamente o padrão da sua conversa. Foi aí que percebi que as suas palavras criavam reverberações, e que o eco demorava a atingir os ouvidos. Comecei a compará-las às palavras francesas que me envolveram durante tanto tempo. A conversa francesa parecia mais a luz brincando num vaso de alabastro: algo reflexiva, dançante, líquida, evanescente, ao passo que a conversa katsimbalística era opaca, nublada, grávida de ressonâncias que só poderiam ser compreendidas muito tempo depois, quando as reverberações anunciavam a colisão com pensamentos, pessoas, objetos situados em diferentes partes do globo. O francês põe muralhas em torno da conversa, assim como põe muralhas em torno do jardim. Põe limites em tudo, para se sentir em casa. No fundo, falta-lhe confiança no seu semelhante: é cético, porque não acredita na bondade intrínseca do ser humano. Tornou-se realista, porque isso é prático e seguro. O grego, por outro lado, é um aventureiro: é atirado e se adapta com facilidade, faz amizades rapidamente. Os muros que se veem na Grécia, quando não são de origem turca ou veneziana, remontam à era ciclópica. Por experiência, eu diria até que não há homem mais direto e fácil de se lidar do que o grego. Ele fica seu amigo imediatamente; vai ao seu encontro. Com o francês, a amizade é um processo longo e laborioso: pode-se gastar uma vida tentando conquistar a sua amizade. Ele é melhor em relacionamentos que envolvem poucos riscos e poucas chances de continuidade. A própria palavra *ami* tem uma conotação muito diferente da palavra inglesa *friend. C'est mon ami* não pode ser traduzido por *This is my friend.* Não há equivalente para essa frase inglesa na língua francesa. É uma lacuna que nunca foi preenchida, como a palavra *home*[1]. Essas coisas afetam a conversa. A gente pode falar a noite inteira, mas é difícil ter uma conversa que bata lá no fundo do coração. Costuma-se dizer que toda a França é um jardim, e se você gosta da França como eu gosto, pode ser um belo jardim. Eu a acho repousante e

tranquilizadora; lá recuperei-me dos choques e das escoriações sofridas em meu próprio país. Mas chega um dia em que você se acha de novo forte e bem-disposto, e aí essa atmosfera deixa de ser estimulante; você anseia por libertar-se e testar as suas forças. Aí o espírito francês me parece inadequado. Você quer fazer amigos, criar inimigos, olhar além dos muros e da terra cultivada. Você quer deixar de pensar em termos de seguro de vida, contribuições previdenciárias, aposentadorias e assim por diante.

Depois do suculento jantar na taberna do Pireu, todos meio grogues de *retsina*, voltamos para a praça em Atenas. Era meia-noite, ou um pouco mais, mas a praça ainda estava fervilhante de gente. Katsimbalis pareceu adivinhar o lugar onde os amigos se encontravam. Fomos apresentados aos seus camaradas, George Seferiades e o Capitão Antoniou, do bom navio Acrópolis. Logo começaram a me fazer perguntas a respeito da América e dos escritores americanos. Como a maioria dos europeus de boa formação, eles sabiam mais a respeito da literatura americana do que eu jamais saberei. Antoniou já tinha estado na América várias vezes, passeara pelas ruas de Nova York, Boston, Nova Orleans, São Francisco e outros portos. A ideia de vê-lo caminhando nas nossas ruas, no maior encanto, me fez lembrar o nome de Sherwood Anderson, que sempre considerei o único escritor americano do nosso tempo que percorreu as ruas das nossas cidades como um verdadeiro poeta. Como eles mal conheciam o seu nome, e como a conversa estava se encaminhando para um terreno mais familiar, isto é, Edgar Allan Poe, assunto a respeito do qual já estou cansado de ouvir falar, fiquei subitamente obcecado com a ideia de apresentá-los a Sherwood Anderson. Para variar, comecei *eu* um monólogo – a respeito de escritores que andam pelas ruas da América e não as conseguem sentir até estarem a um passo da sepultura. Fiquei tão entusiasmado com o assunto que me identifiquei com Sherwood Anderson. Ele provavelmente teria se admirado muito se ouvisse as aventuras que eu estava lhe atribuindo. Sempre tive um fraco pelo autor de *Many Marriages.* Nos meus piores dias da América, ele foi a pessoa a me confortar, por meio de seus escritos. Encontrei-o pela primeira vez há pouco tempo: não encontrei nenhuma discrepância entre o homem e o escritor. Nele vi o contador de histórias nato, o homem que pode fazer até o ovo triunfar.

Como eu ia dizendo, fui falando de Sherwood Anderson, como um rio que corre para o mar. Eu estava me dirigindo, principalmente, ao Capitão

Antoniou. Lembro-me do olhar que me deu quando acabei, aquele olhar que dizia: “Está feito, fico com todo o lote, pode embrulhar”. Desde então, tenho me deleitado relendo Sherwood Anderson através dos olhos de Antoniou. Ele está sempre viajando de uma ilha para outra, escrevendo poemas enquanto percorre cidades estranhas, à noite. Uma vez, alguns meses depois, eu o encontrei por alguns minutos no porto de Herakléion, em Creta. Ainda estava pensando em Sherwood Anderson, embora falasse de cargas e informes meteorológicos e suprimentos de água. Uma vez ao mar, eu podia imaginá-lo indo para sua cabine e, catando um livrinho da estante, mergulhar na noite misteriosa de uma cidade sem-nome em Ohio. A noite sempre me deixava com um pouco de inveja dele, inveja da sua paz e da sua solidão marinha. Invejava as ilhas em que desembarcaria e os passeios solitários através de aldeias cujos nomes não significam nada para nós. Ser piloto foi a primeira ambição que tive na vida. Gostava da ideia de estar sozinho na casinhola acima do convés, guiando o navio em sua rota cheia de perigos. Estar consciente do tempo, envolvido por ele e lutando com ele – isso era tudo para mim. E nos escritos de Sherwood Anderson há sempre vestígios do tempo. Gosto dos homens que carregam o tempo no sangue...

Separamo-nos às primeiras horas da manhã. Voltei para o hotel, abri a janela e fiquei debruçado durante algum tempo, contemplando a praça agora deserta. Fizera dois novos amigos gregos e estava satisfeito. Comecei a pensar em todos os amigos que já havia feito desde a minha chegada. Pensei em Spiro, o chofer de táxi, e Karemenaios, o guarda. Havia também Max, o refugiado, vivendo como um príncipe no King George Hotel; parecia não ter outra preocupação na vida além de tornar os amigos felizes com os dracmas que não podia retirar do país. E também o proprietário do hotel onde eu estava, que, ao contrário de qualquer hoteleiro francês que já conheci, volta e meia me perguntava: “Você precisa de algum dinheiro?”. Se eu lhe dizia que planejava fazer uma viagem, a observação era inevitável: “Não se esqueça de me telegrafar se precisar de dinheiro”. Spiro era a mesma coisa. Quando nos despedimos no cais, na noite do pânico geral, suas últimas palavras foram: “Sr. Henry, se o senhor voltar a Corfu quero que fique comigo. Não quero dinheiro algum, sr. Henry – quero que o senhor venha morar com a gente pelo tempo que quiser”. Qualquer lugar que eu visitasse na Grécia, esse era o tom habitual. Mesmo na prefeitura, enquanto esperava que meus papéis fossem postos em ordem, mandaram vir até café e cigarros para que me

sentisse à vontade. Eu também gostava da maneira como mendigavam. Não tinham vergonha. Os gregos o param abertamente no meio da rua, pedindo dinheiro ou cigarros como se isso fosse um direito estabelecido. Quando as pessoas pedem assim, é bom sinal: mostra que sabem dar. Os franceses, por exemplo, não sabem nem pedir, nem fazer favores – sentem-se pouco à vontade em qualquer uma das situações. Fazem questão de não atrapalhar – é o muro novamente. Um grego não tem muros em torno de si: dá e toma sem traumas.

Os ingleses da Grécia – que, aliás, não são flor que se cheire – parecem não ter o caráter grego em muito bom conceito. Os ingleses são moles, destituídos de imaginação e não têm a menor elasticidade. Parecem pensar que os gregos lhes deveriam ser eternamente gratos por terem uma esquadra poderosa. O inglês da Grécia é uma farsa, um atentado: não vale a poeira entre os dedos do pé de um grego pobre. Durante séculos, os gregos tiveram o pior inimigo que alguém pode ter – os turcos. Depois de séculos de escravidão, livraram-se dos grilhões e, se as grandes potências não tivessem interferido, teriam arrasado com eles. Hoje, depois de uma extraordinária mudança de população, os dois povos são amigos. Eles se respeitam. E, no entanto, os ingleses, que teriam desaparecido da face da Terra se houvessem sido submetidos ao mesmo martírio, pretendem ser superiores aos gregos.

Qualquer lugar da Grécia possui uma atmosfera repleta de feitos heroicos. Estou falando da Grécia moderna, não da Grécia antiga. E as mulheres, se a gente estudar a história desse pequeno país, foram tão heroicas quanto os homens. Na verdade, tenho um respeito ainda maior pela mulher grega do que pelo homem grego. A mulher grega e o sacerdote ortodoxo grego – *eles* sustentaram o espírito de luta. Não há maiores exemplos de teimosia, coragem, temeridade, audácia, em lugar nenhum. Não é de admirar que Durrell quisesse lutar a seu lado. Quem não preferiria lutar ao lado de uma Bouboulina, por exemplo, do que ao lado de uma turma de recrutas doentios e efeminados vindos de Oxford ou Cambridge?

Não fiz amigos ingleses na Grécia. Cada vez que me pilhavam junto a eles, sentia-me culpado junto aos gregos. Os amigos que fiz na Grécia são gregos, e sinto-me orgulhoso deles, honrado pelo fato de me considerarem um amigo. Espero que os poucos ingleses que conheci por lá se deem conta, ao lerem essas linhas, do que penso a seu respeito. Espero que me considerem um inimigo da sua raça.

Mas eu preferia falar de algo mais interessante – Katsimbalis, por exemplo, e a visita a sua casa em Marússia, ao entardecer. Outro dia maravilhoso, outra data marcada com destaque na minha vida! Ele nos pediu que chegássemos cedo, para vermos o pôr do sol. Stephanides havia traduzido alguns poemas gregos – iríamos ouvi-los em inglês. Quando chegamos, Katsimbalis ainda não havia acabado a sesta. Ficou meio envergonhado de ser flagrado dormindo, porque vivia se vangloriando da pouca quantidade de sono de que necessitava. Desceu meio zonzo, falando consigo mesmo, fazendo pequenos gestos fúteis com as mãos, como se quisesse colocar em movimento a droga da espineta. Resmungava algo a respeito de uma palavra de que se lembrara há alguns instantes, no sono. Vivia vasculhando o cérebro à cata de palavras e expressões adequadas, em inglês, para descrever alguma notável imagem grega que acabara de encontrar. De qualquer jeito, como eu ia dizendo, nós o havíamos acordado e ele, que dormia a sono alto, agora se movia como se estivesse drogado, murmurando e gesticulando, como um homem tentando se livrar das teias de aranha que ainda o envolviam. A conversa começou nas pontas do sonho que não havia abandonado de todo. Para deslanchar uma conversa, a gente pode começar em qualquer lugar, e já que estivera sonhando, ele começou pelo sonho. O sonho, em si mesmo, não tinha a menor importância, mas a lembrança do sonho o levara de volta à palavra que o perseguia há dias e que se tornava mais clara à medida que sua cabeça se tornava mais clara, livre das teias de aranha. A palavra, qualquer que fosse, levou à linguagem, e a linguagem levou a mel, e mel fazia bem, assim como outras coisas, *retsina*, por exemplo, especialmente *retsina* – bem para os pulmões, bem para o fígado, bem para qualquer coisa que estivesse atrapalhando, principalmente em grandes quantidades, coisa que, aliás, ninguém devia fazer, tomá-la em grandes quantidades, mas que ele fazia, a despeito das ordens médicas, especialmente se fosse uma *retsina* boa como aquela que a gente tinha bebido no outro dia na taberna, no Pireu. Por falar nisso, o carneiro estava muito bom também, a gente tinha reparado? Fez como se lambesse os dedos, limpou a boca com as costas da mão, cheirou o ar como se quisesse sentir novamente os cheiros que vinham do forno. Parou um momento e olhou em torno, como se estivesse procurando alguma coisa para beliscar antes de continuar a falar. Ninguém disse nada. Ninguém teve coragem de interromper agora, exatamente quando ele estava começando a ficar empolgado. Os

poemas estavam em cima da mesa. A qualquer instante, Seferiades deveria aparecer trazendo o capitão consigo. Percebi que estava um pouco inquieto, imaginando se teria tempo de falar o que queria antes que os amigos chegassem. Estava intranquilo, como um pássaro com a asa presa. Continuou resmungando e gesticulando, apenas para manter a máquina aquecida até que decidisse que direção tomar. E de repente, sem que nos déssemos conta da transição, estávamos de pé na varanda, olhando os montes a distância. Num deles havia um moinho solitário. Katsimbalis estava em pleno voo, numa incrível performance a respeito da atmosfera límpida e dos tons violáceos que desciam com a noite, a respeito de tipos ascendentes e descendentes de monotonia, a respeito de ervas e árvores individualistas e frutas exóticas, e viagens, e tomilho e mel, e a seiva de uma planta que nos embebeda, a respeito de pessoas das ilhas e das montanhas, a respeito dos homens do Peloponeso, a respeito da russa enlouquecida que, uma noite, ficou afetada pela lua, tirou toda a roupa e começou a dançar, peladinha, enquanto o seu companheiro ia correndo buscar uma camisa de força. Enquanto falava, eu via pela primeira vez, com meus próprios olhos, o verdadeiro esplendor da paisagem ática, observando, cada vez mais animado, que aqui e ali, sobre os montes enferrujados, entre uma vegetação anômala e excêntrica, homens e mulheres, figuras perdidas e solitárias, caminhavam na luz evanescente. Por alguma razão, eles me pareceram muito gregos, andando de um jeito que nenhum outro povo poderia andar, recortando as silhuetas contra o seu cenário etéreo, silhuetas iguais às que eu observara pela manhã nas ânforas do museu. Há muitas maneiras de se passear, e a melhor, na minha opinião, é a grega, porque não tem objetivo, é inteiramente anárquica e muito humana. Esse passeio entre as árvores deselegantes, a folhagem esvoaçante como uma grande cabeleira despenteada, nas encostas das montanhas distantes, se misturava curiosamente com o monólogo de Katsimbalis, que eu ouvia, digeria e silenciosamente comunicava às figuras que desapareciam suavemente com a luz... Na varanda, no alto de Marússia, no momento em que as luzes de outros mundos começavam a brilhar, captei a Grécia antiga e a Grécia moderna em sua leveza translúcida, e assim elas permanecem na minha memória. Descobri naquele instante que não há antigo ou moderno, apenas Grécia, um mundo concebido e criado na eternidade. O homem que falava deixara de ter qualquer dimensão humana, transformando-se num colosso cuja silhueta movia-se para frente e para trás, ao ritmo profundo das

suas palavras hipnóticas. Ele prosseguia, sem pressa, inexaurível, inextinguível, uma voz que tomara forma e substância, uma figura que ultrapassara a sua moldura humana, uma sombra cujas reverberações ecoavam nas profundezas dos vales distantes.

Depois de uns dez dias em Atenas, estava com vontade de retornar a Corfu. A guerra começara, mas desde que os italianos haviam anunciado a sua intenção de permanecerem neutros, não via por que não poderia voltar e aproveitar ao máximo o que restava do verão. Quando cheguei, encontrei os gregos ainda mobilizados na frente da Albânia. Eu precisava de um passe policial cada vez que quissesse entrar ou sair da cidade. Karamenaios continuava patrulhando o mar de seu chalezinho na praia. Nicola em breve estaria de volta das montanhas para abrir a escola. Seguiu-se um magnífico período de solidão. Eu não tinha nada além de tempo nas mãos. Spiro mandou seu filho Lillis para me dar aulas de grego. Depois Lillis voltou para a cidade e eu voltei a ficar sozinho. Foi a primeira vez na vida em que fiquei realmente só. Foi uma experiência que apreciei muito. Ao entardecer, costumava parar na casa de Nicola para conversar um pouco e saber as novidades sobre a guerra. Depois do jantar, Karamenaios aparecia. Tínhamos cerca de cinquenta palavras em comum. E, como logo descobri, nem precisávamos tanto. Há mil maneiras de se conversar, e as palavras não ajudam se o espírito não está presente. Karamenaios e eu queríamos conversar. Não fazia muita diferença se falávamos da guerra, ou de garfos e facas. Às vezes descobríamos que alguma palavra que estivéramos usando durante dias, eu em grego e ele em inglês, tinha, na verdade, um sentido inteiramente diferente daquele que imagináramos. Não fazia diferença. Nós nos compreendíamos até mesmo com palavras erradas. Eu aprendia cinco palavras novas durante a noite e esquecia seis ou sete durante o sono. O importante era o aperto de mão caloroso, a luz nos olhos, as uvas que devorávamos juntos, o copo que levávamos aos lábios em sinal de amizade. Volta e meia eu ficava entusiasmado e, usando uma mistura de inglês, grego, francês, esquimó, swahili ou que outra língua achasse apropriada, usando a cadeira, a mesa, a colher, a lâmpada ou a faca de pão, encenava para ele alguma passagem da minha vida em Nova York, Paris, Londres, Chula Vista, Canarsie, Hackensack ou algum outro lugar em que jamais estive, ou algum lugar com o qual sonhara ou onde estivera deitado na mesa de operações,

cloroformizado. Às vezes eu me sentia tão bem, tão versátil e acrobático, que acabava de pé, em cima da mesa, cantando n'alguma língua desconhecida, ou pulando da mesa para a cômoda e da cômoda para as escadas, ou me balançando nas redes, qualquer coisa para distraí-lo, alegrá-lo e fazê-lo rolar de tanto rir. Eu era considerado um velho na cidade por causa da minha careca e do meu pouco cabelo branco. Ninguém jamais vira um velho como eu. "O velho vai nadar", diziam, "O velho vai passear de barco". Sempre "o velho". Se aparecesse alguma tempestade e soubessem que eu estava no meio da lagoa, mandavam gente lá para se certificar de que "o velho" havia voltado direitinho. Se eu decidia passear pelos montes, Karamenaios se oferecia para me acompanhar, para que nada de mau me acontecesse. Se eu me perdesse em algum lugar, bastava dizer que era americano para que imediatamente aparecesse uma dúzia de pessoas dispostas a me ajudar. Eu saía de manhã procurando novos recantos onde nadar. Não havia ninguém em lugar nenhum. Eu era como Robinson Crusoé na sua ilha. Costumava ficar horas e horas esticado ao sol, fazendo nada, pensando em nada. Manter a cabeça vazia é um feito e tanto, e um feito muito útil. Ficar calado durante o dia inteiro, não ler nenhum jornal, não ouvir rádio, não prestar atenção em nenhuma fofoca, estar inteiramente e completamente relaxado, inteira e completamente indiferente à sorte do mundo, é o melhor remédio que um homem pode encontrar. A aprendizagem dos livros vai se evaporando, gradualmente; os problemas se derretem ou dissolvem; as ligações se cortam com toda a suavidade; pensar, quando a gente se dá ao luxo de pensar, torna-se algo extremamente primitivo; o corpo se transforma em novo e maravilhoso instrumento; você olha para as plantas e para os peixes com novos olhos; você fica imaginando o que será que as pessoas estão querendo com a sua atividade frenética; você sabe que há uma guerra acontecendo, mas não tem a mínima ideia dos motivos ou por que as pessoas se divertem matando-se umas às outras; você olha para um lugar como a Albânia (que me encarava constantemente) e diz de si para si: ontem era grega, hoje é italiana, amanhã poderá ser alemã ou japonesa, e você deixa que seja o que bem entender. Quando você está bem consigo mesmo, não importa a bandeira que esvoaça sobre sua cabeça, ou quem é dono de você, ou se você fala inglês ou algum dialeto desconhecido do norte da África. A falta de jornais, a falta de notícias sobre o que os homens estão fazendo nas diferentes partes do mundo para tornar a vida mais agradável ou mais desagradável é a maior felicidade.

Se nós pudéssemos simplesmente eliminar os jornais, tenho certeza de que a humanidade faria um grande progresso. Os jornais alimentam mentiras, ódios, avareza, inveja, suspeita, medo, malícia. Nós não precisamos da verdade da forma como ela nos é servida nos jornais. Nós precisamos de paz e solidão e preguiça. Se nós pudéssemos entrar todos em greve e honestamente nos desligarmos do interesse no que o vizinho está fazendo, teríamos um novo tipo de vida. Nós podemos sobreviver sem telefones, rádios, jornais, sem máquinas de espécie alguma, sem fábricas, sem moinhos, sem minas, sem explosivos, sem navios de guerra, sem políticos, sem advogados, sem alimentos enlatados, sem *gadgets*, até mesmo sem lâminas de barbear, ou celofane, ou cigarros, ou dinheiro. Eu sei que isso é um sonho. As pessoas só batalham por melhores condições de trabalho, melhores salários, melhores oportunidades de se tornar algo que não são.

À medida que o outono se aproxima, começa a chover. Era quase impossível escalar a trilha que levava da casa à estrada. Depois de uma chuva, havia barreiras e os caminhos ficavam todos bloqueados pelas pedras e troncos trazidos pela tempestade. Eu ficava dias ilhado. Um dia Nancy chegou de surpresa para pegar algumas coisas. Ela devia voltar para Atenas pelo mesmo barco, naquela tarde. Decidi voltar com ela de supetão.

Estava seco em Atenas, e mais quente do que se teria esperado. Era como se estivéssemos voltando de novo ao verão. Volta e meia os ventos sopravam das montanhas e aí fazia um frio de rachar. De manhã, eu costumava caminhar até a Acrópole. Eu gosto mais do sopé da Acrópole do que dela mesma. Gosto da confusão, da erosão, do caráter anárquico da paisagem. Os arqueólogos escangalharam o local. Retiraram imensas quantidades de terra para desenterrar antigas relíquias que vão ser escondidas em museus. Toda a base da Acrópole se parece, mais e mais, com uma cratera vulcânica em que as mãos amantes dos arqueólogos dispuseram um cemitério para arte. O turista chega e contempla essas ruínas com os olhos úmidos, esses leitos de lava cientificamente arrumados. O grego anda por ali como quem não quer nada, às vezes é visto como um intrometido. Enquanto isso, a nova cidade de Atenas cobre quase todo o vale e vai abrindo caminho pelas encostas das montanhas vizinhas. Para um país de sete milhões de habitantes. Atenas é uma espécie de fenômeno. Ainda é uma cidade recém-nascida: é desajeitada, confusa, complicada, insegura de si mesma. Tem todas

as doenças da infância e algo da melancolia e da desolação da adolescência. Mas escolheu um magnífico lugar para crescer. Ao sol reluz como uma pedra preciosa; à noite brilha com milhões de luzinhas intermitentes, que parecem acender e apagar à velocidade do som. É uma cidade de admiráveis efeitos atmosféricos; ela não se enterrou, flutua numa luz em constante mutação, pulsa num ritmo cromático. A gente se sente compelido a andar e andar em direção à miragem que sempre desaparece. Quando se chega aos limites da cidade, à grande muralha montanhosa que a cerca, a luz é ainda mais intoxicante; a gente sente que poderia chegar ao topo da montanha em duas ou três passadas gigantescas e aí – bem, aí, se a gente conseguisse chegar lá em cima, a gente sairia correndo como doido e mergulhando no azul do céu, num voo de ponta-cabeça no azul e Amém para sempre. Ao longo da Via-Sacra, de Daphni até o mar, estive várias vezes à beira da loucura. Na verdade, tentei correr morro acima uma vez, para parar no meio inteiramente aterrorizado, imaginando o que teria se apossado de mim. De um lado há pedras e arbustos que se destacam com claridade microscópica; de outro, árvores semelhantes àquelas que a gente vê nas gravuras japonesas, árvores cheias de luz, árvores intoxicadas que devem ter sido plantadas pelos deuses em algum momento de embriaguez. Não se deve percorrer a Via-Sacra de carro – é um sacrilégio. A gente deve andar, andar como os homens de antigamente, permitindo que todo o nosso ser seja inundado de luz. Esta não é uma estrada cristã; foi moldada pelos pés de pagãos a caminho da iniciação em Eleusis. Não há sofrimento, martírio ou flagelo vinculado a essa artéria processional. Aqui tudo fala hoje, como falava há séculos, de iluminação, de uma iluminação alegre e ofuscante. A luz adquire uma qualidade transcendental; não é apenas a luz do Mediterrâneo, é algo mais, algo fantasmagórico, algo sagrado. Aqui a luz penetra diretamente na alma, abre as portas e janelas do coração, nos deixa nus e expostos, isolados numa euforia metafísica que torna tudo claro, sem tornar nada conhecido. Não há análise que se torne possível com esta luz: aqui os neuróticos se curam ou enlouquecem de vez. As próprias pedras são meio doidas – ficaram séculos e séculos expostas a essa iluminação. Ficam deitadas muito quietas e paradas, repousando entre arbustos coloridos que crescem de um solo manchado de sangue, mas, como eu disse, são meio doidas e tocá-las é arriscar-se a perder, de vez, a noção de tudo o que parecia sólido e estável. A gente deve deslizar através desse trecho com muito cuidado, nu, só e destituído de qualquer

bobagem cristã. A gente deve jogar fora dois mil anos de ignorância e superstição, de uma vida mórbida cheia de mentiras subterrâneas e nauseabundas. A gente deve ir a Eleusis despido das bobagens que se acumularam ao longo de séculos nas águas estagnadas. Em Eleusis a gente percebe, se não tiver percebido antes, que não há salvação em se adaptar a um mundo louco. Em Eleusis, a gente se adapta ao cosmos. Por fora, ela pode parecer partida, desintegrada com o passado em ruínas; na verdade, Eleusis está intacta até hoje. Nós é que estamos fragmentados, dispersos, esmigalhados até o âmago. Eleusis vive, vive eternamente em meio a um mundo moribundo.

O homem que conseguiu captar a sensação de eternidade que está espalhada por toda a Grécia e transpô-la para os seus poemas é George Seferiades, cujo pseudônimo é Seferis. Conheço o seu trabalho apenas de traduções, mas mesmo que jamais houvesse lido a sua poesia, saberia que este é o homem destinado a transmitir a chama sagrada. Seferiades é mais asiático do que qualquer dos gregos que conheci; nasceu em Smyrna, mas viveu no exterior por vários anos. É langoroso, suave, cheio de vitalidade, e é capaz de surpreendentes feitos de força e agilidade. É o árbitro e o reconciliador de modos de vida e escolas de pensamento conflitantes. Pergunta inúmeras coisas numa linguagem poliglota; está interessado em todas as formas de expressão cultural e procura abstrair a assimilar, o que é genuíno e fecundo em todas as épocas. É apaixonado pelo seu país e pela sua gente, não de uma forma extremada e chauvinista, mas como resultado de uma paciente descoberta, nascida dos longos anos de ausência. Essa paixão pelo país natal é uma particularidade do intelectual grego que viveu no exterior. Em outros povos costumo achá-la desagradável, mas no grego acho que é inteiramente justificada – mais do que isso, acho que é emocionante e comovente. Lembro-me de ter ido uma tarde com Seferiades ver um pedaço de terra onde ele queria construir uma casinha. Não havia nada de especial em relação ao lugar. Eu diria até que era um tanto solitário e abandonado. Ou melhor: *era,* à primeira vista. Não tive a menor chance de consolidar esta minha impressão inicial, já que a região foi mudando sob os meus olhos à medida que ele me levava de um canto a outro como uma medusa elétrica, cantando as folhagens, as flores, os arbustos, as rochas, o barro, as encostas, os declives e assim por diante. Tudo o que contemplava era grego de uma forma que jamais pressentira antes de deixar seu país. Ele podia olhar para

um promontório e ler, nele, a história dos medas e dos persas, dos dórios, dos minoanos e dos atlantes. Podia ler nele também alguns fragmentos do poema que iria escrevendo na cabeça, no caminho de volta, enquanto me fazia mil perguntas a respeito do Novo Mundo. Sentia-se atraído pelo caráter sibilino de tudo o que encontrava seu olhar. Tinha um jeito de ver para a frente e para trás, de fazer com que o objeto de sua contemplação mostrasse seus múltiplos aspectos. Quando falava de alguma coisa, ou pessoa, ou experiência, a acariciava com a língua. Às vezes me dava a impressão de ser um javali selvagem que havia partido suas presas em ataques furiosos nascidos do amor e do êxtase. Seu melífluo canto asiático foi interrompido mais de uma vez por uma trovoada inesperada; seus poemas se tornavam cada vez mais compactos, cintilantes e reveladores. Sua flexibilidade natural estava respondendo às leis cósmicas da curvatura e da finitude. Ele deixara de ir em todas as direções ao mesmo tempo; suas linhas faziam o movimento circular dos braços. Ele começava a amadurecer como poeta universal, por se arraigar apaixonadamente ao solo da sua gente. A vida que existe hoje nas artes gregas está toda baseada neste gesto, nesta paixão que se transmite do coração para os pés, criando fortes raízes que transformam o corpo em árvore de possante beleza. Esta transmutação cultural se evidencia, também, num sentido físico, através do intenso trabalho de restauração que ocorre em todo o país. Os turcos, em seu ávido desejo de destruir a Grécia, transformaram a terra num deserto e num cemitério; desde a sua emancipação, os gregos vêm lutando pela reflorestação do país. A cabra tornou-se, no momento, o inimigo nacional. Com o tempo será desalojada, como o turco. Ela é o símbolo da pobreza e do desamparo. A palavra de ordem é *arvore – mais árvores!* A árvore traz água, pasto, gado, produção; a árvore traz sombra, repouso, canção, traz poetas, pintores, legisladores, visionários. Apesar de estéril e combalida, a Grécia é hoje o único paraíso da Europa. Que tipo de lugar se tornará depois de restituída à sua pristina verdura, não se pode sequer imaginar. Tudo poderá acontecer quando este ponto fundamental reluzir com sua nova vida. Uma Grécia rediviva poderá, tranquilamente, alterar todo o destino da Europa. A Grécia não precisa de arqueólogos – ela precisa de arboricultores. Uma Grécia verdejante poderá dar nova vida a um mundo agora devorado por todos os tipos de praga.

Minhas conversas com Seferiades começaram, na verdade, no terraço

em Marússia, quando, me pegando pelo braço, ele passeou comigo de um lado para outro enquanto a noite descia. Cada vez que o encontrava, ele vinha a mim por inteiro, me envolvendo em calor e ternura. Se eu o visitava em seus aposentos, era a mesma coisa: abria todas as portas e janelas de acesso ao seu coração. Geralmente, punha o chapéu e me acompanhava até o hotel; não era só um gesto de atenção, era um ato de amizade, uma demonstração de amor duradouro. Lembrarei sempre de Seferiades e de meus amigos gregos por essa qualidade que é hoje tão rara entre os homens. Lembrarei também de sua irmã Jeanne e de outras mulheres gregas que conheci por sua majestade. É uma qualidade que raramente encontramos na mulher moderna. Como a calorosa amizade dos homens, essa característica que as mulheres gregas têm, em maior ou menor grau, é a contrapartida ou, digamos, a virtude humana correspondente à luminosidade sobrenatural. Seria preciso ser uma rã, um caramujo, uma lesma para não se deixar afetar por esse brilho que emana do coração humano assim como do céu. Aonde quer que se vá na Grécia, as pessoas desabrocham como flores. Os mais cínicos poderão dizer que isso é porque a Grécia é um país pequeno, porque eles estão ansiosos por mais turistas, e assim por diante. Eu não acredito. Estive em alguns países pequenos que me deixaram uma impressão diametralmente oposta. E, como já disse antes, a Grécia não é um país pequeno – é impressionantemente vasto. Nenhum país que visitei me deu semelhante sensação de grandeza. O tamanho não pode ser medido sempre pela quilometragem. De uma forma que está além da compreensão de meus compatriotas, a Grécia é infinitamente maior do que os Estados Unidos. Ela poderia engolfar os Estados Unidos e a Europa. A Grécia é um pouco como a China e a Índia. É um mundo de ilusão. E o grego está por toda parte, como o chinês. A sua essência grega não se desgasta com as viagens. Ele não deixa pequenas partículas de si mesmo espalhadas pelo mundo afora, como o americano, por exemplo. Quando o grego deixa um lugar, ele deixa um buraco. O americano deixa para trás uma pilha de lixo, cadarços, botões, lâminas de barbear, galões de petróleo, potes de vaselina e assim por diante. Os trabalhadores chineses, como eu também já disse em algum lugar, se alimentam, na verdade, com os restos que os americanos jogam fora quando estão nos portos. O grego pobre perambula entre os restos deixados pelos visitantes ricos de todas as partes do mundo. Ele é realmente multinacional, não desprezando nada que tenha sido feito pela mão do homem, nem mesmo os

barris furados descartados pela marinha mercante inglesa. Tentar instilar-lhe o senso do orgulho nacional, pedir-lhe que se torne um chauvinista a respeito da indústria nacional da pesca etc., me parece um absurdo total. Que diferença faz, para um homem cujo coração está cheio de luz, que tipo de roupas ele está usando? Quem as fez, ou se são do modelo anterior ou posterior à guerra? Eu já vi gregos andando pelas ruas com as roupas mais ridículas e abomináveis – chapéu de palha de 1900, colete de brocado com botões de madrepérola, casacão inglês, calças desbotadas, guarda-chuva estropiado, camiseta, pés descalços, cabelo revolto – um conjunto que mesmo um *kaffir* desprezaria e, entretanto, afirmo sincera e deliberadamente que eu preferiria mil vezes ser este grego pobre do que um milionário americano. Lembro-me do velho guardião da fortaleza em Nauplia. Ele cumprira vinte anos na mesma prisão por assassinato e era um dos indivíduos mais aristocráticos que já encontrei. Tinha um rosto positivamente radiante. O soldo de que vivia mal daria para sustentar um cachorro, suas roupas estavam em farrapos, suas perspectivas eram zero. Ele nos mostrou um cantinho de terra que limpara perto da muralha, onde tencionava, no ano seguinte, plantar algumas espigas de milho. Se o governo lhe desse cerca de três centavos a mais por dia, poderia ter sucesso com a plantação. Pediu-nos que, se tivéssemos alguma influência junto às autoridades, falássemos por ele. Não era amargo, não era melancólico, não era desiludido. Havia matado um homem num acesso de raiva, cumprira vinte anos por isso; tornaria a fazer a mesma coisa, afirmou, se a mesma situação voltasse a ocorrer. Não tinha remorso nem culpa. Era um velho maravilhoso, sólido como um carvalho, alegre, aberto. Apenas três centavos a mais por dia e tudo estaria cem por cento. Isso era tudo o que o preocupava. Eu o invejo. Se eu tivesse que escolher entre ser o presidente de uma fábrica de pneus na América e o guardião da fortaleza em Nauplia, eu preferiria ser o guardião, mesmo sem os três centavos. Eu ficaria com os vinte anos de cadeia também. Preferiria ser um assassino com a consciência tranquila, andando em farrapos e esperando pela colheita de milho do ano vindouro, do que o presidente da corporação industrial mais bem-sucedida da América. Nenhum magnata jamais teve uma expressão tão benigna e radiante como este grego miserável. E claro que há um detalhe que não se pode esquecer – o grego matou apenas um homem, e num momento de justa fúria, ao passo que o magnata americano está matando milhares de homens inocentes, mulheres e crianças, em seu sono, a cada dia

de sua vida. Aqui ninguém pode ter uma consciência limpa: somos todos parte de uma imensa máquina de matar. Lá um assassino pode ter um ar nobre e santo, mesmo que viva como um cão.

Nauplia... Nauplia é um porto marítimo diretamente ao sul de Corinto, numa península onde se localizam Tiryns e Epidauro. Pode-se olhar para o outro lado das águas e ver Argos. Acima de Argos, indo ao norte na direção de Corinto, encontra-se Micenas. Desenhe um círculo em torno desses lugares e estará demarcando uma das áreas mais veneráveis e legendárias da Grécia. Eu já tocara o Peloponeso antes, em Patras, mas este é o outro lado, o lado mágico. Como cheguei a Nauplia é uma longa história. Devo retroceder um pouco...

Estou em Atenas. O inverno está chegando. As pessoas me perguntam – você já esteve em Lesbos, você já esteve em Santorini, você já esteve em Delfos ou Samos ou Poros? Não estive praticamente em lugar algum, a não ser indo e vindo para Corfu. Um dia cheguei a ir até Mandra, que fica além de Eleusis, no caminho de Megara. Felizmente a estrada estava bloqueada e tivemos que voltar. Digo felizmente porque, naquele dia, se nós tivéssemos ido um pouquinho além eu teria ficado inteiramente maluco. Mas estava viajando um bocado de uma outra maneira: pessoas se encontravam comigo nos cafés e me contavam suas andanças; o capitão estava sempre voltando de um novo porto; Seferiades estava sempre escrevendo um novo poema que ia ao passado mais remoto ou se adiantava no tempo; Katsimbalis me levava em seus monólogos ao Monte Atos, a Pelion e Ossa, a Leonidion e Monenvasia; Durrell punha a minha imaginação em movimento com aventuras pitagóricas; um pequeno galês, que acabava de regressar da Pérsia, me carregava pelos planaltos e me deixava em Samarkand, onde eu me encontrava com o cavaleiro sem cabeça chamado Morte. Todos os ingleses que encontrei estavam sempre chegando de algum lugar, alguma ilha ou mosteiro, alguma ruína antiga, algum lugar de mistérios. Eu estava tão maravilhado com a profusão de oportunidades à minha frente que me sentia paralisado.

Então, um dia, Seferiades e Katsimbalis me apresentaram ao pintor Ghika. Vi uma nova Grécia quintessencial, que o artista abstraíra da confusão do tempo, do lugar, da história. Tive um vislumbre bifocal deste mundo que estava me deixando tonto com tantos nomes, e datas, e lendas. Ghika se postara no centro de todos os tempos, naquela Grécia que se perpetua sem

fronteiras, sem limites e sem idade. Suas telas são tão frescas e tão limpas, tão puras e despidas de qualquer pretensão quanto o mar e a luz que banham as ilhas. Ghika é um aventureiro em busca da luz e da verdade. Sua pintura vai além do mundo grego. E foi essa pintura que me arrancou do meu estupor embevecido. Uma semana mais tarde, embarcávamos todos num navio no Pireu com destino a Hydra, lar ancestral de Ghika. Seferiades e Katsimbalis estavam exultantes: não tiravam férias há séculos. Era pelo final do outono, o que significa que a temperatura estava agradabilíssima. Por volta do meio-dia avistamos a ilha de Poros. Estávamos bebericando no convés, fazendo uma dessas refeições ligeiras que Katsimbalis adora a qualquer hora do dia ou da noite, quando está em boa forma. Acho que jamais sentirei novamente o calor da afeição que me cercava naquela manhã, quando embarcamos em nossa viagem. Todo mundo falava ao mesmo tempo, o vinho corria, a comida era farta, o sol, que estava meio encoberto, saiu com toda a força, o navio balançava suavemente, a guerra continuava, mas não nos lembrávamos dela, o mar estava lá e a praia também, as cabras pastavam, os limoeiros podiam ser vistos do navio e a loucura do seu perfume já se apoderara de nós e nos unira num frenesi de rendição.

Não sei o que me afetava mais, se os limoeiros ao nosso lado ou a visão de Poros, quando, de repente, me dei conta de que estávamos navegando pelas ruas. Se há um sonho que prefiro a todos os outros é o de navegar em terra firme. Chegar a Poros é a ilusão do sonho mais profundo. Subitamente a terra converge de todos os lados e o navio é espremido num canal estreito do qual parece não haver retorno. Os homens de Poros estão pendurados nas janelas, bem acima da sua cabeça. Você chega nas suas barbas amistosas, como se fosse escanhoá-los na passagem. Os carregadores no cais andam no mesmo ritmo do navio; a rigor, poderiam até andar mais rápido, se decidissem apertar o passo. A ilha volteia em planos cubistas, um de paredes e janelas, um de rochedos e cabras, um de arbustos e árvores retorcidas, e assim por diante. Mais para a frente, onde a terra se curva como um chicote, estão os limoeiros selvagens, e lá, na primavera, jovens e velhos enlouquecidos com a fragrância de resina e flores. Entra-se no porto de Poros balançando e rodando, um idiota gentil atirado entre mastros e redes num mundo que só o pintor conhece e que fez reviver porque, como você, quando viu este mundo pela primeira vez, ele também estava bêbado e feliz, e não tinha nenhum cuidado no mundo. Navegar vagarosamente pelas ruas de

Poros é redescobrir a alegria de passar pela saída do útero. É uma alegria quase que grande demais para ser relembrada. É uma espécie de encantamento imbecil, que produz lendas como a do nascimento de uma ilha de um navio naufragado. O navio, a passagem, os muros por toda a volta, o suave tremor ondulante sob o barco, a luz intensa, a curva verde e serpenteada da praia, as barbas dos habitantes suspensos acima de sua cabeça, tudo isso e o hálito palpitante da amizade, simpatia e aconchego o envolvem e penetram até você explodir como uma estrela realizada, o coração aberto em todas as direções. Agora, enquanto escrevo isso, é mais ou menos a mesma hora do dia, alguns meses depois; o relógio e o calendário, pelo menos, me garantem que sim. Mas, na verdade, faz séculos que atravessei aquele canal. Nunca vai acontecer novamente. Habitualmente, esse pensamento me deprimiria, mas não agora. Existem mil razões para que eu me sinta deprimido neste momento: todas as premonições que eu vinha tendo há dez anos se concretizaram. Este é um dos instantes mais baixos e infelizes da história da humanidade. Não há sinal de esperança no horizonte. O mundo inteiro está envolto em carnificinas e derramamento de sangue. E repito – *eu não estou triste.* Que o mundo se banhe em sangue – eu me agarrarei a Poros. Milhões de anos podem se passar e eu posso voltar e voltar, a este planeta ou a qualquer outro, como ser humano, como demônio, como arcanjo (não me interessa nem como, nem onde, nem quando), mas meus pés jamais deixarão aquele navio, meus olhos nunca se fecharão para aquela cena, meus amigos nunca desaparecerão. Aquele foi um momento eterno, que sobrevive a guerras mundiais, que ultrapassa a própria vida do planeta Terra. Se eu jamais atingir a plena realização de que falam os budistas, se eu jamais tiver a chance de alcançar o nirvana ou ficar de lado para observar e orientar os que vêm, direi agora me deixem, deixem-me pairar como um espírito tênue sobre os telhados de Poros e olhar para baixo para os viajantes com um sorriso de paz e de boas-vindas. Posso ver toda a humanidade correndo para este funil, buscando refúgio no mundo de luz e de beleza. Que venham, que desembarquem, que fiquem e repousem um pouco, em paz. E que, num dia feliz, prossigam viagem, através do canal, por mais alguns quilômetros – para Epidauro, o trono de tranquilidade, o centro mundial da arte de curar.

Alguns dias se passaram antes que eu visse com meus próprios olhos o esplendor repousante de Epidauro. Durante este intervalo, quase perdi a vida, mas chego a essa história daqui a pouco. Nosso destino era Hydra, onde

Ghika e sua mulher esperavam pela gente. Hydra é praticamente uma rocha nua, e sua população, basicamente constituída de homens do mar, está diminuindo rapidamente. A cidade, que se enrosca em torno do porto como um anfiteatro, é imaculada. Só existem duas cores, branco e azul, e o branco é caiado todo santo dia, inclusive as pedras do calçamento. As casas estão dispostas de uma forma ainda mais cubista do que em Poros. Esteticamente, é perfeita – a própria síntese daquela anarquia sem falhas que é superior, por incluir e ultrapassar todas as disposições formais da imaginação. Essa pureza, essa perfeição nua e selvagem de Hydra deve-se, em grande parte, ao espírito dos homens que, uma vez, dominaram a ilha. Durante séculos, os homens de Hydra foram aventureiros destemidos: ela só produzia heróis e libertadores. O mais insignificante deles era um almirante, pelo menos em espírito, se não de fato. Contar as aventuras dos homens de Hydra seria escrever a palavra *audácia* em letras de fogo no firmamento.

Hydra é um rochedo que sai do oceano como uma gigantesca côdea de pão petrificado. É o pão tornado pedra que o artista recebe como prêmio pelo seu trabalho quando vê, pela primeira vez, a terra prometida. Depois da iluminação uterina vem a prova de pedra, da qual deve ser extraída a centelha que incendiará o mundo. Falo em imagens gerais e mutantes, porque ir de um lugar a outro na Grécia é se dar conta do destino fatídico e comovente da raça, à medida que vai de paraíso em paraíso. Cada parada é um platô ao longo de um caminho demarcado pelos deuses. Há locais de repouso, de oração, de meditação, de grandes feitos, de sacrifício, de transfiguração. Em ponto algum do caminho está a marca *finis.* As próprias rochas – e em lugar algum do mundo Deus foi tão generoso com elas – são símbolos da vida eterna. Na Grécia, as pedras são eloquentes: os homens podem morrer, mas elas, nunca. Num lugar como Hydra, por exemplo, a gente sabe que quando um homem morre ele se torna parte do seu rochedo natal. Mas este rochedo é uma pedra viva, uma onda divina de energia suspensa no tempo e no espaço, criando uma pausa curta ou longa na melodia sem-fim. Hydra entrou como uma pausa na partitura musical da criação pelas mãos de um calígrafo experimentado. É uma daquelas pausas divinas que permitem ao músico retomar a melodia numa direção inteiramente nova. Nesse ponto a gente pode, muito bem, atirar a bússola fora. Para ir em direção à criação é necessário uma bússola? Tendo tocado esta rocha, perdi todo o senso de direção terrestre. O que me aconteceu deste ponto em diante estava no campo

da progressão, não da direção. Não havia mais meta a alcançar – eu me tornara um com o caminho. Cada nova estação, portanto, marcava um progresso numa nova latitude e longitude espiritual. Micenas não era maior do que Tiryns, como Epidauro não era mais bonita do que Micenas; cada uma era diferente, num grau do qual perdi o círculo da comparação. Só encontro uma analogia para explicar a natureza desta viagem iluminada que começou em Poros e acabou em Trípolis, uns dois meses mais tarde: tenho que levar o leitor à ascensão de Seraphita, tal como era imaginada pelos seus devotos. Era uma viagem em direção à luz. A terra se iluminava por sua própria luz interior. Em Micenas, andei sobre mortos incandescentes; em Epidauro, senti uma imobilidade tão intensa que, por uma fração de segundo, ouvi o grande coração do mundo bater e entendi o significado da dor e do desespero; em Tiryns, parei na sombra dos ciclopes e senti o fulgor daquele olho interior que agora se tornou uma glândula doentia; em Argos, toda a planície estava mergulhada numa bruma ardente, em que vi as sombras dos nossos índios americanos e os cumprimentei em silêncio. Eu andava de forma muito solta, os pés inundados pelo brilho da terra. Estou em Corinto numa luz rosada, o sol brigando com a lua, a terra girando lentamente com suas minas volumosas, rodando na luminosidade como um moinho refletido na água parada. Estou em Arachova quando a águia deixa seu ninho e fica pendurada no ar, acima do caldeirão fervente de terra, deslumbrada pelas cores brilhantes que vestem o abismo. Estou em Leonidion ao entardecer, e por trás da névoa pesada está o portão escuro do inferno, onde as sombras de morcegos e cobras e lagartos vêm descansar e, quem sabe, rezar. Em cada lugar abro a veia de uma nova experiência, mineiro cavando o chão a fundo, aproximando-se do coração da estrela que ainda não se extinguiu. A luz não é mais solar ou lunar; é a luz estelar do planeta a que o homem deu vida. A terra está viva até o âmago mais profundo; no centro, há um sol que tem a forma de um homem crucificado. O sol sangra na sua cruz das profundezas. O sol é o homem lutando para emergir em direção a outra luz. De luz em luz, de calvário em calvário. A canção da terra...

Fiquei em Hydra uns poucos dias, durante os quais andei milhares de passos para cima e para baixo, visitei as casas de diversos almirantes, fiz oferendas aos santos que protegem a ilha, rezei orações pelos mortos, pelos aleijados e pelos cegos na capelinha junto à casa de Ghika, joguei ping-pong, bebi champanhe, conhaque, *ouzo* e *retsina* na *Old Curiosity Shop,* fiquei

sentado ao lado de uma garrafa de uísque conversando com Ghika sobre os morcegos do Tibete, comecei uma estatueta de Nossa Senhora da Conceição – que acabei em Delfos – para Seferiades, e ouvi Katsimbalis, a Nona Sinfonia de suas atribulações e trapaças. Madame Hadji-Kyriakos, a mulher de Ghika, preparou uma mesa magnífica da qual nos levantamos como tonéis de vinho sem pernas. Do terraço, decididamente oriental, podíamos olhar para o mar em embriagada estupefação. A casa tinha quarenta cômodos, alguns dos quais enterrados fundo no chão. Os maiores eram como os galões de um transatlântico; os menores se pareciam com calabouços decorados por piratas temperamentais... As empregadas eram todas de origem divina, e pelo menos uma delas descendia diretamente do Ereteion, embora tivesse o nome de um cereal sagrado.

Uma noite, enquanto escalava os largos degraus que levavam ao topo da ilha, Katsimbalis começou a falar de loucura. Uma névoa se elevava do mar, e tudo o que eu podia distinguir de sua figura era a imensa cabeça que flutuava acima de mim como o próprio ovo áurico. Falava de cidades, de como pegara a mania de humanizar as grandes cidades do mundo. Fazia o mapa de Londres ou, digamos, de Constantinopla e, depois do estudo mais demorado, desenhava um novo mapa, mais de acordo consigo mesmo. Ele rearrumava as cidades de tal maneira que, no fim, não conseguia mais achar o caminho – digo, no seu próprio plano imaginário. É evidente que um bom número de monumentos tinha que ser posto abaixo e novas estátuas, feitas por desconhecidos, erigidas em seu lugar. Enquanto trabalhava em Constantinopla, por exemplo, era subitamente acometido pelo desejo de alterar Shangai. Durante o dia reconstituía Constantinopla, e à noite, nos sonhos, remodelava Shangai. Era um tanto confuso – para dizer o mínimo. Tendo reconstruído uma cidade, ia para outra e outra. Não havia meio de desistir. As paredes estavam cobertas pelos mapas dessas novas cidades. Conhecendo a maioria de cor, costumava, frequentemente, visitá-las em sonho; e como as havia alterado a ponto de mudar os nomes das ruas, passava noites em claro tentando se safar do labirinto que ele mesmo criara e, ao acordar, tinha a maior dificuldade em encontrar a própria identidade. Na sua opinião, isso era uma espécie de megalomania, uma espécie de construtivismo glorificado que sobrara de sua herança do Peloponeso... Falamos no assunto novamente em Tyrins, ao examinarmos os muros ciclópicos, novamente em Micenas e pela última vez em Nauplia, depois de

subir os 999 degraus que conduziam à fortaleza. Cheguei à conclusão de que o povo do Peloponeso é uma raça de construtores cujo desenvolvimento espiritual foi interrompido num período de formação e que, consequentemente, passou a vida construindo automaticamente, como um bando de sonâmbulos desajeitados. Ninguém sabe o que essas pessoas estão tentando criar em seu sono; sabe-se, apenas, que se utilizaram do material mais intratável. Nenhum poeta nasceu desta raça de domadores de pedras, que produziu, entretanto, alguns maravilhosos *assassinadores,* legisladores e líderes militares. Quando o pano desceu, a casa estava não só escura como vazia. O solo estava tão empapado de sangue que, até hoje, as colheitas das planícies e dos vales são assombrosas.

Quando pegamos o navio para Spetsai, Katsimbalis ainda estava falando. Íamos os dois sozinhos. Spetsai ficava a apenas algumas horas de distância. Como eu dizia, Katsimbalis ainda falava. À medida que nos aproximávamos de nosso destino, começou a chuviscar. Passamos para um barquinho pequeno e fomos conduzidos à costa. Katsimbalis achando que o lugar estava muito esquisito, que talvez estivéssemos aportando do lado errado da ilha. Descemos do barquinho e andamos ao longo do cais. De repente, nos achamos em frente a um monumento de guerra e, para minha surpresa, Katsimbalis começou a rir. “Estou ficando maluco” – disse. “Isto não é Spetsai, isso é Ermioni – nós estamos no continente!” Um guarda se aproximou e falou conosco. Recomendou-nos que fôssemos para o outro lado e tomássemos um outro barco para Spetsai. Havia um Ford caindo aos pedaços que servia de ônibus e que nos levaria até lá. Já carregava seis passageiros, mas nós demos um jeito de nos espremer lá dentro. Assim que partimos, começou a chover. Atravessamos a cidade de Kranidion com a velocidade do raio, a metade do carro sobre a calçada, a metade na sarjeta; fizemos uma curva fechada e descemos a encosta com o motor desligado. O veículo estava se desfazendo e o porquinho aos nossos pés guinchava como louco. Quando chegamos ao pequeno porto de Portochelli, chovia torrencialmente; com água nas canelas, conseguimos chegar até a taberna da praia. Era uma típica tempestade do Mediterrâneo. Quando perguntamos se poderíamos alugar algum barco, os jogadores de cartas nos olharam como se estivéssemos malucos. Nós explicamos: “Depois que passar a tempestade”. Sacudiram a cabeça. “Vai durar o dia inteiro, quem sabe a noite também.” Olhamos o toró por mais de uma hora, aborrecidíssimos com a perspectiva de

passar ali toda a noite. Será que não haveria ninguém que quisesse se aventurar assim que a chuva amainasse um pouco? Deixamos claro que pagaríamos duas ou três vezes a tarifa habitual. “Por falar nisso”, perguntei a Katsimbalis, “qual é a tarifa?” Ele perguntou ao dono do bar: cem dracmas. Se pagássemos trezentos dracmas seria mais do que bom. Trezentos dracmas correspondiam a dois dólares. “Você está querendo dizer que haveria alguém suficientemente louco por aqui para arriscar a vida por dois dólares?”, perguntei. “E nós?”, retrucou Katsimbalis. Comecei a achar que seria loucura tentar alguém a nos atravessar. Sentamos e começamos a discutir a questão. “Você tem certeza de que quer arriscar?”, perguntou Katsimbalis. “E você?”, disse eu. “Nós podemos ficar pelo meio do caminho”, respondeu. “É um jogo. De qualquer forma, seria uma morte bem romântica para você.” E começou a enumerar todos os poetas ingleses que morreram afogados no Mediterrâneo. “Diabos – quer saber o quê? Se você for eu vou, cadê aquele sujeito que ia nos levar?” Perguntamos por ele, e nos informaram que tinha ido tirar uma soneca: não havia pregado o olho durante a noite. Tentamos achar outro, mas parece que não havia nenhum que fosse suficientemente doido para ouvir nossos apelos. “Você sabe nadar?”, perguntou Katsimbalis. A ideia de nadar naquele mar enfarpelado tirou um pouco do meu ânimo. “Melhor esperar um pouco”, acrescentou. “Não faz sentido nos afogarmos imediatamente.” Um velho marinheiro tentou dissuadir-nos. “Clima muito traiçoeiro. A tempestade pode ceder um pouco, mas não o suficiente para se chegar até Spetsai. É melhor passar a noite aqui. Ninguém vai querer levá-los.” Katsimbalis olhou para mim como quem diz: está vendo? Ele sabe o que está falando.

Minutos depois o sol apareceu, e com ele o sujeito que estava tirando a soneca. Corremos para saudá-lo, mas ele nos fez sinal com a mão para que ficássemos onde estávamos. De pé na soleira observamos enquanto punha o barco ao mar e içava as velas. Pareceu levar uma eternidade; enquanto isso, as nuvens já tinham se juntado novamente, e veio o barulho de um raio seguido de uma pancada de chuva. O camarada se enfiou na cabine. Continuamos onde estávamos e contemplamos o céu por mais algum tempo. Chovia canivetes novamente. Quando parecia não restar mais nenhuma esperança, o sujeito reapareceu inesperadamente no convés e nos acenou. A chuva diminuíra, as nuvens se abriam um pouco. “Será que agora já dá para tentar?”, perguntamos meio inseguros. O marinheiro deu de ombros. “O que

é que ele quer dizer com isso?", indaguei. Katsimbalis também deu de ombros, acrescentando com um sorriso malicioso: "Isso quer dizer que se nós somos suficientemente loucos para arriscar as nossas vidas, ele também é". Pulamos a bordo e partimos: agarrados ao mastro. "Por que você não fica lá embaixo?", perguntei a Katsimbalis. Ele respondeu que não queria, que ficaria enjoado. "Bom, você vai ficar enjoado de qualquer jeito. Agora que a gente entrou nessa..." Estávamos navegando junto à praia. Quando fomos para mar aberto, uma rajada de vento nos atingiu de frente. O grego largou o leme para recolher as velas. "Olhe só para isso, esses caras são doidos!", disse Katsimbalis. Estávamos assustadoramente perto dos rochedos. O mar estava enfurecido, à nossa frente estendiam-se recifes e mais recifes. Comecei a compreender como eram doidos quando vi as ondas monstruosas em que mergulhávamos.

Instintivamente, olhei para trás para ver se identificava algum sinal no rosto do marinheiro, mas ele estava impassível. "Deve ser doido", constatou Katsimbalis. Nisso uma onda imensa abateu-se sobre nós, molhando-nos até os ossos. O encharcamento teve um efeito animador sobre nós. Ficamos ainda mais excitados quando avistamos um pequeno iate aproximar-se do barco. Era só um pouco maior do que o nosso e desenvolvia aproximadamente a mesma velocidade. Lado a lado, como dois cavalos marinhos, os barquinhos sacudiam e mergulhavam. Eu nunca teria imaginado que embarcação tão pequena pudesse enfrentar tal tempestade. Quando descíamos ao fundo de uma onda, a que se aproximava parecia um monstro de dentes brancos pronto para se abater sobre nós, de barriga. O céu parecia com as costas de um espelho, com um brilho manchado nos pedaços em que o sol lutava para se mostrar. Na linha do horizonte, os raios continuavam ziguezagueando. Agora, as ondas nos atingiam de todas as direções. Tínhamos que usar todas as nossas forças para permanecer agarrados ao mastro. Podíamos ver Spetsai nitidamente, as construções com um aspecto doentio, como se tivessem acabado de vomitar todo o seu conteúdo. Curiosamente nenhum de nós estava com medo. Eu só vim saber que Katsimbalis morria de medo da água mais tarde: nascera nas montanhas, e não no mar. Sua expressão estava radiante. Volta e meia, gritava: "Homérico, não é?" Grande Katsimbalis! Louco como todos os gregos. Morto de medo do mar, mas jamais diria uma palavra. "Vamos jantar otimamente, se conseguirmos escapar", berrou. Mal tinha acabado de falar quando nova onda caiu sobre o barco com tal violência

que pensei que, desta vez, estávamos liquidados. Mas o naviozinho parecia uma rolha. Nada podia virá-lo ou afundá-lo. Olhamos um para o outro como se disséssemos: “Se passamos por isso, passamos por tudo!” Ficamos exultantes e começamos a gritar palavras de encorajamento desconexas, como se estivéssemos cavalgando. “Você está bem aí atrás?”, berrou Katsimbalis por sobre o ombro, sem coragem de se virar, imaginando que encontraria o lugar vazio e o marinheiro afogado. *Malista*, veio a resposta. Que bela palavra para sim, pensei comigo. E em seguida pensei na primeira frase grega que aprendemos – *ligo nero, se para kalo* – Um pouco d’água, por favor. Água, água... estava saindo pelas minhas orelhas e pelos meus olhos, pescoço abaixo, umbigo adentro, entre os dedos do pé. “Ruim para o reumatismo”, gritou Katsimbalis. “Nem tão ruim assim”, retruquei. “Vai abrir o nosso apetite.”

Havia uma pequena multidão no cais quando chegamos. O guarda nos olhou com suspeita. O que nos trazia a Spetsai com esse tempo? Por que nós não viéramos pelo navio? O que é que nós queríamos? O fato de Katsimbalis ser grego e ter descido do navio por engano tornava as coisas ainda piores. E o que é que estava fazendo o americano biruta – não há turistas em Spetsai no inverno! Depois de mais alguns grupos, porém, ele foi embora. Fomos para um hotelzinho nas imediações e anotamos nossos nomes no registro de hóspedes. O proprietário, que era meio bobo mas muito simpático, olhou os nomes e perguntou para Katsimbalis: “Em que regimento o senhor esteve durante a guerra? O senhor não é o meu capitão” e deu seu nome e o nome do regimento. Depois de mudarmos as roupas, John, o proprietário, nos esperava dando a mão para um garotinho e segurando um bebê no colo. “Meus filhos, capitão”, disse com orgulho. Mr. John nos escoltou até uma taberna onde podíamos comer um excelente peixe-frito e beber alguma *retsina.* No caminho, nos contou em inglês da sua loja de frutas em Nova York, que ficava perto de uma das estações do metrô. Eu conhecia aquela estação muito bem, porque, uma vez, tinha vendido a um chofer de táxi, por dez cents, um casaco forrado de pele que ganhara de um hindu, às três horas da manhã, bem em frente à loja de Mr. John. Mr. John, que era, como eu já disse, um pouco bobo, achou difícil acreditar que um americano fosse maluco a ponto de fazer uma coisa destas. Enquanto papeávamos em inglês, um gorducho que estava na mesa ao lado prestando atenção à nossa conversa virou-se e me perguntou, com uma pronúncia impecável: “De que parte você é, gringo? Eu sou de

Buffalo". Juntou-se a nós, disse que se chamava Nick. "Como estão os Estados Unidos velhos de guerra?", perguntou, encomendando mais uma garrafa de *retsina*. "Nossa, o que eu não daria para estar lá de volta!" Olhei para as suas roupas, obviamente americanas, obviamente caras. "O que é que você fazia por lá?", perguntei. "Eu era cambista", respondeu. "Você está gostando da roupa? Tenho sete iguais em casa. E eu trouxe um bom estoque de tudo comigo. A gente não consegue nada decente aqui. Você vê que buraco que é. Nossa, como eu me divertia em Buffalo... Quando é que você volta?" Quando eu respondi que não tinha a mínima intenção de voltar, deu um sorriso estranho. "Engraçado. Você gosta daqui, eu de lá. Eu gostaria que a gente pudesse trocar de passaporte! Eu daria muito para ter um passaporte americano."

Quando me levantei na manhã seguinte, Katsimbalis já deixara o hotel, Mister John me disse que eu o encontraria na estrada, perto do colégio Anagyros. Engoli o café da manhã gordurento de Mister John e me pus a caminho. O colégio, assim como quase todas as coisas importantes de Spetsai, havia sido doado à comunidade pelo magnata dos cigarros. Fiquei na entrada admirando o edifício e, enquanto me virava para ir embora, avistei Katsimbalis que se aproximava com grandes floreios de bengala. Trazia consigo um amigo, que chamarei de Kyrios Ypsilon para ser discreto. Kyrios Ypsilon era, como vim a saber, um exilado político; havia sido transferido para Spetsai de alguma outra ilha, por causa da saúde. Gostei de Kyrios Ypsilon de saída, mal nos cumprimentamos. Falava francês com um certo sotaque alemão; não sabia nada de inglês. Era grego como a Acrópole, mas fora educado na Alemanha. O que mais gostei nele foi a sua natureza tranquila, sua objetividade, sua paixão pelas flores e pela metafísica. Ele nos levou até seu quarto numa grande casa deserta, a casa em que a famosa Bouboulina havia sido assassinada. Enquanto conversávamos, trouxe para fora uma banheira de zinco e começou a enchê-la de água quente para o banho. Numa prateleira perto da cama havia uma coleção de livros. Olhei os títulos, em seis ou sete línguas. Havia *A Divina Comédia*, *Fausto*, *Tom Jones*, vários volumes de Aristóteles, *A Serpente Emplumada*, *Os Diálogos de Platão*, dois ou três volumes de Shakespeare, e assim por diante. Uma dieta excelente para um isolamento prolongado. "Então o senhor entende um pouquinho de inglês?", observei. Ah, sim, ele havia estudado inglês na Alemanha, mas não sabia falar muito bem. "Eu gostaria de ler Walt Whitman

um dia", acrescentou. Estava sentado na banheira, esfregando-se e ensaboando-se vigorosamente. "É para manter o moral elevado", explicou, embora nenhum de nós tivesse feito qualquer observação a respeito do banho. "A gente deve manter os hábitos regulares, caso contrário não aguenta. Eu ando muito, para que possa dormir à noite. As noites são compridas, vocês sabem, quando a gente não está em liberdade."

"Ele é um grande sujeito", comentou Katsimbalis enquanto voltávamos para o hotel. "As mulheres são doidas por ele. Tem uma teoria interessante a respeito do amor... você deve pedir-lhe que a conte um dia."

Falando de amor, o nome de Bouboulina veio à tona. "Por que é que não se fala mais em Bouboulina?", perguntei. "Ela me parece uma outra Joana D'Arc."

"Humm", resmungou Katsimbalis, parando no meio do caminho. "O que é que você sabe a respeito de Joana D'Arc? Você sabe qualquer coisa a respeito da sua vida amorosa?" Ele ignorou minha resposta, para continuar falando a respeito de Bouboulina. A história que me contou era extraordinária, e não tenho dúvidas de que era verdadeira, em sua maior parte. "Por que é que você não escreve essa história?", perguntei. Ele respondeu que não era um escritor, que o seu papel era descobrir as pessoas e apresentá-las ao mundo. "Mas eu nunca encontrei alguém que soubesse contar uma história como você", insisti. "Por que é que você não tenta contar histórias em voz alta, deixando que alguém tome nota do que você está dizendo? Você não podia fazer isso, pelo menos?"

"Para contar uma boa história, você precisa ter um bom ouvinte. Eu não posso contar uma história para um autômato que anota em taquigrafia. Além disso, as melhores histórias são aquelas que você não quer preservar. Se você tiver uma segunda intenção, ela se estraga inteiramente. Deve ser um presente inesperado... você deve jogá-la aos cães... Eu não sou um escritor", acrescentou. "Eu sou um sujeito extemporâneo que gosta de ouvir a sua própria voz. Eu falo demais – é um vício. E qual seria a vantagem de ser um escritor, um escritor grego? Ninguém lê grego. Se um homem consegue ter mil leitores é um homem de sorte, por aqui. Os gregos educados não leem os seus próprios escritores, preferem ler livros alemães, ingleses, franceses. Um escritor não tem a mínima chance na Grécia."

"Mas o seu trabalho poderia ser traduzido em outras línguas", sugeri.

"Não há língua que possa transmitir o sabor e a beleza do grego

moderno", respondeu. "O francês é inflexível, cheio de lógica, muito preciso; o inglês é muito achatado, muito prosaico, uma língua de negócios... Vocês não sabem fazer verbos em inglês." Prosseguiu nesse tom, sacudindo a bengala com raiva. Começou a recitar um dos poemas de Seferiades em grego. "Você ouviu? O próprio som é bonito, não é? O que é que você pode me oferecer em inglês que tenha uma sonoridade comparável a esta?" E de repente começou a entonar um dos versículos da Bíblia. "Isso é um pouco melhor", observou. "Mas não se usa mais essa linguagem hoje em dia – é uma língua morta. A linguagem de hoje não tem culhões. Vocês estão todos castrados, tornaram-se homens de negócios, engenheiros, técnicos. Parece dinheiro de madeira caindo num ralo: falta o som do metal! *Nós temos uma língua...* ainda sabemos usá-la. E uma língua para poetas, não para balconistas. Ouça..." E começou um outro poema em grego. "É de Sekelianos. Aposto como você nunca ouviu este nome. Você também nunca ouviu falar de Yannopoulos também, não é? Yannopoulos era maior do que o seu Walt Whitman e todos os poetas americanos juntos. Era louco, claro, como todos os gregos de valor. Apaixonou-se pelo seu próprio país – esquisito, não é? E ele ficou tão embriagado com a língua grega, a filosofia grega, o céu grego, as montanhas gregas, o mar grego, as ilhas gregas, a vegetação grega, que se matou. Vou te contar como ele se matou de uma outra feita, é uma história comprida. Você tem escritores que se matam por estarem tão apaixonados? Há qualquer escritor francês, ou alemão, ou inglês, que se sinta assim a respeito do seu país, sua raça, seu chão? *Quem são eles?* Vou ler algumas coisas de Yannopoulos para você quando voltarmos para Atenas. Vou ler para você o que ele escreveu sobre as pedras – as pedras, só. Mais nada. Você nunca vai saber o que é uma pedra enquanto não ouvir o que Yannopoulos escreveu. Ele fala a respeito de pedras por páginas e páginas; inventa pedras. Deus do céu, quando não acha nada para descrever. As pessoas dizem que ele era louco. Ele não era louco – era doido. Há uma diferença. A sua voz era muito forte para o seu corpo: ela o consumia. Era como Ícaro – o sol derreteu as suas asas. Quis voar alto demais. Era uma águia. Esses coelhos que a gente chama de críticos não conseguem entender um homem como ele – Yannopoulos fugia de qualquer padrão. Louvava as coisas erradas, de acordo com eles. Não tinha *le sens de mesure,* como diriam os franceses. Taí – *mesure.* Que palavrinha mesquinha! Olham para o Partenon e acham as medidas tão harmoniosas! Besteira. As proporções

humanas dos gregos eram sobre-humanas. Não eram proporções francesas. Eram divinas, porque o verdadeiro grego é um deus, não um ente cauteloso, preciso e calculista, com a alma de um engenheiro...”

Nossa estadia em Spetsai foi prolongada porque o navio para Nauplia não apareceu. Comecei a temer que fôssemos ficar retidos na ilha até o fim de nossos dias. Entretanto, numa bela tarde, aí pelas quatro horas, o barco resolveu aportar. Era um *ferry-boat* inglês aposentado. Sentamos no convés observando o sol que se punha: era um daqueles ocasos bíblicos dos quais o homem está inteiramente ausente. A natureza simplesmente abre suas goelas ensanguentadas e insaciáveis e engole tudo o que está à vista. Lei, ordem, moralidade, justiça, sabedoria – qualquer abstração parece uma brincadeira cruel com um desajeitado mundo de idiotas. O pôr do sol no mar, para mim, é um espetáculo terrível: é brutal e desalmado. A terra pode ser cruel, mas o mar não tem coração. Não há lugar algum que sirva de refúgio; há apenas os elementos, e os elementos são traiçoeiros.

Deveríamos parar em Leonidion antes de aportar em Nauplia. Eu esperava que ainda houvesse luz suficiente para que eu pudesse ver alguma coisa, porque a família de Katsimbalis era originária deste canto medonho do Peloponeso. Infelizmente o sol estava se pondo rápido, logo atrás das montanhas ao pé das quais está Leonidion. Quando o barco aportou já era noite. Tudo o que eu pude distinguir na escuridão foi uma casinha iluminada por umas cinco ou seis lâmpadas elétricas. Uma névoa úmida descia das montanhas, acentuando o aspecto lúgubre do lugar. Forçando meus olhos a romperem a barreira, tive a impressão de perceber uma falha na cordilheira, que imaginei povoada de homens rudes e bárbaros em busca de alimento. Não teria ficado surpreso se ouvisse o tan-tan de um tambor tribal, ou um grito de guerra arrepiante. O cenário era incrivelmente sinistro – uma armadilha fatal. Podia imaginar sem dificuldade como devia ter sido há séculos atrás, quando o sol da manhã dissolvia a bruma febril, revelando os corpos nus dos assassinados, suas carnes bonitas mutiladas por machados, pelas azagaias e lanças. Por terrível que fosse essa imagem, não pude deixar de pensar como era mais limpa do que a visão de uma trincheira bombardeada, com seus pedaços de corpos humanos espalhados como ração de galinha. Não posso lembrar de maneira alguma como diabos chegamos ao Faubourg Montmartre, mas assim que o navio partiu e nos instalamos numa

mesa com dois inocentes copos de *ouzo,* Katsimbalis estava me conduzindo pela mão de café em café, ao longo daquele recanto que está gravado na minha memória com mais intensidade do que qualquer outra rua em Paris. Já me aconteceu pelo menos umas cinco ou seis vezes em cidades estranhas, ao me despedir de amigos, a lembrança dessa rua, que não é, sequer, das mais extraordinárias. Mas deve haver, sem dúvida, algo de sinistro e mau em relação à Rue du Faubourg Montmartre. A primeira vez que estive lá, fiquei apavorado. Havia alguma coisa no ar que fazia com que eu ficasse em guarda. Não é, de jeito nenhum, a pior rua de Paris; mas há algo maligno, ameaçador, que flutua por ali como um gás venenoso, corroendo mesmo a face mais inocente, até que ela se pareça com a fisionomia carcomida dos condenados e dos derrotados. É uma rua à qual se volta sempre e sempre. A gente passa a conhecê-la passo a passo, devagar, como uma trincheira que já foi tomada e retomada tantas vezes que a gente não sabe mais se é um pesadelo ou uma monomania.

Em algumas horas estaríamos em Nauplia, perto de lugares fantásticos como Argos, Tyrins, Micenas, Epidauro, e aqui estamos nós falando de tocas encardidas, transversais escuras, putas dilapidadas, anões, gigolôs e *clochards* de Faubourg Montmartre. Tento visualizar meu amigo Katsimbalis sentado num certo bistrô em frente a um teatro, à meia-noite. Da última vez que estive nesse bar, meu amigo Edgar estava tentando me vender Rudolf Steiner – sem muito sucesso, devo confessar, porque assim que começou a despertar o interesse das pessoas e a explicar a natureza exata da diferença entre uma vaca e um mineral, do ponto de vista do ocultismo, uma corista do teatro, que estava se divertindo por ali, resolveu se juntar ao grupo, desviando nossos pensamentos para coisas menos abstrusas. Estávamos sentados perto da porta, num cantinho que acabou sendo ocupado, também, por um anão que administrava uma rede de bordéis e que parecia tirar enorme prazer do uso do advérbio *malment.* A história que Katsimbalis estava desfiando era uma daquelas histórias que começam como um episódio insignificante e terminam como um romance inacabado – inacabado por falta de fôlego, ou espaço, ou porque, como ocorreu dessa vez, ele ficou cansado e decidiu tirar uma soneca. Essa história, que, à semelhança de todas as suas outras histórias, acho simplesmente impossível reproduzir, não tendo nem a paciência nem a finesse de um Thomas Mann, me perseguiu durante dias. Não que o assunto fosse incomum; é, que, com um bom pedaço de mar pela frente, ele se sentiu

livre o suficiente para fazer as digressões mais extraordinárias, para se deter com o maior cuidado e atenção nos detalhes mais insignificantes. Sempre achei que a arte de contar histórias está, principalmente, na capacidade de estimular de tal maneira a imaginação do ouvinte, que ele acabe mergulhando em suas próprias divagações bem antes do final. As melhores histórias que ouvi não tinham o menor sentido, os melhores livros, aqueles que jamais consigo lembrar o enredo, as melhores pessoas, aquelas com quem não se consegue nada, em tempo algum. Embora isso já tenha me acontecido volta e meia, nunca deixo de me admirar com o fato de que, mal cumprimento certas pessoas, já embarcamos numa viagem interminável, comparável em sensações e trajetória apenas aos sonhos mais profundos dos grandes sonhadores. Frequentemente, depois de uma dessas sessões tão estimulantes, eu voltava a algum pormenor trivial, na ânsia de recapturar o fio perdido – mas entre o ponto de ruptura e a terra firme sempre havia um vazio impenetrável, uma espécie de terra de ninguém que a mágica do artista deixara coberta de minas e arame farpado.

No caso de Katsimbalis, havia uma qualidade que, como escritor, considero essencial no que tange à arte de contar histórias – o desprezo mais completo pelo elemento *tempo.* Ele nunca começava pelo sistema profissional; começava dando voltas, tateando por uma abertura. A história geralmente começava quando ele havia chegado a um ponto morto, de onde, para se desvencilhar de uma vez por todas, dava um tremendo passo para trás – no sentido figurado, é claro! – e dizia, alisando o nariz: “Olha aqui, você já reparou...” ou “Escuta, já te ocorreu que...” Sem esperar resposta, os olhos ofuscados pela súbita luminosidade interior, mergulhava de costas no poço do qual brotavam todas as histórias e, agarrando-se com unhas e dentes à superfície escorregadia de sua narrativa, subia devagar até a superfície, bufando, arquejando, sacudindo-se como um cachorro para se livrar das últimas partículas de sargaços e de lodo. Às vezes, ao dar o mergulho inicial, batia no fundo com tanta força que ficava sem ar, sem fala: a gente podia olhar para a menina dos seus olhos e vê-lo lá, deitado e imóvel como uma estrela do mar, uma imensa massa de carne deitada de cara para cima, contando as estrelas, contando e dando-lhes nomes num estupor redondo e inquebrável, como se estivesse desenvolvendo as linhas colossais e imaginárias em que teceria a história que viria aos seus lábios assim que recobrasse o fôlego.

Como eu ia dizendo, a grande estrela-marinha estava dormindo a sono solto muito antes de chegarmos a Nauplia. Tinha se esticado numa espreguiçadeira, deixando-me circular pelo Parc Monceau, onde me deixaram num táxi. Eu estava fascinado. Subi para o convés e fiquei andando de um lado para outro, ronronando para mim mesmo, rindo alto aqui e ali, gesticulando, imitando seus gestos na antecipação do prazer de contar ao meu amigo Durrell ou a Seferiades os trechos mais suculentos da sua narrativa, na volta a Atenas. Voltei várias vezes para o bar, para olhá-lo, para olhar para a sua boca minúscula que, agora, estava entreaberta num suspiro prolongado e mudo, como a boca de um peixe que se afoga em ar. Uma vez, cheguei bem perto dele e me abaixando explorei a cavidade silenciosa com um olho fotográfico. Que coisa impressionante é a voz! Por que espécie de milagre o magma quente da terra se transforma naquilo que chamamos de fala? Se uma matéria abstrata como a palavra pode ser moldada do barro, o que é que nos impede de abandonarmos nossos corpos a nosso bel-prazer e ir morar em outros planetas, ou entre os planetas? O que é que nos impede de rearrumar toda a vida, atômica, molecular, corpórea, estelar, divina? Por que devemos nos deter em palavras, ou planetas, ou divindades? Quem ou o que é tão poderoso para anular este fermento que trazemos em nós como uma semente e que, depois que abarcamos em nossa mente todo o universo, continua sendo apenas uma semente – já que dizer universo é tão fácil quanto dizer semente, e nós ainda temos que dizer coisas maiores, coisas que estão além do dizer, coisas inconcebíveis e sem limites, coisas que nenhum truque de linguagem pode abarcar. Você aí, deitado, eu dizia com meus botões, cadê a tua voz? Em que recantos escuros você está perambulando com suas sensações glandulares? Quem é você, o que é você, agora, nesse silêncio? Você é peixe? É raiz? Você é você? Se eu arrebentasse a tua cabeça agora estaria tudo perdido – a música, os vapores narcóticos, os *glissandos*, os parênteses irregulares, as risadas priápicas, a lei do menor esforço, os exercícios de fala, as cortinas que você fecha sobre os crimes nus? Se eu te abatesse agora, com um machado, bem aqui na testa, será que sairia com o sangue uma única pista?

Dentro de instantes estaremos em Nauplia. Dentro de instantes ele vai acordar com um sobressalto, dizendo “Hmm, acho que cochilei”. Ele sempre acorda elétrico, como se tivesse sido pego em flagrante cometendo algum

crime. Envergonha-se de dormir. À meia-noite é que começa a sentir-se realmente desperto. À meia-noite desanda a percorrer locais estranhos, procurando alguém com quem conversar. As pessoas estão caindo de cansadas: ele as transforma em ouvintes atentos. Quando acaba, puxa a tomada e vai se embora com o seu aparato vocal bem-escondido e seguro no seu diafragma. Ele pode se sentar no escuro a uma mesa e se encher de pão e azeitonas, de ovos duros, de arenque, de queijos de um ou outro tipo, e enquanto se empanturra em sua própria companhia, fala-se, conta-se uma história, dá-se tapinhas no peito, lembra-se de lembrar-se disso da próxima vez, pode até mesmo cantar-se uma canção, no escuro ou, se estiver com vontade, levantar-se e dar alguns passos desajeitados, ou mijar nas calças, por que não? ele está sozinho, ele está alegre, ele está triste, ele é tudo o que existe, pelo menos para si mesmo, e quem mais existe? e assim por diante – você consegue vê-lo? Eu o vejo muito bem. Está quente agora em Atenas e ele teve uma noitada e tanto com seus amigos. O último a se despedir já está em casa, anotando tudo no seu diário, não tendo outra existência além dessa ligação auricular, este apêndice de vida no ventre da baleia. A baleia está reclinada contra um muro, debaixo de um parreiral perto do nicho onde Sócrates passou suas últimas horas. A baleia está novamente à cata de comida e bebida, tentando obtê-las de um homem com um chapéu de palha de 1905 que ele trouxe com cuidado da América junto com boa roupa de cama, cadeiras de balanço, escarradeiras e um fonógrafo. O fonógrafo está numa cadeira na estrada e já, já, uma voz enlatada vai começar a chiar uma música venenosa dos tempos da ocupação turca...

Dentro de instantes estaremos em Nauplia. A baleia agora está agitadíssima, e sua memória, que provavelmente foi refrescada pela curta soneca, está trabalhando com diabólica exatidão nas minúcias de um ponto que, antes, estava com muita preguiça para desenvolver. Os passageiros estão se preparando para desembarcar, e somos capturados e conduzidos até o convés como duas rolhas. Perto da saída, os primeiros a desembarcar são dois prisioneiros escoltados por guardas armados. Estão presos por algemas. Ocorre-me o pensamento de que ele, Katsimbalis, e eu estamos também ligados um ao outro, ele o contador e eu o ouvinte, e que iremos juntos ao fim do mundo, não como prisioneiros, mas como escravos.

Nauplia é melancólica e deserta à noite. É um lugar que perdeu muito do seu antigo prestígio, como Arles ou Avignon. Na verdade, parece-se muito

com uma cidade provinciana francesa, especialmente à noite. Há uma guarnição militar, uma fortaleza, um palácio, uma catedral – e alguns monumentos malucos. Há, também, uma mesquita que foi transformada em cinema. De dia, é burocracia, advogados e juízes por todo lado, com todo o desespero e a futilidade que seguem a esteira desses parasitas. A fortaleza e a prisão dominam a cidade. Guerreiro, carcereiro, padre – a eterna trindade que simboliza o nosso medo da vida. Eu não gosto de Nauplia. Não gosto de cidades provincianas. Não gosto de prisões, igrejas, fortalezas, palácios, bibliotecas, museus ou estátuas públicas em honra aos mortos.

O hotel parecia um hospício. No saguão havia gravuras de ruínas gregas famosas e de índios do Amazonas e do Orinoco. A sala de jantar estava forrada de cartas de turistas americanos, todas louvando os confortos do hotel na linguagem mais extravagante. As cartas mais cretinas eram assinadas por professores de nossas célebres universidades. Havia duas camas no quarto de Katsimbalis, e três no meu. Não havia calefação porque éramos os únicos hóspedes.

Acordamos cedo e alugamos um carro para nos levar a Epidauro. O dia começou em paz sublime. Era a minha primeira impressão real do Peloponeso. Não era exatamente uma impressão – antes, uma vista aberta sobre um mundo quieto e parado, como aquele que o homem vai herdar no dia em que deixar de se divertir com assassinatos e latrocínios. Eu me pergunto por que é que pintor algum jamais nos apresentou toda a magia desta paisagem. Será muito calma, muito idílica? A luz é etérea demais para ser capturada pelo pincel? Talvez seja ou esteja desencorajando os artistas mais entusiásticos, mas só posso dizer: não há traço de feiura por aqui, nem em linha, nem em cor, forma, característica ou sentimento. É a perfeição mais pura, como a música de Mozart. Na verdade, atrevo-me a dizer que há mais Mozart aqui do que em qualquer outra parte. A estrada para Epidauro é como o caminho da Criação. A gente para de procurar: fica em silêncio, paralisada pelo murmúrio de misteriosos princípios. Se fosse possível falar, seríamos melodiosos. Não há nada a se esconder, capturar ou preservar – apenas a derrubada dos muros que aprisionavam o espírito. A paisagem se instala nos campos abertos do coração: vai se acumulando, tomando espaço. Você não está mais passando por alguma coisa – a Natureza, digamos – mas participando de uma caminhada, a debandada das forças da ambição, malevolência, inveja, egoísmo, despeito, intolerância, orgulho, arrogância,

mesquinharia, duplicidade e assim por diante.

É a manhã do primeiro dia da grande paz, a paz do coração, que vem com a rendição. Nunca soube o significado da paz até chegar a Epidauro. Como todo mundo, eu usara a palavra toda a vida, sem me dar conta, por uma vez que fosse, de que é uma falsificação. Paz não é o oposto de guerra, da mesma forma que morte não é o oposto de vida. A pobreza da linguagem, isto é, a pobreza da imaginação do homem ou de sua vida interior criou uma ambivalência que é absolutamente falsa. Estou falando, é claro, da paz que ultrapassou a compreensão. Não há outra paz. A paz que a maioria de nós conhece é apenas o cessar de hostilidades, um acordo, um interregno, uma pausa – que é negativa. A paz do coração é positiva e invencível, não impõe condições, não requer proteção. É. Só. Se é vitória, é uma vitória muito especial, porque se baseia inteiramente na rendição, mais especificamente, na rendição voluntária. Não há mistério, para mim, em relação à natureza das curas que se efetuavam nesse grande centro terapêutico do mundo antigo. Aqui o próprio curandeiro se curava, primeiro e mais importante passo no desenvolvimento de uma arte que não é médica, mas religiosa. Segundo, o paciente se curava antes mesmo de receber qualquer tratamento. Os grandes médicos sempre falaram da Natureza como sendo a grande curandeira. Isso só é parcialmente verdadeiro. A Natureza, sozinha, não pode fazer nada. Ela só pode curar quando o homem reconhece o seu lugar no mundo, que não é na Natureza, como é com o animal, mas no reino humano, que é a ligação entre o animal e o divino.

Aos espécimes sub-humanos desta bendita era científica, o ritual e a adoração vinculados à arte de curar, como se praticava em Epidauro, parecem pura charlatanice. No nosso mundo, os cegos guiam os cegos e os doentes vão aos doentes para se curar. Nós estamos fazendo constantes progressos, mas são progressos que conduzem à mesa de operação, aos albergues, aos manicômios, às trincheiras. Não temos curandeiros – temos só açougueiros cujo conhecimento de anatomia lhes dá direito a um diploma que, por sua vez, lhes dá direito a amputar ou cortar fora as nossas doenças, para que possamos sobreviver como aleijões até a hora de ir para o matadouro. Anunciamos a cura disso e daquilo, mas *jamais* mencionamos as novas doenças que criamos *en route.* O culto médico funciona mais ou menos como o Ministério da Guerra – os triunfos anunciados são camuflagem para esconder a morte e o desastre. Os médicos, como as autoridades militares,

estão indefesos; lutam uma guerra perdida desde o começo. O homem só precisa de paz para viver. Derrotar nosso vizinho traz tanta paz quanto a cura do câncer traz saúde. O homem não começa a viver por triunfar sobre seu inimigo, como não adquire saúde através de incontáveis curas. A alegria de viver vem através da paz, que não é estática, mas dinâmica. Nenhum homem pode dizer que sabe o que é a alegria antes de ter experimentado a paz. E sem alegria não há vida, mesmo que você tenha uma dúzia de carros, seis mordomos, um castelo, uma capela privada e um abrigo antiaéreo. Nossas doenças são nossas ligações, sejam elas hábitos, ideologias, ideais, princípios, posses, fobias, medos, cultos, religiões – o que vocês quiserem. Um bom salário pode ser uma doença igual a um mau salário; o lazer pode ser uma doença tão grave quanto o trabalho. Ao que quer que a gente se apegue, mesmo esperança ou fé, pode ser a doença que vai nos liquidar. A rendição tem que ser absoluta: se você se agarrar à mínima migalha, estará nutrindo o germe que vai te devorar. Quanto a agarrar-se a Deus, ele nos abandonou há tempos, exatamente para que descobríssemos a alegria de alcançar o Bem através dos nossos próprios esforços. Todo esse barulho que se faz por aí, toda essa súplica insistente pela paz, que vai crescer à medida que a dor e a miséria crescerem, não levará a nada. Onde encontrar a paz? Será que as pessoas imaginam que a paz é algo que pode ser estocado, como milho ou trigo? É algo que pode ser seguro e devorado, como uma carcaça entre lobos famintos? Ouço as pessoas falarem de paz, e seus semblantes estão carregados de raiva, ou ódio, ou desprezo, ou orgulho e arrogância. Há pessoas que querem lutar para obter a paz – são as mais enganadas de todas. Não haverá paz enquanto o assassinato não for erradicado do coração e da mente. O assassinato é o cume da pirâmide cuja larga base é o ser. O que está de pé acabará por ruir. Tudo aquilo pelo que o homem lutou terá que ser posto de lado antes que possa começar a viver como homem. Até agora, não passou de uma besta sanguinária, e mesmo suas divindades não prestam. É o mestre de muitos mundos, e no seu próprio mundo é um escravo. O que comanda o mundo é o coração, não o cérebro. Em todos os campos, nossas conquistas trazem apenas morte. Voltamos as costas ao único campo onde reina a liberdade. Em Epidauro, na quietude, na grande paz que se abateu sobre mim, ouvi bater o coração do mundo. Sei qual é a cura: é desistir, renunciar, se render, para que os nossos pequenos corações batam em uníssono com o grande coração do mundo.

Acho que as grandes hordas que faziam o longo percurso até Epidauro, dos quatro cantos da terra, já estavam curadas muito antes de chegar. Sentado no anfiteatro estranhamente silencioso, pensei na longa e tortuosa via que, afinal, me trouxe a este centro de cura e paz. Andara durante trinta anos como se estivesse num labirinto: ninguém poderia ter escolhido caminho mais cheio de circunlóquios que o meu. Experimentei todas as alegrias, todos os desesperos, mas nunca conheci o significado da paz. Destruí todos os meus inimigos, um por um, mas sequer reconheci o maior de todos: eu mesmo. Ao entrar na concha, agora banhada numa luz marmórea, cheguei àquele ponto, no centro do centro, em que o menor suspiro eleva-se como pássaro feliz e some na encosta dos montes, como a luz de um dia claro desaparece perto do negror aveludado da noite. Balboa, de pé no pico de Darien, não pode ter sentido perplexidade maior que a minha. Não havia nada mais a conquistar: um oceano de paz estendia-se à minha frente. Ser livre, como, naquele momento, eu senti que era, é chegar à conclusão de que toda conquista é vã, mesmo a conquista do próprio ser, que é o último ato de egoísmo. Ser feliz é levar o ego ao ápice e entregá-lo triunfalmente. Conhecer a paz é mais: é o momento seguinte, quando a rendição é completa, quando não há sequer a própria consciência dessa rendição. A paz está no centro e, quando é alcançada, a voz se eleva em louvor e benção. Então a voz vai longe e fundo, aos limites extremos do universo. Então ela cura, porque traz luz e o calor da compaixão.

Epidauro é só um símbolo: o lugar verdadeiro é o coração, o coração de cada homem, se ele souber parar para procurá-lo. Toda descoberta é misteriosa, porque revela o que é tão inesperadamente imediato, o que se conhece tão bem, tão intimamente e há tanto tempo. O homem sábio não precisa se afastar; é o idiota que procura um pote de ouro na ponta do arco-íris. Mas os dois estão destinados a se encontrar e unir. Eles se encontram no coração do mundo, que é o começo e fim de seus caminhos. Eles se encontram na realização e se unem na transcendência de seus papéis.

O mundo é simultaneamente jovem e velho: como o indivíduo, ele se renova na morte e envelhece em sucessivos nascimentos. A cada estágio há a possibilidade de realização. A paz pode estar em qualquer ponto da linha. É um moto-contínuo que não pode ser demarcado: a linha requer a plena totalidade do ser, da vontade e da imaginação. O que faz essa linha é um exercício metafísico, e sobre isso pode-se especular uma eternidade. Mas

mesmo um idiota pode traçar uma linha e, ao fazer isso, ele é o semelhante do professor para quem a natureza de uma linha é um mistério além de qualquer compreensão.

O domínio das grandes coisas vem com a prática de insignificâncias; para uma alma tímida, qualquer viagenzinha é tão formidável quanto uma imensa viagem para a alma grande. As viagens se fazem para dentro e, desnecessário dizer, as mais perigosas se fazem sem sair do lugar. Mas o sentimento do viajar pode esmorecer e sumir por completo. Há aventureiros que avançam até as partes mais remotas da terra, arrastando a um objetivo infrutífero um cadáver animado. A terra está cheia de espíritos aventureiros que a povoam de morte: são eles que, à cata de conquistas, enchem o espaço de discórdia. O que dá à vida seu aspecto fantasmagórico é esse terrível jogo de sombras entre vampiros e fantasmas. O pânico e a confusão que se apoderam da alma do viajante são a reverberação do pandemônio criado pelas almas perdidas e danadas.

Enquanto eu descansava nos degraus do anfiteatro, ocorreu-me a ideia de mandar uma palavrinha de saudação aos meus amigos. Pensei especialmente nos meus amigos psicanalistas. Escrevi três cartões, um para a França, um para a Inglaterra e um para a América. Com toda a delicadeza, aconselhei esses pangarés alquebrados que imaginam estar curando as pessoas a darem um pulinho até Epidauro para curarem-se a si mesmos. Todos os três precisavam desesperadamente disso – eram salvadores sem a menor capacidade de salvarem a si próprios. Um deles se suicidou antes de receber meu cartão; outro morreu de tristeza pouco tempo depois de lhe ter escrito; o terceiro mandou uma resposta curta, em que dizia me invejar e desejar ter a coragem suficiente para abandonar seu trabalho.

Os analistas estão participando de uma luta inglória, em toda parte. Para cada indivíduo que conseguem devolver à corrente da vida, *adaptado,* como costumam dizer, há uma dúzia de incapacitados. Uma simples batalha é capaz de desfazer o trabalho de séculos. A cirurgia vai, evidentemente, fazer novos progressos, embora seja difícil dizer qual é a vantagem destes progressos. Todo o nosso modo de vida deve ser modificado. Nós não precisamos de melhores aparelhos cirúrgicos, nós precisamos de uma vida melhor. Se todos os cirurgiões, todos os analistas, todos os médicos pudessem ser arrancados de suas atividades e reunidos por um tempo no anfiteatro de Epidauro, se pudessem discutir em paz e com calma as necessidades imediatas da

humanidade, a resposta seria rápida e unânime: REVOLUÇÃO. Uma revolução de âmbito mundial, de cabo a rabo, em cada país, em todas as classes, em todos os recantos da consciência. A luta não é contra a doença – a doença é um subproduto. O inimigo do homem não são seus germes, mas o próprio homem, com seu orgulho, sua arrogância, seus preconceitos, sua estupidez. Nenhuma classe está imune, nenhum sistema tem uma panaceia. Cada um deve se rebelar, individualmente, contra um estilo de vida que não é seu. Para ser eficaz, essa revolta deve ser contínua, sem trégua. Não basta derrubar governos, patrões, tiranos: deve-se derrubar as próprias ideias a respeito do certo e do errado, do bem e do mal, da justiça e da injustiça. Temos de abandonar as trincheiras que cavamos e nas quais nos escondemos e sair ao ar livre, braços erguidos na rendição de nossas posses, nossos direitos como indivíduos, classes, nações, povos. Um bilhão de homens buscando a paz não pode ser escravizado. Nós nos escravizamos a nós mesmos, através do nosso modo de viver mesquinho e fechado. Oferecer a vida por uma causa pode ser muito glorioso, mas os mortos não fazem mais nada. A vida exige que a gente ofereça mais – espírito, alma, inteligência, boa vontade. A Natureza está sempre pronta a emendar as falhas causadas pela morte, mas não tem poderes para fornecer a inteligência, a vontade e a imaginação para conquistar as falhas da morte. A Natureza conserta e restaura, só isso. É tarefa do homem acabar com o instinto homicida, que é infinito em suas manifestações e ramificações. Não adianta clamar por Deus, e é inútil enfrentar a força com a força. Cada batalha é um casamento realizado em sangue e angústia, cada guerra é uma derrota do espírito humano. A guerra é apenas uma grande manifestação em estilo dramático dos conflitos ocos que ocorrem todos os dias, em todos os lugares, nos chamados tempos de paz. Cada homem contribui para manter a carnificina, mesmo aqueles que parecem estar distantes dela. Estamos todos envolvidos, todos participamos, quer a gente queira, quer não. A terra é nossa criação e temos de aceitar os nossos frutos. Enquanto nos recusarmos a pensar em proporções mundiais, no bem do mundo e em sua paz e ordem, continuaremos a nos matar e trair uns aos outros. Se quisermos, pode ser assim até o dia do juízo final. Nada poderá trazer uma nova ordem e um mundo melhor, além da nossa própria vontade. O homem mata por medo – e o medo tem tantas cabeças quanto a hidra: quantas mais cortarmos, tantas mais nascerão. Uma eternidade não basta para eliminar os demônios que nos torturam. *Quem pôs os demônios aqui?* Cada

um deve encontrar a sua própria resposta a essa pergunta. Que cada homem procure no próprio coração. Nem Deus nem o Diabo são responsáveis, e certamente não são responsáveis monstros de araque como Hitler, Mussolini, Stálin e outros que tais. Também não são responsáveis bobagens como o Catolicismo, o Capitalismo ou o Comunismo. Quem pôs os demônios em nossos corações para que nos torturassem? Uma boa pergunta, e se a única forma de descobrir é ir a Epidauro, então sugiro a todos que deixem seus afazeres de lado, imediatamente, e vão até lá.

Na Grécia a gente fica convencido de que o normal é o gênio, e não a mediocridade. Nenhum país produziu, proporcionalmente, tantos gênios quanto a Grécia. Em apenas um século, essa pequena nação deu ao mundo quase quinhentos gênios. Sua arte, que tem cinquenta séculos, é eterna e incomparável. A paisagem continua sendo a mais satisfatória, a mais maravilhosa que nossa terra tem a oferecer. Os habitantes deste pequeno mundo viveram em harmonia com o meio ambiente, povoando-o de deuses que eram reais e com quem viviam em íntima comunhão. O cosmos grego é a maior demonstração de unidade entre pensamento e ação. Até hoje é assim, muito embora seus elementos se tenham dispersado com o tempo. A imagem da Grécia, por desbotada que esteja, permanece como um protótipo do milagre alcançado pelo espírito humano. Um povo inteiro ergue-se a altitudes nunca (e jamais) alcançadas, como provam as relíquias de seus efeitos. Foi um milagre. Ainda é. A missão do gênio – e o homem não é nada se não for gênio – é manter vivo o milagre, viver sempre no milagre e torná-lo a cada dia mais milagroso, não jurar fidelidade a nada – apenas viver milagrosamente, pensar milagrosamente e morrer milagrosamente. Se a semente do milagre for preservada e nutrida, pouco importa o que foi destruído. Em Epidauro, são constantes a confrontação e o mergulho nos intangíveis resíduos da onda milagrosa do espírito humano. Ela o inunda como a água de uma onda poderosa que se quebrou numa praia distante. Hoje nossa atenção está voltada para a inexauribilidade física do universo; temos que concentrar nosso pensamento nisso, já que, em tempo algum, o homem depredou e saqueou como agora. Temos, assim, a tendência de esquecer que há uma exauribilidade também no campo do espírito e que, nesse terreno, nenhum ganho jamais se perdeu. Quando se está em Epidauro, tem-se a certeza disso. O mundo pode estar estalando de malícia e despeito lá fora, mas aqui, indiferente às proporções dos furacões nascidos de nossas paixões,

encontra-se um recanto de paz e de calma, a herança pura e destilada de um passado que ainda não foi inteiramente perdido.

Se Epidauro fala de paz, Micenas, que é, à primeira vista, igualmente calma e tranquila, inspira sentimentos inteiramente diferentes. Em Tyrins, no dia anterior, fui apresentado ao mundo ciclópico. Entramos nas ruínas da outrora impugnável cidadela através de uma abertura uterina feita, se não por super-homens, certamente por gigantes. As paredes do útero eram macias como alabastro: haviam sido polidas por grossas capas de lã, já que era para cá que, durante os longos períodos da noite dessa região, os pastores traziam seus rebanhos. Tyrins tem um jeito pré-histórico. Resta pouco deste acampamento outrora formidável, além de umas poucas e colossais muralhas. Não sei por que, mas elas me parecem até anteriores, pelo menos em espírito, às cavernas de Dordonha. A gente sente que o terreno sofreu alterações profundas. Tyrins foi fundada, supostamente, por viajantes de Creta, no período minoano; o que leva a crer que as transformações não ocorreram só fisicamente, mas também em espírito. Tyrins não se parece mais com Knossos, por exemplo, do que Nova York com Roma, ou Paris. Ela é a imagem de uma decadência, da mesma forma que a América apresenta as características mais degeneradas da cultura europeia. A Creta do período minoano representava uma cultura baseada na paz; Tyrins cheira a barbárie, a crueldade, a suspeita e isolamento. É como um cenário de H.G. Wells para um drama pré-histórico, para uma guerra de mil anos entre gigantes de um olho só e dinossauros de patas enormes.

Micenas, que se segue a Tyrins na escala do tempo, é inteiramente diferente. A sua tranquilidade de hoje lembra a exaustão de um monstro cruel e inteligente que foi sangrado à morte. Micenas – e aqui dou, mais uma vez, as minhas impressões pessoais – parece ter vivido um vasto ciclo de desenvolvimento e degeneração. Parece estar à margem do tempo, em qualquer sentido histórico. De alguma maneira misteriosa, a mesma raça egeia que levou as sementes da cultura de Creta a Tyrins, aqui evoluiu a uma grandeza olímpica, gerou uma rápida sucessão de heróis, titãs e semideuses e, então, como se estivesse exausta e tonta pela floração sem precedentes, caiu num conflito interno, sombrio e sangrento, que durou séculos, terminando há tanto tempo que hoje parece mitológico à sua população. Não há dúvidas de que, em certa época, os deuses pisaram a terra em Micenas. E em Micenas a prole desses deuses produziu um tipo de homem artístico até o âmago e, ao

mesmo tempo, monstruoso em suas paixões. A arquitetura era ciclópica, seus ornamentos de uma delicadeza e graça inigualadas em qualquer período da arte. O ouro era abundante e usado de forma irrestrita. Tudo é contraditório nesse lugar. É um dos centros do espírito humano, local de profunda ligação com o passado e, ao mesmo tempo, de completa ruptura. Tem uma atmosfera indescritível: é lúgubre, adorável, sedutora e repelente. O que aconteceu aqui está além de qualquer conjectura. Os historiadores e os arqueólogos teceram juntos uma teia tênue e insuficiente para encobrir o mistério. Juntam pedaços fragmentados da maneira habitual, para satisfazer às suas necessidades lógicas. Ninguém jamais desvendou os segredos dessa terra misteriosa. Ela desafia os lamentáveis caminhos do intelecto. Temos que esperar pela volta dos deuses, pela restauração de faculdades adormecidas.

Era um domingo, quando Katsimbalis e eu deixamos Nauplia para ir a Micenas. Ainda não eram oito horas quando chegamos à estaçãozinha que tem este nome legendário. Ao passar por Argos senti, visceralmente, a magia deste mundo. Coisas há muito esquecidas voltaram com assustadora clareza. Eu não tinha ideia se estava me lembrando de coisas que lera quando criança ou se havia alcançado a memória universal da raça. O fato de que esses lugares existiam ainda, que ainda tinham seus antigos nomes, parecia simplesmente inacreditável. Era como uma ressurreição, e o dia que escolhêramos para a viagem se parecia mais com a Páscoa do que com o dia de Ação de Graças. Da estação às ruínas era uma caminhada de alguns quilômetros. Como em Epidauro, havia uma magnífica tranquilidade no ar. Andamos devagar na direção dos montes que se elevam da planície resplandecente de Argívia. Alguns pássaros voejavam no azul. De repente, encontramos um garotinho chorando de dar dó. Ele estava parado no campo ao lado da estrada, e seu choro não tinha nada absolutamente a ver com o calmo mundo que o cercava; era como se tivesse sido colocado lá por algum duende de um outro mundo. Por que um garotinho estaria chorando àquela hora, num dia como aquele? Katsimbalis se aproximou e perguntou-lhe por que chorava. Ele estava chorando porque a irmã roubara o seu dinheiro. Quanto dinheiro? Três dracmas. Dinheiro, dinheiro... Mesmo aqui havia esse tipo de preocupação. A palavra dinheiro jamais me parecera tão ofensiva. Como é que alguém podia pensar nisso nesse mundo de terror, beleza e magia? Se ele tivesse perdido um burrico ou um papagaio eu teria conseguido

entender. Mas três dracmas... Eu simplesmente não conseguia imaginar o significado de três dracmas. Não podia acreditar que ele estava chorando. Devia ser uma alucinação. Que ficasse ali, chorando, o duende viria para levá-lo de volta. Não era desse mundo; era uma anomalia.

Depois de passar pela pequena estalagem dirigida por Agamenon e por sua mulher, que fica em frente a um campo de verde exuberante, você se dá conta, imediatamente, de que a terra está impregnada de corpos e relíquias de figuras lendárias. Mesmo antes de Katsimbalis abrir a boca eu já sabia disso, sabia que estavam todos deitados ao nosso redor – a terra havia me dito. A chegada a esse recanto de horror é fantasticamente convidativa. Há colinas verdejantes, morrinhos e túmulos por toda a parte, e debaixo deles, não muito fundo, jazem os guerreiros, os heróis, os fabulosos inventores que, sem qualquer maquinária, ergueram as fortificações mais formidáveis. O sono dos mortos é tão profundo que a terra, e todos os que a pisam, sonham. Até os grandes pássaros que voavam no céu pareciam drogados e hipnotizados. À medida que vamos subindo as encostas, o sangue se torna mais grosso, o coração vai parando, a mente para obsessivamente na terrível imagem de uma série de assassinatos em cadeia. Há dois mundos distintos superpostos – o heroico mundo da luz do sol e o sombrio mundo da adaga e do veneno. Micenas, como Epidauro, nada na luz. Mas Epidauro é toda aberta, exposta, irremediavelmente voltada para o espírito. Micenas se fecha em si mesma; arrastando a sua glória para baixo, para os intestinos da terra, onde os morcegos e lagartixas se alimentam e se lambuzam com ela. Epidauro é uma taça da qual se bebe o espírito mais puro; nela repousam o azul do céu e as estrelas e as criaturas aladas, canções perdidas e melodia. Micenas, depois de feita a última curva, dobra-se em tocaia ameaçadora, sinistra, desafiadora e impenetrável. Micenas se contorce, se fecha, se agita em ondulações musculares, como um lutador. Mesmo a luz, que se abate sobre ela com dura claridade, acaba consumida e acinzentada. Nunca houve dois mundos tão antagônicos e, apesar disso, tão intimamente superpostos. É uma espécie de Meridiano de Greenwich da alma: mexa-se um milímetro para um lado ou para outro, e você estará num mundo inteiramente diferente. Este é o reluzente bojo de horror, o precipício em que o homem, tendo atingido seu zênite, escorregou e caiu na escuridão sem-fim.

Ainda era manhãzinha quando passamos pela Garganta do Leão. Nem sinal de guardião. Nenhuma alma à vista. O sol sobe sem clemência, e tudo

está claramente exposto à vista. E, entretanto, prosseguimos com cautela e timidez, temendo não sabemos o quê. Aqui e ali há covas abertas, de aspecto agourento e macio. Andamos entre os imensos blocos de pedra que compõem uma muralha circular. Meu conhecimento literário é nulo. Posso olhar para essa massa de pedra bruta com os olhos de um selvagem. Fico admirado com as diminutas proporções dos aposentos do palácio, das moradias acima. Que muralhas colossais para proteger um mero punhado de pessoas! Será que cada habitante era um gigante? Que maligna escuridão se abateu sobre suas cabeças em seus dias terríveis para fazê-los penetrar o chão, esconder seus tesouros da luz, matar incestuosamente em meio às vísceras da terra? Nós, do Novo Mundo, com milhões de acres desperdiçados e milhões de seres famintos, sujos, sem abrigo, nós que cavamos a terra, que trabalhamos, comemos, dormimos, amamos, andamos, cavalgamos, brigamos, compramos, vendemos e assassinamos nossos semelhantes às escondidas estamos indo pelo mesmo caminho? Eu sou de Nova York, a maior e mais vazia das cidades; estou em Micenas, tentando entender o que aconteceu aqui durante séculos. Sinto-me como uma barata arrastando-se em meio a esplendores desmantelados. É difícil acreditar que em algum lugar do passado, entre os galhos e folhas da grande árvore genealógica da vida, meus antecessores conheceram este lugar, fizeram-se as mesmas perguntas, caíram no vazio, foram engolidos e não deixaram traço algum de seu pensamento, exceto essas ruínas, as poucas relíquias espalhadas pelos museus, uma espada, um machado, um elmo, uma máscara mortuária em ouro, uma catacumba, um leão heráldico esculpido em pedra, um cálice estranho. Estou num dos extremos da cidadela fortificada e, ao sol da manhã, sinto a presença do hálito gelado das montanhas cinzentas que se elevam acima de nós. Lá embaixo, da planície de Argívia, sobe uma bruma esbranquiçada. Poderia ser Pueblo, no Colorado, tão alienado está este lugar de qualquer tempo e espaço. Lá embaixo, naquela planície onde um automóvel se arrasta como uma lagarta, não terão existido uma vez vagões e diligências? Alguém pode me garantir que jamais houve índios por aqui? Qualquer coisa ligada a Argos, brilhando agora na distância como nas ilustrações românticas dos livros escolares, cheira ao índio americano. Devo estar maluco para ter essa ideia, mas pelo menos sou suficientemente honesto para admiti-la. Argos resplandece, é um ponto de luz que atira flechas douradas no azul. Argos pertence ao mito e às fábulas: seus heróis jamais se corporificam. Mas Micenas, como Tyrins, está

povoada pelos fantasmas de homens antediluvianos, monstros ciclópicos salvos pelas ondas das praias submersas da Atlântida. Micenas foi pesada, lerda, pensamento emoldurado em dinossauro, guerra cultivada em antropofágica luxúria, assombrosa e assombrada. Micenas completou o ciclo, de limbo a limbo. Os monstros devoraram-se uns aos outros, como crocodilos. O homem-hipopótamo liquidou o homem-rinoceronte. As muralhas desabaram sobre suas costas, os achataram, liquefazendo-os e transformando-os, mais uma vez, na gosma primeval. Uma lua fugaz. Há raios e relâmpagos, o trovão ruge entre as encostas orgulhosas das montanhas. As águias voam, a planície é purificada, a grama brota. (Isso é um rapaz do Brooklyn falando. Nenhuma palavra é verdadeira, a menos que os deuses provem o contrário.) As águias, os falcões, os abutres, acinzentados pela cobiça como as montanhas ressecadas e estéreis. O ar está repleto de aves de carniça. Silêncio – século após século de silêncio, durante os quais a terra se cobre com um manto verdejante. Uma raça misteriosa, vinda do nada, aparece no país de Argolis; misteriosa apenas porque seus homens esqueceram as feições dos deuses. Os deuses estão voltando paramentados, na forma dos homens, usando os cavalos, os escudos e lanças, lapidando pedras preciosas, derretendo metais, trazendo imagens novas e vívidas de amor e guerra na lâmina das espadas cintilantes. Os deuses avançam pelos caminhos ensolarados, cheios de corpo, destemidos, o olhar assustadoramente cândido e aberto. Um mundo de luz nasceu. O homem olha para o homem com novos olhos. Está maravilhado, deslumbrado com sua própria imagem refletida por toda a parte. E assim prossegue, século após século, o tempo devorado como pastilha de hortelã, um poema – um poema heráldico, como diria Durrell. Enquanto a magia trabalha nos homens menores, os iniciados, os druidas do Peloponeso, preparam os túmulos dos deuses, tratam de escondê-los nas colinas e vertentes. Os deuses vão partir um dia, tão misteriosamente como vieram, deixando para trás a casca humana que engana os descrentes, os pobres de espírito, as almas acovardadas que transformaram o mundo numa fornalha e numa fábrica.

Katsimbalis e eu acabamos de subir a escada escorregadia. Não chegamos a descer, apenas demos uma olhada lá embaixo com fósforos acesos. O teto maciço verga-se ao peso do tempo. Respirar mais fundo é correr o risco de fazer desabar o mundo sobre nossas cabeças. Katsimbalis achava que deveríamos nos arrastar de quatro, ou de barriga, se fosse o caso.

Ele já esteve em muitos lugares difíceis, antes: no *front* dos Balcãs, encontrou o caminho em meio à lama e ao sangue, dançou como louco de medo e de alívio, matou tudo à vista, inclusive seus próprios homens, voou pelos ares agarrado ao tronco de uma árvore, teve uma concussão cerebral, as costas estilhaçadas, os braços pendurados em farrapos, o rosto enegrecido pela pólvora, os ossos e juntas amassados e deslocados. Está me contando tudo isso novamente, enquanto estamos a meio caminho entre o céu e a terra, o teto ainda mais vergado, os fósforos se acabando. “A gente não vai perder isso”, implora. Mas eu me recuso a descer neste escorregadio poço de horrores. Eu não desceria nem que houvesse um tesouro a resgatar. Quero ver o céu, os grandes pássaros, a grama curta, as ondas de luz ofuscantes, a névoa que se eleva sobre a planície.

Do outro lado da montanha deparamo-nos com um panorama de estonteante claridade. Um pastor move-se ao longe com seu rebanho. Parece maior do que é, suas ovelhas estão cobertas de cachos dourados. Movimenta-se devagar na amplidão do tempo esquecido. Move-se entre os corpos imóveis dos mortos, seus dedos agarrados à grama. Para conversar com eles, para alisar suas barbas. Movia-se assim nos tempos homéricos, quando a lenda estava sendo fiada em lã da cor do cobre. Acrescentou uma mentirinha aqui e outra ali, apontou na direção errada, alterou o seu itinerário. Para o pastor, o poeta se satisfaz com muito pouco. O poeta diria: “Havia... Fizeram...”. Mas o pastor diz que ele viveu, ele era, ele fez... O poeta está sempre com um atraso de mil anos – e é cego, cego. O pastor é eterno, um espírito vinculado à terra, um renunciador. Nesses montes haverá para todo o sempre um pastor com seu rebanho; ele vai sobreviver a tudo, inclusive à tradição do que foi.

Agora estamos cruzando a pequena ponte que fica acima da rocha fendida que marca o túmulo de Clitemnestra. A terra está flamejante, a alma nua, como se fosse uma bússola invisível da qual só vemos a agulha, tremeluzindo sempre que capta um raio de sol. Estamos nos aproximando da tumba de Agamenon, além da rocha, em que hoje há apenas um pedacinho de terra. A nudez desse esconderijo divino é magnífica. Para antes que o coração se afogue em tanta luz! Para colher umas flores. Cacos de louça por toda a parte, e o esterco das ovelhas. O relógio parou. A terra ondula por uma fração de segundo, esperando para retomar o seu eterno pulsar.

Ainda não atravessei o portal. Estou do lado de fora, entre os blocos

ciclópicos que guardam a entrada do monumento. Ainda sou o homem que poderia ter sido, assumindo todas as benesses da civilização atiradas sobre mim com indulgência. Estou juntando toda essa massa de civilização em potencial num pequeno e sólido nó de conhecimento. Estou distendido ao máximo, como o grande balão de vidro derretido pendurado na ponta do canudo soprado pelo vidraceiro. Me dê qualquer forma fantástica, use toda sua arte, acabe com todo o ar de seus pulmões – mesmo assim, serei apenas uma coisa fabricada, na melhor das hipóteses uma bela alma cultivada. Sei disso, e me desprezo. Estou parado do lado de fora bem soprado, a mais bela, a mais cultivada, a mais maravilhosa alma fabricada na terra. Vou colocar o pé na soleira – *agora.* Entro. E não ouço nada. Não estou lá sequer para me ouvir a mim mesmo, estilhaçando-me num milhão de caquinhos partidos. Só Agamenon está lá. O corpo se desmembrou quando retiraram a máscara de seu rosto. Mas ele está lá, e enche a catacumba: ele se espalha na amplidão, inunda o vale, ergue o céu mais um pouco. O pastor anda e conversa com ele, dia e noite. Os pastores são malucos. Eu também sou. Estou cheio da civilização e de suas almitas cultivadas. Desisti de tudo assim que entrei na tumba. De agora em diante eu sou nômade, um ninguém espiritual. Peguem seu mundo fabricado e guardem-no nos museus; eu não o quero, eu não tenho uso para ele. Eu não acredito que nenhum ser civilizado saiba, ou jamais tenha sabido, do que se passou nesse recinto sagrado. Um homem civilizado não pode, definitivamente, saber ou entender – ele está do outro lado daquela montanha cujo pico foi escalado muito antes que ele, ou seus progenitores, viessem à luz. Eles a chamam de o túmulo de Agamenon. Bem, é provável que alguém chamado Agamenon tenha sido aí enterrado. E daí? Será que eu tenho que parar aqui, boquiaberto, feito um idiota? Não. Eu me recuso a parar perante este fato tão palpável. E fujo, não como poeta, não como fabulista, mitologista, mas como espírito puro. Digo que o mundo inteiro, voando para todos os lados a partir deste ponto, um dia esteve vivo como homem algum jamais sonhou. Digo que havia deuses que caminhavam por toda parte, homens como nós em forma e substância, mas livres, inteiramente livres. Quando eles se foram dessa terra, levaram o único segredo que não poderemos lhes roubar, até o dia em que nós mesmos nos tenhamos liberto. Nós saberemos um dia o que é ter vida eterna, no dia em que pararmos de matar. Aqui neste local, hoje dedicado à memória de Agamenon, algum crime terrível e oculto destruiu as esperanças do homem. Dois mundos descansam

superpostos, o anterior e o posterior ao crime. O crime contém a charada, profunda como a salvação. Pás e enxadas não vão desenterrar nada de maior importância. Os cavadores estão cegos, tateando seu caminho em direção a algo que jamais enxergarão. Tudo o que se revela desmorona ao menor toque. As palavras desmoronam também, da mesma forma. Nós podemos cavar a vida inteira, como toupeiras, mas o medo estará sempre conosco, nos agarrando, nos violentando por trás.

Mal consigo acreditar, agora, que o que estou relatando foi o encantador trabalho de uma breve manhã. Ao meio-dia, já estávamos indo estrada abaixo em direção à pequena estalagem. No caminho, encontramos o guardião que, embora atrasado, insistiu em me encher a cabeça de fatos e de datas totalmente sem sentido. Falou primeiro em grego, e depois de descobrir que eu era americano, em inglês. Quando acabou de recitar a sua decoreba, começou a falar de Coney Island. Havia trabalhado no cais. Pelo interesse que eu estava demonstrando, ele poderia muito bem ter dito que havia sido uma mosca grudada no teto de um castelo abandonado. Por que é que ele voltara? A verdade é que não voltara. Ainda estava trabalhando no cais: ninguém jamais voltou da viagem transatlântica em direção ao Leste. Ele voltou para se encarnar num papagaio, para papaguear para outros papagaios que pagam para ouvir. É nessa papagueação que nos dizem que os gregos antigos acreditavam em deuses, a palavra *deuses* destituída de qualquer sentido, mas usada da mesma forma, como dinheiro falsificado. Homens que não acreditam em nada escrevem volumes eruditos sobre deuses que nunca existiram. É parte da lenga-lenga cultural. Se você fizer seu trabalho direitinho, acaba, quem sabe?, conseguindo uma cadeira na Academia, onde, aos poucos, você degenera e se transforma num chimpanzé de fardão.

Aqui estão Agamenon e sua esposa. Nós gostaríamos de alguma coisa *à la carte,* ou preferiríamos um banquete completo, um serviço de reis, por assim dizer? Cadê a carta de vinhos? Um bom vinho gelado, enquanto esperamos, viria a calhar. Katsimbalis lambe os beiços: está com fome. Vamos descansar no jardim, e Agamenon nos traz uma edição de luxo de um livro escrito por um arqueólogo inglês. Pelo visto este é o *hors d'oeuvre* para os turistas de língua inglesa. O livro fede a conhecimento: fala de camadas superiores e camadas inferiores, de armaduras, ossos de frango e relíquias mortuárias. Assim que Agamenon se vira, eu o deixo de lado. Ele é um

sujeito carinhoso, esse Agamenon, e é quase um diplomata, pela força do hábito. Sua mulher parece ser boa cozinheira. Katsimbalis está dormindo embaixo de uma árvore frondosa. Alguns chucrutes alemães, disfarçados de gente, estão sentados a uma mesa, sob outra árvore. Têm uma aparência terrivelmente culta e repulsiva; estão mais estufados do que girinos.

Olho imóvel para o campo de verde exuberante. É um campo Lawrence Durrell, heráldico em todos os sentidos da palavra. Olhando parado para este campo percebi, de repente, o que Durrell estava tentando me dizer nos longos poemas que chamava de cartas. Eu costumava pensar, quando algum desses poemas batia na Vila Seurat em algum dia de verão parisiense, que Durrell havia cheirado pó antes de começar a escrever. Uma vez, uma página escrita como prosa caiu do envelope, chamava-se *Zero* e era dedicada a mim por este mesmo Lawrence Durrell que dizia que morava em Corfu. Quase cheguei a compreender o pleno significado de *Zero*, embora ainda esteja para ser inventado o termômetro que poderá registrá-lo. Mas foi ao contemplar o campo em frente à estalagem de Agamenon que compreendi *Zero* em todo o seu sentido heráldico. Nunca houve campo tão verdejantemente verde como esse. Quando você vislumbra alguma coisa clara e real você está em *Zero*. *Zero* é o significado grego de visão pura. Significa o que Lawrence Durrell quer dizer quando escreve iônico. Significa, e agora eu posso dizer com maior precisão, porque o que estou tentando descrever está acontecendo bem em frente aos meus olhos... Dois homens e uma mulher estão de pé em meio ao campo. Um homem está com um metro na mão: vai medir o pedaço de terra que ganhou de presente de casamento. Sua noiva está lá para conferir e se certificar de que nenhum milímetro foi mal medido. Estão todos de quatro. Estão discutindo a respeito de um cantinho na ponta esquerda. Talvez um galhinho tenha desviado a trena numa fração de milímetro. Nunca se pode ser cuidadoso demais! Nunca olhe os dentes de um cavalo dado! Eles estão medindo uma coisa que, para mim, sempre havia sido uma palavra – *terra*. Os heróis mortos, as taças de ouro, os escudos, as joias, as adagas – nada têm a ver com o presente assunto. O que importa aqui é terra, apenas terra. Eu rolo a palavra na boca – terra, terra, terra. Claro, terra, é isso. Eu já tinha me esquecido de que significa uma coisa tão simples e eterna. A gente é doutrinado e se perde e contorce gritando slogans como “Terra de Liberdade”, etecétera. Terra é algo em que se plantam sementes, constroem-se casas, criam-se ovelhas e vacas. Terra é terra, que palavra simples e

gloriosa! Sim, Durrell, zero é o que você faz: você pega um bocado de terra úmida entre os dedos e, quando a espreme, obtém dois homens e uma mulher num campo de verde exuberante medindo terra. O vinho chegou. Eu ergo o copo. *Saúde, Larry, meu velho, mantenha o marcadouro zero para sempre!* Dentro de mais algumas páginas, vamos revisitar Micenas juntos e Nancy vai nos guiar pelas escadarias cheias de morcegos, poço sem fundo abaixo.

[1]*C'est mon ami. This is my friend*: as duas frases significam: *Este é meu amigo*. A palavra *friend*, entretanto, tem uma conotação mais íntima, mais calorosa do que *mon ami*. *Home* quer dizer, basicamente, lar, mas pode ser também Pátria, a cidade em que se vive, o canto de cada um. (N.A.)

SEGUNDA PARTE

Nossa grande viagem ao Peloponeso foi interrompida em Micenas. Katsimbalis recebeu um chamado urgente para voltar a Atenas, devido à descoberta de um terreno de que seus advogados não tinham conhecimento. Ao invés de alegrá-lo, a notícia o deixou deprimido: mais propriedades significava mais impostos, mais dívidas – e mais dor de cabeça. Eu poderia ter continuado minhas explorações sozinho, mas preferi voltar com ele para digerir o que eu tinha visto e sentido. Tomamos o ônibus em Micenas, uma viagem de cinco ou seis horas, se bem me lembro, pelo preço absurdo de dois coquetéis no Ritz.

Entre minha chegada e minha partida para Creta, ocorreram três ou quatro episodiozinhos que merecem ser mencionados. O primeiro foi *Juarez*, o filme americano que ficou em cartaz por várias semanas num dos maiores cinemas. Apesar do fato de a Grécia estar sob uma ditadura, o filme, que sofreu uns poucos cortes depois das primeiras exibições, era passado dia e noite para uma casa cada vez mais cheia. A atmosfera estava tensa, o aplauso nitidamente republicano. O filme tinha um alto significado para os gregos, por inúmeras razões. A gente tinha a impressão de que o espírito de Venizelos ainda estava vivo. No eloquente e magnífico discurso feito por Juarez aos delegados das potências estrangeiras, sentia-se que a trágica luta do México, dominado por Maximiliano, tinha curiosas e palpitantes analogias com a deliciosa situação atual da Grécia. O único amigo real que a Grécia tem neste momento, o único relativamente desinteressado, é a América. Falarei mais a respeito disso quando chegar a Creta, a terra natal de Venizelos e de El Greco. Mas presenciar a exibição de um filme em que todas as formas de ditadura são denunciadas de forma tão dramática, presenciá-la em meio a uma plateia cujas mãos só não estão atadas para aplaudir é um acontecimento

comovente. Foi um desses raros momentos em que senti que, num mundo que está quase que inteiramente manietado e amordaçado, ser americano é quase um privilégio.

O segundo episódio foi uma visita ao observatório astronômico de Atenas, arranjada para Durrell e para mim por Theodore Stephanides, que, como astrônomo amador, fez descobertas astronômicas reconhecidamente relevantes. Os funcionários nos acolheram com muita cordialidade, graças à generosa ajuda que têm recebido de colegas americanos especializados no seu ramo. Eu nunca havia olhado pelo telescópio de um observatório de verdade, e imagino que Durrell também não. A experiência foi sensacional, embora estivesse, provavelmente, abaixo das expectativas dos nossos anfitriões. Nossas observações, juvenis e estáticas, pareceram desconcertá-los. Nós, evidentemente, não manifestamos as reações ortodoxas perante as maravilhas que nos estavam sendo reveladas. Nunca me esquecerei do seu ar de completo espanto quando Durrell, que estava olhando para as Plêiades, exclamou subitamente: *"Rosaciano!"*. O que é que ele queria dizer com isso?, perguntaram. Eu subi as escadas e olhei por mim mesmo. Duvido que possa descrever o impacto daquela primeira visão de um mundo salpicado de estrelas. A imagem que guardarei, para sempre, é a de Chartres, uma rosácea fulgurante partida por uma granada. Multiplicado por dois ou três – uma beleza espantosa e indestrutível, uma visão de violação cósmica, de ruína global suspensa no céu como uma profecia fatal, da perenidade da beleza apesar de destruída e conspurcada. "Acima tão baixo", diz a frase famosa de Hermes Trimegisto. Ver as Plêiades através de um telescópio poderoso é sentir a sublime e fantástica verdade dessas palavras. Em seus voos mais altos, especialmente os musicais e arquitetônicos, pois eles são um só, o homem dá a impressão de alcançar a ordem, a majestade e o esplendor dos céus; em seus ataques de destruição, o mal e a desolação que espalha parecem incomparáveis, até que a gente veja as grandes convulsões estelares produzidas pelas aberrações mentais do Mago Desconhecido. Nossos anfitriões pareciam impermeáveis a essas reflexões; falavam com segurança de pesos, distâncias, substâncias etc. Estavam afastados das atividades normais de seus semelhantes de uma forma diferente da nossa. Para eles a beleza era incidental, para nós era tudo. Para eles, o mundo físico matemático apalpado, calibrado, pesado e transmitido pelos seus instrumentos era a

própria realidade, as estrelas e planetas, simples provas de sua lógica excelente e infalível. Para Durrell e para mim, a realidade estava inteira além do alcance de seus instrumentos – que eram, em si mesmos, apenas o reflexo desajeitado de suas imaginações limitadas, presas para sempre na hipotética prisão da lógica. Seus cálculos e números astronômicos, que deveriam nos impressionar e maravilhar, só nos faziam sorrir com complacência ou dar risadas descorteses. Falando só por mim, números e dados jamais me impressionaram. Um ano-luz não me causa maior impressão do que um segundo, ou uma fração de segundo. Este é um jogo para os pobres de espírito, que podem ir para frente e para trás *ad nauseam*, sem jamais chegar a lugar nenhum. Da mesma forma, não fico mais convencido da realidade de uma estrela quando a vejo pelo telescópio. Pode ser mais brilhante, mais maravilhosa, pode ser mil ou um milhão de vezes maior do que vista a olho nu, mas não é nem um tiquinho mais palpável. Dizer que uma coisa é *assim* só porque a vemos ampliada, para mim, não passa de bobagem. Me dá na mesma vê-la no telescópio ou apenas imaginá-la. E finalmente, mesmo quando possui o mesmo brilho e as mesmas dimensões ante os olhos do astrônomo e os meus, definitivamente não significa a mesma coisa para nós dois – a própria observação de Durrell é uma prova disso.

Mas vamos em frente – a Saturno. Saturno e a nossa lua, quando vistos por um telescópio por um leigo, impressionam de uma maneira que os cientistas devem achar deplorável. Não há dado ou número a respeito de Saturno que possa explicar a sensação inquietadora que a contemplação deste planeta produz na mente do observador. Saturno é um símbolo vivo de desastre e fatalidade. Seu brilho leitoso e azulado traz, inevitavelmente, associações com entranhas, massa cinzenta morta, órgãos vulneráveis escondidos da vista, doenças detestáveis, tubos de ensaio, espécimes de laboratório, catarro, ectoplasma, sombras melancólicas, fenômenos mórbidos, guerra bacteriológica, esterilidade, anemia, indecisão, derrotismo, constipação, toxinas, romances pálidos, hérnia, meningite, leis, burocracia, condições de vida operárias, ACMs, retiros espirituais cristãos, *seances* espíritas, poetas como T. S. Eliot, puritanos como Alexander Dowie, curandeiros como Mary Baker Eddy, homens públicos como Chamberlain, fatalidades triviais como escorregar numa casca de banana e ter fratura de crânio, sonhar com dias melhores e acabar imprensado entre dois caminhões, afogar-se na própria banheira, matar o melhor amigo por acaso, morrer de

soluço em vez de morrer no campo de batalha, e assim por diante, *ad infinitum.* Saturno é maléfico pela força da inércia. Seu anel, que segundo os sábios tem a largura de uma folha de papel, é a aliança que significa morte ou desgraça destituídas de qualquer significado. O que quer que signifique para os astrônomos, Saturno é, para o homem da rua, o sinal da fatalidade imponderável. Ele o carrega no coração, porque a sua vida inteira, sem sentido como é, está envolta por este símbolo – e ele sabe que se tudo o mais falhar, com isso ele pode contar para sumir do mapa. Saturno é a vida em suspenso, menos morte do que imorredouro, isto é, incapaz de morrer. Saturno é como um rolo de papel de parede ao contrário, borrado com aquela gosma catarrenta que os coladores de papel de parede acham tão indispensável ao seu ofício. Saturno é uma vasta aglomeração dessas baganas sinistras que a gente recolhe de manhã, depois de ter passado a noite fumando maços e maços de cigarros. Saturno é o adiamento se manifestando como realização, e dúvida, perplexidade, ceticismo, estatística de estatísticas, sem mistério ou magia, entende? Saturno é o suor diabólico do conhecimento por si mesmo, a névoa congelada da busca incessante que leva o monomaníaco atrás do que está bem sob o seu nariz. Saturno é deliciosamente melancólico porque não conhece nem reconhece nada além da melancolia; nada em sua própria gordura. Saturno é o símbolo de todas as profecias e superstições, a prova falsa da entropia divina, falsa porque, se fosse verdade que o universo está se desfazendo, Saturno teria derretido há tempos. Saturno é eterno como o medo e a indecisão, tornando-se mais leitoso e sombrio a cada capitulação. Almas tímidas choram por causa de Saturno como as crianças choram por causa de óleo de fígado de bacalhau. Saturno nos dá apenas o que pedimos, nem uma grama mais. Saturno é a esperança branca da raça humana, que paira incessantemente das maravilhas da natureza e gasta seu tempo matando a maior maravilha de todas – O HOMEM. Saturno é o impostor cósmico passando pelo grande arquiteto do destino. Que os céus cantem a sua glória – este globo linfático de dúvida e tédio jamais deixará de lançar seus raios esbranquiçados de melancolia sem vida.

Este é o retrato emotivo de um planeta cuja influência pouco ortodoxa ainda pesa na consciência quase extinta do homem. É o espetáculo mais desolador do universo. Corresponde a cada imagem sinistra gerada no coração do homem; é o repositório único de toda a derrota e todo o desespero a que a raça humana sucumbiu, desde tempos imemoriais. Só se tornará

invisível no dia em que o homem o tiver apagado da sua consciência.

O terceiro acontecimento foi bem diferente – uma sessão de jazz nos severos aposentos de solteiro de Seferiades na Rua Kydathenaion, uma das ruas a que eu, instintivamente, me senti atraído nas minhas primeiras andanças por Atenas. Seferiades, que é, por natureza, uma mistura de touro e pantera, tem, astrologicamente falando, fortes características de Virgem. Quer dizer, ele tem uma grande paixão pelas coleções, como Goethe, que foi um dos melhores tipos virginianos que o mundo já conheceu. O primeiro choque que tive ao entrar em sua casa, nessa ocasião, foi encontrar a mais graciosa e adorável de suas irmãs, Jeanne. Ela me deu imediatamente a impressão de ser descendente de reis, talvez egípcios – enfim, algo bem oriental. Enquanto eu a estava admirando, estaticamente, fui surpreendido pela voz arredondada de Cab Caloway. Seferiades olhou-me com aquele morno sorriso asiático que se espalha em seu rosto como ambrosia e néctar. "Você conhece essa música?", perguntou, sorrindo com prazer. "Tenho outras coisas, se você quiser ouvir", e apontou para uma pilha de discos imensa. "Que tal Louis Armstrong: você gostaria?", continuou. "Tenho aqui um disco de Fats Waller. Espera, você já ouviu Count Basie – ou Peewee Russell?" Ele conhecia todos os músicos; como descobri em seguida, era assinante do *Le Jazz Hot.* Logo estávamos falando do Café Boudon, em Montmartre, onde os grandes músicos negros das boates aparecem antes e depois do trabalho. Queria saber do negro americano, da vida nos bastidores. Qual era a influência dos negros na vida americana, o que é que os americanos achavam da literatura negra? Era verdade que havia aristocracia negra, uma aristocracia cultural superior aos grupos culturais brancos? Um homem como Duke Ellington podia se hospedar no Savoy-Plaza sem constrangimento? E Caldwell e Faulkner – a imagem que eles traçavam do Sul real? E assim por diante. Como eu já disse, Seferiades é um perguntador incansável. Nenhum detalhe é tão insignificante que não mereça a sua atenção. Sua curiosidade é insaciável, a sua cultura, vasta e variada. Depois de me entreter com uma seleção do que havia de mais atual em jazz, quis saber se eu gostaria de ouvir alguma música exótica: tinha uma boa coleção. Ao procurar por determinado disco, me bombardeava com perguntas sobre algum poeta inglês obscuro, ou sobre as circunstâncias misteriosas do desaparecimento de Ambrose Bierce, ou sobre o que eu sabia a respeito dos manuscritos de Greenberg utilizados por Hart Crane. Ou, tendo

achado o disco que procurava, mudava subitamente para alguma anedota da sua vida na Albânia, que, de uma forma curiosa e indireta, estava associada a um poema de T. S. Eliot ou St. John Perse. Falo dessas divagações porque elas eram um saudável antídoto às conversas obsessivas e monocórdias dos literatos ingleses de Atenas. Uma noitada com esses caras me deixava num estado de espírito suicida. Um grego está vivo até as pontas dos dedos; transpira vitalidade, é efervescente, múltiplo. O inglês é lânguido, foi feito sob medida para a poltrona, a lareira, o boteco mal-iluminado, as palestras didáticas. Durrell costumava ter uma alegria perversa em observar a minha inquietação entre seus compatriotas: eles eram todos caricaturas animadas do seu *Livro Negro,* uma crônica devastadora da morte inglesa. Na presença de um inglês, Katsimbalis secava, virtualmente. Na verdade, ninguém chegava a detestá-los – eram apenas insuportáveis.

Mais tarde, naquela mesma noite, tive o privilégio de conhecer algumas gregas, amigas da irmã de Seferiades. Novamente fiquei impressionado pela ausência daqueles defeitos berrantes que fazem com que a mais linda das inglesas ou das americanas pareça decididamente feia. A mulher grega, mesmo quando é culta, é antes, e em primeiro lugar, uma mulher. Ela tem um cheiro especial; ela nos aquece e excita. Devido à absorção dos gregos da Ásia Menor, a nova geração de mulheres atenienses ganhou em vigor e beleza. A garota grega comum, que a gente encontra na rua, é nitidamente superior à sua correspondente americana. Antes de mais nada, ela tem caráter e raça, uma combinação que garante uma beleza imortal e que distingue os descendentes dos grandes povos antigos dos bastardos do Novo Mundo. Como posso esquecer a menina que encontramos um dia no caminho da Acrópole? Devia ter no máximo catorze anos; seu cabelo era de um castanho avermelhado, suas feições nobres, graves e austeras como as das carátides do Erecteion. Estava brincando com alguns colegas numa clareira, em frente a uns barracões que haviam escapado à destruição geral. Qualquer um que tenha lido *Morte em Veneza* sabe do que estou falando e vai compreender a minha sinceridade quando digo que nenhuma mulher, nem mesmo a mais linda das mulheres que já vi, foi, ou é, capaz de despertar em mim o sentimento de adoração que essa menina despertou. Se o Destino a pusesse no meu caminho novamente, não sei que loucuras não seria capaz de cometer. Ela era criança, virgem, anjo, sedutora, sacerdotisa, cortesã e profetisa, tudo ao mesmo tempo. Ela não era uma grega do passado ou do

presente, ela não era de tempo, raça ou classe determinados, mas única, fabulosamente única. No longo e vagaroso sorriso que nos deu, quando paramos para olhá-la, havia aquela qualidade que Da Vinci imortalizou, que a gente encontra em toda a arte budista, que a gente encontra nas grutas da Índia e nas fachadas dos templos, que a gente encontra nas dançarinas de Java e de Bali e nas raças primitivas, especialmente na África; e que parece ser a expressão culminante das conquistas espirituais da raça humana, mas que está inteiramente desaparecida na mulher ocidental. Deixe-me acrescentar uma coisa estranha – a semelhança mais próxima que encontrei dessa característica enigmática foi no sorriso de uma camponesa em Corfu, uma mulher que tinha seis dedos nos pés, era decididamente feia e considerada por todos como uma espécie de monstro. Ela costumava ir ao poço, como é hábito entre as camponesas, para encher a moringa, lavar roupa e fofocar. O poço ficava no sopé de uma encosta contornada por trilhas de cabras. Havia oliveiras por toda a parte e, entre elas, os leitos de rios que brotavam nas montanhas e que, no verão, estavam totalmente secos. Este poço me fascinava: era um local reservado para as fêmeas, para a virgem forte e rechonchuda, capaz de carregar a sua moringa amarrada às costas com graça e leveza, para a megera desdentada cujas costas encurvadas ainda suportavam um imenso feixe de lenha para a viúva com seu rebanho vacilante de crianças, para as criadinhas de riso fácil, para as esposas que se encarregavam do trabalho de seus maridos preguiçosos, para toda a espécie feminina, em suma, exceto para as grandes damas e para as inglesas ociosas da vizinhança. Quando vi pela primeira vez as mulheres cambaleando morro acima, como as mulheres de antigamente, na Bíblia, senti uma pontada de desgosto. A própria maneira de atar as moringas às costas me dava uma sensação humilhante, ainda mais porque os homens que poderiam estar se desincumbindo dessa humilde tarefa estavam, com toda a certeza, sentados no bem bom de uma taberna ou deitados à sombra de uma oliveira. Meu primeiro pensamento foi aliviar a empregadinha de nossa casa de uma de suas muitas tarefas; eu queria sentir uma daquelas moringas nas costas, descobrir com as dores dos meus próprios músculos o que significavam as repetidas viagens ao poço. Quando contei meu desejo a Durrell, ele atirou as mãos para o alto em desespero. Isso não se faz, exclamou, rindo da minha ignorância. Eu disse a ele que pouco me importava se se fazia ou não e que ele não ia me privar de uma sensação que eu nunca experimentara. Ele me

pediu que desistisse da ideia, para o meu bem – disse que perderia o seu *status* local, que os gregos iam rir de nós. Insistiu tanto que acabei fazendo a sua vontade e abandonei a ideia. Mas em minhas andanças pelos montes sempre parava no poço para matar a sede. Foi num desses dias que vi o monstro de seis dedos. Ela estava descalça, enfiada na lama até as canelas, lavando uma pilha de roupa. Não posso negar que era feia, mas há vários tipos de feiura, e a dela era do tipo que, ao invés de repelir, atrai. Para começo de conversa, ela era forte, vigorosa, um animal aquinhoado com uma alma humana e com indiscutíveis forças sexuais. Quando se abaixou para torcer umas calças, a vitalidade de suas coxas transparecia através da saia rendada e amassada que se grudava às suas carnes. Os olhos brilhavam como carvões, como os olhos de uma beduína. Os lábios eram muito vermelhos, e os dentes fortes e bem-dispostos, brancos como giz. Os cabelos negros e grossos despencavam lustrosos pelos ombros, como se estivessem embebidos em azeite de oliva. Renoir a teria achado bonita; não teria reparado nem nos seis dedos nem nas feições rudes. Teria seguido as carnes jovens, os globos arredondados dos seios, o andar ondulante, a força dos braços, das pernas, do torso; teria ficado maravilhado pela boca generosa, pelo olhar brilhante, pelos contornos maciços da cabeça e as ondas negras e brilhantes que desciam pelo pescoço. Ele teria captado a sensualidade animal, o ardor e o fogo, a tenacidade da tigresa, o imenso apetite da mulher muito sensual que ninguém quer porque tem um dedo a mais.

De qualquer forma, Renoir à parte, havia qualquer coisa no sorriso dessa mulher que trouxe à tona a lembrança da menina da Acrópole. Eu disse que era a semelhança mais próxima que encontrei; mas isso, por paradoxal que possa parecer, significa que era exatamente seu oposto. O monstro poderia, perfeitamente, ter dado à luz aquela figura de estonteante beleza. Poderia, porque, em seu esfomeado sonho de amor, seu abraço cobrira um espaço maior do que o da imaginação da mulher mais sedenta de amor. Todos os seus poderes de sedução haviam sido conduzidos ao ataúde do sexo onde, na escuridão de suas virilhas, paixão e desejo queimavam numa fumaça densa. Abrindo mão de qualquer esperança de conquistar um homem, sua sensualidade se voltara para os objetos proibidos do desejo – os animais do campo, as coisas inanimadas, os objetos de veneração, as divindades mitológicas. Seu sorriso tinha algo da intoxicação da terra ressequida depois de um súbito e violento temporal; era o sorriso do ser insaciável para quem

mil beijos tórridos são apenas o estímulo para novos ataques. De um modo estranho e inexplicável, ela ficou na minha lembrança como símbolo daquela fome irrestrita de amor que senti, em menor grau, em todas as mulheres gregas. É quase que o símbolo da própria Grécia, em sua vontade de beleza, paixão e amor.

Durante vinte anos sonhei em conhecer Knossos. Nunca me dei conta de como seria fácil chegar lá. Na Grécia, basta você dizer a alguém que gostaria de ir a algum lugar e pronto! Em alguns minutos há um carro à porta esperando para levá-lo até lá. Dessa vez, por acaso, foi um avião. Seferiades decidira que eu deveria viajar com toda a pompa. Era um gesto poético e eu o aceitei como tal.

Eu nunca havia viajado de avião antes, e provavelmente jamais viajarei de novo. Sinto-me muito imbecil sentado no céu de braços cruzados; o homem ao meu lado estava lendo um jornal, aparentemente indiferente às nuvens que passavam por nós. Estávamos provavelmente a uns quinhentos quilômetros por hora, mas como não passávamos por nada além de nuvens, eu tinha a impressão de que não estávamos andando. Enfim, era terrivelmente chato e sem sentido algum. Lamentei não ter feito minha reserva a bordo do excelente navio Acrópolis, que deveria chegar a Creta em breve. O homem foi feito para andar na terra e singrar os mares; a conquista dos ares foi reservada para um estágio posterior de sua evolução, quando tiver desenvolvido asas de verdade e assumido a forma do anjo que é em essência. Aparelhos mecânicos não têm nada a ver com a natureza real do homem – são apenas armadilhas que a morte lhe preparou.

Descemos na cidade portuária de Herakleion, uma das principais cidades de Creta. A rua principal parece o cenário de um *western* de terceira categoria. Achei rapidamente um quarto num dos dois hotéis e saí para procurar um restaurante. Um guarda, a quem pedi informações, tomou-me gentilmente pelo braço e me conduziu até um lugarzinho modesto perto de uma fonte. A comida era horrível, mas eu agora estava perto de Knossos e muito excitado para me deixar abater por causa disso. Depois do almoço, atravessei a rua e, num barzinho, tomei um café turco. Dois alemães que haviam viajado no mesmo avião discutiam os pormenores da palestra que fariam logo mais a respeito de Wagner; ignoravam solenemente que haviam aportado com seu veneno musical na terra de Venizelos. Fui dar uma voltinha

pela cidade. Algumas portas mais além, numa mesquita transformada em cinema, anunciava-se o próximo filme do Gordo e o Magro. As crianças que se aglomeravam em torno dos cartazes gostavam tanto desses palhaços quanto as crianças de Dubuque ou Kenosha. Acho que o cinema se chamava O *Minoano.* Pensei se haveria algum cinema em Knossos também, quem sabe anunciando o próximo filme dos irmãos Marx.

Herakleion é uma cidadezinha esmolambada, que traz todos os vestígios da ocupação turca. As ruas mais importantes estão repletas de lojas abertas em que todos os artigos são feitos à mão, como nos tempos medievais. Os cretenses vêm do campo em belos costumes pretos complementados por altas botas de couro vermelho ou branco. Junto aos hindus e aos bérberes, são os homens mais bonitos, nobres e dignos que já vi. São muito mais impressionantes que as mulheres – constituem uma raça à parte.

Fui até o extremo da cidade, que, como tudo o mais nos Balcãs, acaba abruptamente, como se o monarca que presidiu a construção houvesse subitamente enlouquecido, deixando o grande portão preso por uma dobradiça só. Aqui os ônibus recolhem os indivíduos alquebrados, que esperam que a poeira da planície os sepulte no esquecimento. Voltei e me embrenhei pelas ruelas retorcidas e estreitas que compõem os bairros residenciais e que, apesar de inteiramente gregas, têm a atmosfera de algum posto avançado inglês nas Índias Ocidentais. Eu sempre havia tentado imaginar como seria a minha chegada a Creta. Na minha ignorância, supunha que a ilha mal era habitada, que a única água disponível vinha do continente; achei que se enxergaria uma costa deserta, povoada por algumas ruínas brilhantes que seriam Knossos. Além de Knossos estaria um deserto semelhante às vastas extensões da Austrália, onde o dodo, desprezado pelas outras espécies plumosas, esconde a cabeça sozinho na areia e assobia pelo outro lado. Lembrei de um amigo, um escritor francês, que pegou disenteria aqui e foi transportado em lombo de burro até um barquinho que, por sua vez, o transportou, milagrosamente, até um navio – que o conduziu delirante ao continente. Andei sem rumo certo, parando aqui e ali para ouvir os sons de algum disco rodando numa vitrola posta em cima de uma cadeira, no meio da rua. Os açougueiros estavam vestidos em aventais sujos de sangue; ficam parados junto a blocos de madeira primitivos, em pequenas cabines que, ainda hoje, podem ser vistas em Pompeia. A intervalos regulares, as ruazinhas se abrem em praças emolduradas por construções insanas

dedicadas à lei, à administração, à igreja, educação, doença e insanidade; a arquitetura é daquele realismo espantoso que caracteriza o trabalho de primitivos populares como Bombois, Peyronnet, Kane, Sullivan, Vivin. Ao sol abrasador, um detalhe como um portão de ferro batido ou um bastião desguarnecido se destaca com uma exatidão arrepiante, daquelas que a gente vê na pintura dos gênios ou dos loucos. Cada centímetro de Herakleion é retratável: é uma cidade confusa, que parece saída de um pesadelo, inteiramente anômala, inteiramente heterogênea, um lugar de sonho suspenso entre a Europa e a África, cheirando a couro não curtido, sementes de cominho, alcatrão e frutas meio tropicais. Foi brutalizada pelos turcos e infestada pelos vapores cor-de-rosa das páginas finais dos romances de Dickens. Não tem relação alguma com Knossos ou Phaestos; é minoana na medida em que as criações de Walt Disney são americanas; é um carbúnculo na face do tempo, uma ferida que a gente esfrega como um cavalo adormecido nas quatro patas.

Eu tinha em meu bolso uma carta de recomendação para a principal personagem literária de Creta, um amigo de Katsimbalis. No final da tarde, eu o encontrei no bar em que os alemães estavam acertando as suas maquinações wagnerianas. Vou chamá-lo de Mr. Tsoutsou, já que, infelizmente, me esqueci do seu nome. Mr. Tsoutsou falava francês, inglês, alemão, espanhol, italiano, russo, português, turco, árabe, grego antigo e moderno. Era compositor, poeta, estudioso e amante da boa comida e bebida. Começou por me perguntar de James Joyce, T. S. Eliot, Walt Whitman, André Gide, Breton, Rimbaud, Lautréamont, Lewis Carroll, Monk Lewis, Heinrich Georg e Rainer Maria Rilke. Quando digo “me perguntou”, quero dizer como alguém pergunta a respeito de um parente ou de um conhecido. Falava deles como se estivessem todos vivos, coisa que, graças a Deus, estão. Cocei a cabeça. Ele começou a falar de Aragon – eu já lera *La Paysan de Paris?* Eu me lembrava da *Passage Jouffroy,* em Paris? E o que eu achava de St. Jean Perse? Ou de *Nadja,* de Breton? Eu já havia estado em Knossos? Eu deveria ficar pelo menos uma semana – ele me conduziria de uma ponta a outra da ilha. Era um sujeito muito caloroso, e quando percebeu que eu gostava de comer e de beber deu um largo sorriso de aprovação. Lamentou sinceramente não ter a noite livre, mas esperava encontrar-me no dia seguinte; queria me apresentar ao pequeno círculo de literatos de Herakleion. Estava muito excitado pelo fato de eu vir da América e pediu-me que lhe

falasse de Nova York, coisa que achei praticamente impossível de fazer, já que há muito deixei de me identificar com aquela cidade abominável.

Voltei ao hotel para uma cochilada. Havia três camas no quarto, todas elas muito confortáveis. Li cuidadosamente o aviso que recomendava aos hóspedes que evitassem cair na tentação de dar gorjetas aos empregados. O quarto custava cerca de dezessete centavos por noite, e me vi, sem querer, envolvido na inútil especulação a respeito da quantidade de dracmas que teria que dar de gorjeta se não estivesse proibido de dar gorjetas. Havia apenas uns três ou quatro clientes no hotel. Caminhando pelo corredor à procura do banheiro, encontrei a arrumadeira, um tipo angelical de solteirona, com cabelos de palha e olhos de um azul aguado que me lembrou a sueca que tomava conta da Maison Balzac em Passy. Ela estava me trazendo um copo d'água, numa bandeja feita de cobre, zinco e estanho. Eu me despi e, enquanto baixava as persianas, vi dois homens e uma estenógrafa que me olhavam da janela de uma casa comercial do outro lado da rua. Parecia irreal, essa transação de negócios abstratos num lugar como Herakleion. A máquina de escrever era um objeto surrealista, e os homens, em mangas de camisa como os que povoam as casas comerciais em todas as partes do mundo, tinham a fantástica aparência daquelas aberrações do mundo ocidental que movem trigo e milho e cereais às toneladas por meio de telefone e telégrafo. Imaginem o que seria encontrar dois homens de negócios e uma estenógrafa na Ilha da Páscoa! Imaginem o som de uma máquina de escrever naquele silêncio oceânico! Caí na cama e num sono pesado, profundo. Não se permitem gorjetas – esse foi o último pensamento. Nada mau para um viajante cansado...

Quando acordei, já estava escuro. Abri as janelas e olhei para a rua deserta. Ouvi o som de um telégrafo, vindo de algum lugar. Me vesti às pressas e corri para o restaurante perto da fonte. O garçom parecia estar à minha espera, e estava disposto a traduzir as coisas para mim naquele inglês de índio que os viajantes gregos acabam aprendendo ao longo de suas andanças. Pedi um peixe-frito com pele e uma garrafa de vinho tinto de Creta. Enquanto esperava para ser servido, observei um homem que espiava pela porta de vidro; ele sumiu, e reapareceu alguns instantes depois. Finalmente, acabou se decidindo e resolveu entrar. Veio direto para a minha mesa – e começou a falar em inglês. Eu não era o sr. Miller, que tinha acabado de chegar de avião há algumas horas? Eu era. Ele pediu licença para

se apresentar. Era o sr. Fulano de Tal, vice-cônsul inglês em Herakleion. Ele sabia que eu era americano, um escritor. Ele disse que era sempre um prazer conhecer um americano. Parou um momento, como se estivesse constrangido, e depois prosseguiu, informando-me de que o único motivo pelo qual se apresentara era para me dizer que, enquanto eu estivesse em Creta, podia considerá-lo às minhas ordens. Disse que era de Smyrna e que todos os gregos de Smyrna eram eternos devedores dos americanos. Não havia favor que fosse grande demais para que eu o pedisse a ele.

A resposta natural era convidá-lo a comer comigo, que foi o que fiz. Ele explicou que não podia aceitar a honra, já que tinha que jantar no seio de sua família, *mas* – será que eu lhe daria a honra de tomar um café com ele e com sua mulher, em sua casa, depois do jantar? Como representante do grande povo americano (não muito certo do heroico papel que desempenháramos no desastre de Smyrna), aceitei, ergui-me, dei-lhe a mão e o conduzi até a porta, onde, mais uma vez, trocamos amabilidades e congratulações. Voltei para a mesa, descasquei o peixe e comecei a molhar os bigodes. A refeição estava ainda pior do que na hora do almoço, mas o serviço era extraordinário. O restaurante em peso estava consciente de que chegara uma visita importante e que ela estava dividindo com eles sua humilde comida. Mr. Tsoutsou e a esposa apareceram por um instante para ver como eu estava me saindo, fizeram alguns comentários acerca da magnífica aparência do peixe descascado e desapareceram com cumprimentos e salamaleques que causaram um *frisson* generalizado entre os clientes do restaurante mais distinto de Herakleion. Comecei a sentir que algo de importante estava por acontecer. Chamei o garçom e pedi um café e um conhaque. Jamais um vice-cônsul ou qualquer outra espécie de funcionário público que não fosse um policial viera se encontrar comigo num local público. O responsável por isso era o avião. Era como uma grande carta de recomendação.

A casa do vice-cônsul era bastante impressionante para Herakleion. Na verdade, parecia-me mais com um museu do que com um lar. Senti-me meio histérico, meio desorientado. O vice-cônsul era um bom sujeito, mas vaidoso como um pavão. Ficou tamborilando nervosamente no braço da cadeira esperando que a esposa acabasse de falar de Paris, Berlim, Praga, Budapeste, etecétera, para confidenciar que era o autor de um livro sobre Creta. Ficou repetindo para a mulher que eu era um jornalista, insulto que acho difícil de engolir mas que, nesse caso, não chegou a me ofender, visto que considerava

todos os escritores jornalistas. Apertou um botão e, muito solene, ordenou à empregada que fosse à biblioteca buscar um exemplar do livro que escrevera sobre Creta. Confessou que jamais escrevera um livro antes, mas que, dado o estado geral de ignorância e confusão que reinava a respeito de Creta na mente dos turistas, achou imprescindível tomar a si a tarefa de pôr no papel tudo o que sabia a respeito de sua pátria adotiva. Admitiu que Sir Arthur Evans já o havia feito antes num estilo impecável, mas que havia certas coisinhas, miudezas, é claro, que um trabalho daquelas dimensões não poderia englobar. Falava de forma afetada e pomposa a respeito da sua obra-prima. Disse que um jornalista como eu era um dos poucos que poderiam, realmente, apreciar o que ele havia feito por Creta etc. etc. Deu-me o livro para que o olhasse, como se estivesse segurando a Bíblia de Gutenberg. Num relance, percebi que estava lidando com um dos *mestres populares do realismo*, irmão de fé do homem que pintou *Um encontro com a alma*. Perguntou de forma pseudomodesta se o inglês estava correto, porque não era sua língua natal. Subentendia-se que se o tivesse escrito em grego estaria acima de qualquer crítica. Perguntei-lhe polidamente onde poderia eu obter um exemplar deste trabalho evidentemente extraordinário, ao que ele retrucou que, caso comparecesse ao seu escritório no dia seguinte pela manhã, ofertar-me-ia um, como lembrança dessa ilustre ocasião que culminou no encontro de duas mentes tão afinadas com os esplendores do passado. Esse foi só o começo de uma catarata de bosta floreada que tive que engolir, antes de conseguir começar a me despedir. Depois veio o desastre de Smyrna, numa récita cheia de detalhes macabros e horripilantes a respeito dos horrores que os turcos perpetraram em relação aos gregos indefesos e a intervenção misericordiosa do povo americano, que grego algum jamais esqueceria até o dia de sua morte. Enquanto ele desfiava cuidadosamente todos os horrores e atrocidades, eu tentava, desesperadamente, me lembrar do que eu estava fazendo neste momento negro da história da Grécia. Evidentemente, o desastre ocorrera num dos longos intervalos em que eu deixara de ler jornais. Não tinha a menor lembrança dessa catástrofe. Se bem me lembrava, tudo aconteceu num tempo em que eu estava procurando um emprego, sem ter, claro, a menor intenção de trabalhar. Isso me lembra que, por desesperado que estivesse então, não chegou a me ocorrer ler os classificados de oferta de empregos.

Na manhã seguinte, tomei o ônibus para Knossos. Depois de descer,

ainda tive que andar uns dois quilômetros até atingir as ruínas. Eu estava tão feliz que tinha a sensação de estar andando no ar. Enfim, meu sonho estava prestes a se realizar! O céu estava fechado, e chuviscou um pouco enquanto eu caminhava. Mais uma vez, como em Micenas, eu me sentia arrastado para meu destino. Por fim, ao dobrar uma curva do caminho, quedei-me imóvel; senti que estava lá. Procurei pelas ruínas, e nada. Durante um tempo enorme, fiquei olhando para os contornos dos montes suaves, que mal tocavam o azul do firmamento. O lugar é este, pensei com meus botões. Não posso estar enganado! Refiz meu próprio caminho, dessa vez atravessando os campos até o fundo de uma depressão. De repente, à minha esquerda, descobri um pavilhão com colunas pintadas em cores fortes – o palácio do rei Minos. Eu estava na parte de trás das ruínas, no meio de uma massa de construções que tinham o aspecto de terem escapado de um incêndio. Dei a volta ao monte, procurando a entrada, e segui um grupo de gregos que ia atrás de um guia que trovejava numa língua que, para mim, parecia sânscrito ou chinês.

Houve muita controvérsia a respeito do trabalho de restauração de Sir Arthur Evans. Eu, pessoalmente, sinto-me incapaz de chegar a qualquer conclusão a seu respeito. Aceito-o como um fato consumado. Qualquer que tenha sido a aparência de Knossos no passado, qualquer que venha a ser a sua aparência no futuro, a que lhe foi dada por Evans é a única que jamais conhecerei. Eu lhe sou grato pelo que fez, grato que tenha tornado possível a descida pelas grandes escadarias, pela possibilidade de me sentar no trono magnífico, cuja réplica existente no Tribunal da Paz de Haia é, hoje, uma relíquia do passado quase tão preciosa quanto o original.

Tudo, em Knossos, reflete o esplendor, a saúde e a opulência de um povo pacífico e poderoso. É alegre – alegre, saudável, limpa. O papel do homem comum foi relevante em sua construção – isso é evidente. Dizem que, ao longo de sua comprida história, lá foram testadas todas as formas de governo imagináveis. Em espírito, está mais próxima do século XX, sob diversos aspectos, do que etapas posteriores do mundo helênico. Sente-se a influência do Egito, a proximidade tépida do mundo etrusco, o espírito de organização comunal tão sábio dos tempos dos incas. Não tenho a pretensão de saber, mas senti, como raramente senti perante ruínas do passado, que aqui, durante vários séculos, reinou uma era de paz. Há algo doméstico a respeito de Knossos, o tipo de atmosfera que vem à lembrança quando dizemos chinês ou francês. O aspecto religioso parece estar graciosamente

reduzido; as mulheres tinham um papel importante nos negócios deste povo; nota-se por toda a parte um espírito brincalhão. Enfim, a nota dominante é a da alegria. A gente sente que o homem vivia para viver, que não vivia atemorizado pelos pensamentos de uma vida futura, que não estava sufocado e tolhido por uma reverência desmedida pelos espíritos ancestrais, que era religioso da única forma plausível, isto é, aproveitando ao máximo tudo o que lhe era oferecido, extraindo o máximo possível da vida. Knossos era mundana no melhor sentido da palavra. A civilização que representava se desintegrou quinze séculos antes da vinda do Salvador, legando ao mundo ocidental a maior descoberta já feita pelo homem – o alfabeto. Noutra parte da ilha, em Gortyna, essa descoberta foi imortalizada em imensos blocos de pedra que correm através dos campos, como uma miniatura da Muralha da China. Hoje, o alfabeto perdeu toda a magia; é uma fórmula morta para exprimir pensamentos mortos.

No caminho de volta para pegar o ônibus, parei numa aldeiazinha para beber alguma coisa. O contraste entre o passado e o presente é tremendo, como se o segredo da vida tivesse se perdido. Os homens que se reuniram em volta de mim tinham o aspecto de verdadeiros selvagens. Eram amistosos e hospitaleiros, mas, em comparação com os minoanos, eram como animais domésticos negligenciados. Não estou falando do ponto de vista dos eletrodomésticos que possuem, pois sob este aspecto vejo pouca diferença entre um coolie chinês, um camponês grego ou um imigrante americano disposto a qualquer serviço. Falo do ponto de vista daqueles elementos essenciais de vida que tornam possível uma verdadeira sociedade de seres humanos. A falha mais gritante, que aparece em todo o mundo civilizado, é a completa falta de algo que, ao menos, se assemelhe a uma vida comunitária. Nós nos tornamos nômades espirituais; tudo o que diz respeito à alma tem sido relegado a um plano inferior, atirado aos ventos sem qualquer consideração. A aldeia de Hagia Triada, vista de qualquer ponto do tempo, sobressai como uma joia de consistência, integridade, significado. Quando uma miserável aldeia grega, como essa de que estou falando, e suas semelhantes, existentes às dúzias na América, adorna a sua vida tola e rala com a adoção do telefone, do rádio, do automóvel, do trator, etc., o significado da palavra *comunitário* fica tão distorcido que a gente começa a ter dúvidas a respeito do sentido da expressão sociedade *humana.* Não há nada de humano nessas aglomerações esporádicas de seres; estão abaixo de

qualquer nível de vida que este mundo tenha conhecido. São inferiores, em todos os sentidos, aos pigmeus, que são verdadeiros nômades e que se movem em imunda liberdade com deliciosa segurança.

Enquanto bebia meu copo d'água (que tinha um gosto estranho), ouvia as baboseiras de um desses burros eufóricos lembrando-se dos dias gloriosos que passara em Herkimer, Nova York. Ele havia tido uma loja de balas, por lá, e parecia estar grato à América por lhe ter permitido economizar os poucos milhares de dólares de que precisava para voltar para casa e retomar a degradante vida de trabalho a que estava acostumado. Correu para casa para buscar um livro que guardava como recordação dos maravilhosos dias de dinheiro fácil. Era um almanaque rural muito manuseado e sebento. Aqui, no próprio berço da civilização, um burro eufórico imundo me passa uma preciosa monstruosidade de letras: o almanaque.

O dono do almanaque e eu estávamos sentados numa mesa, no meio da rua, cercados por uma multidão visivelmente impressionada. Pedi conhaque para a turma toda e me rendi ao meu interlocutor. Um homem se aproximou e pôs um dedo cabeludo sobre a fotografia de uma máquina agrícola. O interlocutor disse: "Boa máquina, ele gosta dela". Um outro tomou o livro em suas mãos e começou a manuseá-lo com um polegar lambido, grunhindo de vez em quando para expressar sua admiração. O interlocutor disse: "Livro muito interessante. Ele gosta de livros americanos". De repente, avistou um amigo ao longe. "Vem cá!", chamou. Ele o apresentou a mim. "Nick! Ele trabalha em Michigan. Fazenda enorme. Ele gosta da América também." Estendi a mão a Nick, Nick disse: "Você Nova York? Eu ir Nova York". Fez um gesto com as mãos para descrever os arranha-céus. Nick falou animadamente com os outros. De repente, fez-se um silêncio e o interlocutor falou: "Querem saber o que você achar da Grécia". "É maravilhosa", respondi. Ele riu, "Grécia país muito pobre. Não tem dinheiro. América país rico. Todo mundo ter dinheiro, não?" Tive que concordar, para agradá-lo. Ele virou-se para os outros e disse que eu concordara – a América era um país rico, todo mundo rico, rios de dinheiro. "Quanto tempo fica na Grécia?", perguntou. "Talvez um ano, talvez dois anos", respondi. Riu de novo, como se eu fosse um idiota. "Qual é o seu ramo de negócios?" Eu expliquei que não mexia com negócios. "Você milionário?" Respondi que era muito pobre. Riu ainda mais. Os outros estavam ouvindo com a maior atenção. Ele disse-lhes algumas palavras rápidas. "O que bebe?", perguntou. "O povo de Creta

gosta do povo americano. Um bom povo, povo de Creta. Você bebe conhaque, não?" Assenti.

Nisso, o ônibus apareceu. Fiz sinal de que ia embora. "Não tem pressa", disse Interlocutor. "Não vai já. Ele faz água aqui." Os outros sorriam para mim. O que estariam pensando? Que eu era um bicho esquisito, para ter dado com os costados em Creta? Novamente me indagaram sobre o meu negócio. Fiz mímica de escrever com uma caneta. "Ah!", exclamou Interlocutor. "Jornal!" Bateu palmas e falou apressadamente com o dono da venda. De algum canto apareceu um jornal grego. Ele o colocou em minhas mãos. "Você lê?" Sacudi a cabeça. Ele o arrancou de minhas mãos. Leu a manchete em voz alta, em grego, enquanto os outros ouviam circunspectos. Enquanto lia, observei a data – o jornal tinha mais de um mês. Interlocutor traduziu para mim. "Diz que o Presidente Roosevelt não quer luta. Hitler é homem mau." Então ficou em pé e, tomando a bengala de um dos ouvintes, encostou-a ao ombro, imitando um atirador. Bang-bang!, dizia, dançando em torno de si mesmo e apontando ora para um, ora para outro. Bang-bang! Todos riam, desbragadamente. "Eu", disse, apontando-se a si mesmo com o polegar. "Eu bom soldado. Eu matar muitos turcos... muitos turcos. Eu matar, matar, matar, matar." E fez uma careta feroz. "Povo de Creta bons soldados. Italianos maus." Foi até um dos homens, pegou-o pelo colarinho, fingiu lhe cortar a garganta. "Italianos, bah!" Cuspiu no chão. "Eu matar Mussolini... assim, Mussolini mau. Gregos não gostam Mussolini. Nós matar italianos todos." Sentou-se dando risada. "Presidente Roosevelt, ele ajuda gregos, não?" Concordei. "Grego bom soldado. Mata todo mundo. Tem medo de nada. Olha! Eu, um homem..." Apontou para os outros. "Eu, um grego..." Apontou para os outros de novo, pegou a bengala, dessa vez sacudindo-a como se fosse um porrete. "Eu matar tudo alemão, italiano, russo, turco, francês. Grego tem medo não." Os outros riram e sacudiram a cabeça, concordando. Foi no mínimo convincente.

O ônibus estava pronto para partir. Ao que parece, a aldeia inteira tinha se juntado para a minha despedida. Subi e dei adeus. Uma menininha se adiantou e me estendeu um ramalhete de flores. Interlocutor berrou viva! Uma jovem desajeitada gritou *All right!,* e aí todos caíram na gargalhada.

Depois do jantar, naquela noite, andei até os confins da cidade. Era como atravessar a terra de Ur. Eu me dirigia a um café que brilhava ao longe.

A cerca de um quilômetro, podia ouvir o alto-falante berrando as notícias da guerra – primeiro em grego, depois em francês e inglês. Era a voz bradando no deserto. Europa falando. A Europa parecia remota, algum outro continente. O barulho era ensurdecedor. Subitamente, outro barulho veio do lado oposto. Voltei-me na direção de uma pracinha em frente ao cinema que anunciava um *western.* Passei pelo que parecia ser uma imensa fortaleza. O céu estava muito baixo, manchado de nuvens em que a lua flutuava, insegura. Sentia-me fora do mundo, desligado, um estranho em todos os sentidos da palavra. Os alto-falantes aumentavam essa sensação de isolamento. Pareciam ter escolhido o tom mais alto para ir além de mim – ir a Abissínia, Arábia, Pérsia, Beluquistão, China, Tibete. As ondas passavam sobre a minha cabeça; seu destino não era Creta, haviam sido captadas acidentalmente. Mergulhei nas ruelas que conduziam à praça. Dei de cara com uma multidão reunida em torno de uma tenda onde monstros eram exibidos. Um homem, agachado do lado de fora, arrancava sons arranhados de uma flautinha. Segurava a flauta erguida em direção à lua, que se tornara maior e mais brilhante no entretempo. Uma dançarina saiu da tenda, ondulante, conduzindo um débil mental. A turba riu. Nesse instante, virei-me e vi, para minha surpresa, uma mulher descendo uma ladeira de pés descalços, um jarro no ombro. Tinha a postura e a graça de uma imagem num baixo-relevo. Atrás dela vinha um burrico carregado de potes. A flauta estava cada vez mais esquisita e insistente. Homens de turbante, com altas botas brancas e capas pretas passavam por mim em direção à tenda. O homem ao meu lado segurava duas galinhas espavoridas pelos pés; estava grudado ao chão, como se estivesse hipnotizado. À minha direita havia um acampamento militar, cuja entrada era guardada por um soldado de saia branca que andava para cima e para baixo.

Não havia nada além disso, mas para mim essa cena continha todo o encanto de um mundo que eu ainda estava por conhecer. Mesmo antes de ter embarcado para Creta, eu já pensava na Pérsia e na Arábia, e em terras ainda mais distantes. Creta é uma escala. Antigamente um centro fecundo, o umbigo do mundo, ela parece hoje uma cratera morta. O avião vem, te pega pelos fundilhos e te leva até Bagdá, Samarkand, Fez, Timbucutu, até onde o teu dinheiro der. Todos esses lugares maravilhosos, cujos próprios nomes bastam para despertar os sonhos do viajante, não passam de ilhotas no mar turbulento da civilização. Eles representam facilidades domésticas, como borracha, alumínio, pimenta, café e assim por diante. Os nativos são

empregados manobrados pelos tentáculos que se estendem de Londres, Paris, Berlim, Tóquio, Nova York até os picos gelados da Islândia e as planícies da Patagônia. Os testemunhos dessa chamada *civilização* estão espalhados e acumulados ao longo de todo o percurso dos tentáculos. Ninguém está se civilizando, nada está sendo modificado de uma forma significativa. Pessoas que antes comiam com as mãos agora usam garfos e facas; gente que usava lampiões a gás ou lamparinas de querosene hoje usa luz elétrica. Há quem tenha o catálogo da Sears Roebuck na estante, como Bíblia sagrada, no lugar onde antes havia um rifle ou um mosquete; há quem use chapéus de palha inúteis; há quem tenha Jesus Cristo sem saber o que fazer com ele. Mas todos, de alto a baixo, de cabo a rabo, estão descontentes, inquietos, cheios de inveja. Todos têm câncer e lepra na alma. Os mais ignorantes e degenerados serão convocados a empunhar armas e defender uma civilização que não lhes trouxe nada além de miséria e degradação. Numa língua que não conseguem entender, o alto-falante lhes transmite as notícias desastrosas da vitória e da derrota. É um mundo louco, e quando você consegue se desligar um pouco, parece mais louco ainda. O avião traz morte; o rádio traz morte; a metralhadora traz morte; os enlatados trazem morte; os tratores trazem morte; os religiosos trazem morte; as escolas trazem morte; as leis trazem mortes; a eletricidade traz morte; o fonógrafo traz morte; as facas e garfos trazem morte; os livros trazem morte; nosso próprio hálito traz morte, e nossa própria língua, nosso próprio pensamento, nosso dinheiro, nosso amor, nossa caridade, nossa alegria. Não importa se somos amigos ou inimigos, se nos chamamos japoneses, turcos, russos, franceses, ingleses, alemães, americanos, onde quer que vamos, onde quer que pousem nossas sombras, onde quer que respiremos, nós envenenamos e destruímos. Viva!, gritou o grego. Eu também grito viva! Viva a civilização! *Viva! Nós vamos matar vocês todos, todo mundo, em todo lugar! Viva a morte! Viva! Viva!*

Na manhã seguinte, fiz uma visita ao museu, onde, para meu espanto, encontrei Mr. Tsoutsou na companhia dos malfeitores do Nibelungo. Ele ficou muito constrangido ao ser descoberto em sua companhia, mas, como me explicou depois, a Grécia ainda era um país neutro, e eles o haviam procurado com cartas de recomendações de pessoas que, outrora, ele considerara amigas. Eu fiz de conta que estava muito interessado no estudo de um tabuleiro de xadrez minoano. Ele me fez prometer que o encontraria

mais tarde, no café. Quando saí do museu, me deu um piriri tão violento que fiz cocô nas calças. Pensei logo no meu amigo francês. Mas felizmente eu tinha anotado na minha caderneta um remédio para este tipo de problema; a receita me fora dada por um viajante inglês que encontrei uma noite num bar, em Nice. Corri para o hotel, troquei de roupa, embrulhei as roupas antigas numa trouxa que decidi jogar fora no primeiro buraco e, receita do *globe-trotter* inglês à mão, parti em direção à farmácia.

Tive que andar um bocado até conseguir me desfazer da trouxa sem ser observado. A essa altura, o piriri tinha voltado, e me escondi atrás de uma moita perto de um cavalo morto coberto de moscas azuis.

O farmacêutico só falava grego. Diarreia é uma palavra que dificilmente você inclui no seu vocabulário de viagem – e as boas receitas vêm em latim, que todos os farmacêuticos conhecem, mas que os gregos, às vezes, ignoram por completo. Felizmente, apareceu um homem que falava um pouco de francês. Ele me perguntou imediatamente se eu era inglês, e quando eu disse que sim, voou porta afora, retornando instantes depois com um grego jovial que, ao que vim a descobrir, era o dono de um café nas proximidades. Expliquei a situação rapidamente e, depois de um breve colóquio com o farmacêutico, ele me disse que a receita não poderia ser aviada, mas que o farmacêutico tinha uma receita melhor. Eu devia evitar toda comida e bebida, alimentando-me apenas de arroz supercozido, com um pouco de suco de limão. O farmacêutico achava que isso faria efeito em pouco tempo – não era nada, todo mundo tinha isso no começo.

Voltei para o café com o sujeito grandalhão – ele se chamava Jim – e ouvi uma longa história a respeito da sua vida em Montreal, onde acumulara uma fortuna como dono de um restaurante, e a perdera jogando na bolsa. Estava maravilhado em voltar a falar inglês. “Não beba a água daqui”, avisou. “Minha água vem de uma fonte que fica a vinte quilômetros daqui. É por isso que eu tenho uma freguesia tão grande.”

Ficamos conversando sobre os maravilhosos invernos de Montreal. Jim mandou preparar uma bebida especial para mim, que, na sua opinião, me faria bem. Eu estava imaginando onde conseguiria o arroz bem cozido. Ao meu lado havia um homem fumando um narguilé; parecia estar em transe. De repente eu estava em Paris, ouvindo meu amigo Urbanski, que entrara num bordel de Montreal numa noite de inverno e quando saíra já era primavera. Eu também estive em Montreal, mas, não sei por que, a imagem que guardo

da cidade não é a minha, mas de Urbanski. Eu me vejo na sua pele, esperando por um bonde numa rua de subúrbio. Uma mulher bastante elegante se aproxima, envolta em peles. Ela também está esperando pelo bonde. Como é que o nome de Krishnamurti entrou na conversa? E logo ela está falando de Topeka, em Kansas, e aí parece que eu morei lá toda a vida. Daí para o chocolate quente foi um pulo. Nós estamos na porta de uma casa enorme, que parece uma mansão desabitada. Uma mulher de cor abre a porta. É a sua casa, exatamente como ela a descrevera. Um lugar quente, confortável. Volta e meia ouve-se a campainha tocar. Há o som de risos abafados, de copos que se entrechocam, de pés calçados em chinelos que atravessam o saguão...

Escutei essa história com tanto cuidado que ela tornou-se parte da minha vida. Eu podia sentir as correntes macias com que ela o prendeu, a cama confortável demais, a indolência sonolenta e deliciosa do pachá que se escondeu do mundo numa estação de gelo e de neve. Na primavera ele fugiu, mas eu, eu fiquei e, às vezes, como agora, quando me esqueço de mim mesmo, estou lá naquele mar de rosas, tentando explicar para ela o mistério da decisão de Arjuna.

No final da tarde, voltei ao café para encontrar Mr. Tsoutsou. Ele fez questão que eu o acompanhasse até o seu estúdio, onde me apresentaria ao pequeno círculo de literatos. Eu ainda pensava na tigela de arroz e em como poderia obtê-la n'algum lugar.

O estúdio se escondia numa água-furtada, num edifício caindo aos pedaços que me lembrou do local de nascimento de Giono, em Manosque. Era o tipo de refúgio que São Jerônimo poderia ter arrumado para si próprio durante seu exílio numa terra estranha. Lá fora, na terra vulcânica de Herakleion, reinava Agostinho; aqui, entre os livros bolorentos, as pinturas, a música, era o mundo de Jerônimo. Mais além, na Europa propriamente dita, um outro mundo estava sendo destruído. Dentro em breve teríamos de ir a Creta para descobrir os traços de uma civilização que desaparecera. Neste pequeno refúgio de Tsoutsou, havia um pouco de tudo o que fazia a cultura europeia. Este quarto sobrevivente, como os monges sobreviveram durante a Idade das Trevas.

Seus amigos foram chegando, um por um – a maioria poetas. A língua comum a todos era o francês. Mais uma vez vieram à tona os nomes de Eliot, Breton, Rimbaud. Falavam de Joyce como se ele fosse surrealista. Achavam que a América estava passando por um renascimento cultural. Entramos em

conflito. Não suporto essa ideia, enraizada na mente dos pequenos povos, de que a América seja a esperança do mundo. Eu falei dos seus próprios escritores, os poetas e romancistas gregos contemporâneos. Estavam divididos quanto aos méritos de um ou de outro. Não tinham certeza do valor de seus próprios artistas. Fiquei com pena deles.

A comida foi servida, e vinho, e belas uvas, e eu tive que recusar tudo. "Eu pensei que você gostava de comer e de beber", disse Tsoutsou. Eu lhe disse que estava indisposto. "Ora, vamos, um pouco de peixe-frito não vai lhe fazer mal...", insistiu. "E esse vinho, você tem que experimentar esse vinho! Encomendei especialmente para você!" A lei da hospitalidade me fez aceitar. Ergui o copo e bebi à saúde da Grécia. Alguém insistiu para que eu provasse das azeitonas, que estavam deliciosas; e do queijo de cabra, famosíssimo em todo o mundo. Não havia um grão de arroz à vista. Eu me vi mergulhando de novo atrás da moita, ao lado do cavalo morto cercado de moscas verdes.

– E Sinclair Lewis? Ele é, certamente, um dos maiores escritores da América...

Quando eu disse que não, eles se mostraram todos duvidosos da excelência das minhas faculdades críticas. Quem era, então, o grande escritor americano? Eu disse: "Walt Whitman. Ele é o único escritor verdadeiramente grande que já tivemos".

– E Mark Twain?

– Para adolescentes – respondi.

Eles riram, como os trogloditas haviam rido no outro dia.

– Então você acha que Rimbaud é melhor do que todos os poetas americanos juntos? – perguntou o rapaz, desafiador.

–Acho sim. E acho que ele é melhor do que todos os poetas franceses juntos também.

Isso foi como jogar uma bomba no meio da sala. Como sempre, os maiores defensores da tradição francesa podem ser encontrados fora da França. Tsoutsou achava que eles deviam me ouvir com calma, até o fim; achava que a minha opinião era típica, representava muito bem o espírito americano. Aplaudiu o que eu disse como aplaudiria uma foca treinada depois de sua exibição com uma bola. Fiquei deprimido por essa atmosfera de discussão inútil. Fiz um longo discurso em mau francês explicando que eu não era crítico, que eu sempre fora uma pessoa passional e radical, que eu não tinha a menor reverência por nada, a não ser pelo que eu gostasse. Disse-

lhes que eu era um ignorante, o que tentaram negar furiosamente. Disse que preferia contar-lhes histórias. Comecei – a respeito de um mendigo que tentara me aliviar de um *dime* numa tarde, a caminho da ponte do Brooklyn. Expliquei como havia dito *Não,* de cara, automaticamente, e depois, quando já tinha andado uns metros, me dei conta, subitamente, de que o homem me pedira uma coisa, e voltei e falei com ele. Mas em vez de lhe dar um *dime* ou um *quarter*, o que poderia ter feito facilmente, disse-lhe que estava duro, que sentira vontade de lhe explicar isso, e só. E o homem me disse: "É verdade, meu chapinha? Ora, mas se é assim, eu posso arranjar um *dime* para você, tranquilo". E eu deixei que ele me desse a moeda, agradeci efusivamente e fui embora.

Eles acharam a história muito interessante. Então, era assim na América? País esquisito... Qualquer coisa podia acontecer por lá.

– É – respondi. – Um país muito esquisito. – E pensei com meus botões que, graças a Deus, eu não estava mais lá e que, se Deus quisesse, nunca mais precisaria voltar.

– E do que é que você gosta tanto na Grécia? – perguntou-me alguém.

Sorri.

– Gosto da luz e da pobreza – respondi.

– Você é um romântico – respondeu o homem.

– Sou sim – falei. – Sou louco o suficiente para achar que o homem mais feliz é aquele que tem menos necessidade, e para acreditar que quando se tem luz, assim como vocês têm aqui, toda a feiura se oblitera. Desde que cheguei ao seu país, descobri que a luz é sagrada: a Grécia é uma terra santa para mim.

– Mas você viu como as pessoas são pobres, como vivem miseravelmente?

– Vi gente mais miserável na América – disse. – Não é só a pobreza que torna as pessoas miseráveis.

– Você diz isso porque não te falta nada...

– Digo isso porque fui pobre a vida inteira – retruquei. – Sou pobre agora, estou pobre neste exato momento. Só tenho o suficiente para voltar para Atenas. Quando chegar lá, vou ter de pensar num jeito de arrumar mais. Não é o dinheiro que me sustenta, é a minha fé em mim mesmo, nas minhas próprias forças. Em espírito, eu sou riquíssimo, e talvez seja essa a melhor coisa a respeito da América, o fato de você acreditar que sempre vai

conseguir se erguer novamente.

– É isso, é isso – disse Tsoutsou, batendo as mãos. – Isso é que é maravilhoso a respeito da América: vocês não conhecem a derrota. – Ele encheu os copos de novo, e ergueu-se para fazer um brinde. – À América – falou. – Que tenha longa vida!

– A Henry Miller! – disse alguém. – Porque ele acredita em si mesmo!

Cheguei ao hotel na horinha. Amanhã, sem falta, eu começaria a dieta de arroz. Fiquei deitado, olhando os homens em mangas de camisa do outro lado. A cena me lembrava outras, parecidas, em mansardas desarrumadas perto do Broadway Central Hotel, em Nova York – as ruas Greene ou Bleecker, por exemplo. A zona intermediária entre o alto mundo das finanças e as sarjetas. Representantes comerciais... colarinhos de celuloide... barbante... ratoeiras. A lua estava escondida por trás das nuvens. A África não estava longe. No outro lado da ilha, um lugar chamado Phaestos. Eu estava quase adormecendo quando a arrumadeira bateu à porta para me informar que o chefe de polícia havia telefonado. "O que é que ele quer?", perguntei. Ela não sabia. Fiquei perturbado. A palavra polícia me enche de medo. Ergui-me, automaticamente, para verificar se o meu *permis de sejour* estava *en règle*. Estava. O que é que o filho da puta queria comigo? Será que ia perguntar com quanto dinheiro eu estava? Nesses lugares fora de mão eles sempre inventam mesquinharias para chateá-lo. *"Vive la France!"*, pensei distraído. Outro pensamento me veio à mente. Vesti um robe e fui, de andar em andar, me certificar de que conseguiria encontrar um banheiro em caso de emergência. Fiquei com sede. Toquei a campainha e perguntei se eles tinham água mineral. A empregada não conseguia entender o que eu queria. "Água, água", repeti, procurando, em vão, por uma garrafa que ilustrasse o que eu queria dizer. Ela sumiu, para reaparecer com um jarro de água gelada. Agradeci e apaguei a luz. Minha língua estava seca. Ergui-me e molhei os lábios, com medo de que uma gota, sequer, deslizasse pela minha goela abaixo.

Na manhã seguinte, lembrei de que me esquecera de ir ao escritório do vice-cônsul para pegar o livro que ele me prometera. Fui para lá e fiquei esperando que aparecesse. Ele chegou todo sorridente. Já fizera até uma dedicatória num exemplar: queria que eu lhe dissesse, assim que acabasse a leitura, o que achara do seu livro. Depois de ter resistido às suas tentativas de me convencer a ir visitar o leprosário, que ficava não sei onde, falei da

questão do arroz, com a maior delicadeza de que fui capaz. Arroz cozido? Nada poderia ser mais fácil. Sua mulher o faria para mim, todos os dias – seria um prazer. Fiquei comovido pela sua presteza em me socorrer. Tentei imaginar um funcionário francês falando assim – impossível. Pelo contrário, a imagem que me ocorreu foi a francesa que cuidava da tabacaria num bairro em que morei durante vários anos e que, um dia, quando me faltavam dois *sous*, arrancou os cigarros da minha mão, berrando numa voz aterrorizada que não podiam, de forma alguma, dar crédito a quem quer que fosse, que isso os arruinaria, e assim por diante. Pensei numa outra cena, num bistrô do qual era, também, freguês antigo, e onde se recusaram a me emprestar dois francos de que eu precisava para entrar num cinema. Lembrei de como fiquei enraivecido quando a mulher quis fazer de conta que não era a proprietária da loja, mas apenas caixeira, e de como tirei as moedas que tinha no bolso, só para provar-lhe que tinha algum dinheiro, que se tratava de uma emergência, e de jogá-las no meio da rua, dizendo: "Taí, isso é o que eu penso dos seus francos imundos!" E o garçom saiu correndo para a rua, imediatamente, procurando pelas moedinhas de merda.

Pouco depois, passeando pela cidade, parei numa lojinha perto do museu onde vendiam suvenires e cartões-postais. Dei uma olhadela nos cartões; aqueles de que mais gostei estavam sujos e amassados. O homem, que falava francês fluentemente, se ofereceu a deixar os cartões mais apresentáveis. Pediu-me que esperasse um pouco, enquanto ele dava uma corrida até sua casa para lavá-los e passá-los. Disse-me que iria deixá-los como novos. Fiquei tão espantado que, antes que conseguisse dizer qualquer coisa, ele já tinha desaparecido, deixando-me sozinho na loja. Alguns instantes depois, sua mulher entrou. Achei que ela era meio estranha para ser grega. Depois de algumas palavras, descobri que era francesa, e ela, quando descobriu que eu viera de Paris, ficou felicíssima em falar comigo. Nós nos demos muito bem até que ela começou a falar da Grécia. Ela detestava Creta, era muito quente, muito empoeirada, muito morta. Sentia falta das belas árvores da Normandia, dos jardins de muros altos, dos pomares, e assim por diante. Eu não concordava? Eu disse um NÃO bem redondo. *"Monsieur!"*, disse ela ficando de pé, muito digna, como se eu tivesse lhe dado um tapa.

– Eu não sinto falta de nada – falei, repisando o calo. – Eu acho tudo maravilhoso. Eu não gosto dos seus jardins de muros altos; não gosto dos seus pomares bonitinhos e de seus campos bem-cultivados. Eu gosto disso...

– e apontei, do lado de fora, uma estrada de terra por onde passava um burrico manquitolante.

– Mas isso não é civilizado! – retrucou ela, numa voz esganiçada que me lembrou a *tabacconiste* avarenta da Rue de la Tombe-Issoire.

– *Je m'en fous de la civilisation européene!* – explodi.

– *Monsieur!* – disse ela novamente, as penas desgrenhadas, o nariz azul de raiva.

Felizmente, o marido reapareceu com os cartões-postais que lavara a seco. Agradeci muito, e comprei mais vários cartões que escolhi ao acaso. Fiquei parado um tempo, olhando em torno, para ver o que poderia comprar para demonstrar o meu apreço. A mulher esquecera minhas observações na ânsia de me vender alguma quinquilharia. Estava segurando uma echarpe feita a mão, alisando-a com afeição. "Obrigado", falei. "Nunca as uso." "Mas seria um belo presente", ela disse, "de Creta, lugar que o deixou tão apaixonado". Nisso o marido prestou atenção.

– O senhor gosta daqui? – perguntou, satisfeito.

– É um lugar maravilhoso – disse. – É a terra mais bonita que já vi. Gostaria de morar aqui até o fim da vida.

A mulher deixou cair a echarpe, desgostosa.

– Volte sempre – pediu o homem. – Vamos tomar um drinque juntos, está bem? – Apertei-lhe a mão, calorosamente, e acenei gelidamente para a mulher.

Essa coruja seca, pensei comigo. Como pode um grego de verdade viver com uma coisa dessas? Ela já devia estar chamando-lhe a atenção pela forma como correu para agradar um estrangeiro idiota. Eu a podia ouvir, na voz esganiçada: *"Les americains, ils sont tous les mêmes; ils ne savent pas ce que c'est la vie. Des barbares, quoi!"*

E lá, no meio da rua quente e empoeirada, moscas voando que nem loucas, o sol queimando a pele, a terra de Ur rolando em sua amplidão deserta, respondi: *"Oui, tu as raison, salope que tu es. Mais moi, je n'aime pas les jardins, les pots de fleurs: la petite vie adoucie. Je n'aime pas la Normandie. J'aime le soleil, la nudité, la lumiére..."*

Com o fígado desopilado, comecei a cantar, agradecendo ao senhor o fato de a grande raça negra, o grande sustentáculo da América, jamais ter conhecido o vício da administração. Deixei partir de meu coração uma cantiga para Duke Ellington, aquela serpente suave e supercivilizada, com

punhos de aço – e para Count Basie *(sent for you yesterday here you come today)*, o irmão desgarrado de Isidore Ducasse e último descendente direto do grande e único Rimbaud.

Madame, já que a senhora falava de jardins, deixe-me contar-lhe, de vez por todas, como trabalha Dipsy Doodle. Cá está uma passacaglia para bordar logo mais à noite, antes de dormir. Como diz Joe Dudley, de *Des Moines*, os tambores dão a impressão de algo presente. Vou começar, com um maxixe à la Huysmanns.

Madame, it's like this... Era uma vez uma terra. E não havia muros e não havia pomares. Só havia um cara de Boogie Woogie que se chamava Agamenon. Depois de um tempo, ele teve dois filhos – Epaminondas e Louis *the* Armstrong. Epaminondas curtia guerra e civilização e, a seu jeito traiçoeiro (que fazia até os anjos chorarem), foi fazendo das suas, o que acabou dando na peste branca que acabou no porão do palácio de Clitemnestra, logo ali, onde hoje tem a fossa sanitária. Já Louis era de paz e alegria. "Paz, é maravilhoso!", gritava o dia inteiro.

Agamenon, vendo que um dos seus filhos tinha juízo, lhe deu uma corneta de ouro e disse: "Vai, meu filho, e sopra isso mundo afora!" E Louis partiu pelo mundo, que estava caído em melancolia, e não levou nada com ele, a não ser a corneta de ouro.

Louis descobriu logo que o mundo estava dividido em preto e branco, pra valer, muito amargo. Louis queria que tudo fosse dourado, não como as moedas ou os ícones, mas como espigas de milho maduras e os peixes dourados e os raios de sol, um tipo de ouro que todo mundo pudesse ver, e sentir, e rolar como se rola na areia.

Quando já tinha ido até Monenvasia, que fica na ponta de baixo do Peloponeso, Louis pegou o expresso para Memphis. O trem está cheio de brancos, que seu irmão Epaminondas tinha deixado malucos de tanta aflição. Louis teve muita vontade de saltar fora e molhar os pés doloridos no Rio Jordão. Queria sair por aí, soprando.

Ora, acontece que o trem tinha chegado a uma parada na estação de Tuxedo, pertinho da rua Munson. A maré não estava pra peixe, não estava não, porque Louis sentiu que vinha chumbo grosso. E aí lembrou do que seu pai, o ilustre Agamenon, havia lhe dito uma vez – pra ir se chegando assim muito de leve como um malandro, e aí pôr a boca no mundo. Louis levou a

corneta de ouro aos lábios grossos e carinhosos, e soprou. Soprou uma nota só, gorda e triste assim como um rato explodindo, e vieram lágrimas aos seus olhos e o suor começou a escorrer pelo pescoço abaixo. Louis sentiu que estava trazendo paz e alegria para o mundo inteiro. Encheu os pulmões de novo e soprou uma nota leve que subiu tão alto no azul que congelou e ficou pendurada no céu como uma estrela em forma de diamante. Louis ficou em pé, e soprou, soprou a corneta até ela ficar inchada de satisfação. O suor escorria dele como um rio. Louis estava tão feliz que os seus olhos começaram a suar também e fizeram dois lagos dourados de alegria, um dos quais chamou de Rei de Tebas em homenagem a Édipo, seu parente mais chegado, que vivera para ver a esfinge.

Então um dia foi Quatro de Julho, que é o dia de Dipsy Doodle em Walla Walla. Nessa altura Louis já tinha feito novos amigos, à medida que ia soprando seu caminho através da terra nova. Um era um conde e outro um duque. Eles andavam assim com uns ratinhos brancos nas pontas dos dedos, e quando não aguentavam mais o mundo ficando branco e tão triste, davam umas dentadas com a ponta dos dedos, e onde eles mordiam ficava assim como um laboratório de porquinhos-da-índia ficando doidos de tanta experimentação. O conde era um especialista de dois dedos, pequeno e meio gorducho, com um bigodinho. Era calmo e quieto assim como um gorila introvertido, e, quando ficava meio destramelado, falava francês feito um marquês, polido feito um polonês. Nunca começava duas vezes do mesmo jeito. E quando chegava ao fim, parava – parava rápido assim, e o piano afundava com ele e com os ratinhos brancos. Até a próxima vez...

O duque, por outro lado, sempre descia do céu num roupão prateado. O duque havia sido educado no céu onde, ainda bastante jovem, havia aprendido a tocar harpa e outros instrumentos celestiais. Era sempre muito educado, muito suave. Quando sorria, coroas de ectoplasma saíam da sua boca. Seu estado de espírito favorito era azul-escuro, o dos anjos, quando o resto do mundo está dormindo.

Havia outros também, é claro – Joe, o querubim de chocolate; Chick, que tinha assim umas asas que nasciam o tempo todo; Big Sid e Fats e Ella e às vezes Lionel, o garoto dourado que carregava o mundo inteiro no chapéu. E havia sempre Louis, é claro, Louis só como ele e, com aquele sorriso largo de um milhão de dólares, assim como a planície inteira de Argivia, e narinas macias e lustrosas que brilhavam como as folhas da magnólia.

No dia de Dipsy Doodle eles se juntaram todos em volta da corneta de ouro e fizeram assim e assado – assado de missionário. Quer dizer, Chick, que parecia com um relâmpago apimentado, sempre rilhando os dentes, sempre cuspindo dados e bolas de bilhar, Chick ia até a mata e voltava: rápido assim feito o trovão. Pra quê? Cê quer saber? Pra buscar um missionário gordo e gordurento e assá-lo na assadeira, taí pra quê. Joe, que tinha a obrigação de trazer aquela sensação de algo presente, Joe ficava lá atrás, no fundo, como um pelvis de borracha.

Assá-los vivos, com penas e tudo – é assim que trabalha Dipsy Doodle. É bárbaro, Madame, mas é assim. Não tem mais pomares, não tem, não tem mais muros. O Rei Agamenon disse pro seu filho: "Filho, traz aquela terra!" E, filho, ele trouxe! Trouxe rilhando e brilhando, trouxe peixes-dourados e lírios-amarelos; e espigas de milho e cães assim vermelhos como tigres. Não sobrou um missionário, nenhum, não sobrou nada. E pode ser que a lua esteja baixa, pode ser, e pode ser coisa assim como um enterrório, pode ser qualquer coisa, eu não sei, ainda não está na hora de eu dizer.

Madame, eu vou te soprar tão baixo que você vai se arrastar feito cobra, se não vai. E vou pegar uma nota gorda assim como um rato explodindo e vou te soprar de volta lá pra cima. Tá ouvindo o batecum? Tá ouvindo os frangos gemendo? É Boogie Woogie tomando ar, é o missionário chiando como um assado. Tá ouvindo aquele grito alto e fino? É... Ela é pequena assim como se fosse feita do chão. Hoje, amanhã. Ninguém se importa, ninguém se preocupa. Ninguém mais morre de triste. Que a terra tá assim de alegria, da corneta dourada. Sopra, vento! Sopra poeira no olho! Sopra quente e seco, sopra terra e areia! Sopra pra desmanchar os pomares, sopra, sopra pra desmanchar os muros, Boogie Woogie voltou. Não tem pó nem tem mão, Boogie Woogie voltou. Não tem pé nem tem mão, Boogie Woogie morro acima, Boogie Woogie morro abaixo. Grita Boogie Woogie, e grita de novo, e mais, e mais, mais, mais, mais, mais, mais, mais, mais, mais! 'Cabou o muro, 'cabou pomar, 'cabou tudo. Lá vão os ratos. Três ratos, quatro ratos, dez ratos. Lá vai o trem, tchique-tchaque. O sol, e a estrada está quente e seca. Lá vem o trem.

Louis está de volta, com uma ferradura em volta do pescoço. Está se preparando para tocar uma nota de explodir rato que vai misturar o céu e o mar. Pra quê? Pra mostrar que está satisfeito. Todas as guerras e civilizações não prestam pra nada, não fizeram nada de bom. Só uma sangueira danada e

gente de joelhos rezando pela paz.

Na tumba onde eles o enterraram vivo está o seu pai Agamenon. Agamenon era um homem brilhante como um deus, que era um deus. Teve dois filhos que foram longe. Um semeou desgraça, o outro semeou alegria.

Madame, estou pensando em você agora, naquele cheiro bolorento de passado que vem de você. Você é Madame Nostalgia apodrecendo no cemitério dos sonhos invertidos. Você é o fantasma de cetim preto de todas as coisas que se recusam a morrer de morte morrida. Você é uma flor de papel, a flor de papel das mulheres fracas e inúteis, e eu repudio você: o seu país, os seus muros e os seus pomares, o seu clima temperado e feito à mão. Eu convoco os espíritos da floresta para te matarem no sono. Eu sopro a corneta dourada para te atormentar na tua agonia. Você é a clara de um ovo podre. Você fede.

Madame, há sempre dois caminhos: um que leva ao conforto da morte, o outro que leva a lugar nenhum. Você prefere o que leva à segurança dos seus cemitérios com suas lápides familiares. Então vai, e volta por esse caminho, mergulha no oceano do mais completo esquecimento. Cai naquele torpor que permite os idiotas serem coroados reis. Eu vou em frente, ultrapasso os quadrados brancos e pretos, o jogo vai até o fim, as figuras se derreteram, as linhas se cruzam, o tabuleiro está torto. Tudo é barbárie de novo.

O que é que o faz tão adorável e bárbaro? O sentimento da aniquilação. Boogie Woogie voltou com sangue pelos joelhos. E foi para a terra de Josafá. Levaram ele pra passear. Puseram querosene no seu cabelo e puseram ele pra queimar de cabeça pra baixo. Às vezes, quando o conde se pergunta que tipo de música vai tocar, você pode ouvir, lá atrás, o barulho da carne fritando. Quando ele era pequeno e baixo deram uma porrada nele com um amassador de batata. Quando era grande e alto espetaram ele com um espeto.

Epaminondas fez um bom trabalho civilizando todo mundo com assassínios e ódio. O mundo inteiro virou um organismo envenenado. Ficou envenenado exatamente quando tudo ia tão bem e estava tão organizadinho. Virou uma podridão só, a podridão de um ovo que morreu na casca. E com essa podridão vieram ratos e piolhos, e declarações, e preâmbulos, e protocolos, e irmãos siameses, e eunucos carecas, e gases venenosos, e *lingerie* de plástico, e sapatos de vidro e dentes de platina.

Madame, pelo que pude entender a senhora quer preservar esse *Ersatz,*

que é a tristeza e a burrice e *o status quo,* todos enrodilhados numa bola de gordura. E a senhora quer pegar essa bola de sebo e pôr numa frigideira e fritar ela quando estiver com fome, é isso? Ela a conforta, não é, mesmo que não seja nutritiva, porque se chama civilização, é isso? *Madame,* a senhora está redondamente, quadradamente, triangularmente, poliedricamente enganada. A senhora foi ensinada a ver um mundo que não faz mais sentido. Não existe essa coisa chamada civilização. Só existe um grande, imenso mundo bárbaro.

Vou deixá-la, *madame.* Vou deixá-la marchar numa mancha de gordura. Vou deixá-la para poder cantar. Eu estou a caminho de Phaestos, o último paraíso terrestre. Isso é só uma passacaglia selvagem para deixar seus dedos ocupados enquanto a senhora se afoga. Caso a senhora queira comprar uma máquina de costura de segunda mão, é só procurar Assassinato & Morte, Ltda., de Oswego, Saskatchewan, já que eu sou o único agente deste lado do oceano e não tenho endereço permanente. E desse dia em diante, de acordo com o abaixo declarado, devidamente selado e reconhecido, eu fielmente demito, abdico, desisto e fornico todas as forças, assinaturas, selos e oficialidades, a favor da paz e da alegria, poeira e calor, céu e mar, Deus e anjo, tendo feito o que estava ao meu alcance e prestado o melhor dos meus ofícios à Máquina de Costura Civilização, fabricada pela Assassinato & Morte, Ltda., nos domínios do Canadá, da Austrália, da Patagônia, de Yucatan, de Schleswig-Holstein, da Pomerânia e outras províncias aliadas e subjugadas, registradas sob o Ato de Destruição e Morte do Planeta Terra, durante a hegemonia da família Homo Sapiens ao longo desses últimos vinte e cinco anos.

E agora, *Madame,* já que pelos termos desse contrato nós temos apenas alguns milhares de anos a mais pela frente, eu me despeço e tiro o meu time de campo. Nada mais a dizer: este é, decididamente, o fim de nossas comunicações. Bip-Bip.

Antes que eu engrenasse para valer na dieta de arroz, começou a chover. Não chuva pesada, mas chuviscos intermitentes, umas gotinhas caindo meia hora, uma tempestade de alguns minutos, uma ducha fria, uma ducha quente, um chuveiro de agulhas elétricas. Durou dias – os aviões não podiam pousar porque o campo de pouso ficou enlameado demais. As estradas se cobriram de uma gosma escorregadia amarelada, as moscas voavam em volta das

nossas cabeças em constelações ébrias, e mordiam como o diabo. Do lado de dentro, tudo estava úmido, mofado, frio; eu dormia de roupa, com meu casacão aberto sobre as cobertas e as janelas bem fechadas. Quando o sol saía, um calor africano secava e rachava a lama, dava dor de cabeça em todo mundo, e me enchia de uma inquietação que só fazia aumentar quando a chuva voltava. Eu estava louco para ir para Phaestos, mas ficava adiando a viagem à espera de uma mudança de temperatura. Vi Tsoutsou novamente; ele me disse que o chefe de polícia estava a minha procura. “Ele quer ver você”, informou. Não tive coragem de perguntar para que, e disse que iria visitá-lo em breve.

Entre canículas e torós, explorei a cidade com mais vagar. Os subúrbios me fascinavam. Ao sol, eram quentes demais, na chuva, eram gelados. Por todos os lados, a cidade se acabava de repente, como um desenho afogado numa bacia de tinta preta. Volta e meia eu passava por um peru amarrado por um barbante a uma maçaneta; a cabra e o jerico estavam por toda a parte. Havia cretinos maravilhosos e anões incríveis, que perambulavam em completa liberdade; pertenciam à cena, como o cactus, a praça vazia, o cavalo morto atrás da moita, como os perus de estimação presos às portas.

Na praia, havia uma fileira de casas, logo depois de uma clareira que dava a impressão de ter sido feita às pressas, lembrando, curiosamente, certos quarteirões antigos de Paris onde a prefeitura decidiu abrir espaços para dar luz e ar às crianças pobres. Em Paris, a gente vai de bairro em bairro atravessando mudanças imperceptíveis, como se atravessasse cortinas de contas invisíveis. Na Grécia as mudanças são sempre abruptas, quase dolorosas. Em alguns lugares a gente pode passar pelas mudanças de cinco séculos no espaço de cinco minutos. Tudo está delineado, esculpido, gravado. Mesmo os terrenos baldios têm um encanto eterno. Você vê tudo em sua originalidade mais marcante; *um* homem sentado *numa* estrada debaixo de *uma* árvore; *um* burrico subindo *uma* trilha perto de *uma* montanha; *um* navio *numa* enseada *num* mar turquesa; *uma* mesa *num* terraço debaixo de *uma* nuvem. E assim por diante. O que quer que você olhe, é como se estivesse vendo pela primeira vez. E nada vai fugir, nada será demolido da noite para o dia, nada se desintegrará ou se dissolverá ou se transformará. Cada coisa que existe, criada por Deus ou pelo homem, por acaso ou de propósito, se destaca como uma noz numa auréola de luz, de tempo e de espaço. O arbusto é o semelhante do burrico; uma parede tem o mesmo valor de uma encosta; um

melão é tão bom quanto um homem. Nada é prorrogado ou mantido além de seu tempo natural. Depois de meia hora de caminhada você se sente exausto e refrescado pela variedade do anômalo e do esporádico. Em comparação, a Park Avenue parece uma coisa de doido e, sem dúvida, é uma coisa de doido. O edifício mais antigo de Herakleion vai sobreviver ao mais moderno edifício da América. Os organismos morrem; as células permanecem vivas. A vida está nas raízes, acomodada na simplicidade, se exprimindo de forma única e original.

Eu frequentava a casa do vice-cônsul com regularidade para comer meu prato de arroz. Às vezes ele tinha visita. Uma tarde, apareceu o chefe da associação de alfaiates. Ele vivera na América e falava um inglês engraçado, antiquado. “Cavalheiros, aceitariam um charuto?”, perguntava. Eu lhe contei que, uma vez, trabalhara de alfaiate. “Mas agora ele é jornalista”, apressou-se a dizer o vice-cônsul. “Ele acaba de ler o meu livro.” Comecei a falar em forros de alpaca, em bainhas chuleadas, em lapelas estreitas, em casimiras de rara qualidade, em bolsos embutidos. Fiquei falando horas dessas coisas, morrendo de medo que o vice-cônsul desviasse a conversa para o seu assunto favorito. Eu não estava muito certo se o alfaiate-mor aparecera por lá como amigo ou como serviçal bafejado pela sorte. Nem me importava, queria ficar amigo dele nem que fosse para escapar daquele livro infernal que eu fingira que lera, mas que não tivera estômago para enfrentar depois da terceira página.

– Onde ficava sua loja, cavalheiro? – indagou o alfaiate.

– Na Quinta Avenida – respondi. – Era a loja de meu pai.

– Na Quinta Avenida. É uma rua deveras rica, não é? – replicou o alfaiate, ao que o vice-cônsul começou a se interessar.

– É, é sim. Nós tínhamos a melhor freguesia – só banqueiros, corretores, advogados, milionários, magnatas do ferro e do aço, donos de hotéis e coisa assim.

– E o cavalheiro aprendeu a cortar e coser?

– Eu só conseguia cortar calças. Os paletós eram muito complicados.

– Quanto costumava cobrar por um traje, cavalheiro, se não me leva a mal?

– Ah, naquela época a gente devia cobrar só uns cem, cento e vinte dólares por terno...

Ele se virou para o vice-cônsul, pedindo-lhe que convertesse a quantia

em dracmas. Chegaram a uma determinada soma. O vice-cônsul ficou visivelmente impressionado. Era mesmo uma soma estonteante para os padrões gregos – o suficiente para comprar um barquinho. Senti que estavam meio céticos. E comecei a falar de outros exageros – listas telefônicas, arranha-céus, guardanapos de papel, o pregão da bolsa e toda a confusão da metrópole que faz o estrangeiro arregalar os olhos de espanto, como se tivesse visto o Mar Vermelho se partindo em dois. O pregão despertou a atenção do alfaiate. Ele havia estado certa vez em Wall Street, visitando a bolsa. Queria falar disso.

Começou a fazer sinais com as mãos, como os sinais que fazem entre si os corretores. O vice-cônsul o olhou como se ele estivesse ligeiramente doido. Vim em seu socorro. Claro que havia desses homens, dúzias deles, todos cuidadosamente treinados na linguagem dos surdos-mudos. Fiquei de pé e comecei a fazer sinais eu mesmo, para demonstrar como se fazia. O vice-cônsul sorriu. Eu disse que os levaria lá para dentro, para o pregão propriamente dito. Descrevi o hospício em detalhes, comprando ações da Anaconda Copper, Amalgamated Tin, Tel & Tel, qualquer coisa de que pudesse me lembrar do meu louco passado de Wall Street. Corri de um lado a outro da sala, comprando e vendendo feito louco, parando na escrivaninha do vice-cônsul para telefonar para o meu corretor e ordenar-lhe que inundasse o mercado, chamando meu banqueiro para pedir um empréstimo de cinquenta mil, urgente, ligando para os telegrafistas e despachando uma série de telegramas, telefonando para os chefões de cereais em Chicago mandando jogar um carregamento no Mississipi, dando um toque para o Ministro do Interior para saber se era verdade que ele assinara aquela portaria relativa aos índios, chamando meu motorista para ordenar-lhe que pusesse um novo estepe atrás do banco de trás, dando uma bronca no meu camiseiro por ter feito o colarinho das minhas camisas brancas e azuis estreito demais e, além disso, onde estavam as minhas iniciais? Voei até a outra ponta do sofá e comi um sanduíche no restaurante da bolsa. Dei um alozinho para um amigo meu que estava indo lá para cima, para o seu escritório, para meter uma bala na cabeça. Comprei um jornal, espetei um cravo na lapela. Chamei um engraxate, que deu um lustro no meu sapato, enquanto eu respondia uns telegramas e telefonava com a mão esquerda. Comprei uns milhares de ações de estradas de ferro, distraído, e mudei para a companhia de gás, quando soube que a baixa nos preços da carne de porco ia melhorar a qualidade da

comida dos trabalhadores. Quase esqueci de ler a previsão do tempo; mas, felizmente, como tive que voar até a tabacaria para encher os bolsos de Corona-Coronas, isso me lembrou de dar uma olhadela na previsão para saber se havia chovido na região do Ozark.

O alfaiate estava me ouvindo de olhos esbugalhados. “É assim mesmo”, disse alvoroçado para o vice-cônsul, cuja esposa acabara de preparar mais um prato de arroz empapado para mim. E aí, subitamente, me ocorreu que Lindbergh devia estar voltando da Europa. Corri para o elevador e fui até o centésimo nono andar de um prédio que ainda não havia sido construído. Corri para as janelas, que abri de par em par. A rua estava cheia de homens, mulheres e jovens que acenavam, de policiais a cavalo, de policiais de motocicleta, de policiais comuns, de ladrões, cafetões, paisanos, democratas, republicanos, fazendeiros, advogados, acrobatas, assaltantes, bancários, funcionários, estenógrafas, putas, todo o tipo de coisa que usasse calça ou saia, todo o tipo de coisa que pudesse gritar, acenar, sapatear, assassinar ou estuprar. Pombos voavam espavoridos. Era a Broadway. Não sei o ano; nosso herói voltava de seu grande voo transcontinental. Da janela, gritei até ficar rouco. Não acredito em aviões, mas gritei mesmo assim. Bebi um pouco de uísque para limpar a garganta. Peguei um catálogo telefônico e piquei-o em pedaços como uma hiena ensandecida. Joguei pela janela junto com o informe da bolsa – Anaconda Copper, Amalgamated Zinc, U. S. Steel - 57 e 34, 138, menos dois, mais 6 t subindo, subindo mais, Atlantic Coast Line. Seabord Air Line, lá vem ele, lá vem ele, ei-lo! Lindbergh em pessoa! Viva! Viva! Isso é que é macho, a águia dos céus, o herói, o maior herói de todos os tempos...

Comi uma colherada de arroz para me acalmar.

– Qual é a altura do prédio mais alto? – perguntou o vice-cônsul.

Olhei para o alfaiate:

– Responde você.

Ele chutou cinquenta e sete andares.

– Cento e quarenta e dois, sem contar o mastro da bandeira – corrigi.

Fiquei de pé mais uma vez para ilustrar o que dizia. O melhor jeito é contar as janelas. O arranha-céu médio tem, mais ou menos, umas noventa e duas mil quinhentas e quarenta e seis janelas, de frente e de trás. Desapertei o cinto e puxei a ponta, como se fosse um lavador de vidraças. Fui para a janela e sentei no peitoril, do lado de fora. Limpei a janela. Livrei-me dos ganchos e

fui para outra janela. Trabalhei assim durante quatro horas e meia, limpando novecentas e cinquenta e três vidraças.

– Você não fica tonto?

– Não, já me acostumei – respondi. – Eu fui um limpador de chaminês na juventude, depois de largar o negócio de alfaiate do meu pai. – E olhei para o teto para ver se o candelabro poderia me servir para alguma demonstração útil.

– É melhor você comer o seu arroz – disse a mulher do vice-cônsul.

Como mais uma colherada, por pura cortesia, e, distraído, estendi a mão para a garrafa de conhaque. Ainda estava excitado pela volta de Lindbergh. Esqueci que, na verdade, no dia em que ele aterrissou em Battery eu estava cavando um buraco para o Departamento de Parques e Jardins do condado de Catawpa. O chefe do Departamento estava fazendo um discurso num clube de boliche, um discurso que eu escrevera para ele no dia anterior.

O vice-cônsul, agora, estava inteiramente à vontade no Novo Mundo. Ele havia se esquecido por completo da sua contribuição às belas letras. Serviu-me outro drinque.

O cavalheiro alfaiate já fora a um jogo de futebol? Não, nunca fora. Bom, mas certamente ele já ouvira falar de Christy Matthewson – ou Walter Johnson? Não, nunca ouvira. Mas já ouvira falar de partidas emocionantes? Não, nunca ouvira. Mas sabia o que era um campeonato? Não, não sabia. Joguei as almofadas do sofá pelos quatro cantos da sala, fazendo de conta que eram as bases. Me equipei todo e saí atrás de uma bola que veio voando lá de longe. Consegui agarrá-la e passá-la para um companheiro de equipe que estava ao lado, mas ele se deu mal – acabou saindo do jogo. Intervalo. Que tal uma pipoquinha? Uma coca, então? Comprei um chiclete de hortelã. A marca ideal é Wrigley's, recomendei – dura mais. Além disso, eles gastam cinco bilhões e novecentos e sessenta e três dólares por ano de publicidade. Isso emprega muita gente. Ajuda a manter limpa a nossa cidade... Que tal a Biblioteca Carnegie? Gostariam de visitá-la? Tem cinco milhões, seiscentos e noventa mil, novecentos e quarenta e três sócios. Cada livro está encadernado, anotado, fichado, dedetizado e encapado em celofane. Andrew Carnegie a deu de presente à cidade de Nova York. Ele era um menino pobre que subiu na vida. Nunca teve um dia de alegria. Foi um grande milionário que demonstrou que vale a pena trabalhar e economizar cada centavo. Estava inteiramente errado, é claro, mas isso não faz a menor diferença. Já está

morto, e nos deixou uma cadeia de bibliotecas que deixa os trabalhadores mais inteligentes, mais cultos, mais informados, em suma, mais infelizes e miseráveis do que nunca, que Deus o tenha. Vamos visitar agora o túmulo de Grant...

O alfaiate olhou o relógio. Estava ficando tarde. Eu tomei uma saideira, catei as almofadas do chão e cumprimentei o papagaio, que ainda estava acordado porque tinham se esquecido de cobrir a gaiola.

– Foi uma tarde e tanto – falei, apertando as mãos a torto e a direito – inclusive as da empregada, por engano. – Vocês devem vir me visitar quando eu estiver de volta em Nova York; tenho uma casa de campo e uma casa na cidade, sabem. A temperatura é ótima no outono, quando a fumaça está baixa. É que estão construindo um novo dínamo perto de Spuyten Duyvil, que funciona na base de ondas de calor. O arroz estava ótimo, hoje. O conhaque também...

Amanhã vou para Phaestos, disse de mim para mim, enquanto percorria as ruazinhas vazias. Tive que me lembrar que estava em Creta, uma Creta inteiramente diferente da que imaginara em sonhos. Eu estava me sentindo, novamente, nas últimas páginas de algum romance de Dickens, num mundo calmo iluminado por uma luz perfeita: uma terra que sobrevivera a todas as catástrofes e que, agora, palpitava com nova vida, uma terra de corujas e mergulhões, e relíquias birutas daquelas que os marinheiros trazem consigo de viagens por terras distantes. Ao luar, navegando pelas ruas como um navio que procura o cais, senti que a terra estava me levando por uma região que eu não conhecia. Era um pouco mais perto das estrelas e o ar estava carregado da sua proximidade; não é só que elas estivessem mais brilhantes, ou que a lua amarelada estivesse inchada e meio de lado, mas é que a atmosfera passara por uma transformação sutil e perfumada. Havia um resíduo no ar, algo como um rastro, que se grudara à aura da terra e que estava mais intenso de tantas viagens por esse canto do zodíaco. Muito nostálgico. Despertava as hordas imemoriais de homens ancestrais que ficam parados, de olhos fechados, como árvores depois de uma inundação, na corrente interminável do sangue. O próprio sangue se modificava, encorpando-se com a memória de dinastias estabelecidas pelos homens, de animais tornados divindades, de diques rompidos, sem segredos, todos os seus tesouros descarregados. A terra tornou-se novamente uma criatura de uma perna só, que atravessa aos trancos

vales coalhados de diamantes, passando fielmente por todas as habitações da criação solar; transformou-se no que será até o fim, um passe de mágica que transcreve toda a obscenidade para a calma do que sempre foi, já que não há outra possibilidade.

A Grécia é o que todo mundo sabe, mesmo *in absentia*, mesmo como criança, ou como idiota, ou como feto. É o que se esperaria que a Terra fosse, desde que lhe dessem uma chance. É o portal subliminar da inocência. Está, como sempre esteve, desde que nasceu, nua e inteiramente exposta. Não misteriosa ou impenetrável, não é terrível, desafiadora ou pretensiosa. É feita de terra, ar, fogo e água. Modifica-se de acordo com as estações num ritmo harmônico e ondulante. Respira, sente e responde.

Creta é outra coisa. Creta é um berço, um instrumento, um tubo de ensaio vibrante em que se testou uma experiência vulcânica. Creta pode acalmar a mente, aquietar o borbulhar dos pensamentos. Eu queria tanto e há tanto tempo ver Creta, tocar o solo de Knossos, olhar para um afresco desbotado, andar por onde *eles* haviam andado. Deixei minha mente sentir Knossos sem encampar o resto do país. Além de Knossos, meu pensamento não registrava nada a não ser um vasto deserto. Que Homero cantara as cem cidades de Creta eu não sabia, porque nunca consegui ler Homero; da mesma forma que não sabia que relíquias do período minoano haviam sido encontradas no túmulo de Akenaton. Eu só sabia, ou melhor, pensava, que aqui em Knossos, numa ilha que, hoje em dia, pouquíssimas pessoas se lembram de visitar, teve início, uns 25 ou 30 séculos antes do despontar dessa besteira chamada Cristandade, um estilo de vida que faz com que qualquer coisa nesse nosso mundo ocidental pareça doentia, pálida, fantasmagórica e condenada. O mundo ocidental – dizemos isso sem pensar uma vez, sequer, nas grandes experiências sociais feitas na América do Sul e na América Central, passando por elas nos nossos compêndios de história como se fossem reles acidentes, pulando da Idade Média para a descoberta da América como se esse florescimento bastardo do continente norte-americano marcasse a continuidade do verdadeiro desenvolvimento da evolução humana. Sentado no trono do Rei Minos, eu me senti muito mais próximo de Montezuma do que de Homero, ou Praxiteles, ou César, ou Dante. Olhando para as inscrições minoanas, eu me lembrei da grafia maia que, uma vez, vi no British Museum e que permanece, em minha memória, como o conjunto de caracteres mais naturais, mais bonitos e mais artísticos de toda a longa

história das letras. Knossos, ou o que aconteceu aqui há quase cinquenta séculos, é como o eixo de uma roda à qual foram acrescentados inúmeros dentes – apenas para apodrecer. A *roda* foi a grande descoberta; e, desde então, os homens se perderam num amontoado de invençõezinhas mesquinhas que não passam de acessórios em relação ao grande e translúcido fato da revolução em si mesma.

A ilha, antigamente, estava repleta de cidadelas, o brilhante eixo da roda cujo esplendor se fazia ver em todo o mundo conhecido. Na China havia outra grande revolução em marcha, na Índia, outra, no Egito, uma terceira, na Pérsia, uma quarta; havia reflexos de uma na outra; havia ecos e reverberações. A vida vertical do homem era constantemente atravessada pelas revoluções desses grandes eixos de luz. Agora está escuro. Em lugar algum do mundo, consideravelmente ampliado, o menor sinal do girar de uma roda. A última roda se quebrou, a vida vertical já era. O homem está se espalhando sobre a superfície da terra como um fungo, absorvendo os últimos raios de luz, as últimas esperanças.

Voltei para o meu quarto, decidido a mergulhar nessa região desconhecida que chamamos Creta, antigo reino de Minos, filho de Zeus, que havia nascido lá. Desde que a roda se desfez, e mesmo antes disso, cada centímetro de terra foi objeto de disputas, cada centímetro de terra foi conquistado e reconquistado, vendido, loteado, leiloado, empenhado, aplainado a fogo e espada, saqueado, administrado por tiranos e por demônios, convertido por fanáticos e religiosos, traído, resgatado, esmagado pelas forças do nosso tempo, espezinhado por hordas bárbaras e por bordas civilizadas, perseguido até a morte como um animal ferido, reduzido ao terror e à apatia, resfolegando de raiva e impotência, evitado por todos como um leproso e abandonado à própria sorte, mergulhado em bosta e cinzas. Assim estava o berço da nossa civilização quando foi, finalmente, entregue a seus habitantes empobrecidos e miseráveis. O que havia sido a terra natal dos deuses, o que havia sido a fonte e inspiração do mundo helênico foi, há não muito tempo, anexado à Grécia. Que destino ruim! Aqui, o viajante deve curvar a cabeça, envergonhado. Esta é a arca ressequida e abandonada no topo da montanha pelas águas vazantes da civilização. Esta é a necrópole da cultura, marcando as grandes encruzilhadas. Esta é a pedra que a Grécia teve que engolir. Que foi seguida, alguns anos depois, por outro presente ainda mais terrível, a devolução de um membro mutilado que havia sido atirado

entre sangue e fogo no meio do oceano.

Tive um pesadelo. Eu estava sendo suavemente embalado pelo onipotente Zeus num berço que queimava. Fui torrando até virar um tição e, então, atirado num mar de sangue. Nadei incessantemente entre corpos desmembrados marcados com a cruz e com o crescente. Por fim, cheguei a uma praia rochosa. Estava vazia; não se via viv'alma. Andei até uma caverna, no flanco de uma montanha. Nas profundezas, vi um imenso coração, brilhante como um rubi, suspenso do teto por uma gigantesca teia de aranha. Estava batendo, e a cada batida, caía no chão uma grande gota de sangue. Era muito grande para ser o coração de qualquer criatura. Era maior do que o coração dos deuses. É como o coração da agonia, disse eu, em voz alta, e, assim que falei, ele desapareceu e fui envolvido pela escuridão. Ao que caí, exausto, e comecei a soluçar – um soluço que reverberava de todos os lados da caverna e, no fim, me sufocou.

Acordei e sem consultar o céu pedi um carro para o dia inteiro. Havia duas coisas de que eu me lembrava bem quando embarquei na suntuosa limusine – um, procurar por Kyrios Alexandros em Phaestos, e, dois, observar se, como dizem que Monsieur Herriot notou, ao subir as escadarias do palácio, o céu lá está realmente mais próximo da terra do que em qualquer outro canto do globo.

Atravessamos o portão numa nuvem de poeira, galinhas apavoradas, gatos, cachorros, perus, crianças peladas e vendedores de balas a torto e a direito; voamos pelo terreno de guta percha que se fecha sobre a cidade como argamassa tapando uma rachadura. Não havia lobos, abutres ou répteis venenosos à vista. Havia um sol banhado em amarelo e laranja, pendurado sobre a terra com aquela radiosidade que intoxicou Van Gogh. Imperceptivelmente, passamos das terras estéreis a uma região cheia de campos cultivados, com plantações de cores vivas; lembrei-me daquele sorriso sereno e constante que o nosso próprio Sul oferece ao viajante assim que se entra no estado de Virgínia. A visão me deixou sonhando, sonhando com a gentileza e docilidade da terra quando o homem a acaricia com mãos ternas. Comecei a sonhar mais e mais no idioma americano. Eu estava atravessando o continente de novo. Havia as manchas de Oklahoma, das Carolinas, do Tennessee, do Texas e do Novo México. Nunca um grande rio, nunca uma estrada de ferro. Só a ilusão das grandes distâncias, a realidade das vistas maravilhosas, o encanto do silêncio, a revelação da luz. No topo de

uma colina, uma capelinha azul e branca; no fundo da ravina, um cemitério de aspecto terrível. Começamos a subir, virando nas bordas de precipício; do outro lado, a terra se enrosca como os joelhos de um gigante cobertos de veludo cotelê. Aqui e ali, um homem, uma mulher, arando e semeando, simples silhuetas contra nuvens de poeira. Subimos além das terras cultivadas, retorcendo-nos pelo caminho sinuoso como uma cobra, subindo às altitudes da contemplação, aos domínios do sábio, da águia, da nuvem que leva a tempestade. A estrada é ladeada por imensos pilares de pedra, marcados pelo vento e pelo raio, acinzentados de medo, tremendo, balançando como gigantescos espíritos do mal. A terra é ruim, desumana, não é marrom, nem cinza, nem bege, nem ocre, tem a não coloração da morte refletindo a luz, sugando a luz com sua superfície rachada e a cuspindo na nossa direção em lascas ofuscantes que chegam aos tecidos mais macios do cérebro e os deixam girando como loucos.

Aqui é que começo a exultar. Eis um páreo duro para a devastação do homem, algo que sobrepuja suas depredações mais sangrentas. Eis a natureza num estado de demência, a natureza que perdeu as estribeiras, vítima impotente de seus próprios elementos. Eis a terra batida, violentada e humilhada por sua própria traição violenta. Eis um dos locais onde Deus abdicou, onde Ele se rendeu à lei cósmica da inércia. Eis uma peça do Absoluto, careca como as garras da águia, horrenda como o riso da hiena, impotente como um híbrido de granito. Aqui a natureza cambaleou até parar, num vômito de ódio.

Descemos pelos flancos de uma montanha rochosa, até uma planície imensa. A terra está coberta de arbustos ásperos, azulados como lavanda. Aqui e ali, pedaços descobertos de barro vermelho, dunas de areia, um campo de ervilhas verdes, um lago de champanhe agitado. Atravessamos uma aldeia que não pertence a tempo ou local algum, um acidente, uma súbita erupção de atividade humana porque alguém, num tempo ou noutro, voltou à cena do massacre para procurar por uma fotografia antiga entre as ruínas e acabou ficando pela força da inércia e, ficando, acabou atraindo moscas e outras formas de vida animada e inanimada.

Mais ao longe... Uma habitação solitária e retangular enterrada fundo no chão. Um *pueblo* solitário no meio do nada. Tem uma porta e duas janelas. Construído como uma caixa. O abrigo de algum ser humano. Que tipo de ser? Quem mora aqui? Por quê? A paisagem americana ficou para trás. Agora

estamos cruzando o interior da Mesopotâmia. Passamos por cidades mortas, por ossos de elefantes, por profundezas marinhas cobertas de grama. Começa a chover, um dilúvio rápido e inesperado, que alaga a terra. Desço do carro e atravesso um lago de lama para examinar as ruínas de Gortyna. Sigo as inscrições na parede. Falam de leis a que ninguém obedece mais. As únicas leis que perduram são aquelas que não foram escritas. O homem é um animal que quebra as leis. Um animal tímido, entretanto.

É meio-dia. Quero almoçar em Phaestos. Tocamos em frente. A chuva parou, as nuvens se abriram. O azul se abre feito um leque, decompondo-se naquele tom violeta que faz com que tudo na Grécia tenha um ar divino, natural e familiar. Na Grécia, a gente sente vontade de tomar banho no céu. Você tem vontade de se livrar das roupas, dar uma corrida e virar um salto mortal na infinidão. Você sente vontade de flutuar no ar como um anjo, ou se deitar na grama, rígido, gozando as delícias de um transe catatônico. A pedra e o céu se casam aqui. É a aurora perpétua do despertar do homem.

Deslizamos por uma picada, e o carro para na borda de um parque selvagem. “Lá em cima”, diz o homem, apontando uma colina íngreme – “Phaestos”. Ele disse a palavra! Foi como mágica. Hesitei. Quis me preparar. “Melhor levar a comida consigo”, disse o homem. “Pode ser que eles não tenham nada para comer lá em cima.” Pus a caixa de sapatos embaixo do braço e devagar, pensativamente, com toda a reverência, comecei a peregrinação.

Foi uma das poucas vezes na vida em que tive a nítida sensação de estar iniciando uma grande experiência. Eu estava não só consciente disso, mas agradecido, agradecido por estar vivo, agradecido por ter olhos, por estar saudável e forte, por ter rolado na sarjeta, por ter passado fome, por ter sido humilhado, por ter feito tudo o que fiz, já que o resultado era, enfim, esse instante de êxtase.

Cruzei uma ponte de madeira no caminho e parei novamente em meio à lama que cobria os meus sapatos para observar o trechinho que atravessara. Na virada, eu começaria a subida trabalhosa. Tinha a sensação de estar cercado de corças. Tinha outra intuição insistente – a de que Phaestos era o tronco feminino da família Minos. O historiador vai rir; ele sabe melhor. Mas, naquele momento, e desde então, a despeito de provas, a despeito da lógica, Phaestos tornou-se a morada de rainhas. Cada degrau que eu subia corroborava esta sensação.

Quando cheguei ao final da encosta, vi uma trilha à minha frente, levando ao pavilhão que fora construído ao lado das ruínas para conforto do viajante. De repente, vi um homem parado no outro extremo da trilha. Quando me aproximei, começou a fazer reverências e salamaleques. Esse deve ser Kyrios Alexandros, pensei.

– Deus o enviou – disse, apontando para o céu e sorrindo para mim como se estivesse em êxtase. Gentilmente, livrou-me do meu casaco e da caixa com o almoço, informando-me, à medida que trotava à minha frente, que imensa alegria era ver novamente um ser humano. “Essa guerra”, disse, torcendo as mãos e erguendo os olhos em muda invocação, “essa guerra... ninguém vem mais aqui. Alexandros está tão sozinho! Phaestos morreu – Phaestos foi esquecida”. Parou para colher uma flor, que me ofereceu. Olhou para ela com tristeza, como se lamentasse o seu destino de desabrochar longe de todas as vistas. Eu havia parado para olhar para as montanhas que nos cercavam. Alexandros parou ao meu lado. Esperou em silêncio que eu falasse. Eu não podia falar. Pus as mãos em seus ombros e tentei me comunicar com os olhos úmidos. Alexandros me lançou o olhar de um cão fiel; tomou a mão que estava em seu ombro e, abaixando-se, beijou-a.

“Você é um bom homem”, disse. “Deus o enviou para que compartilhe a minha solidão. Alexandros está muito feliz, muito feliz. Venha.” E, tomando-me pela mão, conduziu-me até a frente do pavilhão. Ele o fez como se estivesse a ponto de me dar o maior presente que um homem poderia dar a outro homem. “Eu lhe dou a terra e todas as bênçãos que contém”, dizia a expressão muda e eloquente de seus olhos. Olhei. E disse – “Deus, é incrível!” Desviei o olhar. Era muito, demais, para ser aceito de uma só vez.

Alexandros entrara por um momento, deixando-me a percorrer a extensão do pavilhão, inspecionando a grandiosidade da cena. Senti-me meio demente, como algum dos grandes monarcas do passado que devotaram suas vidas ao desenvolvimento da arte e da cultura. Não sentia mais a necessidade de enriquecimento; chegara ao apogeu, eu queria dar, dar pródiga e indiscriminadamente tudo o que possuía.

Alexandros apareceu com um trapo, uma escova de sapatos e uma grande faca enferrujada; ajoelhou-se, e começou a manipular os meus sapatos. Não me senti nem um pouco embaraçado. Pensei comigo mesmo: que ele faça o que quiser, se isso lhe dá prazer. Vagamente, imaginei o que estaria ao meu alcance fazer para que os homens percebam que imensas

alegrias nos esperam a todos. Mandei uma bênção em cada direção – para os jovens e velhos, para os selvagens abandonados nas partes esquecidas da terra, aos animais, aos pássaros do ar, às coisas que rastejam, às árvores e plantas e flores, às pedras e lagos e montanhas. Este é o primeiro dia da minha vida, disse a mim mesmo, o primeiro dia em que incluí tudo e todos dessa terra num único pensamento. Abençoo o mundo, cada centímetro dele, cada átomo vivo, tudo o que vive e respira como eu.

Alexandros trouxe uma mesa e a armou. Sugeriu que eu desse um passeio e olhasse as ruínas. Ouvi-o como que hipnotizado. É, acho que devia mesmo andar e tentar ver as coisas. É o que se costuma fazer. Desci a escadaria íngreme do palácio, lançando olhadelas a esmo. Não estava com a menor intenção de examinar urnas, papéis, cerâmicas, brinquedos infantis e coisas do gênero. Abaixo de mim, estendendo-se como um tapete mágico infinito, estava a planície de Messara, cercada por uma majestosa cadeia de montanhas. Desta altura serena e sublime, ela tem toda a aparência do Jardim do Éden. Às portas do paraíso, os descendentes de Zeus pararam aqui, a caminho da eternidade, para olhar em direção à terra e ver, com olhos inocentes, que ela era o que sempre a julgaram ser: um lugar de beleza, de alegria e paz. No coração, o homem é um anjo; no coração, o homem está ligado ao mundo inteiro. Phaestos contém todos os elementos do coração; é feminina, inteiramente. Se não fosse por este último ato de contrição, encarnado neste assento celestial de rainhas, tudo o que o homem conseguiu através dos tempos estaria perdido.

Percorri o lugar, observando a vista de todos os ângulos. Imaginei um círculo dentro do círculo de montanhas. Acima de mim, a grande redoma, sem teto, aberta para o infinito. Monsieur Herriot estava certo e errado ao mesmo tempo. Aqui se está realmente mais perto do céu, mas também se está mais distanciado da terra do que nunca. Alcançar o céu dessa suprema mansão terrestre não é nada – é brincadeira de criança –, mas alcançar lá embaixo, dar-se conta, por um segundo que seja, do esplendor e da luminosidade daquele reino em que a luz dos céus é só brilho rápido e fugaz, é impossível. Aqui os pensamentos mais sublimes são anulados, parados em seu voo por um halo ofuscante que para até mesmo as engrenagens do processo de pensar. Na melhor das hipóteses, o pensamento se transforma em especulação, um passatempo semelhante ao que a máquina inventa quando solta fagulhas. Deus já pensou tudo antes. Não temos mais nada para

resolver; tudo já foi resolvido por nós. Só nos cabe nos dissolvermos, nos desmancharmos, nadarmos na solução. Somos peixes solúveis e o mundo é um aquário.

Alexandros estava fazendo sinais para mim. O almoço estava pronto. Vi que ele pusera a mesa só para mim. Insisti que pusesse um lugar também para si. Tive certa dificuldade para persuadi-lo. Tive que passar meu braço por seu ombro, apontar o céu, o horizonte, incluir tudo num gesto largo para convencê-lo a dividir a refeição comigo. Abriu uma garrafa de vinho, um vinho escuro e encorpado que, com algumas azeitonas, queijo e presunto, imediatamente nos pôs no centro do universo. Alexandros me implorava que ficasse alguns dias. Foi buscar o livro de hóspedes para me mostrar quando viera o último visitante. Aparentemente, tratava-se de um americano bêbado que achara uma boa piada assinar com o nome do Duque de Windsor, acrescentando: “Olalá, que noite!”. Dei uma olhada nas outras assinaturas e, para meu espanto, descobri o nome de um antigo amigo. Mal pude acreditar. Tive vontade de riscá-lo. Perguntei a Alexandros se muitos americanos apareciam em Phaestos. Ele disse que sim, e pelo brilho dos seus olhos adivinhei que deixavam gorjetas polpudas. Adivinhei também que gostavam do vinho.

Acho que o vinho se chamava *mavrodaphne.* Se não se chamava, não faz mal, a palavra é uma palavra escura que se adapta a ele perfeitamente. Desce como vidro derretido, enchendo as veias com um fluido vermelho e pesado que expande o coração e a mente. A gente fica leve e pesado ao mesmo tempo; leve e ágil como antílope, mas, simultaneamente, incapaz de um passo. A língua se solta, o palato se encorpa, as mãos descrevem gestos soltos e roliços como os que a gente gostaria de fazer com um lápis bem grosso e macio. Dá vontade de pintar qualquer coisa em sanguínea ou vermelho de Pompeia, com alguns traços de carvão. Os objetos se aumentam e perdemos contornos, as cores ficam mais vívidas e mais verdadeiras, como acontece com as pessoas míopes quando tiram os óculos. Mas, principalmente, o coração fica feliz.

Sentei e conversei com Alexandros na linguagem surdo-muda do coração. Em alguns minutos, teria que ir. Não estava infeliz por isso; há experiências tão fantásticas, tão originais, que a própria ideia de prolongá-las parece a forma mais mesquinha de ingratidão. Se eu não fosse agora, eu não podia ir nunca mais, deveria voltar as costas ao mundo, renunciar a tudo.

Dei um último passeio. O sol desaparecera, as nuvens se juntavam; a planície brilhante de Messara estava coberta de pesadas manchas de sombra e clarões sulfúreos de luz. As montanhas estavam mais próximas, massivas e malignas em seus tons variantes de azul. Um momento atrás, o mundo parecera etéreo, uma imagem de sonho, um panorama evanescente; de repente, adquirira o peso e substância, os contornos se arrumavam em formação orquestral, as águias deixavam seus refúgios e percorriam os céus como solenes mensageiros dos deuses.

Disse adeus a Alexandros, que chorava. Voltei-me e comecei a descida. Alguns passos, e Alexandros estava atrás de mim: ele colhera rápido um buquê de flores, que me deu. Nos despedimos novamente. Alexandros ficou lá, dando adeus, enquanto, volta e meia, eu me virava para vê-lo. Cheguei ao final da encosta, ao local onde deveria virar para seguir até o carro. Olhei para trás pela última vez. Alexandros ainda estava lá, um pontinho de nada, mas ainda agitando os braços. O céu tornara-se mais ameaçador; logo tudo estaria submerso pela tempestade. Fiquei pensando quando tornaria a ver este lugar, se é que jamais tornaria a vê-lo. Fiquei um pouco entristecido por não ter tido ninguém comigo para dividir o presente magnífico; era quase muito para um único pobre mortal. Talvez tenha sido por isso que deixei com Alexandros uma gorjeta principesca – não por generosidade, como ele provavelmente pensava, mas por um sentimento de culpa. Mesmo que não houvesse ninguém lá eu teria deixado alguma coisa.

Assim que entrei no carro, começou a chover, a princípio de leve, depois com mais força. Quando chegamos às terras ruins, todo o chão era um redemoinho de água; o que antes era barro endurecido, areia, terra de ninguém, agora era uma série de terraços flutuantes riscados por cascatas turbulentas, por rios que corriam em todas as direções, correndo para o grande lago carregado de depósitos de terra desgarrada, galhos partidos, arbustos, flores selvagens, insetos mortos, lagartixas, cavalinhos, cães, gatos, espigas de milho, ninhos de pássaros, tudo o que não teve cabeça, pés ou forças para resistir. No outro lado da montanha, ainda sob a chuva torrencial, passamos por homens e mulheres com guarda-chuvas, sentados em animais diminutos, descendo a encosta calmamente. Figuras silenciosas e solenes, movendo-se como lesmas, como peregrinos cheios de determinação a caminho de uma mesquita sagrada. As enormes sentinelas de pedra empilhadas umas sobre as outras como os desalinhados monumentos de

caixas de fósforo que Picasso mantém no aparador haviam se transformado em gigantescos cogumelos, derretendo-se em pigmento preto. Sob o temporal, suas formas pareciam ainda mais ameaçadoras do que antes. Se não estivesse em Creta, eu poderia jurar que estava em algum sinistro recanto da Mongólia, em alguma passagem secreta guardada por gênios do mal que esperavam, escondidos, pelo viajante desavisado, para enlouquecê-lo com seus alazões de três pernas e seus cadáveres avermelhados parados como semáforos congelados à luz débil da lua.

Herakleion estava quase seca quando chegamos. No saguão do hotel encontrei Mr. Tsoutsou esperando por mim. Era muito urgente, disse, que eu fosse ver o chefe de polícia, que estava à minha procura há dias. Fomos ao seu escritório imediatamente. Havia uma mendiga e dois moleques em farrapos do lado de fora da sua porta; tirando isso, tudo estava perfeitamente limpo e imaculado. Fomos introduzidos logo. O chefe se ergueu detrás de uma mesa grande e vazia para nos cumprimentar. Nada me preparara para encontrar uma figura como Stavros Tsoussis. Duvido que haja, em toda a Grécia, outro grego como ele. Tão alerta, tão ligeiro, tão imaculado, de uma suavidade tão dura, ou uma dureza tão suave. Era como se tivesse sido arrumado e penteado constantemente, durante os dias e noites que estivera à minha espera, para fazer uma apresentação à altura; como se houvesse ensaiado linha por linha, até chegar à perfeição de desfiá-las, uma por uma, com tranquilidade absoluta e aterradora. Era o perfeito chefe, o perfeito comandante, exatamente como a gente os imagina depois de ver cartuns sobre os oficiais alemães. Um homem de aço de cabo a rabo, mas, apesar disso, complacente e atencioso, sem um pingo de rigidez. O edifício onde seu escritório estava situado era um desses modernos acampamentos de cimento, em que os homens, os papéis, as salas e os móveis são todos monotonamente iguais. Stavros Tsoussis conseguira, por artes indefiníveis, transformar o seu escritório, por vazio que estivesse, num altar da burocracia. Cada gesto seu vinha envolto em importância; era como se tivesse esvaziado a sala exatamente para evitar que qualquer objeto tolhesse seus movimentos teatrais, suas ordens secas, sua atenção terrivelmente concentrada no assunto do momento.

Para que me chamara? Respondeu imediatamente a Tsoutsou, que atua como intérprete. Chamara-me, assim que soubera da minha chegada, para prestar suas homenagens a um escritor americano que gentilmente se dignara

a visitar uma ilha remota como Creta e, em segundo lugar, para me informar que a sua limusine, que esperava lá fora, estava à minha disposição para percorrer a ilha quando o desejasse. Em terceiro lugar, queria que eu soubesse como estava sentido em não ter conseguido entrar em contato comigo antes, porque, há um ou dois dias, promovera um banquete em minha homenagem ao qual, infelizmente, eu não havia podido comparecer. Queria que eu soubesse que honra e que privilégio era dar as boas-vindas a um representante de um povo amante da liberdade como o americano. Disse que a Grécia seria eternamente grata aos americanos, não só pela ajuda generosa que lhe ofereceram em tempos de angústia, numa época em que o país parecia abandonado por toda a Europa, mas também pela sua lealdade aos ideais de liberdade que eram a base de sua grandeza e sua glória.

Foi uma homenagem magnífica e, durante alguns segundos, fiquei abismado. Mas quando, quase no mesmo fôlego, ele quis saber a minha impressão sobre a Grécia e, particularmente, sobre Creta, recobrei a fala e, recorrendo a Tsoutsou, que podia me ajudar com a sua própria criatividade caso eu falhasse, desfilei um testemunho de amor e admiração pelo seu país e seus conterrâneos igualmente floreado e barroco. Falei em francês, pois essa língua se presta, por excelência, a floreios verbais e outras coisas do gênero. Não me lembro de ter utilizado a língua francesa com tamanha graça e fluência em qualquer outra ocasião; as palavras caíam de minha língua como pérolas, todas enfeitadas e interligadas pelo uso dos verbos que, em geral, deixam os anglo-saxões meio loucos.

Muito bom, parecia dizer, olhando ora para mim, ora para o intérprete. Agora podemos tratar de outros assuntos, permanecendo, é claro, extremamente corteses, extremamente *comme il faut.* Onde o senhor esteve em sua curta estada? Expliquei rapidamente. Ah, mas isso não é nada! O senhor deve ir para cá, para lá, para todos os cantos – está tudo ao seu comando, e, como se para mostrar como se poderia resolver tudo facilmente, deu três passos para trás, apertou uma campainha sob a mesa e deu rápidas instruções ao ajudante, que apareceu e desapareceu instantaneamente. Eu estava morrendo de vontade de perguntar onde fora tão bem treinado, mas me refreei, esperando um momento mais oportuno. Que belo executivo ele não teria dado numa corporação americana! Que gerente de vendas! E cá estava ele num edifício aparentemente deserto, todo arrumado para levar avante o seu espetáculo, e nada de público, nada de *show,* só a rotina plácida de uma

cidade provinciana nos confins do mundo. Nunca vi tamanha habilidade desperdiçada. Se tivesse vontade – e só Deus sabe quais poderiam ser as ambições de semelhante indivíduo, preso a essa engrenagem de futilidades vazias –, poderia ser o ditador de todos os Balcãs. Em poucos dias, poderia vê-lo assumindo a liderança de todo o mundo mediterrâneo, arrumando, de uma penada, o destino de toda a região para as próximas centenas de anos. Apesar de toda a sua hospitalidade, seu charme e sua gentileza, eu estava apavorado. Pela primeira vez na vida, me encontrava cara a cara com um homem de poder, um homem que faria qualquer coisa que decidisse fazer, um homem que não se deteria por nada para alcançar o seu sonho. Senti que estava perante um déspota embrionário, certamente gentil, certamente inteligente, mas sem dúvida impiedoso, um homem de vontade de ferro, um homem com um único objetivo: o líder nato. Ao lado dele, Hitler parece uma caricatura e Mussolini um autorzinho ultrapassado. Quanto aos capitães de indústria norte-americanos, pelo menos pelo que aparentam ser através dos jornais e do cinema, não passam de crianças grandes, gênios hidrocefálicos brincando com dinamite nos braços de santos batistas. Stavros Tsoussis poderia torcê-los como se fossem grampinhos de cabelo entre dois dedos.

Retiramo-nos em perfeita ordem depois das amenidades chegarem a um fim natural. A mendiga e os dois moleques ainda estavam do lado de fora. Tentei imaginar, em vão, como seria a entrevista – desde que, evidentemente, ela conseguisse transpor a soleira do santuário proibido. Dei alguns dracmas a um dos moleques, que prontamente os passou à mãe; Tsoutsou, vendo que ela estava disposta a nos pedir ajuda mais substancial, rapidamente carregou-me embora.

Decidi que viajaria no dia seguinte. Tinha a intuição de que haveria dinheiro esperando por mim em Atenas. Avisei à companhia aérea que não usaria o bilhete de retorno. Descobri que, de qualquer forma, os aviões não estavam partindo, porque o campo de pouso estava enlameado demais.

Embarquei na tarde seguinte. Na manhã do outro dia, estávamos em Canea, onde ficamos até o final da tarde. Passei algum tempo em terra comendo, bebendo e passeando pela cidade. A parte antiga era muito interessante; tinha a aparência de uma fortaleza veneziana, o que, imagino, foi numa época ou noutra. A parte grega era, como sempre, irregular e enviezada, muito individualista e eclética. Tive a sensação, que tão comumente senti na Grécia, de que, no instante em que o poder do invasor foi

neutralizado ou expulso, no instante em que o pulso da autoridade relaxou, o grego retomou sua rotina diária tão natural, tão humana, tão íntima. O que é antinatural, e isso se pode notar em locais desertos como esse com maior intensidade, é a força do castelo, da igreja, da fortaleza. O poder se apaga numa decrepitude feia, deixando pequenos tumores de força aqui e ali, indicando os males do orgulho, da inveja, da malícia, da ambição, do dogma, do ritual, da superstição. Deixado em paz, o homem sempre retorna à sua vidinha à maneira grega – umas poucas ovelhas, uma cabaninha tosca, umas plantações, algumas oliveiras, um riacho, uma flauta.

À noite, passamos por uma montanha coberta de neve. Acho que paramos novamente, em Retimo. A viagem de volta de navio era longa, vagarosa, mas era uma viagem natural. Não há nada melhor – ou nada mais alquebrado – do que um bom barco grego. É uma arca na qual estão juntos pares de todas as coisas. Por acaso, o barco que eu pegara era o mesmo que, uma vez, me levara a Corfu; o comissário me reconheceu e me saudou com entusiasmo. Estava surpreso por me ver, ainda, em águas gregas. Quando perguntei por que, falou da guerra. A guerra! Eu me esquecera dela completamente. O rádio a trouxe de volta novamente, em intervalos regulares – junto com as refeições. Sempre uma dose de progresso e de inventividade suficientes para encher a imaginação de novos horrores. Deixei o salão e fui passear no convés. O vento estava soprando forte, e o navio jogava. Esta parte do Mediterrâneo tem alguns dos mares mais brabos. Bons mares. Ótimo mau tempo, estimulante, vibrante. Um barquinho pequeno num mar grande. Uma ilha aqui e ali. Um cais miudinho iluminado como num conto de fadas japonês. Animais subindo a bordo, crianças gritando, comida cozinhando, homens e mulheres se lavando um pouco pelos cantos, como animais. Ótimo barco. Ótimo tempo. Estrelas de vez em quando, macias como gerânios, ou duras e cheias de pontas como as agulhas de um pinheiro. Homens caseiros, andando de cá para lá em seus chinelos, brincando com as barbas, cuspindo, arrotando, fazendo caretas amistosas, atirando a cabeça para trás e, de estalo, dizendo não, quando deveriam estar dizendo sim. Na traseira do navio, os passageiros de carregação, espalhados a torto e a direito sobre o convés, seus pertences arrumados de qualquer jeito, alguns dormindo, outros tossindo, alguns cantando, alguns meditando, outros discutindo, mas, dormindo ou acordados, todos indiscriminadamente unidos uns aos outros, dando uma impressão sólida de vida. Nada da vida organizada e estéril do turista de

terceira classe que encontramos nos grandes transatlânticos, mas uma vida palpitante e contagiante como numa colmeia, o tipo de vida que os seres humanos deviam levar quando fazem a travessia perigosa de uma grande massa de água.

Voltei ao salão por volta da meia-noite para escrever algumas linhas no livrinho que prometera a Seferiades. Um homem aproximou-se de mim e perguntou se eu era americano; ele me observara na hora do jantar. Outro grego da América, só que, dessa vez, inteligente e divertido. Era um engenheiro a trabalho do governo. Conhecia cada centímetro quadrado do solo grego. Falou de reservas de água, equipamento elétrico, pântanos dragados, pedreiras de mármore, depósitos de ouro, acomodações hoteleiras, ferrovias, construção de pontes, cruzadas sanitárias, incêndios florestais, lendas, mitos, superstições, guerras antigas e modernas, pirataria, pesca, ordens religiosas, caça ao pato selvagem, celebrações da Páscoa e, finalmente, depois de falar sobre armas de longo alcance, armadas, bombardeiros e outros que tais, começou a discorrer sobre o massacre de Smytna, do qual havia sido testemunha ocular. Na longa lista de atrocidades perpetradas pelo homem, é difícil dizer que *incidente* é mais hediondo. Mencionar o nome de Sherman nos Estados Unidos, para um sulista, é enchê-lo de cólera profunda. Até o pastor mais ignorante sabe que o nome de Átila está associado a vandalismo e horrores indescritíveis. Mas o caso de Smytna, que ultrapassa de longe os horrores da Primeira Guerra Mundial, ou mesmo da atual, foi, de certa forma, abrandado e praticamente expugnado da memória dos nossos dias.[2] O que há de particularmente terrível em relação a essa catástrofe é não só a selvageria e a barbárie dos turcos, mas a complacência das grandes potências. Este foi um dos poucos choques sofridos pelo mundo moderno – a descoberta de que os governos, na busca de seus objetivos egoístas, podem manifestar indiferença e reduzir à impotência o impulso natural dos seres humanos face à chacina brutal e gratuita. Smytna, como a rebelião dos Boxers e outros incidentes semelhantes, numerosos demais para serem enumerados, foi um exemplo premonitório do destino que estava reservado às nações europeias, o destino que construíram para si mesmas por meio de suas intrigas diplomáticas, suas mesquinharias comerciais, sua neutralidade tão bem cultivada e a indiferença em relação a injustiças e erros clamorosos. Cada vez que ouço falar da catástrofe de Smytna, da imbecilização do homem levada a cabo nos membros das forças

armadas das grandes potências, que estavam parados ali ao lado, sem se mexer, a comando de seus superiores, enquanto milhares de homens, mulheres e crianças inocentes eram atirados à água como gado, mortos, queimados vivos, as mãos decepadas quando tentavam se agarrar a alguma embarcação estrangeira, penso naquele primeiro aviso que vi nos cinemas franceses e que, sem dúvida, foi repetido em todas as línguas do globo (com exceção do italiano, do alemão e do japonês), quando um jornal da tela mostrou o bombardeio de uma cidade chinesa.[3] Lembro-me disso pela razão muito especial de que, à exibição da destruição de Xangai, as ruas cobertas de corpos mutilados que eram removidos em carroças como se fossem lixo, criava-se nos cinemas franceses um pandemônio como jamais presenciei. O público francês estava indignado. E apesar disso, pateticamente – eu diria, humanamente –, dividia-se em sua indignação. À raiva dos justos sobrepunha-se a raiva dos virtuosos. Esses últimos, curiosamente, estavam enfurecidos pelo fato de cenas tão bárbaras e desumanas serem exibidas a cidadãos tão bem-comportados e respeitadores da lei e da ordem como eles. Queriam estar a salvo da angústia de aguentar uma cena dessas mesmo à segura distância de alguns milhares de quilômetros. Haviam pago para ver uma história de amor em poltronas confortáveis e, por um monstruoso e indesculpável *faux pas*, esta desagradável fatia da realidade fora jogada diante de seus olhos, estragando a sua noite calma e ociosa. Essa era a Europa antes da atual *dêbácle*. Essa é a América de hoje. E essa será a de amanhã, quando a poeira tiver assentado. E enquanto seres humanos puderem contemplar sentados, de braços cruzados, a tortura e morte de seus irmãos, a civilização não passará de uma triste piada, um fantasma semântico suspenso como miragem acima de um mar sempre crescente de carcaças assassinadas.

[2] Para uma boa descrição, leia os Documentos Relativos às Relações Exteriores dos Estados Unidos, 1922, publicado pelo Departamento de Estado em 1938, 2o volume. (N.A.)
[3] A esse respeito: pede-se ao público que não manifeste nenhuma emoção indevida durante a apresentação dessas cenas horripilantes. Poderiam muito bem ter acrescentado: lembrem-se, são só chineses, e não só cidadãos da França. (N.A.)

TERCEIRA PARTE

De volta a Atenas, encontrei uma quantidade de correspondência que chegara para mim em Paris e fora remetida à Grécia. Havia também vários avisos do correio, informando a chegada de remessas de dinheiro. O *American Express* também tinha dinheiro para mim, enviado por amigos americanos. Golfo, a empregada que viera de Loutraki, onde Katsimbalis fora, certa vez, dono de um cassino, e que sempre falava comigo em alemão, ficou excitadíssima com a perspectiva de tanto dinheiro vindo dar às minhas mãos. O vigia noturno, Sócrates, também, e o carteiro, que sempre ria de orelha a orelha quando me trazia ordens de pagamento. Na Grécia, como em outros lugares, espera-se que você dê dinheiro a torto e a direito quando recebe uma bolada de peso. Ao mesmo tempo, fui indiretamente informado de que poderia obter um quarto excelente, com banheiro privativo e tudo, num dos melhores hotéis da cidade, pela mesma quantia que estava pagando no Grand. Preferi ficar onde estava. Gostava das empregadas, dos porteiros, dos mensageiros e do próprio proprietário; gosto de hotéis de segunda ou terceira categoria, limpos mas decadentes, que já viram melhores dias e que guardam aromas do passado. Gostava dos besouros e das imensas lesmas que achava no meu quarto quando acendia a luz. Gostava dos corredores amplos e dos banheiros todos aglomerados no fim do saguão. Gostava do pátio sombrio e do som do coro masculino que ensaiava por perto. Por uns poucos dracmas, conseguia que o mensageiro, um velho parisiense de catorze anos de idade, entregasse as minhas cartas em mãos aos destinatários – um luxo que jamais tivera. Mas tanto dinheiro junto, de uma só vez, só faltou me deixar doido. Quase comprei uma roupa nova, coisa de que precisava com a maior urgência, mas, felizmente, o tio do mensageiro, que tinha uma lojinha perto do bairro turco, não podia me preparar uma suficientemente rápido. Aí,

quase comprei uma bicicleta para o mensageiro, que me disse que ela seria inestimável no cumprimento de suas tarefas aqui e acolá, mas, como ele não conseguiu encontrar nenhuma de que gostasse, acabei dando-lhe alguns suéteres e um par de calças de flanela.

Um dia, Max, que não tinha nada para fazer além de distribuir boletins do *British Press Bureau*, anunciou que era seu aniversário, e que estava disposto a esbanjar uma pequena fortuna, convidando todos os amigos e conhecidos para comerem e beberem com ele. Houve algo desesperado nessa festa. Apesar do champanhe que corria, da extravagante abundância de comida, das mulheres, da música e da dança, de alguma forma ela não deu certo. Os ingleses, é claro, caíram bêbados imediatamente, entrando em seus comas habituais. A festa me lembrou uma noite que passei em Londres, uma vez, na companhia de um homem de Bagdá. Ele passou a noite inteira falando de seguros ou, para variar, de trajes a rigor e da forma correta de usá-los. Max, que não podia beber por causa da saúde, enchia os copos e reluzia com uma espécie de brilho refletido, como um cômodo iluminado por candelabros. Na sua cabeça, o melhor jeito de terminar uma noitada era dirigir até alguma ruína esquecida e espatifar os carros. Uma vez, numa outra comemoração qualquer, subira com o carro os degraus do King George Hotel, para espanto dos empregados. Saí da festa às três da manhã, sentindo-me bêbado, mas não muito feliz.

Mais ou menos por essa época, recebi uma carta do Consulado Americano, requisitando a minha presença para revalidar ou invalidar o passaporte. Fui até lá fazer sondagens. Sendo americano, não levei o caso muito a sério. Só um pouco de burocracia, pensei com meus botões. Logo de saída, perguntaram se eu tinha uma fotografia. Não, eu não tinha pensado nisso. O vigia me levou até a esquina, onde havia um fotógrafo. O equipamento estava lá, mas nada do homem. Como não tinha nada para fazer, sentei na calçada e fiquei esperando, pacientemente. Ao voltar para o consulado, havia vários gregos americanizados esperando a vez. Um velho camponês que, evidentemente, enriquecera na América, me divertiu muito. Estava falando em grego com uma das secretárias, uma grega. Obviamente, não estava gostando dos seus ares competentes e superiores. E deu para ficar teimoso. Não respondia nem sim nem não a nenhuma das perguntas. Estava desconfiado, e tentava se proteger. A moça estava quase maluca. Mas quanto mais histérica ela ficava, mais calmo ele se mostrava. Olhou para mim

desesperada. Bem feito, pensei com meus botões, quem manda ficar chateando as pessoas com essas perguntas imbecis? Finalmente chegou a minha vez. O que o senhor está fazendo na Grécia? Onde mora? Quantos dependentes tem? Para quem trabalha? Fiquei tão feliz com o fato de poder responder prontamente – não moro em lugar nenhum, não tenho dependentes, não tenho chefe, não tenho objetivo nenhum – que, quando o funcionário disse, "o senhor não poderia escrever em outro lugar?", eu respondi: "É claro, eu sou um homem livre, posso escrever onde bem entender, ninguém está me pagando para escrever". Ao que ele disse – o espertinho: "Então, o senhor poderia escrever na América também, não é?". E eu disse: "É claro, por que não? Só que não quero ir escrever na América. Estou escrevendo sobre a Grécia, agora". Mas, como vim a descobrir, o jogo estava terminado. Uma breve troca de palavras com um superior e meu passaporte foi invalidado. Significava voltar para casa o mais breve possível. Rua!

No começo, fiquei com raiva; tinha a sensação de ter sido tapeado. Mas, depois de rodear o quarteirão várias vezes, cheguei à conclusão de que, provavelmente, havia sido um ato do destino. Pelo menos eu podia dar o fora, Max só podia ficar e gastar os dracmas que lhe restavam. A guerra estava assumindo proporções cada vez maiores. Logo os Balcãs estariam em chamas. Logo não haveria escolha.

Voltei no dia seguinte para ver o cônsul americano, e descobrir quanto tempo me restava. O antigo diretor do *The Dial*, como soube depois, me recebeu cordialmente. Fiquei encantado ao descobrir a sua grande simpatia e admiração pelos gregos. Tudo foi bem. Nenhuma pressa. Apenas, por favor, prepare-se para partir assim que for possível. Senti que era melhor obedecer sem criar problemas. Apertei a mão do cônsul Lincoln Mac Veagh cordialmente, e fui embora. Na saída, fiz o sinal da cruz à maneira ortodoxa.

O inverno estava chegando; os dias eram curtos e ensolarados, as noites, longas e frias. As estrelas pareciam mais brilhantes do que nunca. Por causa do racionamento de carvão, o aquecimento era ligado apenas uma hora, pela manhã, e uma hora, à noite. Peguei uma ciática, e me lembrei de que estava ficando velho. Golfo, a empregada, foi muito solícita; Sócrates, o vigia noturno, vinha todas as noites esfregar-me com um linimento para cavalos; o proprietário enviou uvas e águas minerais; Niki, dos olhos verdes da cor do Nilo, vinha e segurava minha mão; o mensageiro trazia cartas e telegramas. No todo, uma doença muito agradável.

Lembrarei sempre das caminhadas por Atenas à luz das estrelas outonais. Eu costumava ir com frequência até um platô logo abaixo de Lykabettos e ficar lá por uma hora, ou mais, só olhando para o céu. O maravilhoso é que era tão grego – não só o céu, mas as casas, a cor das casas, as estradas empoeiradas, a amplidão, os sons que vinham das casas. Algo de imaculado. Ou, num bairro distante, cujas ruas têm os nomes dos filósofos, eu andava num silêncio tão profundo e aveludado, que era como se a atmosfera estivesse cheia de pó das estrelas, cuja luz fazia um ruído inaudível. Atenas e Nova York são cidades cheias de eletricidade, únicas na minha experiência. Mas Atenas está mergulhada numa realidade arroxeada que nos envolve como uma carícia; Nova York tem a vitalidade de uma britadeira, que nos deixa loucos de agitação se não tivermos um estabilizador interno. Em ambos os casos, o ar é como champanhe – um tônico revigorante. Em Atenas, senti a alegria da solidão; em Nova York, sempre me senti só; a solidão do animal enjaulado, que leva ao crime, ao sexo, ao álcool e outras loucuras.

À meia-noite, voltando para o hotel, eu era interceptado, volta e meia, por algum manhoso que sabia suficiente inglês para começar um papo de fim de noite. Em geral me levavam para algum bar, convidando para um café, fazendo de conta que estavam emocionadíssimos em encontrar um americano como eles (sic). Uma noite, encontrei um cretense de Utica, Nova York. Havia voltado para fazer o serviço militar na Grécia, ou, pelo menos, foi isso o que disse. Tinha um irmão em Herakleion, que estava muito bem de vida. Depois de muita conversa fiada, depois de perguntar como eu estava de saúde e coisa e tal, confessou envergonhado que precisava de setenta e três dracmas para a passagem de navio até Creta. Bom, mas setenta e três dracmas correspondem, mais ou menos, a um meio dólar em moeda americana, e meio dólar não é nada para se dar a um estranho de Utica que quis prestar serviço militar em outro lugar, especialmente se, como era o caso, ele já te pagou café, doces e sorvetes, se já te ofereceu dos seus cigarros e já te convidou a usar o carro do irmão dele quando você estiver em Creta. É claro que eu não disse a ele que estava voltando de lá. Ouvi sua história com toda a simpatia e agi com toda a ingenuidade e boa-fé que se espera dos americanos. Na verdade, eu estava torcendo para ser tapeado – caso contrário, teria ficado muito decepcionado com o caráter grego. Além da experiência do meu primeiro dia na Grécia, ninguém mais tentou me enganar. E talvez este

camarada aqui até conseguisse se sair bem, se não fosse tão desastrado. Em primeiro lugar, conheço Utica razoavelmente bem – passei uma das minhas luas de mel lá, e sabia que a rua em que ele dizia ter morado não existia. Em segundo lugar, ele cometeu o erro de me contar que estava tomando o *Elsie* para Herakleion, e eu, que acabava de viajar justamente neste navio, sabia que ele não voltaria a Creta por vários meses. Em terceiro lugar, quando lhe perguntei o que achava de Phaestos (que se pronuncia do mesmo jeito em todas as línguas, inclusive o chinês), ele me perguntou o que era isso; quando lhe expliquei que era um lugar, chegou a duvidar de sua existência. Em quarto lugar, não conseguiu se lembrar do nome do hotel que eu deveria procurar em Herakleion – o que, para um homem nascido em Herakleion, que só tem dois hotéis, é uma demonstração de falta de memória extraordinária. Em quinto lugar, parecia tanto com um cretense quanto um boliviano, e cheguei a duvidar de que jamais houvesse estado em Creta. Em sexto lugar, era muito pródigo com o carro do irmão, e os carros ainda são máquinas um tanto raras em Herakleion. Nenhuma dessas coisas teria me impedido de lhe dar os setenta e três dracmas, já que, americano que sou, um meio dólar sempre me pareceu a moeda de tamanho certo para se atirar no esgoto, caso não haja nada melhor a fazer com ela. Só que eu queria que ele soubesse que eu sabia que estava mentindo. E lhe disse isso, claramente. Fez-se de ofendido. Quando comecei a enumerar as razões pelas quais achava que ele estava mentindo, ergueu-se solenemente e disse que, se um dia eu fosse a Creta e encontrasse o seu irmão, iria me arrepender amargamente do mau juízo que estava fazendo agora – e com isso, deu-me as costas e retirou-se do bar, tão humilhado e ofendido quanto se poderia desejar. Chamei o garçom e perguntei-lhe se conhecia o homem. Sorriu. “Conheço sim. É um intérprete.” Perguntei se ele já estava em Atenas há muito tempo. “Ora, passou a vida inteira aqui”, respondeu.

Havia um outro chamado Jorge, Jorge de Chipre, que era ainda mais inepto. Jorge dizia que era amigo íntimo do cônsul americano, ninguém mais, ninguém menos que o nosso Mr. Mac Veagh. Ele me surpreendera lendo uma revista alemã; cumprimentou-me em alemão, e respondi-lhe na mesma língua. Perguntou há quanto tempo eu estava em Atenas, e respondi. Disse que fazia uma bela noite, e concordei. “Qual é o seu próximo destino?”, perguntou, e respondi que talvez fosse para a Pérsia. Tudo isso em alemão. “De onde vem o senhor?”, perguntou. “De Nova York”, respondi. “E o

senhor só fala alemão?" "Sei falar inglês, também", disse. "Então, por que o senhor está falando em alemão comigo?", perguntou, com um sorriso enviesado. "Porque você me dirigiu a palavra em alemão", retruquei. "O senhor fala grego?", perguntou em seguida. "Não", respondi, "mas falo chinês e japonês. Você fala?". Sacudiu a cabeça. "O senhor fala turco?" Sacudi a cabeça. "Árabe?" Sacudi a cabeça novamente. "Falo todas as línguas, menos chinês e japonês", falou, sorrindo de novo no seu jeito esquisito. "Você é muito inteligente", observei. "É intérprete?" Não, não era intérprete. Sorriu e baixou os olhos: "Toma um café comigo?" Assenti.

Já no bar, começou uma conversa compridíssima para descobrir a minha profissão. Disse-lhe que não tinha nenhuma."Você é muito rico, não é?", perguntou, os olhos brilhando. "Não, sou paupérrimo. Não tenho dinheiro algum." Riu na minha cara, como se eu tivesse acabado de dizer uma ótima piada. "Você gosta de mulheres?", perguntou de repente. Respondi que gostava muitíssimo, especialmente se bonitas. "Eu tenho uma amiga – ela é muito bonita", foi o comentário imediato. "Vamos visitá-la, assim que você tiver acabado de tomar café." Disse que não estava com muita vontade de visitá-la, que queria ir dormir cedo. Ele fez de conta que não ouviu direito o que eu disse, e desandou a fazer uma minuciosa descrição dos seus muitos encantos. "Ela deve ser belíssima", falei. "Você não tem ciúmes dela?" Olhou para mim como se eu fosse meio biruta. "Você é meu amigo. Ela ficará muito honrada em conhecê-lo. Vamos?" – e foi se levantando da cadeira. Permaneci sentado como se fosse de pedra e perguntei que dia da semana era. Não tinha muita certeza, mas achava que era terça-feira. "Pergunte ao garçom", pedi. Ele perguntou. Era terça, mesmo. "Bom", disse eu, bem devagar. "Eu estarei muito ocupado até a próxima quinta-feira, daqui a uma semana, mas se você estiver livre na quinta à noite, dia dezessete, eu apareço por aqui às dez da noite e nós vamos visitar a sua amiga." Ele riu. "Ora, deixe disso. Vamos visitá-la agora!", e pegou no meu braço. Eu deixei que ele segurasse o meu braço, absolutamente inerte, enquanto permanecia sentado. "Vou para a cama daqui a pouco", repeti com toda a calma. "Além disso, não tenho dinheiro. Eu disse para você que era pobre, não lembra mais?" Ele riu, sentou, puxou a sua cadeira para perto de mim e se inclinou, em tom de confidência: "Escute, Jorge aqui conhece todo mundo. Você não precisa de dinheiro, é meu convidado. Nós ficamos lá só uns instantes – é logo ali, bem pertinho". "Mas é tarde", observei. "Ela pode estar dormindo."

Ele riu. “E além disso, eu já disse: estou cansado. Quinta-feira, daqui a uma semana, vai ser bom para mim.” Dessa vez, ele meteu a mão no bolso e tirou de lá um monte de cartas e um passaporte sujo, caindo aos pedaços. Abriu o passaporte e me mostrou o seu retrato, seu nome, o local de seu nascimento etc. Olhei e disse, inocentemente: “Ah, é você, não é, Jorge?”. Ele tentou se aproximar ainda mais. “Sou um cidadão inglês, está vendo? Conheço todos os ministros, todos os embaixadores. Falo com Mr. Mac Veagh para você: ele arranja o dinheiro para você voltar para casa. É um homem muito bom.” E baixou a voz. ‘Você gosta de rapazes bem novinhos?” Eu disse que sim, às vezes, desde que soubessem se comportar. Ele riu novamente. Sabia de um lugar onde havia rapazes muito novinhos, bem bonitos. Achei a informação muito interessante, e perguntei se eram amigos dele, também. Ele ignorou a pergunta, e perguntou, discretamente, se eu tinha dinheiro para pagar pelo café e pelos doces. Eu disse que tinha bastante para pagar a minha parte. “Paga a minha também?”, sorriu enviesado. Eu disse que não. Ficou surpreso – não ofendido ou destratado, mas decididamente espantado. Chamei o garçom e paguei a minha conta. Ergui-me e fui embora. Estava descendo as escadas quando ele emparelhou comigo. “Bom”, falei. “Foi uma noite muito agradável. Despeço-me aqui.” “Não, não vá ainda não! Só mais um pouquinho, ela mora logo ali...” “Quem?”, perguntei, fingindo de bobo. “A minha amiga.” “Ah”, observei, “que bom. Na próxima quinta, então, daqui a uma semana?” E comecei a andar. Ele se aproximou, pegou-me o braço. “Me dê cinquenta dracmas, por favor!” “Não”, falei, “não dou nada”. Andei mais um pouco. Ele se aproximou novamente “Por favor, trinta dracmas!” “Não”, repeti, “nada de dracmas hoje”. “Quinze dracmas!” “Não”, repeti, me afastando. Eu já estava a alguma distância dele. “Cinco dracmas!”, berrou. “Não!”, berrei de volta. “Não dou nem um dracma! Boa noite!”

Foi a primeira vez na minha vida em que recusei alguma coisa com tanta teimosia. Gostei da experiência. Assim que fui entrando no hotel, um homem idoso, de cabelos longos e chapéu de abas largas, saiu de uma rua escura e, me cumprimentando num inglês perfeito, estendeu a mão pedindo dinheiro. Meti a mão no bolso, peguei todo o trocado que tinha e lhe dei várias moedas, talvez uns cinquenta ou sessenta dracmas. Ele pegou o dinheiro, curvou-se respeitosamente enquanto tirava o chapéu e, com uma sinceridade espantosa, me informou, em seu inglês impecável, que agradecia muito pela oferta generosa, mas que isso ainda não cobria as suas

necessidades. Perguntou-me se seria possível, acrescentando que, evidentemente, sabia que isso era pedir demais, ainda mais a um estranho, mas, será que seria possível lhe dar mais duzentos dracmas? Era do que precisava para pagar a conta do hotel. E mesmo assim, explicou, ficaria sem comida. Tirei a carteira, imediatamente, e lhe dei duzentos e cinquenta dracmas. Dessa vez foi ele quem se surpreendeu. Havia pedido mais, evidentemente, jamais sonhara em conseguir nada. Ficou com os olhos marejados. Começou a fazer um longo discurso que interrompi, dizendo que estava atrasado e que tinha que me encontrar com amigos que haviam vindo na frente. Deixei-o no meio da rua, chapéu na mão, olhando para mim como se eu fosse um fantasma.

O incidente me deixou bem-humorado. “Peça”, disse Nosso Senhor Jesus Cristo, “e nada lhe faltará”. *Peça*, veja bem. Não exija, não implore, não tente trapacear. Muito simples, pensei com meus botões. Quase simples demais. E, no entanto, há algum meio melhor?

Agora que minha partida era uma certeza, Katsimbalis estava tentando, desesperadamente, organizar algumas excursões de última hora. Com o meu tempo limitado, porém, era simplesmente impossível sequer pensar em ir ao Monte Atos, ou a Lesbos, ou mesmo Mykonos ou Santorini. Delfos sim, quem sabe Delfos. Todos os dias, por volta do meio-dia, Katsimbalis ia ao hotel esperar por mim. O almoço se estendia até umas cinco ou seis da tarde, após o que íamos a uma adegazinha tomar um drinque ou dois para abrir o apetite para o jantar. Katsimbalis estava na sua melhor forma, embora continuasse se queixando da artrite, de enxaquecas, do fígado, de falta de memória e assim por diante. Aonde quer que fôssemos, acabávamos encontrando algum de seus inúmeros amigos. O bate-papo assumia proporções fantásticas; ele incorporava o recém-chegado à arquitetura do seu discurso com a facilidade de um pedreiro medieval. Viajávamos por terra e mar; descíamos o Nilo, explorávamos as pirâmides acocorados pelas passagens estreitas e baixinhas, descansávamos em Constantinopla, percorríamos os bares de Smytna, jogávamos no cassino de Loutraki e íamos continuar as apostas em Monte Carlo; atravessávamos as duas guerras dos Balcãs, voltávamos a Paris na época do armistício, passávamos as noites conversando com os monges do Monte Atos, íamos nos distrair no *Folie Bergère*, caminhávamos pelos bazares em Fez, ficávamos entediados em

Salonika, fazíamos uma pausa em Toulouse e Carcassone, explorávamos o Orinoco, descíamos o Mississipi, cruzávamos o deserto de Gobi, íamos à ópera em Sofia, pegávamos tifo em Tiflis, carregávamos uma quantidade de pacotes em Medrano, nos embriagávamos em Tebas e voltávamos, de moto, a tempo de jogar uma partida de dominó em frente a uma estação de metrô em Atenas.

Finalmente, ficou decidido que iríamos a Delfos, antigo umbigo do mundo. Pericles Byzantis, um amigo de Ghika, nos convidara a passar uns dias lá, hospedados no novo alojamento para estudantes estrangeiros que o governo acabara de inaugurar. Chegamos ao museu, em Tebas, a bordo de um Packard elegantíssimo – Ghika, Byzantis e eu. Katsimbalis decidira ir de ônibus, sei lá por quê. Por algum desses mistérios insondáveis, Tebas era exatamente como eu havia imaginado; seus habitantes também tinham a aparência rústica que eu lhes atribuía desde os tempos de escola. O guia do museu era um brutamontes que desconfiava de cada gesto que fazíamos. Entretanto, gostei de Tebas. Era muito diferente das demais cidades gregas que visitara. Devia ser umas dez da manhã, e o ar estava embriagador; parecíamos estar isolados num grande espaço que dançava numa luz arroxeada. Éramos atraídos em direção a um outro mundo.

Enquanto nos afastávamos da cidade, serpenteando pelos morros cobertos por uma vegetação densa e rasteira, parecida com a carapinha de um negro, Ghika, que estava sentado ao lado do motorista, virou-se para me contar um sonho que tivera na noite passada. Era um sonho estranhíssimo de morte e transfiguração, em que deixara o seu próprio corpo e saíra do mundo. Enquanto me contava das aparições incríveis que encontrara no outro mundo, olhei além de seus olhos para a paisagem ondulante que nos cercava. Mais uma vez, a sensação de um vasto espaço nos englobando, semelhante à que eu tivera em Tebas. Havia uma terrível sintonia entre o sonho e a realidade, os dois mundos misturando-se numa tigela de luz, e nós, os viajantes, suspensos sobre a vida terrestre. Essa sensação anulou qualquer sentido de destino; nós progredíamos sobre os campos, em direção às sensações mais puras, e o sonho, que era alucinante, de repente se tornou vívido e insuportavelmente real. Foi quando ele estava contando da descoberta de seu corpo, deitado na cama, e do cuidado com que descera, para entrar nele novamente sem danificar nenhum pedacinho, que eu vi, com o canto do olho, a beleza arrasadora da grande planície de Tebas e, descontrolado, comecei a

chorar. Por que ninguém me preparara para isso?, perguntei, aos soluços. Pedi ao motorista que parasse um pouco, para devorar a vista com um único olhar; ainda não havíamos chegado ao centro da planície, descíamos as encostas de pequenas colinas banhadas em luz. Mas estávamos no centro daquele silêncio absoluto que absorve até a respiração dos deuses. O homem não tem nada a ver com isso; nem a natureza. Neste reino, nada se mexe ou se balança, a não ser a mão do mistério. É este tipo de silêncio que envolve o mundo antes de algum acontecimento milagroso. O acontecimento, em si, não ficou registrado aqui; só a sua passagem, só o brilho violáceo do seu despertar. Este é um túnel do tempo invisível, um parêntese sem fôlego, que incha como um útero e que, depois de parir a sua angústia, queda-se imóvel como um relógio sem corda. Deslizamos através da planície, o primeiro oásis de verdade que eu já vi. Como é que pude distingui-lo dos outros paraísos que o homem conhece? Era mais verdejante, mais fértil? Ou tinha a atividade febril de uma colmeia? Não posso dizer que tenha notado nada disso. Na planície de Tebas não há pessoas, nem plantações ordenadas. No âmago de sua amplidão, pulsava um sangue rico e encorpado, transportado por veias escuras. Através dos poros da terra, os sonhos de homens há muito mortos ainda borbulhavam e explodiam, sua teia diáfana levada aos céus por bandos de aves assustadas.

À nossa esquerda, estava a estrada que levava ao Parnaso, sinistra, silenciosa, grávida de lendas. O estranho é que, durante todo o tempo em que estive em Paris, em meio a toda a alegria e miséria ligadas a Montparnasse, nunca pensei, uma vez sequer, no lugar de onde vem esse nome. Por outro lado, embora ninguém jamais me houvesse recomendado visitá-la, Tebas estava na minha cabeça desde o dia em que cheguei a Atenas. Por um mistério qualquer, o nome Tebas, como o nome de Menfis, em relação ao Egito, sempre me trouxe à imaginação uma série de memórias fantásticas; e quando, no museu, vi os relevos de pedra tão parecidos com os desenhos de Picasso, senti que estava de volta a algum passado familiar, de volta a um mundo que conhecera quando criança. Mesmo depois que a gente já a conhece, Tebas continua na memória como as ideias vagas e trêmulas que costumam povoar as esperas num gabinete dentário. Quando a gente está esperando a extração de um dente, fica sempre imaginando o novo livro que vai escrever; as ideias brotam aos montes, com a maior facilidade. Aí vem a tortura, o livro se apaga da consciência; os dias passam sem que nada

aconteça, e sem que a gente faça nada, a não ser explorar com a língua um buraquinho na gengiva que parece ser enorme. Enfim, isso também passa e a gente volta ao trabalho e, quem sabe, começa mesmo o novo livro. Mas é claro que ele sai inteiramente diferente do que a gente imaginou na antessala do dentista. E aí, uma noite, quando você não tem nada para fazer e está imerso em pensamentos triviais, a constelação do dente perdido aparece de repente, e a gente está de novo em Tebas, a velha Tebas da infância, na qual nasceram todos os romances, e a gente vê a obra-prima cuidadosamente esculpida em pranchas de pedra – e este é, realmente, o livro que a gente sempre quis escrever, mas pela manhã ele já foi esquecido, e assim Tebas é esquecida e Deus e todo o significado da vida e a nossa própria identidade e as identidades do passado, e a gente se enche de admiração por Picasso, que ficou acordado a noite inteira e não arrancou o dente que estava doendo. Quando você atravessa Tebas sente tudo isso nitidamente, e a sensação é inquietante mas, ao mesmo tempo, muito inspiradora, e quando você está tremendamente inspirado, você se dependura num canto qualquer de cabeça para baixo e fica esperando que os abutres o devorem vivo. É aí que principia a vida do Montparnasse de verdade, com Diana, a Caçadora, ao fundo, e a Esfinge esperando por você numa curva da estrada.

Paramos para almoçar em Levadia, uma espécie de aldeia alpina encravada numa montanha. O ar estava fresco e estimulante, morno ao sol e gelado como uma lâmina na sombra. As portas do restaurante estavam abertas de par em par, para deixar entrar o ar ensolarado. Era um refeitório colossal, forrado de alumínio como o lado de dentro de uma imensa lata de biscoito; os talheres, pratos, mesas estavam gelados, e nós tivemos que comer sem tirar chapéus ou casacos.

De Levadia a Arachova o passeio tinha todo o aspecto de uma excursão através de uma Islândia tropical. Raramente um ser humano, raramente um veículo; um mundo cada vez mais rarefeito, mais e mais miraculoso. Sob as nuvens, que desciam, o cenário transformou-se imediatamente em algo aterrador e terrível: só um deus poderia sobreviver à fúria dos elementos neste estranho mundo olímpico.

Em Arachova, Ghika desceu do carro para vomitar. Fiquei parado na beirada de um despenhadeiro e, ao olhar para baixo, para as profundezas, vi a sombra de uma águia girando sobre o vazio. Nós estávamos na crista das montanhas, no meio de uma terra convulsionada que ainda parecia se agitar e

torcer. A aldeia parecia isolada do resto do mundo por uma avalanche. No ar, o contínuo rugir de uma cascata gélida que, embora oculta aos olhos, estava sempre presente. A proximidade das águias, suas sombras misteriosamente escurecendo o chão, intensificava o medo e o sentimento de desolação do lugar. E, no entanto, de Arachova a Delfos a terra apresenta um contínuo e sublime espetáculo aos que a atravessam. Imaginem um caldeirão borbulhante no qual um bando de homens intrépidos desce para estender um tapete mágico. Imaginem esse tapete, composto pelos desenhos mais bonitos, nas cores mais variadas. Imaginem que os homens estão trabalhando há milênios, e que parar para descansar, por uma estação que seja, é destruir o trabalho de séculos. Imaginem que a cada suspiro, rosnar ou espirrar da terra, o tapete se rasga e se danifica. Imaginem que as cores e nuances que compõem esse tapete de terra são tão esplendorosos e sutis quanto os mais belos rituais das catedrais góticas. Imaginem tudo isso, e terão apenas uma pálida ideia de um espetáculo que muda a cada hora, cada mês, cada ano, cada milênio. Por fim, absolutamente estonteado, você chega a Delfos. São umas quatro da tarde, digamos, e a brisa que vem do mar acaba de virar o mundo de cabeça para baixo. Você está na Mongólia, e o débil tilintar de sinos, ao longe, informa que uma caravana está se aproximando. O mar se transformou num lago na montanha, plantado lá no alto, brilhando ao sol que, por sinal, parece uma omelete encharcada de rum. Numa parede de gelo, de onde sai uma neblina constante, você vê, entre as nuvens esfumaçadas, que alguém andou escrevendo coisas em caracteres que você não conhece. Do outro lado, como uma catarata, um mar de grama desce as encostas do morro. Tem o brilho do equinócio, um verde que nasce entre as estrelas num piscar de olhos.

Vista na estranha neblina do entardecer, Delfos é ainda mais etérea e admirável do que eu imaginara. Quando encontramos alguns garotos rolando dados, fiquei muito aliviado – davam um toque humano à paisagem. Das janelas do alojamento, que havia sido construído com a solidez e a generosidade de uma fortaleza medieval, tínhamos uma vista maravilhosa. Mais tarde, quando a neblina se dissipou, pudemos avistar, inclusive, um pedaço de mar – logo além do porto meio escondido de Itea. Assim que arrumamos nossas coisas, fomos procurar Katsimbalis, que estava no Hotel Apolo – acho que era o único hóspede desde a partida de H. G. Wells, abaixo de cujo nome assinei o registro, embora não fosse hóspede do hotel. Ele,

Wells, tinha uma letra muito bonita, muito pequena, quase feminina, a letra de uma pessoa muito modesta. Mas isso é tão característico da caligrafia inglesa que não tem nada demais.

Na hora do jantar estava chovendo e decidimos comer num restaurantezinho que ficava à beira da estrada. O lugar estava frio como o túmulo. Fizemos uma refeição magra, suplementada por rações liberais de vinho e conhaque. Eu me diverti muito, talvez porque estivesse muito disposto a conversar. Como costuma acontecer quando a gente chega a algum lugar importante, a conversa não tem nada a ver com aquele lugar. Lembro-me vagamente da expressão de assombro de Katsimbalis e de Ghika enquanto eu discorria sobre os Estados Unidos. Acho que estava fazendo uma descrição de Kansas; de qualquer forma, era um quadro de vazio e de monotonia suficientemente violento para impressioná-los. Quando chegamos ao sopé da colina, de onde devíamos prosseguir no escuro, ventava e chovia a cântaros. O pedaço que tínhamos que andar era pequeno, mas muito perigoso. Eu, meio alto, estava mais do que confiante de que conseguiria me virar sozinho. De vez em quando, um relâmpago iluminava a trilha, que, a essa altura, não passava de um lamaçal. O cenário era tão desolador, que eu tinha a impressão de que estávamos representando uma cena de Macbeth. “Sopra, vento, e fende o mundo!”, gritei alegre como uma coruja, e nesse instante escorreguei e deslizei morro abaixo. Teria rolado num precipício se Katsimbalis não me segurasse pelo braço; quando vi o local no dia seguinte, quase desmaiei.

Dormimos com as janelas fechadas e um imenso fogo crepitando na lareira. No café, nos reunimos em torno de uma longa mesa, que não teria envergonhado nenhum mosteiro dominicano. A comida era excelente e abundante, a vista, magnífica. O lugar era tão grande, o assoalho era tão convidativo, que não resisti e comecei a patinar com meus sapatos. Velejei corredores, entrei e saí de salões e estúdios, sendo aplaudido pelo próprio Mercúrio.

Era tempo de visitar as ruínas e arrancar as últimas profecias dos oráculos antigamente tão ativos. Subimos o morro até o teatro, de onde contemplamos os tesouros estilhaçados dos deuses, os templos em ruínas, as colunas derrubadas, tentando em vão reconstruir na imaginação os antigos esplendores do lugar. Durante horas, ficamos discutindo a posição exata da cidade, que ainda não foi descoberta. De repente, enquanto permanecíamos

silenciosos e reverentes, Katsimbalis foi até o centro da arena e, de braços erguidos, recitou as linhas finais do último oráculo. Foi um momento impressionante – para não dizer mais. Por um segundo, ou assim me pareceu, a cortina se ergueu, revelando um mundo que jamais desapareceu, mas que se afastou como uma nuvem, e se preserva intacto até o dia em que, novamente de posse dos seus sentidos, o homem possa ressuscitá-lo. Nos poucos segundos que Katsimbalis levou recitando, eu tive uma visão da larga avenida da loucura humana; sem conseguir vislumbrar seu fim, senti uma punhalada de desespero e tristeza, não em relação ao meu próprio destino, mas ao da espécie à qual pertenço, por acidente. Lembrei-me das últimas profecias que ouvira em Paris, nas quais a guerra atual era apenas um item numa longa lista de desastres e calamidades, e do ceticismo com que foram recebidas. O mundo que desapareceu com Delfos desapareceu como num sonho. Agora está acontecendo a mesma coisa. A vitória e a derrota são destituídas de qualquer sentido à luz da roda que gira eternamente. Nós estamos nos movendo numa nova latitude da alma, e daqui a mil anos os homens vão se admirar da nossa cegueira, do nosso torpor, da nossa obediência a ordens condenadas.

Bebemos na Fonte de Castália, onde subitamente me lembrei de meu amigo Nick, do Orpheum Dance Palace, da Broadway, porque ele vinha de uma cidadezinha chamada Castália que ficava num vale, além das montanhas. De uma certa forma, Nick era responsável por eu estar aqui, nesse momento. Afinal, foi graças às suas maquinações que conheci minha mulher, June, e se eu não a tivesse conhecido provavelmente não teria me tornado um escritor, não teria deixado a América, não teria conhecido Betty Ryan, nem Lawrence Durrell, nem Stephanides ou Katsimbalis, ou Ghika.

Depois de perambularmos pelas colunas partidas, subimos a trilha tortuosa até o estádio, que ficava lá em cima. Katsimbalis tirou o casaco e, com grandes passadas, mediu-o de ponta a ponta. O lugar é espetacular. Localizado bem no cume da montanha, dá a impressão de que, quando as aurigas terminavam de correr, atiravam-se com suas bigas no precipício, desaparecendo no azul. A atmosfera é sobre-humana, intoxicante a um ponto de loucura. Tudo de extraordinário e milagroso em Delfos se junta aqui, na memória dos jogos praticados junto às nuvens. Ao me virar para descer o morro, vi um pastor conduzindo seu rebanho. Sua imagem estava tão recortada contra o céu, que parecia cercado de uma aura violácea; os

carneiros andavam devagar, pequenas nuvens douradas, como se estivessem emergindo das páginas mortas de um idílio esquecido.

No museu, revi as estátuas tebanas colossais que me impressionaram tanto, e, finalmente, paramos em frente à de Antinco, último dos deuses. Não pude deixar de comprar essa maravilhosa realização em pedra da dualidade do homem com *Seraphita,* a criação literária de Balzac, tão vaga e misteriosa e, em termos puramente humanos, tão pouco convincente. Nada poderia transmitir melhor a transição da luz para a escuridão, da concepção pagã à concepção cristã devida, do que a enigmática figura do último deus na terra que se atirou no Nilo. Ao dar ênfase às qualidades espirituais do homem, o cristianismo conseguiu apenas desencarná-lo; como anjo, os sexos se fundem no sublime ser espiritual que o homem é, essencialmente. Os gregos, por outro lado, davam corpo a tudo, consequentemente encarnando o espírito e fazendo-o eterno. Na Grécia, sente-se o dom da eternidade em cada minuto; no momento em que se volta para a Europa ou para a América, essa sensação de corpo de eternidade, de espírito encarnado, desaparece instantaneamente. Nós nos movemos ao compasso do relógio entre as ruínas de mundos desaparecidos, inventando os instrumentos da nossa própria destruição, indiferentes à sorte e ao destino, jamais desconhecendo um instante de paz, sem possuir um grama sequer de fé, vítimas das piores superstições, sem controlar o corpo ou a mente, ativos não como indivíduos, mas como micróbios num organismo doente.

Naquela noite, enquanto jantávamos no salão e eu ouvia Pericles Byzantis, decidi voltar para Atenas no dia seguinte. Ele estava justamente tentando me convencer a ficar mais alguns dias, e eu teria, de fato, todos os motivos para ficar, mas tinha a impressão de que algo aguardava por mim em Atenas e sabia que não ficaria. Na manhã seguinte, na hora do café, ficou muito espantado quando lhe comuniquei minha decisão. Com grande franqueza, disse-lhe que não podia oferecer-lhe nenhum motivo especial para minha partida – exceto o melhor dos motivos, o desejo imperioso. Eu tinha tido a distinção de ser o primeiro estrangeiro a me hospedar no novo alojamento, e minha súbita partida era, sem dúvida, uma forma muito falha de expressar minha gratidão; mas o que é que eu podia fazer? Ghika e Katsimbalis decidiram voltar comigo. Espero que ao ler o que aconteceu quando voltei a Atenas, o bom Kyrios Byzantis esqueça o meu comportamento rude e não pense que ele é tipicamente americano.

A volta foi ainda mais impressionante do que a vinda. Passamos por Tebas no final da tarde, Katsimbalis nos distraindo com as histórias de suas viagens malucas no lombo de uma motocicleta entre Atenas e Tebas, e vice-versa. Parecia-me que estávamos perto do grande campo de batalha de Platea, e que estávamos, quem sabe, nas imediações do Monte Kithaeron, quando me dei conta, subitamente, de uma estranha formação semelhante a uma armadilha, na qual serpenteávamos como uma rolha biruta. Havíamos chegado mais uma vez a um desses lugares em que os invasores inimigos haviam sido trucidados como porcos, o tipo de lugar que deve ser o consolo e a alegria dos generais, em toda parte. Não fiquei surpreso em descobrir que fora aqui que Édipo encontrara a Esfinge. Eu estava muito inquieto. E por quê? Por associação de meus conhecimentos de antigos eventos? Dificilmente, já que não conheço quase nada de história grega, e o pouco que conheço está inteiramente misturado na minha cabeça, como, de resto, todos os meus conhecimentos de história. Não. Com os lugares fatais dá-se o mesmo que com os lugares sagrados, a história está escrita na terra. A verdadeira alegria do historiador ou do arqueólogo ao fazerem uma descoberta deve estar na confirmação dos fatos, e não na surpresa. Nada do que aconteceu na terra, por fundo que esteja enterrado, é desconhecido do homem. Alguns lugares se destacam como semáforos, revelando não só a pista como o acontecimento em si mesmo desde que, é claro, sejam percorridos com o coração puro. Estou convencido de que aqui há várias camadas de história, e que a leitura final só será feita quando o dom de ver o passado e o futuro como uma coisa só nos for restituído.

Quando cheguei ao hotel e descobri um telegrama me avisando de que chegara dinheiro para que eu pudesse embarcar de volta à América, achei que isso é que me chamara de volta a Atenas. Mas, de manhã, quando encontrei Katsimbalis me esperando, com um sorriso misterioso, vi que havia alguma razão mais importante. Era um dia frio de inverno, com um vento gélido que descia das montanhas. Um domingo. Tudo mudara. Um navio partia dentro de dez dias, e o simples conhecimento de que eu partiria naquele navio punha um ponto final na viagem.

Katsimbalis viera propor uma visita a um vidente armênio que ele e vários de seus amigos já haviam consultado antes. Concordei imediatamente, já que nunca, em toda a vida, fora a um vidente. Uma vez, em Paris, quase fui, depois de ver o efeito alucinante de uma consulta em dois amigos meus.

Eu achava que não havia nada a esperar, além de uma leitura positiva ou negativa do que nos aguardava.

Este vidente, em particular, morava no bairro armênio de Atenas, uma parte da cidade que eu ainda não conhecia. Haviam me dito que era um lugar sórdido e pitoresco, mas nada do que eu ouvira me dera, realmente, uma ideia do que encontrei. Para começo de conversa, é um lugar de espantosa dualidade. Em torno da gema podre do ovo está a casca imaculada da comunidade que virá a ser. Durante mais de vinte anos, esses refugiados miseráveis estão esperando para se mudar para as novas habitações que a eles foram prometidas. As novas residências construídas pelo governo, que estão prontas para serem ocupadas (gratuitamente, acredito), são modelares. O contraste entre elas e os buracos infectos em que os refugiados conseguiram sobreviver durante uma geração é, no mínimo, fenomenal. Uma comunidade inteira conseguiu abrigo em ilhas de lixo para si mesma, seus animais, seus roedores, seus piolhos, seus micróbios. Com a marcha da civilização esses lugares infectos e pustulentos não são, evidentemente, uma visão rara. Quanto mais as cidades crescem em luxo e riqueza, em poder e em elegância, tanto mais aumentam as hordas de indivíduos abandonados, que não têm onde cair mortos e que, ao contrário dos armênios de Atenas, nem ao menos podem procurar no meio do lixo as migalhas de que tiram o seu sustento, indivíduos que são obrigados a permanecer em marcha constante, expulsos de suas terras por fuzis e granadas e arame farpado, evitados como leprosos, expulsos como a peste.

A casa de Aram Hourabedian estava enterrada no coração do labirinto, e foi preciso que fizéssemos mil perguntas para conseguir chegar até lá. Quando finalmente descobrimos o pequeno aviso indicando sua residência, descobrimos, também, que havíamos chegado cedo demais. Gastamos uma ou duas horas percorrendo o quarteirão, nem tão assombrados com a miséria absoluta que reinava em torno de nós, mas com as patéticas tentativas de enfeitar e embelezar os barracões feitas pelos seus moradores. Apesar do fato de ter nascido de uma pilha de lixo, havia mais charme e personalidade nesse aglomerado do que se costuma encontrar habitualmente nas cidades modernas. Lembrava livros, lendas, pinturas: lembrava nomes como Lewis Carroll, Hieronymus Bosch, Brueghel, Max Ernst, Hans Reichel, Salvador Dali, Goya, Giotto, Paul Klee – para mencionar uns poucos. Da pobreza mais terrível emanava, mesmo assim, um brilho sagrado: a surpresa de ver num

mesmo cômodo uma mãe com seu filho e uma vaca ou um carneiro dava lugar, imediatamente, a um sentimento de reverência. E a visão de um solário improvisado, feito de pedaços de lata, ao lado de uma cabana miserável, não dava a menor vontade de rir. O abrigo que havia era repartido irmamente, e este abrigo incluía também cuidados com os pássaros do céu e os bichos dos campos. O homem só se aproxima de seu irmão na desgraça e na dor, e é só então que a sua vida se torna bela. Andando por uma rua encharcada e coberta de tábuas, parei, de repente, para olhar a vitrine de uma livraria, seduzido pelas capas de revistinhas de aventura, dessas que a gente jamais espera encontrar numa terra estranha, mas que florescem por toda a parte, em todas as línguas. Entre elas, havia um volume de capa vermelha, brilhante: uma edição grega das *Vinte Mil Léguas Submarinas*, de Júlio Verne. O que me impressionou, naquele instante, foi o fato de que o mundo no qual se enterrava essa comunidade fantástica era muito mais espantoso do que qualquer coisa que Júlio Verne jamais tivesse escrito. Como é que alguém poderia conceber, chegando de algum outro planeta no meio da noite, e caindo no bairro armênio de Atenas, que há na terra outros indivíduos, morando em arranha-céus feitos de materiais cuja simples descrição é inacreditável? E se existe tamanha distância entre um mundo e outro, qual não será a distância entre o mundo de hoje e o mundo de amanhã? Ver o mundo daqui a cinquenta ou cem anos é um exercício de imaginação violento; somos incapazes de imaginar qualquer coisa além do ciclo repetitivo de guerra e paz, rico e pobre, certo e errado, bom e mau. Olhe daqui a vinte mil anos: será que você ainda vê veículos de combate, arranha-céus, igrejas, asilos de loucos, favelas, mansões, fronteiras nacionais, tratores, máquinas de costura, sardinhas enlatadas, pílulas para o fígado? Como é que essas coisas vão ser erradicadas? Como é que vai ser o novo mundo, belo ou terrível? Vendo o lindo volume de Júlio Verne, fiquei me perguntando, seriamente como é que vai ser, o que é que vai ser? Fiquei pensando se a eliminação dessas coisas realmente chega a ocupar nossa imaginação. Pois ao ficar lá parado, imerso em meus pensamentos, percebi que tudo estava parado, e que eu não era um visitante do Século XX, mas um visitante do século nenhum, vendo o que já tinha visto e que tornaria a ver, pelos séculos afora. A ideia de que isso é perfeitamente plausível me deixou deprimido.

Foi a mulher do adivinho quem abriu a porta para nós. Tinha um aspecto digno e sereno que me impressionou favoravelmente. Indicou-nos o

quarto ao lado, onde seu marido estava sentado com os cotovelos na mesa, a cabeça enterrada entre as mãos. Aparentemente, estava mergulhado na leitura de um livro enorme, parecido com uma Bíblia. Assim que entramos, ergueu-se e cumprimentou-nos cordialmente. Não havia nada teatral nesse homem; na verdade, parecia mais um carpinteiro dedicando-se aos seus estudos rabínicos do que uma espécie de médium. Apressou-se em explicar-nos que não tinha nenhum tipo de poder extraordinário, apenas vinha estudando a Cabala há muitos anos e fora iniciado na arte de astrologia árabe. Falava árabe, turco, grego, armênio, alemão, francês, tcheco e várias outras línguas, e até bem pouco tempo atrás trabalhara para o consulado da Tchecoslováquia. A única informação que pediu foi a data, hora e lugar de meu nascimento, meu nome e os nomes de meu pai e minha mãe. Devo acrescentar que, antes disso, dissera a Katsimbalis que eu era, decididamente, um capricorniano do tipo jupiteriano. Consultou os livros, fez cálculos metódicos e vagarosos e, erguendo os olhos, começou a falar. Ele falava em francês, mas, volta e meia, quando as coisas ficavam muito complicadas, falava em grego com Katsimbalis, que traduzia para mim em inglês o que ele dissera. Linguisticamente, pelo menos, a situação era muito curiosa. Eu me sentia inusitadamente calmo, seguro de mim mesmo, consciente de cada objeto que havia no quarto, mas nem por isso distraído do que o vidente dizia. Estávamos numa espécie de sala de estar, muito limpa e arrumada, uma atmosfera que me lembrava a das casas de rabinos pobres que eu visitara em outras cidades do mundo.

Começou dizendo que eu estava me aproximando de uma fase nova e muito importante de minha vida, que até o momento eu havia evoluído em círculos, que fizera muitos inimigos (pelo que escrevera) e que causara muito mal a outras pessoas. Disse que eu não só vivera uma existência dupla (acredito que usou a palavra “esquizofrênica”), como uma existência múltipla, e que ninguém me compreendia de verdade, nem mesmo meus amigos mais íntimos. Mas disse que tudo isso estava para mudar. Numa certa data, que ele me forneceu, eu encontraria o caminho aberto à minha frente; antes de morrer, eu traria grande alegria para o mundo, para todas as pessoas no mundo, ressaltou, e meu maior inimigo se curvaria à minha frente e me pediria perdão. Disse que, antes de morrer, eu receberia as maiores homenagens, os maiores prêmios que um homem pode receber. Que eu faria três viagens ao Oriente e que lá, entre outras coisas, encontraria um homem

que me compreenderia como nenhum outro, e que esse encontro seria importantíssimo para nós dois. Que eu não voltaria da minha última visita ao Oriente, mas que não morreria, apenas desapareceria na luz. Interrompi-o para perguntar-lhe se queria dizer que eu seria imortal, através de meu trabalho ou de meus feitos, mas respondeu que não, que queria dizer, pura e simplesmente, que eu não morreria nunca. Nisso confesso que me espantei, e olhei para Katsimbalis, sem dizer uma palavra, para ver se eu tinha entendido direito.

Prosseguiu, dizendo que havia sinais e indicações que ele mesmo não conseguia entender, mas que, de qualquer jeito, descreveria para mim, assim como estavam. Sem demonstrar qualquer surpresa, pedi-lhe que o fizesse, pois eu poderia entendê-los muito bem. Ele parecia estar particularmente impressionado pelo fato de eu demonstrar todas as características de divindades e, apesar disso, estar com os pés acorrentados à terra. Parou para se explicar em grego a Katsimbalis, obviamente perturbado e temeroso de fazer interpretações a respeito das quais não estava muito seguro. Voltando-se para mim, disse que considerava um grande privilégio estar na presença de alguém como eu. Confessou que jamais vira as indicações de uma carreira tão esplêndida quanto a que se abria à minha frente, e perguntou se eu já não escapara da morte diversas vezes. “Na verdade”, continuou, sem esperar resposta, “você sempre escapou milagrosamente de qualquer situação desesperadora. Sempre escapará. A sua vida é encantada. Quero que se lembre das minhas palavras, sempre que estiver em perigo – por pior que esteja a situação, não desista, você será salvo. Você é como um navio com dois lemes – quando um falha, o outro funciona. Além disso, você tem asas: você pode voar quando os que estão à sua volta estiverem destinados a sucumbir. Você está protegido. Você só tem um inimigo – você mesmo.” Com isso, ergueu-se, veio até mim, pegou-me a mão e beijou-a.

Este é só um resumo das suas palavras. Omiti numerosos detalhes a respeito do meu relacionamento com outras pessoas que não teriam interesse para o leitor que não conhece essas pessoas. Tudo o que ele falou a respeito do meu passado foi incrivelmente correto e, na maior parte dos casos, referente a acontecimentos que ninguém na Grécia poderia conhecer, nem Durrell ou Katsimbalis. Conversamos um pouco antes de nos despedirmos. Durante a conversa, ele me pediu, já que eu estava voltando para a América, que procurasse o seu irmão em Detroit, do qual ele esperava receber auxílio.

Aliás, há um detalhe que eu me esqueci de contar e que é engraçado, porque me pareceu tão armênio. Ao me falar de fama e glória, das honrarias e prêmios que eu receberia, ele observou, espantado: “Mas eu não vejo dinheiro algum!”. Caí na gargalhada. Nunca tive dinheiro, e apesar disso vivi uma vida intensa e, no todo, feliz. Para que iria precisar de dinheiro agora – ou depois? Quando estive muito a perigo, sempre encontrei um amigo. E parto do princípio de que encontrarei amigos em todo lugar. Terei mais e mais amigos à medida que o tempo avançar. Se eu tivesse dinheiro, poderia me tornar negligente, acreditando numa segurança que não existe, me agarrando a valores fúteis e ilusórios. Não tenho ilusões a respeito do futuro. Nos dias negros que nos aguardam, o dinheiro vai valer cada vez menos como proteção contra o mal e o sofrimento.

É claro que fiquei muito impressionado com a entrevista. Eu me senti, principalmente, purificado. Além da referência enigmática à minha morte, nada do que ele predisse para o futuro me surpreendeu. Sempre esperei tudo do mundo e sempre estive pronto a dar tudo. Antes de deixar Paris, eu já tinha tido a convicção de que conseguiria quebrar os círculos viciosos em que me encontrava e que, conforme ele dissera, costumam ter a duração de sete anos. Deixara Paris antes da guerra sabendo que minha vida lá estava terminada. A decisão de tirar umas férias de um ano, de ficar sem escrever durante este período, a própria escolha da Grécia, que, como eu via agora, era o único país que podia satisfazer minhas necessidades interiores, tudo isso era muito significativo. Nos últimos dois anos em Paris, eu havia dito aos meus amigos que achava que um dia poderia parar de escrever – parar por minha própria conta, no momento em que sentisse estar de posse do domínio completo da palavra. O estudo de Balzac, que foi o último trabalho que fiz em Paris, serviu para corroborar uma tese que começou a se cristalizar em mim – o fato de que a vida do artista e sua devoção à arte são a suprema manifestação do egoísmo no homem. Há amigos que me dizem que jamais vou parar de escrever, que não seria capaz disso. Mas parei por um bom tempo na Grécia, e sei que poderei parar de novo no futuro, e para sempre, se for o caso. Não sinto compulsão para nada, em particular. Sinto, ao contrário, uma liberação cada vez maior, suplementada pelo desejo de servir ao mundo da melhor forma possível. Que forma é essa ainda não sei, mas me parece claro que terei que passar da arte para a vida, que terei que transpor o que quer que eu tenha aprendido com a arte para a vida. Eu disse que me senti

purificado. Mas é verdade que também me senti exultante. E, acima de tudo, senti uma responsabilidade como jamais sentira. Uma sensação de responsabilidade em relação a mim mesmo, bem entendido. Mesmo sem ter experimentado as recompensas de que falara, eu já as tivera todas – na imaginação. Durante todos os anos que passei escrevendo, sempre tive a sensação de que só seria aceito, pelo menos pelos meus compatriotas, depois de morto. Ao escrever, muitas vezes tentei vislumbrar o mundo da perspectiva do meu túmulo, mais atento às reações dos homens que estavam por vir do que dos meus contemporâneos. De certa forma, boa parte da minha vida foi vivida no futuro. Em relação a muito do que concerne, eu já estou morto mesmo, vivendo apenas para uns poucos amigos que, como eu, não tiveram paciência de esperar que o mundo entrasse no seu compasso. Não digo isso por orgulho ou vaidade, mas com uma humildade mesclada com tristeza. Tristeza, aliás, talvez não seja a palavra certa, já que não me arrependo do rumo que as coisas tomaram nem desejaria que fossem diferentes. Eu já sei como é o mundo e, por saber, eu o aceito, o bem e o mal incluídos. Descobri que viver criativamente significa viver cada vez menos egoisticamente, viver cada vez mais no mundo, identificando-se com ele e tentando influenciá-lo. Tenho a impressão, agora, de que a arte, como a religião, é só uma preparação, uma iniciação a um meio de vida. O objetivo é a liberação, a liberdade, o que quer dizer assumir responsabilidades cada vez maiores. Escrever, além do ponto de autorrealização, me parece vão e inútil. O domínio de qualquer forma de expressão artística deve conduzir, inevitavelmente, à expressão final – o domínio da vida. Neste campo, cada um está absolutamente só, enfrentando os próprios elementos da criação. É uma experiência cujo final ninguém pode prever. Se é bem-sucedida, o mundo inteiro se modifica. Não quero me vangloriar, nem dizer que já esteja preparado para isso, mas é nesse sentido que minha mente se dirige. Eu já acreditava, antes de conhecer o armênio, e continuo acreditando agora, que quando as honrarias e homenagens me forem conferidas não estarei presente para recebê-las, que estarei vivendo sozinho e incógnito em algum canto remoto do globo, dando continuidade à aventura que começou com as tentativas de me definir em palavras. Sei que os maiores perigos estão por vir, que a viagem verdadeira mal começou. Escrevo essas linhas quase um ano depois do momento que descrevi ter ocorrido em Atenas. Deixem-me acrescentar que, desde que voltei para a América, tudo o que me aconteceu,

um prazer, uma realização atrás de outras, se deu com precisão absoluta. Na verdade, estou apavorado, porque agora, ao contrário da minha vida no passado, basta que eu deseje uma coisa para que, imediatamente, meus desejos sejam satisfeitos. Devo dizer que o efeito disso é que cada vez desejo menos e menos: estou na delicada situação de ter de tomar cuidado para não querer algo que realmente não desejo. O único desejo que cresce e cresce em mim é o de dar. A sensação de poder e de prosperidade que isso traz é, também, meio assustadora – porque a sua lógica parece ser de uma simplicidade incrível. A gente só começa a perceber que a sabedoria de dar de si não é tão simples quanto parece quando olha em torno e vê o esforço com que a vasta maioria dos nossos semelhantes tenta se agarrar às suas posses. Dar e receber são, no fundo, uma coisa só, dependendo se a gente vive aberto ou fechado em si mesmo. Vivendo abertos, tornamo-nos transmissores; e assim, como um rio, experimentamos a sensação de viver ao máximo, correndo numa linha paralela à correnteza da vida, morrendo apenas para renascer como oceanos.

A época das festas estava chegando, e todo mundo insistia para que eu deixasse a minha partida para depois do Natal. O navio devia partir em dois ou três dias: eu não tinha a menor esperança de ficar. Mas foi justamente aí que fui informado de que o navio ficara detido em Gibraltar e que não partiríamos antes de uma semana, possivelmente uns dez dias. Durrell, que pegara o carro de Max emprestado para os feriados, decidiu viajar para o Peloponeso e insistiu para que eu fizesse companhia a ele e a Nancy. Se o navio partisse dentro de uma semana, eu corria o risco de perdê-lo. Mas como ninguém tinha certeza de quando partiria, decidi arriscar.

Enquanto isso, voltei a Eleusis com Ghika. Era um final de tarde quando ele me pegou, de carro. Quando chegamos a Daphini, o sol se punha em violento esplendor. Guardei esse pôr do sol na lembrança como um crepúsculo verde. Nunca vi o céu mais límpido, ou mais impressionante. Corríamos, tentando chegar às ruínas antes de escurecer, mas foi em vão. Quando chegamos, os portões já estavam fechados. Depois de alguns dedos de prosa, entretanto, o guarda acabou nos deixando entrar. Acendendo fósforo depois de fósforo, Ghika me conduzia rapidamente de canto a canto. Foi um espetáculo curioso, que jamais esquecerei. Quando acabamos, fomos, pelas ruelas emaranhadas, até a praia da baía que ficava em frente a Salamis. Há algo sinistro e opressivo nessa paisagem, à noite. Andamos para cima e

pra baixo ao longo do cais, açoitados pelos ventos fortes, e falamos de dias passados. Havia um silêncio desagradável em todo o ambiente, e as luzes cintilantes da nova Eleusis davam ao lugar uma aparência ainda mais desolada do que tinha durante o dia. Mas quando voltamos para Atenas fomos brindados com um espetáculo elétrico sem paralelo no mundo. O grego é tão apaixonado pela luz elétrica quanto pelo sol. Nada de sombras macias, como em Paris ou em Nova York, mas cada janela radiante de luz, como se os atenienses tivessem acabado de descobrir as maravilhas da eletricidade. Atenas brilha como um candelabro, brilha como um candelabro num cômodo vazio recoberto de azulejos. Mas o que lhe dá a sua característica tão especial é a suavidade que consegue conservar em meio ao brilho, apesar da iluminação excessiva. É como se o céu, liquefeito, mais palpável, tivesse descido das alturas para encher cada recanto com seu fluido magnético. Atenas nada em luminosidade elétrica vinda diretamente do céu. Isso afeta não só o corpo e os órgãos sensoriais do organismo, mas a própria alma do homem. Do coração de Atenas, ele pode sentir a sua ligação com outros mundos de luz. No final da Rua Anagnastopolou, onde mora Durrell, há uma colina da qual se avista boa parte da cidade. Noite após noite, ao deixar a sua casa, fiquei parado nessa colina, caído em transe, intoxicado pelas luzes de Atenas e pelas luzes lá de cima. A sensação que se tem em Sacre-Coeur, em Paris, é inteiramente diferente; a das altitudes do Empire State Building, em Nova York, também. Já contemplei Praga, Budapeste, Viena, a baía de Mônaco, todas elas lindas à noite, mas não conheço cidade que se compare a Atenas em seu esplendor noturno. Pode parecer ridículo, mas a impressão que se tem lá é que a luz milagrosa do dia nunca chega a desaparecer por completo; por um desses mistérios inexplicáveis, é como se a cidade nunca deixasse o sol se afastar muito de si, como se não acreditasse que os dias acabam. Frequentemente, ao dar até logo a Seferiades em sua casa na rua Kydathenaion, eu perambulava até o Zapion sob a luz incandescente, repetindo para mim mesmo, como se fosse uma senha: “Você está em outra parte do mundo, numa outra latitude, você está na Grécia, na Grécia, entende?”. Era preciso repetir a palavra Grécia, porque eu tinha a estranha sensação de estar em casa, de estar n’algum lugar familiar e doméstico que estava inteiramente transformado por ser visto com tanta adoração. Pela primeira vez na vida, também, eu encontrara homens que eram como devem ser os homens – quer dizer, francos, abertos, espontâneos,

calorosos. Esses eram os tipos de homem que eu esperava encontrar em meu próprio país, enquanto me tornava adulto. Nunca os encontrei. Na França, encontrei uma outra espécie de seres humanos, uma espécie que admirei e respeitei, mas de que jamais me senti íntimo. Sob todos os aspectos possíveis e imagináveis, a Grécia se revelara a mim como o centro do universo, o local ideal para o encontro do homem com o homem na presença de Deus. Foi a primeira viagem inteiramente satisfatória da minha vida, sem nenhuma desilusão, a única que me ofereceu mais do que eu havia esperado. As últimas noites no Zapion, sozinho, cheio de memórias maravilhosas, foram a suprema felicidade. Logo tudo isso estaria acabado, e eu estaria, mais uma vez, percorrendo as ruas da minha cidade. Mas essa perspectiva já não me apavorava. A Grécia fizera por mim algo que nem Nova York nem a própria América poderiam destruir. A Grécia me fizera livre e indivisível. Eu estava pronto para enfrentar o dragão e dar cabo dele, pois isso já acontecera no fundo da minha alma. Eu andava por todos os lados como se estivesse escorregando em veludo, em silenciosa homenagem ao grupinho de amigos que fizera na Grécia. Eu amava aqueles homens, todos e cada um deles, por me terem revelado a verdadeira dimensão do ser humano. Amava o solo em que cresceram, a árvore a que pertenciam, a luz em que vicejavam, a bondade, a integridade, a caridade que possuíam. Eles me fizeram ficar face a face comigo mesmo, purgaram-me de todo o ódio e ciúme e inveja. E – o que não foi pouco – me mostraram, por seu próprio exemplo, que a vida pode ser bem vivida em qualquer escala, qualquer clima, sob quaisquer condições. Àqueles que pensam que a Grécia de hoje não tem mais importância alguma, deixem-me dizer que não se poderia cometer maior engano. Hoje, como antigamente, a Grécia é imprescindível a qualquer homem que esteja em busca de si mesmo. A minha experiência não é única. E talvez fosse bom que eu acrescentasse que nenhum outro povo precisa tanto do que a Grécia tem a oferecer como o americano. A Grécia não é apenas a antítese da América, mas, principalmente, o remédio para os nossos males. Economicamente ela pode parecer destituída de importância, mas espiritualmente a Grécia ainda é a mãe de todas as nações, a fonte maior de sabedoria e inspiração.

Restam apenas alguns dias. Na véspera de Natal, estou sentado no terraço do King George Hotel, esperando por Durrell e Nancy, que devem aparecer com o carro. A temperatura está esquisita; pode ser que chova. A

gente devia ter ido às dez da manhã; agora são duas da tarde. Finalmente, chegam no carrinho inglês de Max, que mais parece um inseto de proporções descomunais. O carro não está lá muito bom, os freios estão com defeito. Como sempre, Durrell está às gargalhadas. Rindo e xingando ao mesmo tempo. Ele vai fazer com que esse carro renda o máximo. Ele espera que eu perca o navio. Será que a gente espera ele comprar uns cigarros? Ele está acompanhando as notícias da guerra com a maior atenção. Eu não leio um jornal desde que deixei Paris; não pretendo ler nenhum jornal até chegar a Nova York, onde já sei que vou me fartar deles.

A primeira coisa que percebo, quando nos pomos a caminho, é que já não é outono. O carro é um conversível coberto com lona. É agradável no sol, mas vai ficar um horror quando escurecer. Rodando numa encosta que dá para o mar, Durrell me pergunta, subitamente, o que me ocorre quando o nome Corinto é mencionado. “Menfis”, respondo, rápido. “Pois eu logo penso em algo avermelhado, redondo e sensual”, diz ele. Vamos parar em Corinto, e prosseguir no dia seguinte para Esparta. Paramos por alguns minutos no canal. Os primeiros toques de vermelho; algo decididamente egípcio no canal de Corinto. Entramos na nova cidade de Corinto no final da tarde. Pode ser tudo, menos atraente. Avenidas largas, casas acachapadas, parques vazios – é nova no pior sentido da palavra. Escolhemos um hotel com aquecimento central, tomamos um chá com a maior calma do mundo e partimos em direção à antiga Corinto para dar uma olhadela nas ruínas antes que anoiteça. A antiga cidade fica a alguns quilômetros, construída num platô com vista para um descampado. À luz de uma tarde de inverno, a paisagem adquire contornos pré-históricos. Acima das ruínas, eleva-se o Acro-Corinto, uma espécie de templo asteca no qual, pode-se imaginar facilmente, os rituais e sacrifícios mais sangrentos eram realizados.

Uma vez em meio às ruínas, essa impressão se modifica. O grande plinto do Acro-Corinto agora paira suave, um megalito gigante que se envolveu numa nuvem de lã. Cada minuto que passa acrescenta novo brilho, nova ternura à cena. Durrell estava certo: há mesmo algo rico, sensual e rosado em Corinto. É a morte em pleno desabrochar, morte envolta em voluptuosa corrupção. As colunas do templo romano são gordas, quase orientais em suas proporções, pesadas, achatadas, presas à terra como as patas de um elefante atacado de amnésia. Esse jeito luxuriante de fruta amadurecida está espalhado por todos os lados, ampliados pela luz rosada

que vem do sol poente. Caminhamos até a fonte, encravada na terra como um templo oculto, lugar misterioso sugerindo afinidades com a Índia e a Arábia. Acima de nós, a muralha espessa que cerca as ruínas. Um magnífico dueto atmosférico se desenrola no céu; o sol, que virou uma bola de fogo, conta agora com a companhia da luz, e na torrente de harmonias mutantes criadas pela conjunção dos dois astros as ruínas de Corinto brilham e vibram com a beleza sobrenatural. Só fica faltando mesmo um efeito especial: uma chuva de estrelas.

O caminho de volta nos leva a um outro mundo, pois além da escuridão há a névoa que surge do mar. Uma corrente de luzinhas trêmulas indica a linha da costa, além do golfo, onde as montanhas erguem-se sonolentas e pacíficas. Corinto, a nova Corinto, foi engolfada por este suor frio que penetra até os ossos.

Mais tarde, à procura de um restaurante, decidimos dar, primeiro, uma caminhada pela cidade. Não há nada a fazer, além de seguir uma das imensas avenidas em direção ao nada. É véspera de Natal, mas nada, aqui, demonstra que quem quer que seja saiba disso. Ao nos aproximarmos de uma casa solitária iluminada por um fumacento lampião de querosene, somos surpreendidos pelos estranhos sons de uma flauta. Diminuímos o passo e paramos no meio da rua, para apreciar. A porta da casa está aberta, revelando uma sala cheia de pessoas ouvindo um flautista. O homem parece exaltado pela sua própria música, uma música que nunca ouvi antes e que, provavelmente, jamais ouvirei novamente. Parece ser pura improvisação e, a menos que seus pulmões desistam da empreitada, promete não acabar nunca. É a música das montanhas, as notas selvagens do homem solitário armado de seu instrumento – e mais nada. É a música original para a qual nenhuma nota foi escrita, e nenhuma nota é necessária. É altiva, triste, obsessiva, súplice. Não foi feita para os ouvidos do homem, mas os de Deus. É um dueto no qual o outro instrumento permanece em silêncio. Em meio ao concerto, um homem aproxima-se de nós numa bicicleta, desmonta e, tirando o chapéu, respeitosamente indaga se somos estrangeiros, se por acaso chegamos hoje mesmo. Ele é mensageiro da Cia. de Telégrafos e tem um telegrama para uma mulher americana. Durrell ri e pede-lhe que mostre a mensagem. É uma saudação natalina para a Condessa von Reventlow (Barbara Hutton). Nós a lemos – está em inglês – e a devolvemos ao mensageiro, que parte como um escoteiro na noite, disposto a interceptar a próxima mulher alta e loura que

encontrar. O incidente me trouxe à memória os meus tempos de mensageiro, quando, numa noite de inverno, encontrei um colega vagando pelas ruas de Nova York feito um zumbi, um bolo de telegramas por entregar nas mãos. Notando o seu olhar fixo e imóvel, carreguei-o comigo para a agência a que pertencia, onde soube que estava desaparecido há dois dias. Estava azul de frio, tremendo feito vara verde. Quando abrimos seu capote para ver se havia qualquer mensagem em seus bolsos, descobrimos que estava pelado. Num dos bolsos, encontrei um programa de composições musicais que, evidentemente, ele mesmo imprimiu, já que praticamente toda a lista de preços o dava como autor. A história acabou numa enfermaria do Hospital Psiquiátrico de Bellevue.

No restaurante, espaçoso e despojado, devoramos uma excelente e gordurosa refeição, daquelas que costumam viver estômagos anglo-saxões. Admito que boa parte do charme da cozinha grega se perde quando os pratos estão frios, mas os ingleses, sendo os piores cozinheiros do mundo, deveriam ser os últimos a reclamar. Com a ajuda de algumas garrafas de vinho, fizemos o que pudemos por uma reunião de Natal meio desanimada. O ponto alto dos festejos – os outros fregueses já haviam ido embora – foi a elaborada formulação de mensagens quixotescas em cartões-postais endereçados a várias celebridades mundo afora. Voltamos para o hotel, que a essa altura estava quente como uma torrada, e caímos na cama.

De manhã, fomos para Micenas, que os Durrells ainda não conheciam. O ar estava cortante, a estrada clara e desimpedida, e estávamos todos bem-humorados. O Peloponeso afeta a todos mais ou menos da mesma forma. A melhor maneira que encontro para descrevê-la é dizer que se parece mais ou menos como uma pontada rápida e suave no coração. Durrell, que foi educado perto da fronteira com o Tibete, estava tremendamente entusiasmado e confessou que, às vezes, tinha a impressão de estar de volta à India. À medida que nos aproximávamos de Micenas, ficava mais e mais impressionado; sempre falante e comunicativo, foi aos poucos ficando muito silencioso.

Dessa vez, equipados com uma lanterna, decidimos descer as escadarias escorregadias do poço. Durrell foi na frente, Nancy, atrás, eu, por último. Na metade do caminho, paramos, instintivamente, e começamos a discutir se avançávamos mais ou não. Eu estava sentindo o mesmo terror que sentira na visita com Katsimbalis. Eram dois medos diferentes – um, de que o teto da

abertura das escadarias cedesse, sepultando-nos na escuridão, e, dois, que uma escorregadela me fizesse despencar lá no fundo, entre cobras, lagartos e morcegos. Fiquei tremendamente aliviado quando Durrell, meio pressionado, decidiu abandonar a descida. Achei formidável ser, agora, o primeiro em vez de último. Quando chegamos à superfície eu estava suando frio, mentalmente me debatendo, ainda, com os demônios que queriam me arrastar para as profundezas. Ao voltar o pensamento, hoje, acredito piamente que eu preferiria ser morto a ter que descer sozinho aquela escada. Na verdade, acho que morreria do coração muito antes de chegar lá embaixo.

Agora, tínhamos que atravessar Argos, que eu só vira a distância, e subir as montanhas, em direção a Trípolis. Deixar a fértil planície da Argivia pela cordilheira é outra experiência fascinante. A estrada é bem estreita, as curvas, fechadas e perigosas, o acostamento, um precipício só. Os ônibus percorrem esse caminho feito loucos, pois os gregos são, por temperamento, descuidados e temerários. As nuvens estavam se juntando para uma bela tempestade, e mal tínhamos começado a travessia. Nossa dúvida era a seguinte: os freios aguentariam? Nós nos indagávamos isso enquanto serpenteávamos morro acima, espremidos por um ônibus que por pouco não transformou o carro em ferro velho. Finalmente, enquanto percorríamos as bordas de uma imensa terrina de sopa que Durrell me assegurou ser a Arcádia, começou a chover. À medida que o toró engrossava, um vento gelado, terrível como a mão da morte, nos atacou com toda a força. Enquanto isso, lutando com o volante, Durrell discorria sobre os vários aspectos da lenda de Dafne e Cloé. A chuva nos atingia por trás e pelos lados, o motor bufava e rosnava, os limpadores de para-brisa deixaram de funcionar, minhas mãos estavam congeladas, a água me escorria chapéu abaixo, encharcando as costas. Eu não estava exatamente disposto a ouvir de Dafne e Cloé; pelo contrário, pensava como seria agradável estar naquela escadaria escorregadia em Micenas.

Assim que chegamos ao topo da montanha, pudemos avistar o platô onde repousa Trípolis. De repente, a chuva parou, e apareceu um arco-íris, o mais delicioso e frívolo de todos os arco-íris que já vi, logo seguido por um segundo, os dois tão ao alcance de nossas mãos! e, paradoxalmente, tão distantes. Nós os perseguimos a toda velocidade morro abaixo, deslizando pelas ravinas que levam ao platô.

Almoçamos num hotel maravilhoso, bebemos mais vinho, sacudimo-

nos feito cachorros e prosseguimos viagem na direção de Esparta. Começou a chover novamente, uma chuva torrencial que, salvo por breves intervalos, duraria três dias seguidos. Seu eu tivesse que fazer essa viagem novamente, não poderia desejar nada melhor do que o toró. Todo o campo se transformou, como num passe de mágica, cheio de riachos e lagos de estonteante beleza. A terra ficou tremendamente asiática, aumentando a sensação de viajar e as nossas expectativas. Quando chegamos ao vale de Eurotas, parou de chover e o vento suave nos trouxe um calor e uma fragrância agradabilíssimos. À direita da grande planície espartana estende-se a cordilheira nevada de Taygetos, que vai, sem falhas, até a ponta da península. O cheiro das laranjas aumentava progressivamente à medida que nos aproximávamos de Esparta; devia ser umas quatro horas quando entramos na cidade. O hotel principal, que ocupava quase um quarteirão inteiro, estava lotado. Tivemos que andar por mais de uma hora até encontrar alojamento. Durrell achou a cidade horrenda; eu achei exatamente o contrário. É verdade que não há nada de particularmente antigo na aparência de Esparta; provavelmente, não é melhor do que Corinto, e, entretanto, talvez por ser uma cidade meridional, me pareceu mais alegre, mais animada e mais atraente. Tem um aspecto vulgar e frequentemente agressivo, como se tivesse sido influenciada pela volta dos gregos americanizados. Fomos imediatamente reconhecidos como ingleses, e saudados em inglês em cada esquina, hábito que os ingleses odeiam, mas que para um americano como eu não é nada mau. Para dizer a verdade, eu até gosto desses encontros casuais, curioso que sou a respeito de meus semelhantes, e de suas idas e vindas – coisa em que os gregos são particularmente interessantes, tendo a capacidade de ir aos cantos mais remotos da terra. O que Durrell não podia entender, nunca tendo estado na América, é que a linguagem rude e os trejeitos desses gregos excessivamente amistosos são inteiramente familiares, naturais e aceitáveis para os americanos, já que foram adquiridos em contato com eles. Os gregos não costumam ser assim, por natureza; pelo que vi, são gentis, retraídos e falam baixinho. Vi, nesses espartanos, os traços de coisas que deploro em meus compatriotas; senti vontade de congratular-me com eles, coletiva e individualmente, por terem tido o bom-senso de voltar para a sua terra.

Tendo ainda algum tempo antes do jantar, decidimos dar uma chegada até Mistras, a aldeiazinha bizantina cujas ruínas são, hoje, a principal atração

para os turistas que chegam a Esparta. O leito do Eurotas ainda não havia se transformado na catarata em que se transformaria no dia seguinte; por enquanto, era só um rio gelado e serpenteante, correndo como uma cobra-preta. Por um motivo qualquer, não entramos nas ruínas. Ficamos sentados no carro, contemplando-as de longe. Na volta, cruzamos com um amigo de Durrell – sem parar. Cumprimentaram-se com naturalidade e seguiram seus caminhos. “O que é que há, vocês estão brigados?”, perguntei. Durrell se espantou com minha pergunta. Não, não estavam brigados não – por que é que eu estava pensando isso? “Bom, não é meio esquisito encontrar um amigo num fim de mundo desses e nem parar?” Não me lembro das palavras exatas que ele usou para me responder, mas, em resumo, elas diziam mais ou menos isso: “O que é que a gente ia fazer com um inglês por aqui? Eles já são suficientemente chatos na Inglaterra. Você está querendo escangalhar a nossa viagem?” Fiquei pensando. Lembrei que, em Paris, jamais ficara particularmente animado ao encontrar um americano. Mas isso era porque eu, em Paris, me considerava em casa – e em casa a gente tem todo o direito de ser intolerante, mal-educado e pouco sociável. Longe de casa, porém, especialmente em lugares inteiramente estranhos, sempre achei bom me encontrar com um compatriota, mesmo que esse compatriota acabasse se mostrando um chato de galocha. O fato é que, uma vez afastado do lar e dos laços familiares, a inimizade e os preconceitos vão por água abaixo. Se eu encontrasse o meu pior inimigo em, digamos, Samarkkand, tenho certeza de que iria ao seu encontro, a mão estendida. Eu seria capaz até de tolerar alguns desaforozinhos para ficarmos amigos. Não sei por que – mas talvez o fato de estar vivo e respirando num lugar inteiramente novo do globo baste para que eu veja a intolerância e inimizade como as coisas realmente absurdas que são. Ainda me lembro de me encontrar com um judeu que me detestava na América, por me achar antissemita. Nós nos encontramos numa estação ferroviária na Polônia, depois de termos passado anos sem nos ver. No momento em que me viu, ele esqueceu seu ódio antigo. E eu não só fiquei feliz em vê-lo como ansioso em pedir desculpas por ter, correta ou incorretamente, inspirado sua hostilidade. É bastante improvável que nossas reações fossem as mesmas caso tivéssemos nos encontrado em Nova York, onde nos conhecemos previamente. Admito que essa reflexão seja um triste comentário sobre as limitações humanas. Ela leva a reflexões ainda mais tristes, como, por exemplo, a estupidez que permite com que facções rivais

continuem lutando umas contra as outras mesmo em face ao inimigo comum.

De volta à cidade, dessa vez instalados num abominável café de dimensões colossais, encontramos mais um amigo, agora um grego, um funcionário qualquer que Durrell conhecera em Patras. Ele foi rápida e educadamente afastado, com a maior cordialidade. Tenho certeza de que não houve nada de pessoal ou ofensivo nisso, pois sob este aspecto Durrell é bem pouco inglês, mas me senti como se estivéssemos construindo uma muralha de gelo à nossa volta. Estivéssemos em Londres ou Nova York, eu teria me aborrecido com a algazarra da turba, mas, estando em Esparta, eu estava muito interessado nessa atmosfera natalina. Se eu estivesse sozinho teria, sem dúvida, me apresentado a algum grupo divertido e participado de suas brincadeiras, por cretinas que fossem. Mas os ingleses são incapazes de fazer isso: olham de fora e sofrem pela sua incapacidade de se soltarem. Minhas observações, infelizmente, fornecem uma imagem errada de Durrell, que é, habitualmente, o sujeito mais jovial, amável e tranquilo. Mas o Natal é um dia mórbido para sensibilidades anglo-saxônicas, e dirigir um carro esbodegado numa estrada sinuosa não ajuda ninguém a ficar de bom humor. Eu nunca soube o que fosse passar um Feliz Natal. Pela primeira vez, estava disposto a isso em Esparta. Mas não era para ser assim. Só havia uma coisa a fazer: comer e ir dormir. E rezar para que a chuva parasse no dia seguinte.

Durrell, que estava morto de cansado, recusou-se a procurar um restaurante decente. Saímos do café direto para um porão cheio de fumaça, muito frio e úmido. O rádio estava ligado em pleno volume, berrando através de três alto-falantes, uma parafernália terrível de amplificadores, megafones, o diabo. Para piorar a situação, o programa era de uma estação alemã, que nos bombardeava com canções de Natal deprimentes, boletins mentirosos a respeito das vitórias alemãs, valsas vienenses emboloradas, árias wagnerianas alquebradas, canções folclóricas de lascar, bênçãos de Herr Hitler e sua corja de assassinos etc. E, além de tudo, a comida estava abominável. Mas as luzes – que maravilha! Na verdade, a iluminação era tão brilhante que a comida começou até a parecer apetecível. Para mim, pelo menos, as coisas começaram a ter um ar natalino: quer dizer, estavam azedas, decadentes, imbecis, pusilânimes e inteiramente gagás. Se um grego bêbado tivesse entrado correndo com uma machadinha e cortado fora as nossas mãos, eu teria gritado “Bravo! Feliz Natal, meu homenzinho bem-humorado!” Mas o único grego bêbado que havia era um camaradinha na mesa ao lado que, de

repente, ficou muito branco e, sem dizer uma palavra, vomitou todo o jantar e, depois, deixou cair a cabeça na poça que se formara sobre a mesa. Dificilmente eu poderia condenar Durrell por se sentir mal. A essa altura, ele já estava com os nervos à flor da pele. Em vez de ir embora imediatamente, nós ficamos, levando adiante uma discussão idiota sobre os méritos respectivos de diversos povos. Mais tarde, ao cruzar a praça debaixo de um chuvisco, achei Esparta ainda mais desoladora do que à tarde. Achei que se parecia muito com Esparta – uma frase inteiramente sem sentido, eu sei, mas que exprime exatamente o que quero dizer. Sempre que eu pensara em Esparta antes, eu a imaginara como um lugarejo branco e azul encravado no meio de uma planície fértil. Se a gente pensar bem, a imagem de Esparta deve ser exatamente oposta à de Atenas. Todo o Peloponeso, aliás, dá essa impressão de não ser, de mal existir em contraposição à Ática, tão brilhante. Bem ou mal, Esparta se destaca, na imaginação, como uma imagem de correção bolorenta, bovina, um pináculo da virtude que não acrescenta nada ao mundo apesar dos seus altos ideais. Essa imagem agora repousa na lama, sonolenta como uma tartaruga, contente como uma vaca, tão destituída de qualquer sentido como uma máquina de costura no meio do deserto. Pode-se gostar de Esparta agora, porque, depois de séculos de obsolescência, não representa mais perigo algum para o mundo. Atualmente, é exatamente o lugarejo desconjuntado e sem-graça que a gente imagina. Não tendo sido iludido ou enganado, você a aceita exatamente pelo que é, feliz que não seja nem mais nem menos do que parece ser. Nosso próprio Faulkner poderia escrever um imenso livro sobre seus aspectos negativos, sua nãozice e seu nadismo. Na chuva, na alegria mórbida de uma bebedeira bizantina, descobri seu único lado positivo, isto é, que é Esparta, e sendo Esparta é, consequentemente, grega, o que, por si, basta para redimir todas as anomalias do Peloponeso. Por dentro, confesso que senti uma alegria perversa por a cidade ter, afinal, trazido à tona o inglês que existia em Durrell, o seu lado pior, é claro, mas que nem por isso deve ser desconsiderado. Ao mesmo tempo, tinha consciência de jamais ter me sentido tão americano em toda a vida, o que também é um fato curioso e talvez não inteiramente destituído de significado. Tudo isso, de, qualquer forma, se apresentava à consciência como um *Como Queríamos Demonstrar* esquecido há tempos na história euclidiana do mundo.

Choveu toda a noite e, de manhã, quando nos levantamos para tomar

café, ainda chovia. Durrell, sentindo-se ainda meio inglês, insistiu em pedir dois ovos quentes. Estávamos num refeitoriozinho com vista para a praça. Nancy e eu já tínhamos acabado nosso chá quando os ovos chegaram. Durrell partiu com cuidado a casca de um deles. Estava inteiramente cru e frio, queixou-se, chamando a garçonete que, por, acaso, era a mulher do proprietário. “Por favor, ferva um pouco mais”, pediu. “Os dois.” Esperamos uns dez ou quinze minutos. Mesma coisa. Só que, dessa vez, o ovo já estava partido demais para voltar para a cozinha. Determinado, porém, a comer os ovos custasse o que custasse, Durrell chamou-a novamente. Elaboradamente, com uma raiva maldisfarçada, explicou que queria os ovos quentes, meio moles. “Esqueça este aqui”, disse apontando para o ovo partido, “leve este outro e ferva ele mais um pouco. E rápido, que eu não posso passar a manhã inteira sentado aqui.” A mulher sumiu, prometendo, antes, fazer o que estivesse ao seu alcance. Esperamos novamente – dessa vez, ainda mais do que antes. Nancy e eu havíamos pedido mais chá e torrada. Fumamos alguns cigarros. Finalmente, fiquei em pé e fui olhar pela janela, já que ouvira uns barulhos estranhos lá embaixo. E, enquanto olhava, vi a mulher atravessando a rua, de guarda-chuva, o ovo na mão. “Lá vem”, anunciei. “Lá vem o quê?”, perguntou Durrell. “Ora essa, o ovo. Ela está trazendo ele na mão.”

“Que significa isso?”, perguntou Durrell, pegando o ovo e esmagando a casca. “Nós não temos fogão”, explicou a mulher. “Tive que levar ele na padaria. Agora está bom?”

Durrell, imediatamente virou a gentileza em pessoa. “Está ótimo, perfeito!”, falou, enquanto atacava o ovo vigorosamente com as costas da colher, tentando quebrá-lo. E acrescentou, em inglês, enquanto sorria agradecido: “A débil mental, por que não disse logo? Está duro feito pedra”.

Partimos debaixo da chuva, parando aqui e ali para tirar umas fotos. O carro estava ruim, tossindo e escorregando como se estivesse às portas da morte. A alguns quilômetros de Trípolis, no meio de um verdadeiro temporal, entre raios e trovões, a estrada inundada como um campo de arroz, o carro estremeceu e parou de vez. Poderíamos estar no meio do deserto – não havia tráfego algum, e nenhum jeito de obter ajuda. Se saíamos do carro, ficávamos com água pelos joelhos. Eu tinha que pegar o trem para Atenas em Trípolis; havia apenas um trem. Se eu o perdesse, perdia o navio, que partiria no dia seguinte. Era tão óbvio que o carro dera seu último suspiro, que ficamos parados, rindo e fazendo piadas a respeito das nossas desgraças, sem fazer a

menor tentativa de pô-lo em funcionamento novamente. Depois de uns dez minutos, começamos a achar que as coisas, afinal, não eram tão engraçadas assim. Parecia que estávamos condenados a ficar ali parados pelo resto dos nossos dias. “Por que você não tenta fazer alguma coisa?”, propôs Nancy. Como acontecia sempre que ela dava algum palpite, Durrell respondeu: “E você, por que não cala a boca?”. Mas, instintivamente, começou a se mexer, tentando dar a partida, puxando e apertando botões. Para nossa surpresa completa, o motor respondeu. “Essa bosta está funcionando!”, exclamou Durrell. E estava mesmo: assim que ele engatou a primeira, o carro deu um pulo e saiu em disparada. Chegamos ao hotel a toda, e fomos recebidos por um porteiro com um guarda-chuva enorme. O carro parecia que ia ser carregado pelo dilúvio e parar no topo do Monte Ararat.

O trem partia às quatro, de modo que tínhamos tempo, ainda, para fazermos uma última refeição juntos. Durrell ainda fez algumas tentativas para me convencer a pernoitar: estava certo de que o navio não zarparia na data. “Nada obedece aos horários neste maldito país”, asseverou. No fundo do coração, eu estava louco para que algum acidentezinho me detivesse. Se eu perdesse o navio, teria que esperar por outro por pelo menos um mês e, neste entretempo, a Itália poderia declarar guerra a Grécia, trancando-me no Mediterrâneo – uma perspectiva agradabilíssima. Não obstante, comecei a me arrumar para ir embora. Agora, tudo estava nas mãos do destino. Durrell e Nancy iam para Epidauro e depois para Olímpia. Eu voltava para a prisão.

O cavalo e a carruagem estavam esperando por mim. Durrell e Nancy, da soleira, davam adeus. Os sinos dos arreios começaram a tilintar, e partimos numa neblina formada de chuva e lágrimas. “Quando nos encontraremos novamente?”, perguntei-me a mim mesmo. Na América não, nem na Inglaterra, muito menos na Grécia. Se nos encontrarmos em algum lugar será na Itália ou no Tibete. E nos encontraremos, casualmente, na estrada, como Durrell e seu amigo inglês. A guerra não vai mudar só o mapa do mundo, vai mudar também os destinos de todas as pessoas de quem eu gosto. Mesmo antes que ela começasse já estávamos espalhados aos quatro ventos, nós, que vivêramos e trabalháramos juntos, e que não pretendíamos fazer outra coisa além daquilo que fazíamos. Meu amigo X, que costumava ficar aterrorizado à simples menção de guerra, alistara-se, voluntariamente, no exército inglês; meu amigo Y, que costumava ser inteiramente indiferente a essas coisas e dizia que continuaria trabalhando calmamente na

Bibliothéque Nationale, guerra ou não guerra, juntara-se à Legião Estrangeira; meu amigo Z, que era um pacifista consumado, apresentou-se como voluntário para serviço de ambulâncias e, desde então, nunca mais se soube dele; alguns estão em campos de concentração na França e na Alemanha, um está apodrecendo na Sibéria, um está na China, outro no México, um terceiro na Austrália. Quando nos encontrarmos novamente, alguns estarão cegos, alguns não terão mais as pernas, alguns estarão velhos, de cabelos brancos, alguns terão virado cínicos amargos, outros estarão dementes. Talvez o mundo seja um lugar melhor para se viver, talvez esteja exatamente igual, talvez esteja ainda pior do que está hoje – quem sabe? O mais estranho é que, numa crise universal deste tipo, a gente sabe, instintivamente, que alguns estão condenados de saída, ao passo que outros sobreviverão. A gente pode ver a morte estampada na fisionomia das figuras heroicas e brilhantes; reluzem com o conhecimento de sua própria morte. Homens que, no sentido militar, não valem nada, acabam virando veteranos endurecidos, vão enfrentar o fogo dos infernos e escapar sorrindo, talvez para voltarem à velha rotina, como se nada tivesse acontecido. Vi o efeito da última guerra em alguns dos meus amigos americanos; posso ver os efeitos dessa de forma ainda mais clara. Uma coisa é certa – o caos e a confusão que esta guerra está gerando vão durar toda a nossa vida. Não poderemos voltar atrás, para retomar a vida onde a deixáramos. O mundo que nós conhecemos está morto e enterrado. Da próxima vez em que nos encontrarmos, será sobre as cinzas de tudo o que um dia amamos.

Na estação reinava a maior confusão possível. Acabava de ser anunciado que o trem atrasaria uma hora ou duas – houvera algum problema na linha, ninguém sabia exatamente onde. A chuva continuava a cair sem parar, como se todas as torneiras do encanamento celestial houvessem sido abertas simultaneamente. Sentei num banco fora da estação e me preparei para uma longa espera. Logo havia um homem perto de mim: “Olá, o que está fazendo aqui? É americano?” Assenti e sorri. “Porcaria de país esse aqui, né? Pobre demais, o problema é esse. De onde você é – Chicago?”

Sentou-se ao meu lado e começou a me torrar a paciência com um longo discurso a respeito da admirável eficiência das ferrovias americanas. Um grego, naturalmente, que vivera em Detroit. “Não sei por que diabos voltei para cá”, continuou. ‘Todo mundo é pobre por aqui, não dá pra se fazer

dinheiro. Já, já, entramos em guerra. Fui um cretino completo ao deixar a América. O que você acha da Grécia, gosta? Quanto tempo ainda fica por aqui? Você acha que a América entra na guerra?"

Decidi escapar dele o mais rápido possível. "Tente descobrir a que horas sai o trem", falei, despachando-o até o telégrafo. Ele nem se mexeu. "O que é que adianta? Ninguém sabe quando o trem vai chegar. Pode ser que só chegue amanhã de manhã." E começou a falar de automóveis, que maravilhoso carro era o Ford, por exemplo.

– Não entendo nada de carros – falei.

– Engraçado, e você é americano.

– Eu não gosto de carros.

– Mas mesmo assim, quando você quer ir até um lugar...

– Eu não quero ir a lugar algum.

– Gozado. Você gosta mais de trens, é?

– Gosto ainda mais de jegues. E gosto de andar, também.

– Meu irmão é bem assim. Meu irmão diz: "Pra que é que você quer um carro?" Meu irmão, esse nunca entrou num carro na vida. O tempo todo aqui na Grécia. Mora nas montanhas – pobre que nem Jó, mas diz que não liga, desde que tenha o que comer.

– Parece ser um homem inteligente – falei.

– Quem, meu irmão? Que nada, não sabe nada. Não sabe ler nem escrever, mal assina o próprio nome.

– Isso é ótimo, ele deve ser um homem feliz.

– Meu irmão? Nada. Muito triste. Perdeu a mulher e três filhos. Eu quero que ele vá para a América comigo, mas ele diz: "Vou pra América pra quê?" Eu explico que lá se ganha um dinheirão, ele diz que não quer saber de dinheiro nenhum. Só quer ter o que comer todo dia, mais nada. Ninguém tem ambição por aqui. Na América, todo mundo quer ter sucesso. Um dia, talvez, seu filho seja presidente dos Estados Unidos, certo?

– Talvez – respondi, para agradá-lo.

– Na América, todo mundo tem chance – os pobres também, né?

– É.

– Eu tinha que voltar para fazer um bom dinheiro, não acha?

– Sempre se pode tentar – respondi.

– Claro, é isso que eu vivo dizendo pro meu irmão. Tem que se trabalhar. Na América você trabalha feito um condenado mas ganha pelo que

fez. Aqui você trabalha e trabalha e trabalha, e o que é que consegue? Nada. Quem sabe, um pedaço de pão. Que espécie de vida é essa? Como é que alguém pode dar certo?

Grunhi uma resposta qualquer.

– Você ganha um dinheirão em Nova York, aposto.

– Não – disse – não ganho nem um centavo.

– Como assim? Você não arranjou emprego em Nova York?

– Tive muitos empregos.

– Ah, quer dizer que você não para em emprego nenhum?

– É, é isso aí.

– Pode ser que você ainda não tenha encontrado o emprego certo. Você tem que experimentar um monte de empregos – até achar o emprego certo. Você tem que economizar. Às vezes a gente tem azar – e é sempre bom ter um dinheirinho para o caso de necessidade, né?

– Falou – respondi.

– Às vezes a gente adoece e perde todo o dinheiro. Às vezes um amigo rouba a gente, leva tudo embora. Mas o negócio é não desistir. Ir em frente. Tentar de novo.

– A ideia é essa – resmunguei.

– Há algum emprego esperando por você em Nova York?

– Não – respondi – não tenho emprego nenhum.

– É, agora já não há tantos empregos quanto havia antes. Em 1928, havia muitos empregos. Agora está todo mundo quebrado. Eu perdi dez mil dólares na Bolsa. Algumas pessoas perderam ainda mais. Dei de ombros, comecei de novo. Então vim para este país ver meu irmão. Já fiquei tempo demais. Aqui não tem dinheiro. Só chateação... Você acha que a Itália vai declarar guerra à Grécia?

– Não sei.

– Quem você acha que ganha – Alemanha ou França?

– Sei lá.

– Eu acho que os Estados Unidos deveriam entrar na guerra. Os Estados Unidos dariam cabo rapidinho desses filhos da puta, né? Se os Estados Unidos entrarem em guerra com a Alemanha, luto pelos Estados Unidos.

– É isso aí – falei.

– Claro, por que não? Eu não gosto de lutar, mas os Estados Unidos são um bom país. Todo mundo tem vez, seja rico ou pobre. Tio Sam não tem

medo de ninguém. A gente junta dez, vinte milhões de soldados assim, ó! Matamos aqueles filhos da puta feito cachorros, né?

– Falou, irmão.

– Eu digo sempre, se o Tio Sam me dá uma arma e me manda lutar, luto por ele. O povo grego não é como o italiano. O povo grego gosta da América. Todo mundo gosta da América...

– Eu também gosto de você – disse, erguendo-me e dando-lhe a mão. – Só que agora tenho que me despedir, vou fazer pipi.

– Ah, tá bom. Eu espero.

Pois espera sentado, pensei com meus botões, enquanto sumia na estação. Saí do outro lado, e fiz a volta na chuva. Quando voltei, vi que o trem ia chegar às oito. Uma fileira de vagões estava na plataforma, esperando pelo resto do comboio. Por volta das sete, um mensageiro do hotel apareceu procurando por mim, com um bilhete de Durrell insistindo para que eu voltasse e jantasse com eles. O trem não viria antes das dez, dizia. Pensei bem e decidi que não ia, mais por detestar me despedir de novo do que por qualquer outra coisa.

Entrei num dos vagões e fiquei sentado no escuro. Aí pelas nove e meia, um trem chegou, vindo da direção oposta, e todo mundo ficou agitado. Quando tentamos embarcar, porém, descobrimos que era um trem alugado por um clube para uma excursão. Ainda na plataforma do especial, soube que ele partia em direção a Atenas em dez minutos. Estava imaginando se conseguiria convencer alguém a me deixar embarcar, quando um homem se aproximou e me dirigiu a palavra, em grego. Em francês, respondi que não falava grego, que era americano e que estava ansioso por chegar a Atenas o mais breve possível. Ele chamou uma moça que falava inglês, e quando ela soube que eu era um turista americano ficou assanhadíssima, e me pediu que esperasse, dizendo que achava que podia dar um jeito. Fiquei lá parado por uns minutos, muito satisfeito com a minha boa sorte. A moça voltou, acompanhada por um sujeito grave e melancólico. Ele me perguntou, muito delicadamente, por que era tão importante para mim chegar logo a Atenas, por que eu não podia esperar o outro trem, que chegava daqui a pouco. Também muito gentil, respondi que não havia nenhuma razão especial, além do medo de que o outro trem não aparecesse nunca. Ele me garantiu que não havia o menor motivo para preocupação. O outro trem devia chegar em pouco tempo, tinha certeza. Hesitou e, cautelosamente, como se estivesse me

estendendo uma isca, perguntou com o maior tato, como se não quisesse arrancar nenhum segredo especial, se eu não teria, por acaso, alguma razão mais urgente para querer partir antes. Algo no seu comportamento me alertou para que eu não inventasse nenhuma desculpa falsa. Parecia suspeitar que eu fosse mais do que um simples turista. E adivinhei por baixo daquele exterior suave e cortês um inspetor de polícia. É verdade que eu trazia no bolso uma carta do Departamento de Turismo que Seferiades me dera quando eu fora a Creta, mas a experiência já me ensinou que, quando alguém suspeita de você, quanto melhores forem as suas credenciais, pior. Desci calmamente as escadas, agradecendo muito a gentileza e desculpando-me pelo incômodo que causara. “Suas malas?”, perguntou, um brilho no olhar. “Não tenho nenhuma”, respondi, desaparecendo na multidão.

Mal o trem partiu, embarafustei pela estação, mergulhando no restaurante, onde me distraí com uns pedaços de carneiro e uns conhaques. Sentia-me como se tivesse escapado por um triz de ir para a prisão. Por sinal, dois prisioneiros, que estavam algemados um ao outro, entraram escoltados por guardas. Soube, mais tarde, que haviam matado o homem que violentara a sua irmã. Eram bons homens, montanheses, e haviam se rendido sem oferecer resistência. Saí, e meu apetite aumentou ao ver um carneiro inteiro assando devagar num espeto. Pedi mais conhaque. Então, entrei num vagão, e comecei a conversar com um grego que vivera em Paris. Era ainda mais chato que o cara de Detroit. Era um intelectual que gostava de todas as coisas erradas. Escapuli com a máxima educação, e fui caminhar na chuva novamente.

Quando o trem apareceu, à meia-noite, mal pude acreditar nos meus olhos. É claro que ele só foi sair às duas da manhã – mas também eu não esperava nada melhor. Eu havia trocado a minha passagem por um bilhete de primeira classe, pensando em dormir um pouco, em paz, durante a viagem. Apenas um homem dividia o compartimento comigo, e ele logo caiu no sono. Eu tinha um banco inteiro para me esticar, um banco estofado com um estampado de florzinhas brancas. Deitei ao comprido e fechei os olhos. De repente, senti uma coisa caminhando no meu pescoço. Sentei e enxotei uma barata gorda. Sentado ali, bestificado, percebi uma fila de baratas escalando a parede em frente. Aí olhei para o meu companheiro de viagem. Para meu horror, vi que elas estavam subindo rapidinho pelo seu capote, passeando pela gravata, percorrendo os bolsos. Fiquei de pé, sacudi-o e apontei para as

baratas. Ele fez uma careta, enxotou-as e, com um belo sorriso, voltou a dormir novamente. Eu não! Estava acordadíssimo, como se tivesse acabado de beber meia dúzia de cafés. Sentia o corpo todo coçando. Fui lá para fora e fiquei parado no corredor. O trem estava indo montanha abaixo não à velocidade habitual com que os trens descem montanhas, mas no maior desespero, como se o maquinista tivesse adormecido e deixado a máquina entregue à própria sorte. Fiquei preocupado. Pensei se não seria bom acordar meu companheiro e dizer-lhe que havia algo errado. Finalmente, dei-me conta de que não saberia me exprimir em grego, e desisti da ideia. Agarrei-me à janela com as duas mãos e fiquei rezando a Deus e todos os anjinhos para que chegássemos ao nosso destino sem descarrilar. Perto de Argos, entretanto, senti uma freada, descobrindo, aliviado, que o maquinista estava a postos. Assim que chegamos a uma parada, uma onda de ar morno e cheiroso invadiu o trem. Molequinhos descalços corriam pelo trem oferecendo frutas e água mineral. Estavam com cara de terem sido acordados naquele instante – garotinhos de uns oito, dez anos. Não se via nada além de montanhas e da lua, lá em cima, mostrando a cara por trás de umas nuvens. O ar quente parecia vir do mar, subindo aos poucos e sempre, como incenso. Uma pilha de dormentes velhos queimava, jogando uma luz estranha sobre as montanhas negras, ao fundo.

No hotel, em Atenas, encontrei um bilhete do American Express dizendo que o navio iria atrasar-se outras vinte e quatro horas. Golfo, a empregada, ficou felicíssima em me ver. Minhas meias e camisas estavam arrumadas sobre a cama, tendo sido magnificamente cerzidas em minha ausência. Depois de tomar um banho e tirar uma soneca, telefonei para Katsimbalis e Seferiades para jantarmos juntos pela última vez. O capitão Antoniou, infelizmente, estava conduzindo o navio para Saloniki. Ghika não podia vir, mas prometeu ir ao meu embarque no dia seguinte. Theodore Stephanides estava em Corfu, dando um jeito no seu laboratório de raios x. Durrell e Nancy estavam ou ilhados no hotel em Trípolis, ou sentados no anfiteatro em Epidauro. Uma outra ausência que lamentei foi Spiro, de Corfu. Eu não sabia, mas ele estava às portas da morte. Ainda no outro dia, recebi uma carta do seu filho, contando-me que as últimas palavras de Spiro foram: “Nova York! Nova York! Quero encontrar a casa de Henry Miller!”. Eis o trecho da carta de Lillis, o filho: “Meu pobre pai morreu com seu nome nos

lábios, agora selados para sempre. No último dia, perdeu a razão e falou muitas palavras em inglês, como: ‘Nova York! Nova York! Onde fica a casa de Mr. Miller?’ Morreu pobre como sempre viveu. Não conseguiu realizar seus sonhos de riqueza. Este ano, acabo a escola comercial de Corfu, mas estou desempregado: tudo isso é resultado dessa guerra infeliz. Quem sabe quando conseguirei um emprego para alimentar minha família? De qualquer forma, essa é a vida, e não há nada que possamos fazer...”

Não, Lillis tem toda a razão – não há nada que possamos fazer! E é por isso que eu me lembro da Grécia com tanta saudade. No instante em que pisei no navio americano que me levaria a Nova York, senti-me em outro mundo. Mais uma vez eu estava entre os empreendedores, entre as almas aflitas que, não sabendo viver suas próprias vidas, desejam modificar o mundo das outras pessoas. Ghika, que levara ao cais, subiu a bordo para dar uma olhada no estranho navio americano que aportara no Pireu. O bar estava aberto e tomamos um último drinque juntos. Eu já me sentia de volta a Nova York: no ar, havia aquela atmosfera limpa e anônima, que conheço tão bem e que detesto do fundo do coração. Ghika ficou impressionado pela aparência luxuosa do navio, correspondia à imagem que fizera. Quanto a mim, estava deprimido. Lamentava não ter tomado um navio grego.

Fiquei ainda mais deprimido quando descobri que teria à minha frente, na mesa, um cirurgião grego que se tornara cidadão americano e que passara os últimos vinte anos na América. Foi antipatia à primeira vista. Eu discordava de tudo o que ele dizia, detestava tudo o que ele gostava. Em toda a vida, jamais encontrei pessoa que eu desprezasse tão completamente quanto a esse grego. Finalmente, lá pelo segundo dia, quando ele me levou para um canto para terminar uma discussão que começáramos na hora do jantar, eu lhe disse francamente que, apesar da sua idade, sua experiência de vida, seus status, seu conhecimento, apesar do fato de ele ser grego, eu o achava um débil mental completo e acabado, e não queria mais conversa com ele. Era um homem próximo aos setenta anos, um homem evidentemente respeitado pelos que o conheciam, um homem que fora reconhecido por sua bravura no campo de batalha e homenageado pela sua contribuição à ciência médica; era também um homem que havia percorrido os cantos mais remotos da terra. Ele era alguém, e em seus anos de declínio vivia da constatação deste fato. Minhas palavras, portanto, chocaram-no profundamente. Disse que nunca ninguém falara com ele daquela maneira, em toda sua vida. Estava indignado

e ultrajado. Disse-lhe que estava feliz em saber disso, e que a experiência lhe faria bem.

É claro que, a partir desse instante, jamais voltamos a dirigir a palavra um ao outro. Durante as refeições, eu olhava através dele, como se ele fosse um objeto transparente. Era constrangedor para os outros, tanto mais porque, em geral, éramos ambos apreciados pelos demais passageiros, mas eu preferiria mil vezes saltar do navio a ter que fazer as pazes com aquela praga. Ao longo de toda a viagem, o doutor expunha suas ideias, as quais todos ouviam com atenção, para que, em seguida, eu expusesse as minhas, deleitando-me, perversamente, em arrasar com tudo o que ele dissera – jamais, porém, como se estivesse respondendo diretamente, mas, antes, como se ele já tivesse deixado a mesa há tempos. É um milagre que tenhamos chegado inteiros.

Tenho a satisfação de dizer, porém, que desde que voltei para a América nunca mais cruzei com um tipo desses. Encontro gregos em toda a parte; às vezes, paro um homem no meio da rua para perguntar se ele não é grego. Fico feliz em bater um papinho com um estranho de Esparta, ou Argos, ou Corinto. Ainda outro dia, no banheiro de um imenso hotel em Nova York, fiquei conversando com o atendente que era um grego do Peloponeso. Ele me deu ótimas informações a respeito da construção do segundo Partenon. Os banheiros em geral ficam no subsolo e o ambiente não é exatamente dos mais convidativos, mas nosso encontro foi ótimo, e eu decidi voltar, de vez em quando, para continuar o papo com meu novo amigo. Conheço também um ascensorista em outro hotel que é um ótimo sujeito. A verdade é que, quanto mais humilde o cargo, tanto mais interessante o grego que o ocupa.

A impressão mais profunda que a Grécia deixou em mim foi a de ser um país numa dimensão humana. É verdade que a França também dá essa impressão, mas há uma diferença, uma diferença profunda. A Grécia é o lar dos deuses; eles podem ter morrido, mas sua presença ainda se faz sentir. Os deuses tinham proporções humanas: foram criados pelo espírito do homem. Na França, como no resto do mundo ocidental, este vínculo entre o homem e a divindade foi rompido, o ceticismo e a paralisia que esta ruptura provocou na natureza humana são a chave para a destruição inevitável da nossa civilização. Se os homens deixam de acreditar que um dia serão deuses, transformam-se, certamente, em vermes. Já se falou muito a respeito de uma nova espécie de vida que nasceria no continente americano. Mas a gente não

deve esquecer que, pelo menos pelos próximos mil anos, isso não vai dar em nada. O *american way of life* está tão condenado quanto o tipo de vida europeu. Nenhuma nação pode gerar um novo meio de vida sem uma visão universal. Através de erros amargos, já aprendemos que todos os povos da terra estão interligados, mas ainda não conseguimos utilizar essa descoberta de forma inteligente. Vimos duas guerras mundiais e, sem dúvida, veremos uma terceira, talvez uma quarta, possivelmente outras mais. Não há esperanças de paz enquanto a antiga ordem não for destroçada. O mundo deve se tornar, novamente, pequeno, como era o antigo mundo grego: suficientemente pequeno para conter todo mundo. Enquanto não houver lugar para o último dos homens, não haverá uma verdadeira sociedade humana. Meu lado racional me diz que uma vida assim não será atingida tão cedo, mas meu lado racional também me diz que nada, a não ser isso, poderá satisfazer ao homem. Até que ele se torne inteiramente humano, até que aprenda a se comportar como parte da terra, continuará a criar deuses que o destruirão. A tragédia da Grécia não está na destruição de uma grande cultura, mas no aborto de uma grande visão. Nós dizemos, erroneamente, que os gregos humanizaram os deuses. É exatamente o contrário. Os deuses humanizaram os gregos. Houve um momento em que parecia que o verdadeiro significado da vida havia finalmente sido compreendido, um momento terrível em que o destino de toda a raça humana esteve em jogo. O momento se perdeu na onda de poder que engolfou os gregos. Transformaram em mitologia uma realidade que era grande demais para a sua compreensão humana. Em nosso encantamento com o mito, nós esquecemos que ele nasce da realidade e que, no fundo, não difere muito de qualquer outra forma de criação – exceto que mexe com o âmago da vida. Nós também criamos mitos, embora não estejamos conscientes disso. Mas nos nossos mitos não há lugar para os deuses. Estamos construindo um mundo abstrato e inumano das cinzas de um materialismo ilusório. Estamos provando a nós mesmos que o universo está vazio, tarefa justificada pela nossa lógica igualmente vazia. Estamos determinados a conquistar, e conquistaremos, mas a conquista será a morte.

As pessoas costumam ficar espantadas quando falo dos efeitos produzidos em mim por essa visita à Grécia. Dizem que me invejam, e que gostariam de ir lá, um dia. Por que não? Ninguém pode aproveitar uma experiência que deseja ardentemente a menos que esteja pronto para isso. As pessoas dificilmente dizem o que estão realmente pensando. Qualquer um

que diga que está morrendo de vontade de fazer alguma coisa que não está fazendo ou de estar em algum lugar em que não está, está mentindo para si mesmo. Desejar não é só querer. Desejar é se tornar aquilo que se é, de verdade. Alguns homens, lendo isso, vão, inevitavelmente, descobrir que a única coisa a fazer é fazer o que se deseja. Uma frase de Maeterlinck a respeito da verdade e da ação mudou todo o meu conceito de vida. Levei vinte e cinco anos para compreender, realmente, todo o significado desta frase. Há homens mais rápidos nessa coordenação entre ação e ideia. Mas o caso é que, na Grécia, atingi essa coordenação. Voltei às minhas proporções humanas, desinchei, pronto a aceitar o que me cabe e preparado a dar tudo o que recebi. No túmulo de Agamenon, passei por um verdadeiro renascer. Pouco me importa o que as pessoas digam ou pensem quando lerem isso. Não tenho a menor intenção de converter quem quer que seja à minha maneira de pensar. Sei que qualquer influência que eu possa vir a ter será decorrente de meu exemplo, não de minhas palavras. Deixo este registro da minha viagem não como contribuição ao conhecimento humano, porque meus conhecimentos são parcos e não valem nada, mas como contribuição à experiência humana. Nesta narrativa há, sem dúvida, erros de todo tipo, mas a verdade é que algo aconteceu comigo e que, desse algo, aqui dei conta da melhor maneira de que fui capaz.

Meu amigo Katsimbalis, para quem escrevi este livro, como forma de demonstrar minha gratidão a ele e seu povo, haverá de perdoar o meu exagero, ao elevá-lo às proporções de um colosso. Aqueles que conhecem Marússia sabem que não há nada de grandioso em relação ao lugar. Também não há nada grandioso em Katsimbalis. Em última análise, não há nada de grandioso em toda a história da Grécia. Mas há algo colossal em relação a qualquer indivíduo quando ele se torna verdadeira e inteiramente humano. E nunca encontrei um indivíduo mais humano do que Katsimbalis. Ao andar ao seu lado pelas ruas de Marússia, tive a sensação de estar pisando sobre a terra de uma forma inteiramente nova. A terra tornou-se mais íntima, mais viva, mais promissora. Ele falava muito do passado, é verdade, mas nunca como de algo morto e esquecido, mas, antes, como de algo que trazemos em nós, algo que frutifica no presente e torna o futuro convidativo. Falava com igual reverência das coisas grandes e pequenas; nunca estava tão ocupado que não pudesse parar para pensar em alguma coisa que o atraísse; tinha um tempo infinito nas mãos, coisa que, por si mesma, já é a marca das grandes almas.

Como poderei esquecer, jamais, a última impressão que deixou gravada em mim quando nos despedimos na rodoviária, no centro de Atenas? Há homens tão completos, tão ricos, que se dão tão inteiramente que, sempre que você se despede deles, torna-se irrelevante saber se essa despedida é por um dia ou para sempre. Eles não pedem nada de você, a não ser que você partilhe com eles a suprema alegria de viver. Nunca perguntam de que lado do muro você está, porque no mundo em que eles vivem não há muros. Fazem-se invulneráveis por, habitualmente, se exporem a todos os perigos. Seu heroísmo cresce à medida que revelam suas fraquezas. Evidentemente, naquelas histórias aparentemente fabulosas e intermináveis que Katsimbalis contava, devia haver uma boa dose de fantasia e de distorção; mas mesmo que a verdade fosse ocasionalmente sacrificada, o homem por trás da história só fazia revelar, de forma mais fiel, a sua dimensão humana. Quando me voltei para ir embora, deixando-o no ônibus, seus olhos alertas e abertos já estavam à cata de novas vistas. Seferiades, que me acompanhava, observou: "Ele é um grande sujeito, Miller, não há dúvida. Ele é extraordinário... um fenômeno humano, na minha opinião". Disse isso quase como se ele, Seferiades, estivesse dizendo adeus em meu lugar. Imagino que conhecesse Katsimbalis tão bem quanto um ser humano pode conhecer outro; às vezes impacientava-se com ele, às vezes mal encontrava palavras para exprimir sua irritação, às vezes enfurecia-se inteiramente, mas mesmo que um dia viessem a se tornar os mais figadais dos inimigos, não consigo vê-lo dizendo uma palavra sequer para reduzir a estatura ou o esplendor de seu amigo. Como era bom ouvi-lo dizer, sabendo que eu acabava de deixar Katsimbalis – "Ele te contou a história das moedas que achou?", ou o que quer que fosse. Perguntava com o entusiasmo de uma pessoa apaixonada por música que, sabendo que o amigo acaba de comprar uma vitrola, corre a aconselhá-lo a comprar um disco que sabe que lhe dará grande prazer. Volta e meia, ao escutarmos juntos uma das longas histórias de Katsimbalis, eu via no rosto de Seferiades aquele delicioso sorriso de reconhecimento – o sorriso que informa aos outros que eles vão ouvir uma coisa que já foi devidamente testada e aprovada. Ou ele me dizia, pegando-me pelo braço e conduzindo-me para um canto: "Pena que ele não contou a história completa hoje; tem um trecho incrível que ele conta às vezes, quando está muito bem-humorado. Pena que você perdeu isso!". Já era fato consumado o direito de improvisação de Katsimbalis; no fundo, as pessoas pareciam exigir que improvisasse ao

longo das histórias. Consideravam-no um virtuose, um virtuose que tocava apenas suas próprias composições e que tinha, portanto, o direito de alterá-las como bem entendesse.

Havia um outro aspecto curioso nesse seu dom, um aspecto que, mais uma vez, tem analogia com o talento musical. No tempo em que o conheci, Katsimbalis vivia uma vida relativamente calma e sem aventuras. Mas o mais trivial dos incidentes, se ocorrido com ele, transformava-se em evento da maior magnitude. Podia ser algo tão simples como o fato de parar para colher uma flor a caminho de casa. Mas quando ele acabava, a flor, por humilde que fosse, estava transformada na flor mais maravilhosa que um homem colheu. Essa flor ficava na memória dos ouvintes como a flor que Katsimbalis colhera; tornar-se-ia única, não porque houvesse qualquer coisa extraordinária a seu respeito, mas porque Katsimbalis a imortalizara ao prestar-lhe atenção, porque pusera naquela flor todo o seu sentimento, tudo o que pensava e sentia a respeito de flores, o que quer dizer – um universo.

Escolhi essa imagem por acaso, mas como é apropriada! Quando penso em Katsimbalis abaixando-se para colher uma flor do solo árido da Ática, todo o mundo grego, passado, presente e futuro, desfila diante dos meus olhos. Vejo mais uma vez as colinas suaves que escondem os mortos ilustres; vejo a luz violácea em que os arbustos ressequidos, as pedras gastas, os largos leitos secos dos rios brilham como metais preciosos; vejo as pequenas ilhas flutuando sobre o mar, coroadas de espumas brancas; vejo as águias voltejando nos picos de montanhas inacessíveis, suas sombras sinistras manchando o tapete da terra lá embaixo; vejo as silhuetas de homens solitários tangendo seus rebanhos pelas encostas nuas dos montes, a lã de suas reses douradas como nos dias das lendas; vejo as mulheres reunidas em torno dos poços entre as oliveiras, seus vestidos, seus gestos, sua fala, imutáveis desde os tempos bíblicos; vejo a figura patriarcal do sacerdote, a perfeita mistura de macho e fêmea, o ar sereno, franco, cheio de paz e dignidade; vejo os desenhos geométricos da natureza, interpretados pela própria terra num silêncio ensurdecedor. A terra grega se abre para mim como o Livro da Revelação. Eu nunca soube que a terra era tanto; andei de olhos vendados, os passos hesitantes; era orgulhoso e arrogante, estava satisfeito com a vida falsa e contida do homem da cidade. A luz da Grécia abriu meus olhos, penetrou meus poros, expandiu todo o meu ser. Voltei para casa, para o mundo, tendo achado o verdadeiro centro e o real significado da

revolução. Nenhum conflito guerreiro entre as nações da terra pode romper este equilíbrio. A Grécia pode partir para a luta, como nós já partimos, mas eu me recuso, terminantemente, a me tornar qualquer coisa menos do que o cidadão do mundo que silenciosamente me declarei no túmulo de Agamenon. Desse dia em diante, minha vida passou a ser dedicada a reaver a divindade do homem. Paz a todos os homens, eu digo, e vida mais abundante!

FINIS

APÊNDICE

Eu mal acabara de escrever a última linha quando o carteiro me trouxe uma carta muito típica de Lawrence Durrell, datada de 10 de agosto de 1940. Reproduzo-a aqui para completar o retrato de Katsimbalis.

“Os camponeses estão espalhados por todo o convés, comendo melancia; rios de suco correm pelo chão. Uma multidão em peregrinação à Virgem de Tinos. Acabamos de deixar o cais, olhos fixos no horizonte à cata de submarinos italianos. O que eu tenho para contar é a história dos galos da Ática: poderá ajudar na composição do seu retrato de Katsimbalis, que ainda não li mas que parece maravilhoso, pelo que andei sabendo. Foi assim. Fomos todos à Acrópole uma noite dessas, muito bêbados e animados pelo vinho e pela poesia; era uma noite quente e escura, e nosso sangue rugia de tanto conhaque. Ficamos sentados nos degraus, do lado de fora dos portões, a garrafa passando de mão em mão. Katsimbalis recitando e G. choramingando, quando de repente K. ficou atacado. Ficando em pé, de um salto, berrou – ‘Vocês querem ouvir os galos da Ática, seus modernos de uma figa?’ A voz dele estava meio histérica. Não respondemos, nem ele estava esperando resposta alguma. Deu uma corridinha até a beirada do precipício, como uma fada-madrinha, uma fada-madrinha pesadona e escura, as roupas pretas, atirou a cabeça para trás, sacudiu os braços e deu o grito mais arrepiante que já ouvi. Co-co-ro-có! Ecoou por toda a cidade – uma espécie de terrina preta pontilhada com luzinhas, como cerejas. Ricocheteou de morro em morro, e subiu pelas paredes do Partenon... Ficamos tão chocados que perdemos a fala. E enquanto olhávamos um para o outro, na escuridão lá de baixo, claro como o dia no meio do escuro, um galo respondeu desafinado – e logo outro e outro. Isso deixou K. maluco. Abaixando-se, como um pássaro

pronto a voar pelo espaço, agitando as penas de trás, soltou um grito terrível – e os ecos se multiplicaram. Gritou até que todas as suas veias ficaram saltadas, parecia um imenso galo de perfil, batendo as asas no seu galinheiro. Berrou até a histeria e seu público no vale aumentando, até que, de toda Atenas, os galos cacarejavam, respondendo ao seu chamado. Finalmente, entre gargalhadas, meio histéricos nós mesmos, tivemos que lhe pedir para parar. A noite estava cheia do canto dos galos – Atenas inteira, e a Ática, e a própria Grécia, até que eu tive a impressão de ver você acordado na sua escrivaninha, em Nova York, ouvindo esses terríveis sons cristalinos: cacarejar katsimbálico na Ática. Foi um épico – um grande momento, e puro Katsimbalis. Se você tivesse ouvido esses galos, o barulho infernal dos galos da Ática! Sonhei com isso duas noites seguidas. Bom, estamos a caminho de Mykonos, mais resignados depois que ouvimos os galos da Ática do alto da Acrópole. Eu gostaria que você incluísse a história no livro – é uma parte do mosaico...”

LARRY

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *Colossus of Marussi*
Este livro foi publicado pela L&PM Editores em 1983, em formato 14x21.

Tradução: Cora Rónai
Capa: Ivan Pinheiro Machado sobre foto das ruínas do templo de Apolo em Corinto
Revisão: Flávio Dotti Cesa e Jó Saldanha

M648c
Miller, Henry, 1891-1980.
O Colosso de Marússia/ Henry Miller; tradução de Cora Rónai. -- Porto Alegre: L&PM, 2012.
(Coleção L&PM POCKET; v.319)
ISBN 978.85.254.2580-5
1.Ficção norte-americana-Narrativas de viagens. I.Título. II.Série.
CDU 820(73)-992

Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.
© Henry Miller, 1983, 2003
Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180
Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br